



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Comunicação Social

Bianca Fernandes Antunes

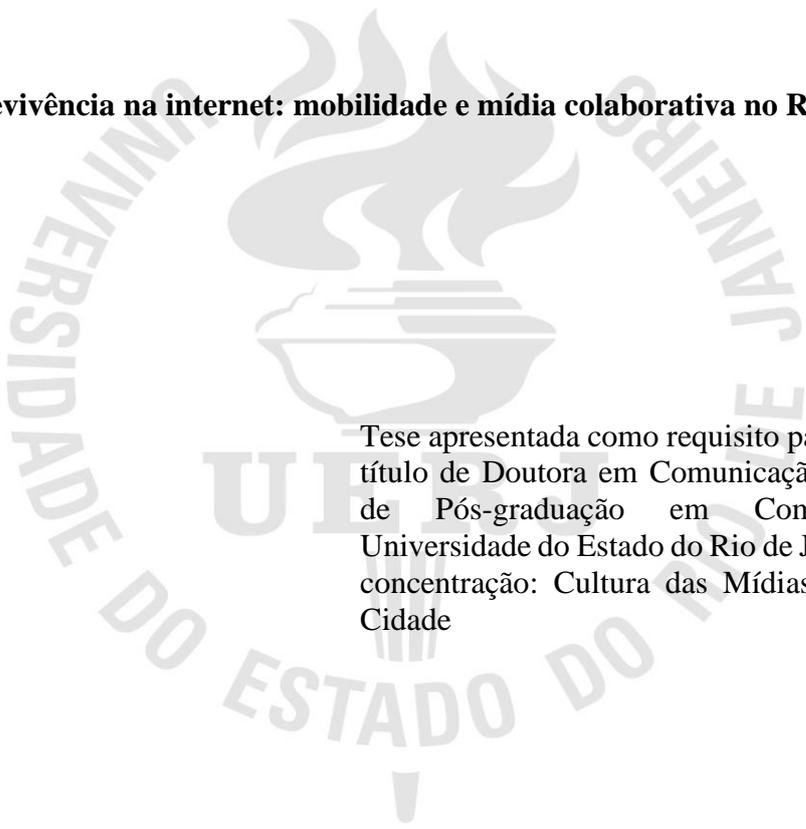
**Rede de sobrevivência na internet:
mobilidade e mídia colaborativa no Rio de Janeiro**

Rio de Janeiro

2022

Bianca Fernandes Antunes

Rede de sobrevivência na internet: mobilidade e mídia colaborativa no Rio de Janeiro



Tese apresentada como requisito para obtenção do título de Doutora em Comunicação no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Cultura das Mídias, Imaginário e Cidade

Orientadora: Letícia Cantarela Matheus

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/A

A636 Antunes, Bianca Fernandes.
Rede de sobrevivência na internet: mobilidade e mídia colaborativa no
Rio de Janeiro/ Bianca Fernandes Antunes. - 2022.
216 f.

Orientadora: Letícia Cantarela Matheus
Tese (Doutorado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Centro de
Educação e Humanidades.

1. Comunicação - Teses. 2. Tecnologias móveis - Teses. 3. Mídia
colaborativa - Teses. I. Matheus, Letícia Cantarela II. Universidade do
Estado do Rio de Janeiro. Centro de Educação e Humanidades. III. Título.

es CDU 316.77

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Bianca Fernandes Antunes

**Rede de sobrevivência na internet:
mobilidade e mídia colaborativa no Rio de Janeiro**

Tese apresentada como requisito para obtenção do título de Doutora em Comunicação no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Cultura das Mídias, Imaginário e Cidade

Aprovada em 19 de maio de 2022

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Letícia Cantarela Matheus (Orientadora)

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fernando Gonçalves

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Fátima Regis

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Carla Baiense Félix

Universidade Federal Fluminense

Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia Silva Enne

Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro

2022

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a duas pessoas: à minha mãe, Selma Fernandes, por ter me dado condições para chegar aonde eu cheguei, e à minha filha, Gabriela Antunes, por ter me dado forças, incentivo e apoio em todos os momentos e na decisão de continuar os meus estudos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aqui formalmente a todos que me ajudaram a dar mais um passo importante na minha vida acadêmica e me sinto gratificada por isso.

Primeiramente, agradeço a dois dos idealizadores da OTT-RJ, Benito Quintanilha e Denis Collin, por estarem sempre disponíveis para falar da plataforma e, que gentilmente, nos cederam informações valiosas para a realização deste trabalho.

Em segundo, ao Flávio Ferreira da Silva que me forneceu dados estruturados sobre as publicações da OTT. Em função da grande gama de informações que circulam no ciberespaço, sem essa cooperação, a pesquisa seria inviabilizada.

Aos amigos de mestrado que me acompanharam também na jornada até o fim do doutorado, que seguiram me incentivando, e mantemos nos incentivando mutuamente a não desistir de um sonho que estava sendo realizado em um momento tão devastador como o proporcionado pela pandemia da covid-19.

Aos membros da minha banca examinadora pela gentileza em aceitar o meu convite para participar da minha defesa.

À minha orientadora, Letícia Cantarela Matheus pela sua amizade e confiança no meu trabalho. Primeiramente, por ter acreditado no projeto, e segundo, pelo debate, apoio e revisão, o que me fizeram pensar diferente e que foram imprescindíveis para a conclusão desta pesquisa.

Finalmente, agradeço a todos que me ajudaram em uma das jornadas acadêmicas mais difíceis da minha vida.

Mais que em qualquer momento da história, a humanidade está diante de uma encruzilhada. Um caminho leva ao desespero e à impotência absoluta. O outro, à total extinção. Rezemos pra que tenhamos a sabedoria de escolher corretamente.

Woody Allen

RESUMO

ANTUNES, B. F. **Rede de sobrevivência na internet:** mobilidade e mídia colaborativa no Rio de Janeiro. 2022. 216 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

A tese analisou o uso da rede OTT-RJ como ferramenta de mobilidade urbana na cidade do Rio de Janeiro. Investigou-se o processo de digitalização do território urbano, sobretudo sob a ótica da violência urbana e do medo, ao participar de uma mídia colaborativa que alerta principalmente sobre tiroteios e risco de bloqueios nas ruas do Rio. Ao avisar sobre essas ocorrências em tempo real, a rede formada por perfis nas redes sociais e por um aplicativo evita que os usuários passem por áreas de conflitos armados. Ao mesmo tempo, nossa hipótese é que o usuário constrói um mapa mental da cidade a partir desses alertas. A tese trabalhou com o conceito de vítima virtual (VAZ, 2005, 2006, 2008, 2011 e 2012) voltado para o ambiente digital. Além da *fan page* da rede no Facebook em 2018, foram analisados 1.072 tweets entre 2019 e 2020, o que acabou revelando o impacto na circulação durante a pandemia de covid-19 e na incidência de alertas de tiroteio. A tese teve dois objetivos: perceber como o usuário da rede se relacionou com ela e com o medo na cidade do Rio e como o perfil do Twitter permitiu construir uma geografia da comunicação do medo, pensando na linha da geografia da comunicação.

Palavras-chave: Tecnologias móveis. Mídia colaborativa. Cidade. Digitalização da violência. Mobilidade.

ABSTRACT

ANTUNES, B. F. **Internet survival network**: mobility and collaborative media in Rio de Janeiro. 2022. 216 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

The thesis analyzed the use of the OTT-RJ network as a tool for urban mobility in the city of Rio de Janeiro. The process of digitization of urban territory was investigated, especially from the point of view of urban violence and fear, when participating in a collaborative media that mainly warns about shootings and the risk of blockades in the streets of Rio. By notifying about these occurrences in real time, the network formed by profiles on social networks and an application prevents users from passing through areas of armed conflict. At the same time, our hypothesis is that the user builds a mental map of the city from these alerts. The thesis worked with the concept of virtual victim (VAZ, 2005, 2006, 2008, 2011, 2012) focused on the digital environment. In addition to the network's fan page on Facebook in 2018, 1.072 tweets were analyzed between 2019 and 2020, which ended up revealing the impact on circulation during the covid 19 pandemic and on the incidence of shooting alerts. The thesis had two objectives: to understand how the user of the network related to it and to fear in the city of Rio and how the Twitter profile allowed building a geography of communication of fear, thinking along the lines of the geography of communication.

Keywords: Mobile technologies. Collaborative media. City. Digitization of violence. Mobility.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Página inicial das plataformas da OTT-RJ.....	22
Figura 2 -	Logotipo original da OTT-RJ.....	30
Figura 3 -	Novo logotipo da OTT-RJ que começou a ser utilizado em fevereiro de 2021	30
Figura 4 -	Publicação no Facebook com conteúdo de utilidade pública.....	31
Figura 5 -	Publicação anuncia mudança no perfil das publicações.....	32
Figura 6 -	<i>Print</i> da publicação do dia 31 de maio de 2020	35
Figura 7 -	Números de seguidores da fan page em abril e maio de 2020	39
Figura 8 -	print da publicação do dia 28 de abril de 2019, às 7h50m	40
Figura 9 -	Nova descrição da página OTT-RJ no Twitter.....	42
Figura 10 -	Publicações da OTT-RJ no Instagram.....	44
Figura 11 -	Novo layout da OTT nas postagens do Instagram	45
Figuras 12 -	Quantitativo de seguidores no Youtube da OTT em 2020 a 2021	46
Figura 13 -	Imagens da página da OTT no Youtube em 2020 e 2021	47
Figura 14 -	Série de vídeos postados no Youtube da OTT	47
Figura 15 -	Página inicial de cadastro e de alertas do app OTT	48
Figura 16 -	Legenda sobre alertas do app OTT	49
Figura 17 -	Página do app indicando as regras de utilização	50
Figura 18 -	Página do app indicando o raio de abrangência dos alertas	51
Figura 19 -	Barra de pesquisa, sete ícones, mapa e envio de alerta	52
Figura 20 -	Ícones de calendário, configurações, compra, Sobre e <i>Log Out</i>	53
Figura 21 -	Anúncio exibido no app da OTT	54
Figura 22 -	Páginas da <i>Apple Store</i> com avaliação sobre a OTT.....	54
Figura 23 -	Publicação do dia 26 de agosto de 2020 foi uma das que mais teve interação	60
Figura 24 -	Trechos de reportagens publicadas no O Globo e no Uol.....	68
Figura 25 -	Reportagem publicada em 18 de março de 2018	68
Figura 26 -	Dados de seguidores do Twitter da OTT-RJ em maio de 2020 e outubro de 2021	79
Figura 27 -	<i>Fan page</i> OTT-ES	85
Figura 28 -	Páginas do app Fogo Cruzado	85
Figura 29 -	<i>Fan pages</i> sobre criminalidade do Rio.....	87

Figura 30 - Fan page Rochester NY Crime, Incidents, News & Info	88
Figura 31 - Página inicial e do chat do app Red Alert	89
Figura 32 - Página do app Citizis na Apple Store	91
Figura 33 - Print da tela do Citizen na AppStore	92
Figura 34 - Print da tela do SP+ Segura na AppStore.....	92
Figura 35 - Páginas do <i>Be On</i> na internet e no Facebook	93
Figura 36 - “Minha cidade mais segura” no <i>app</i> Clique 180.....	94
Figura 37 - Fogo Cruzado RJ, Casos de Polícia e Alerta Rio 24 horas	95
Figura 38 - Centro de Operações Rio e Trânsito RJ	96
Figura 39 - Print da página “Onde tem vacina” no Twitter	96
Figura 40 - Administradores fazem referência à família OTT	104
Figura 41 - Gráfico sobre os alertas publicado na página da OTT-RJ no Facebook	107
Figura 42 - Parceira com o COR e OTT-RJ.....	109
Figura 43 - Índices de mobilidade na cidade do Rio de Janeiro apresentados pelo Google	121
Figura 44 - Mapa da criminalidade na cidade do Rio de Janeiro.....	167
Figura 45 - Mapa IPS Rio realizado pelo Instituto Pereira Passos – desempenho das regiões administrativas	170
Figura 46 - Mapa do estado do Rio com divisões por regiões	172

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Números de publicações no Twitter da OTT-RJ na 2ª quinzena de cada mês	20
Tabela 2 -	Dados de acessos por país e de usuários do <i>app</i>	56
Tabela 3 -	Parte da planilha “Base de Tweets” com os dados das postagens de abril, maio e junho de 2020	128
Tabela 4 -	Partes da tabela “base de tweets” extraída do Twitter da OTT-RJ	156
Tabela 5 -	Números de publicações no Twitter da OTT-RJ na segunda quinzena de cada mês pesquisado	156
Tabela 6 -	Postagens de agosto a outubro de 2019 e abril a junho de 2020.....	159
Tabela 7 -	Lista de tweets excluídos porque não faziam referência a eventos de criminalidade	160
Tabela 8 -	Total de ocorrências publicadas na OTT-RJ no período pesquisado	161
Tabela 9 -	Tweets excluídos da análise por falta de informações completas	163
Tabela 10 -	Total de alertas por região	164
Tabela 11 -	Alertas detalhados da cidade do Rio de Janeiro	165
Tabela 12 -	Alertas detalhados da OTT - Estado do Rio.....	173

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	13
1	REDE OTT-RJ E A VIOLÊNCIA DO RIO	21
1.1	Sobre a rede OTT-RJ	21
1.2	Fan page OTT-RJ – Facebook como porta de entrada na web	24
1.3	Lógica de funcionamento e mudança de perfil da fan page OTT-RJ	27
1.4	Erros e acertos nas estratégias com os seguidores	32
1.5	A OTT-RJ no Twitter - @RJ_OTT	42
1.6	A OTT-RJ no Instagram - @onde_tem_tiroteio	43
1.7	A OTT-RJ no Youtube – OTT Onde Tem Tiroteio	46
1.8	O app OTT	48
1.9	Sobre o App OTT no mundo	55
2	A EXPERIÊNCIA DIGITAL DO MEDO	57
2.1	Condições tecnológicas da rede OTT-RJ e a visibilidade do medo	57
2.2.1	<u>A dimensão midiática da violência</u>	62
2.3	A OTT-RJ na imprensa	66
2.4	Alertas da OTT-RJ versus jornalismo participativo	69
2.5	Ressignificando o medo no ciberespaço	72
2.6	A atribuição dos dispositivos móveis no processo colaborativo da OTT-RJ	75
2.7	O papel dos algoritmos e das <i>fakes news</i> na percepção da violência	78
2.8	Mapeamento da rede do medo na internet	84
2.8.1	<u>Mapeamento das fan pages</u>	84
2.8.2	<u>Mapeamento dos apps de violência</u>	88
2.8.3	<u>Mapeamento dos perfis de violência no Twitter</u>	95
2.8.4	<u>Onde tem vacina</u>	96
3	VIGILÂNCIA, CONTENÇÃO TERRITORIAL E MOBILIDADE URBANA	98
3.1	Vigilância eletrônica e informacional no Twitter	98
3.1.1	<u>Citizen to Citizen – o cidadão na maior rede colaborativa de segurança</u>	103
3.1.2	<u>Rio como modelo de smart city da violência</u>	108
3.1.3	<u>Segurança 4.0 - o uso da tecnologia na prevenção à violência</u>	113
3.2	Contenção territorial e o impacto na mobilidade pela trama urbana carioca	114

3.3	Impacto do medo na mobilidade dos seguidores	116
3.3.1	<u>Novos regimes de mobilidade</u>	120
4	VÍTIMA VIRTUAL NO AMBIENTE DIGITAL	123
4.1	Análise das trocas conversacionais sobre violência	123
4.2	Micronarrativas da violência no Twitter da OTT-RJ	126
4.3	Vítima virtual no ambiente digital: um conceito em construção	131
4.3.1	<u>A lógica de funcionamento dos dois modelos de política de vítima</u>	134
4.3.2	<u>Audiência digital diante da violência - discursos de revolta, negligência do estado e banalização do crime</u>	138
4.4	O papel da OTT-RJ na resignificação dos riscos da violência carioca	145
4.4.1	<u>Sobre a “incapacidade” do estado</u>	151
5	GEOGRAFIAS DA VIOLÊNCIA NO RIO DE JANEIRO	155
5.1	Distribuição dos alertas na OTT	155
5.1.1	<u>Sobre a natureza das ocorrências</u>	159
5.1.2	<u>Por localidade - bairros cariocas e cidades fluminenses</u>	162
5.1.2.1	Violência na Zona Norte - a mais representada	164
5.1.2.2	Estado do Rio	172
5.2	A geografia imaginada da violência e a cidade maravilhosa	175
5.2.1	<u>Saber geográfico na Comunicação</u>	180
	CONCLUSÃO	182
	REFERÊNCIAS	187
	ANEXO A - Entrevista Benito Quintanilha em 10 de dezembro de 2019	204
	ANEXO B - Entrevista Benito Quintanilha, em 2 de dezembro de 2021	208
	ANEXO C - Entrevista de Denis Collin, em 27 de outubro de 2019	215

INTRODUÇÃO

A *fan page* OTT-RJ (sigla para “Onde Tem Tiroteio”) dá nome a um perfil no Facebook que surgiu em 2016, ano em que o Rio de Janeiro estava promovendo as Olimpíadas, na primeira edição realizada em uma cidade da América do Sul, depois de já ter sediado os Jogos Panamericanos (2007), a Jornada Mundial da Juventude (2013) e a Copa do Mundo (2014)¹. Naquele mesmo ano e depois de quase uma década à frente da Secretaria de Segurança Pública, o então secretário da pasta, José Mariano Beltrame, deixou o cargo, segundo os jornais, motivado pela saída do governador Sérgio Cabral, pela escassez de recursos para novos investimentos e pelo atraso no pagamento de policiais.

Passada a euforia dos cariocas com os grandes eventos esportivos e com a crescente falta de verba nos caixas do governo, a crise atingiu vários setores, entre eles, a segurança pública. Na ocasião, os índices de criminalidade voltaram aos registrados dez anos antes (ISP, 2019)², o que gerou uma sensação de medo que, no entanto, já fazia parte da memória recente dos moradores da cidade do Rio e do estado como um todo. Naquele contexto, quando surgiu a *fan page*, consultar a OTT-RJ, diariamente antes de sair de casa, passou a fazer parte da minha rotina e da rotina de milhares de cariocas e fluminenses.

Apresentando como lógica de funcionamento a divulgação de alertas de tiroteio, algo inédito naquele momento, a *fan page* teve como inspiração o Rio de Janeiro, cidade natal do idealizador da página, localizada na América do Sul com grande visibilidade internacional e com uma população estimada de 6.520.266 (IBGE, 2017). Na página do Facebook, são publicadas informações sobre ocorrências de crimes enviadas pelos próprios seguidores³, de forma colaborativa. Se de um lado, tínhamos um cenário de crise na segurança pública no estado, do outro, a população buscava na internet uma forma alternativa para se proteger, não por meio do policiamento nas ruas, porém pela informação. A tática de sobrevivência consistia em encontrar informações para fugir dos tiroteios, confirmando que “sociedade e tecnologia não são duas entidades distintamente distintas, mas como faces da mesma ação” (Latour, 1991, p. 219).

¹ A Copa do Mundo contou com mais de 177 mil agentes, contingente três vezes maior do que o empregado na última Copa de 2010, na África do Sul, atuando nas 12 cidades sede e nas outras 3 cidades com centros de treinamento. Na ocasião, o Rio recebeu 886 mil turistas (sendo 471 mil estrangeiros). As ações de segurança pública, defesa e inteligência para o evento esportivo contou com o investimento de R\$ 1,19 bilhão para a integração das forças policiais dos estados, da União e das Forças Armadas. (Governo Federal, *online*, 2014).

² Mortes por intervenção do estado foram 1137 em 2008 e 1534 em 2018 (ISP, 2019).

³ Consideramos seguidor aquele internauta que curtiu uma *fan page* no Facebook e que passa a receber atualizações automaticamente da página.

A escolha pelo tema se deu pelo meu interesse pelo uso da tecnologia que permite ter acesso fácil, num dispositivo móvel, a informações sobre ocorrências de crimes que estavam acontecendo quase em tempo real, uma preocupação constante de quem circula por uma cidade que tem altos índices de criminalidade. Dessa forma, a intenção era entender como se dava o processo em que o medo da violência acabava protegendo os cidadãos e suas implicações. Além disso, enquanto eu fazia as primeiras observações e coletas para a tese, o objeto foi se ampliando e se transformando e, com ele, meu olhar sobre o fenômeno. Numa época marcada pelo aumento da criminalidade, tornou-se assim uma ferramenta útil e muito usada pelos moradores do estado. A OTT-RJ criou um perfil no Twitter e, em fevereiro de 2018, virou um aplicativo de celular, inaugurando outra nova forma de avisar sobre os tiroteios na cidade. Já em 2021, a rede OTT fez várias atualizações nas redes sociais tais como alteração do logotipo e da descrição e, em agosto, criou um perfil no Tiktok, uma rede social de vídeos com o nome OTT 360 Brasil (Tiktok, 2021).

Paralelo a isso, durante a pesquisa, o mundo foi acometido pela pandemia da covid-19, no início de 2020. O monitoramento epidemiológico realizado por autoridades sanitárias como a Organização Mundial de Saúde (OMS) alertou que o coronavírus poderia chegar a vários países como o Brasil. O coronavírus (covid-19) é uma doença infecciosa causada pelo vírus SARS-CoV-2. A maioria das pessoas que adoece em função da covid-19 apresenta sintomas leves a moderados e se recupera sem tratamento especial. No entanto, algumas desenvolvem um quadro grave e precisam de atendimento médico. Em poucos meses, a doença atingiria altos índices de infestação não só no país, mas em todo planeta. Desde então, a irradicação do vírus tem sido um desafio global. Até abril de 2022, mais de 6,1 milhões de pessoas tinham morrido no mundo e mais de 661 mil no Brasil morreram da doença (Wikipedia, 2022).

Considerada a principal doença da atualidade, favorecida pela intensidade de circulação de pessoas em locais fechados e em multidões e pelo fluxo entre e interpaíses e continentes, o controle da doença continuava desafiando as políticas de saúde globais no início de 2022. O não uso de proteção por parte das populações e a mudança da cepa do vírus são dois dos motivos que tornam a prevenção da doença tremendamente complexa.

Tais dados confirmam a magnitude e a atualidade do problema e poderiam justificar a relevância da inserção desse contexto pandêmico inédito no estudo aqui proposto. Com o início das ações de *lockdown* impostas pelo governo para impedir a disseminação do coronavírus, também no Brasil, várias foram as consequências no cotidiano da população em geral. Com menos pessoas nas ruas, os números de crimes nas ruas despencaram, numa fase marcada por ações mais restritivas de circulação. Este contexto singular, que durou dois anos do período de realização do doutoramento e que interferiu nos dados de 2020, precisou ser incorporado à

pesquisa, pois a pandemia impactou tanto a dinâmica dos alertas de crimes quanto a questão da mobilidade, uma vez que a circulação estava reduzida.

Tendo em vista o fato de a OTT-RJ ter sido pioneira nesse processo colaborativo na internet⁴, esta tese tem por objetivo analisar o uso da rede OTT-RJ como ferramenta de mobilidade urbana frente à sensação de medo na cidade com maior visibilidade da América do Sul. A tese seguiu duas perguntas. De um lado, se, ao formar uma rede de alerta de tiroteios e monitorar a cidade 24 horas por dia na internet, a partir da colaboração de moradores no envio de informações, a rede OTT-RJ não permitiria para o seguidor montar um mapa mental singular sobre a violência na cidade. A segunda pergunta era como esse usuário se relaciona com a rede, como a OTT é capaz de interferir na capacidade de o cidadão se movimentar pela cidade de modo mais seguro, ajudando-o a evitar passar por tiroteios.

Paralelo a isso, pensamos em como essa experiência do medo é ressignificada em função das condições tecnológicas do ambiente virtual onde os informes sobre violência são publicados. Dessa forma, a OTT torna o Rio uma cidade cuja criminalidade é digitalizada a cada *post* de alertas sobre violência que circula pelo ciberespaço, o que acabaria criando também a digitalização da experiência do medo. Um processo que vem sendo potencializado pelas redes sociais em função da temporalidade diferenciada da divulgação acelerada sobre o medo que extrapolam do ambiente digital para o real. No contexto que a violência proporciona, a produção e a circulação de informações de violência no território virtual em tempo real, escala global e num modelo de comunicação de massa gerariam uma sensação de medo que faz com que os usuários da OTT se considerem seguidores amedrontados o tempo todo. Outro fator é que o envio das informações é estruturado a partir de uma iniciativa colaborativa dos próprios moradores, parte fundamental na comunicação participativa.

Como a experiência de se ser uma vítima virtual (VAZ, 2006), habitualmente se referindo às mídias tradicionais, é relida pelos usuários desta vez nas novas plataformas? Ao pensar que aquilo poderia justamente ter acontecido com ele, estaria criando uma espécie “vítima virtual no ambiente digital” que faz referência àqueles que são atingidos pela criminalidade publicada no contexto *online*.

Não seria possível, na tese, confirmar o deslocamento em si das pessoas, pois elas não foram monitoradas. O que pudemos fazer foi acompanhar as narrativas dos usuários por meio das interações, reações e comentários que faziam aos posts e alertas de tiroteios e outras ocorrências. Isto é, observamos o que esses usuários quiseram fazer crer como sua experiência

⁴ Em outros países que também registram altos índices de violência como o México e Venezuela, há páginas na internet que abordam o tema violência, publicando informações sobre criminalidade, mas que são abastecidas por órgãos oficiais do governo, organizações sociais, movimentos ligados às causas ou entidades filantrópicas.

de cidade, não tendo havido, portanto, nenhuma intenção de verificar se de fato mudaram suas rotinas em função dos alertas.

Outro desdobramento deste problema é que esse tipo de interação mediada pela experiência da violência na rede OTT-RJ se constituiria em si mesma em um tipo de sociabilidade urbana e digital, entrelaçando território e tecnologia digital, dentro de um contexto de discussões mais amplas de *smart city*, monitoramento e vigilância que esta tese não pretendeu dar conta.

De maneira geral, a OTT-RJ contribuiria para a transformação da cidade carioca numa *smart city* ao produzir alertas sobre criminalidade. Pelo fato de ter um papel ativo nesse processo, os seguidores da OTT-RJ são peças importantes na formação de uma cidade inteligente inspirada na violência. Na esteira da digitalização do medo na internet, a segurança 4.0 surge como fundamental para o entendimento da proposta de trabalho da rede. A OTT-RJ baseia-se nesse conceito pelo fato de que conta com o apoio da tecnologia no envio de informações sobre o território virtual que é feito de cidadão para cidadão, numa rede dinâmica de alertas. Isso levaria a um questionamento sobre o papel da polícia numa participação secundária na comunicação das ocorrências de violência. Sabemos que, como instituição encarregada de assegurar a ordem e a segurança física e patrimonial da sociedade, a polícia têm um papel fundamental para a sociedade brasileira.

É preciso esclarecer que consideramos toda a rede OTT-RJ, isto é, suas múltiplas plataformas tanto os perfis no Facebook, Twitter, Instagram, Youtube, como o aplicativo – avançando, portanto, na direção de uma perspectiva multidimensional que abarque as inúmeras possibilidades de significação, usos e particularidades dessas redes. Portanto, embora a questão tecnológica seja central na tese, meu objeto teórico é o processo de digitalização da experiência do medo na cidade do Rio de Janeiro, para além de uma mídia específica, e as elaborações simbólicas em torno da questão da mobilidade urbana, pensando no quanto o medo restringiria ou não a circulação.

A tese foi feita com base em vertentes que identificamos nas narrativas em torno do processo comunicacional da divulgação do medo – violência, tecnologia, mobilidade, vigilância e geografia.

O primeiro se concentra na história da rede, sua dinâmica de funcionamento e as alterações que já ocorreram na sua engenharia. Também foi feita uma reflexão acerca do surgimento da maior e pioneira rede *online* voluntária de violência na internet, lógica de funcionamento e a convergência de conteúdo sobre violência que abrange as plataformas da OTT-RJ no Facebook, Twitter, Instagram, Youtube e o aplicativo.

No capítulo 2, acentuo os problemas de ordem tecnológica. Proponho uma reflexão acerca das questões relacionadas às condições tecnológicas das plataformas da rede OTT-RJ, recursos, características, particularidades e usos que dão visibilidade à questão do medo na internet e como utilizam a convergência digital de forma integrada, baseado no que dizem autores como Recuero (2009, 2012, 2013, 2014, 2017), Lemos (2005, 2009, 2018), Primo (2003, 2007, 2012) e Jenkins (2009, 2013). Para isso, foram levados em consideração os fatores que envolvem o funcionamento dessas plataformas e do processo de digitalização, tais como a instantaneidade, imediatismo, conectividade e geolocalização. As plataformas de redes sociais protegeriam e ao mesmo tempo forneceria uma experiência de medo – e, como supomos – com a quase simultaneidade entre acontecimento e informação, intensificando a discursividade da violência mesmo para aqueles que não necessariamente viveram um ataque, mas que sofrem o risco ou que sofrem indiretamente pela redução de sua mobilidade no espaço urbano. Nesse contexto, foi feito ainda um mapeamento das *fan pages*, dos aplicativos e de perfis do Twitter que surgiram na esteira da OTT-RJ e que publicam alertas sobre crimes.

Ancorados na experiência do medo, no capítulo 3, nos dedicamos a mostrar como os usuários da OTT-RJ mobilizam uma lógica de vigilância cidadã e participam de forma ativa, inserindo informações sobre crimes nas plataformas da rede, em um regime denominado *Citizen to Citizen (C2C)*. A análise foi feita a partir da noção de vigilância eletrônica e informacional (Haesbaert, 2014) e da visão panóptica foucaultiana (Foucault, 1999). Fizemos ainda uma analogia dessa vigilância do Rio de Janeiro, comparando-a com os modelos de *smart city* que encontram atuação na dinâmica entre as tecnologias de informação e comunicação (TICs) e têm como base esforços para implementar soluções inovadoras no gerenciamento das cidades. Partindo dessa premissa, dentro desse contexto tecnológico, fechamos a discussão explorando o conceito de segurança 4.0 que norteia a dinâmica de trabalho da OTT-RJ. Como consequência desse processo, mostramos ainda como acontece a contenção territorial sem muros apresentado por Haesbaert (2014), a partir dos alertas de tiroteios postados no Twitter da rede. Por fim, foi avaliado se esse processo simbólico teria reflexos práticos na questão da mobilidade e circulação dos sujeitos.

Com base nas considerações feitas por Vaz (2005, 2006, 2008, 2011 e 2012), avançamos, no capítulo 4, na investigação proposta pelo autor sobre o conceito de vítima virtual e que se ateve a um veículo tradicional de mídia. Levando o tema da violência para as redes sociais, discutimos o assunto ao considerar como os usuários da rede OTT-RJ, diante de uma sensação de medo, se apropriaram da internet com o propósito de simbolizar o sofrimento como algo evitável. Levando em consideração que a OTT-RJ foi pioneira na publicação de informações enviadas pelos próprios moradores sobre a violência no Rio e criada com o

objetivo de manter os seguidores longe de tiroteios, mostramos como os membros da página relatam se comportar diante dos alertas, mesmo não tendo tido acesso àquela violência física, ao que chamamos de vítima virtual digital.

Por fim e de forma complementar, o último capítulo apresenta a análise quantitativa com o objetivo de entender a natureza das ocorrências e os lugares mais atingidas, incluído aí outros municípios que às vezes apareceram.

Esses dados brutos permitiram mapear as formas como o perfil da OTT-RJ no Twitter construiu o crime e como isso se desdobrou em uma representação visual das áreas conflagradas pela criminalidade do Rio de Janeiro. Tais elementos possibilitaram uma discussão sobre as regiões em que o crime incide e sobre uma cidade excludente e seletiva, inclusive, na forma como a violência se apresenta e no conjunto de cidadãos mais afetados, segundo a interação deles próprios de modo mediado pela plataforma. Considerando a cidade e o estado do Rio como um território da violência em exposição na internet, demos início a uma discussão a respeito da possibilidade de se criar uma geografia imaginada frente a uma sensação do medo entre a violência física e a experiência que se dá no ambiente virtual proporcionada pelas plataformas da OTT-RJ.

Nesse tópico, discutimos se a cidade do Rio de Janeiro é percebida como mais violenta do que realmente é. Foi debatido ainda o papel da OTT-RJ na disseminação de alertas, reforçando assim um estigma da violência pelas redes sociais por meio de comentários, curtidas e compartilhamentos, além da participação da imprensa na divulgação de narrativas midiáticas do crime.

Para conseguir entrar no universo da OTT-RJ, comecei a acompanhar diariamente as discussões nos comentários das plataformas como mera seguidora. Citando Hine (2000, p. 21), a estratégia adotada representou “uma maneira de ver através dos olhos dos participantes: uma perspectiva embasada que buscou um profundo entendimento das fundações culturais do grupo”. Ao longo do período da análise, também mantive um diário com observações das dinâmicas entre os seguidores e sobre a troca de perfil da plataforma durante dois anos e desenvolvi uma rotina de arquivamento da quase totalidade dos posts e comentários publicados. A partir do material coletado, foi possível realizar uma análise do modo como eles se relacionam com a página e como o conteúdo postado interferiria, segundo eles, na vida dos cariocas. Devo mencionar também que, apesar da relação próxima com o meu objeto de estudo antes de iniciar a pesquisa, foi mantido durante a pesquisa um distanciamento crítico fundamental para que não naturalizasse atitudes e relatos das fontes.

As primeiras sondagens sobre a rede se deram sobre o Facebook e, nesta primeira fase, o fundador da plataforma, Benito Quintanilha, muito gentilmente contou a história da rede e

explicou seu funcionamento. Foram realizadas duas entrevistas, em 2019 e em 2021 por telefone. As informações fornecidas por ele estão distribuídas ao longo da tese, com a devida indicação. Outro idealizador da página, Denis Collin, nos deu informações sobre a implementação do aplicativo da OTT. Omitimos os nomes de terceiros que não deram entrevista.

Passada esta primeira fase exploratória, apropriando-se do ciberespaço, foi utilizada uma metodologia inspirada na análise de redes sociais - ARS (Recuero, 2017). Nessa etapa, foi definida pela análise do Twitter, uma plataforma que possibilitou a manipulação dos dados das publicações com a ajuda de um *software* robô ferramenta, responsável pelo processo como captura, coleta, extração, limpeza, integração, seleção e mineração de dados. Já a segunda fase foi feita de forma manual com o uso de uma tabela em Excel para compilação e separação das informações.

O recorte dado nessa fase da análise se ateve às publicações postadas durante 15 dias dos meses de abril, maio, junho, agosto, setembro e outubro de 2019 e 2020, antes e durante a pandemia, num total de 1.072 tweets como corpus principal da pesquisa. Para não expor os seguidores da página, todos os seguidores (150) foram identificados pelo termo “interagentes”, proposto por Primo. Além disso, nas transcrições dos comentários feitos por eles, foi mantido o texto original escrito pelos seguidores da página para preservar o estilo de comunicação utilizado na internet, porém sem a identificação da fotografia e do perfil.

Do ponto de vista qualitativo, o objetivo principal foi identificar como os seguidores se comportavam frente às publicações e se eles poderiam ser considerados uma vítima virtual no ambiente digital. Para isso, a análise contemplou postagens, comentários e curtidas publicadas no Twitter. Denominamos assim como micronarrativas da violência, no ponto de cruzamento das práticas discursivas sobre a violência urbana no Rio e mobilidade, dos campos de tensão, de linhas de continuidade e deslocamentos, nas relações e disputas ancoradas em cada espaço-tempo histórico.

Com base no corpus principal que totalizou 1.072 tweets, foram escolhidos os *posts* que tiveram maior engajamento dos usuários, ou seja, os que apresentaram mais de cem curtidas, o que consideramos ser um número expressivo para um *tweet* com conteúdo de relevante repercussão: 22 tweets que geraram 76 comentários e 16 *retweets* extraídos de postagens realizadas em seis meses de 2019 e 2020. Logo, o critério de escolha das publicações não foi apenas pelo viés da audiência, mas pela relevância qualitativa do discurso violento na própria postagem.

De maneira quantitativa, levando em conta a amostra total de 1.072 tweets, foi preciso fazer adaptações em função das informações disponíveis. Na análise sobre a natureza das

ocorrências, foram verificados 1.062 já que dez deles não se faziam referências a crimes); e na parte sobre localização dos bairros e cidades, foram 1.050 postagens (doze não traziam a localidade). Os dados complementaram as descrições e análises das dinâmicas como, por exemplo, a forma escolhida pelos seguidores para postar informação (vídeo, foto ou texto), o tipo de ocorrência e a sua localização geográfica onde os alertas seriam, segundo as interações, mais acentuados.

Tabela 1 - Números de publicações no Twitter da OTT-RJ na 2ª quinzena de cada mês

Ano	abril	maio	junho	agosto	setembro	outubro	Total ao ano
2019	188	270	286	3 *	2	1*	750
2020	1	12	1	97	117	94	322
Total mês	189	282	287	100	119	95	1.072
Tipo de ocorrências	- 10 (não faziam referência a crimes)						1062
Localidade	-12 (não traziam a localidade)						1050

Fonte: Tabela (base de tweets) feita com dados de comentários extraídos da plataforma

O interesse pelo assunto violência é bem antigo na comunicação, despertado sobretudo pela relação com o jornalismo e a cobertura policial, mas as formas como vêm se aprimorando e se diversificando. Esta tese se situa em um duplo eixo investigativo. O primeiro, segundo o qual se estudam as relações entre mídia e violência, temática tradicional dentro da comunicação desde pelo menos a década de 1970. O segundo eixo trata da relação entre mídias digitais e espaço. À primeira vista, a discussão estaria em torno da ideia de *smart city*. Mas o fenômeno da OTT-RJ parece ir além. Ele se encontra em um momento histórico axial em que se faz a passagem do mundo digital reduzido à lógica da internet, para uma perspectiva amplificada de digitalização, com a chamada “internet das coisas”, conectividade, cultura das plataformas e todas as tecnologias de vigilância.

Por fim, é importante evidenciar, contudo, que a tese não tem por objetivo promover uma discussão acrítica sobre a violência urbana, como se iniciativas como essa não fossem a representação da existência e perpetuação de um dos problemas mais preocupantes para a população e que perdura sem solução há anos, principalmente, no estado do Rio. Acreditamos que os constructos e as percepções geradas a partir da dimensão *online* e das múltiplas relações que os envolvidos com a OTT-RJ mantêm envolvem processos socioculturais diversificados que resultam no modo específico com que vemos e vivemos a cidade.

1 REDE OTT-RJ E A VIOLÊNCIA DO RIO

Neste capítulo, apresentamos detalhes sobre a criação e surgimento da OTT-RJ, página pioneira no Facebook na publicação de alertas sobre criminalidade do Rio de Janeiro. Também mostramos a lógica de funcionamento da OTT-RJ nas plataformas de redes sociais onde está presente como o Facebook, Twitter, Instagram, Youtube e no aplicativo OTT e suas peculiaridades e contradições, e como eles utilizam a convergência digital de forma integrada na disseminação de conteúdo sobre violência.

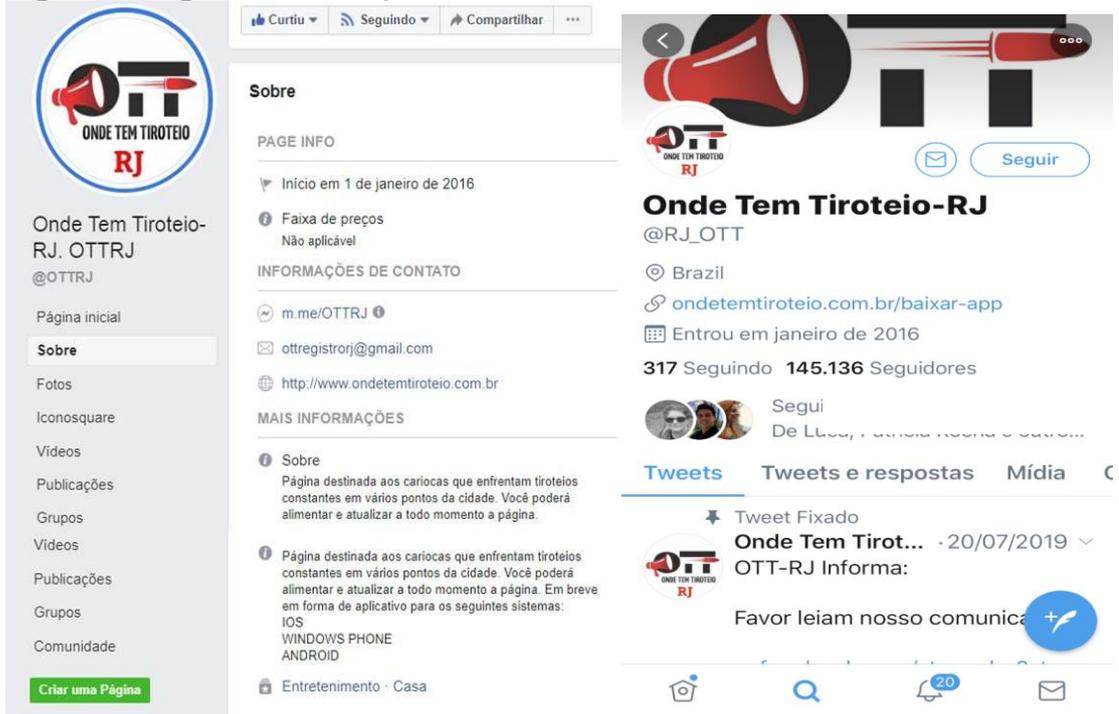
1.1 Sobre a rede OTT-RJ

A OTT-RJ é considerada a maior rede colaborativa e voluntária de segurança *online* do Brasil. Para entrar na *web*, os administradores escolheram o Facebook para começar a divulgação de alertas e dar o pontapé inicial na formação da rede. A rede colaborativa de alerta de segurança *on-line* foi criada para atender a uma demanda da população do Rio de Janeiro por informações de tiroteios ou arrastões e nada se aproxima do perfil de aplicativos de serviços ou outras redes de informação usuais:

Formas essas de violência que não são registráveis pela polícia local, exceto quando há vítimas. Na teoria, se não há registro, não há violência e nem dados a serem contabilizados, muito menos notícias a serem divulgadas. Na prática, entretanto, os tiroteios frequentes – tanto entre policiais e delinquentes ou de facções criminosas entre si – constituem uma realidade de grande parte da população do Rio de Janeiro e interfere diretamente sobre sua rotina (SANTI, 2019, p. 122).

A rede dispõe de um site <<https://www.ondetemtiroteio.com.br/>> e os seguintes perfil nos sites de redes sociais: Facebook (2019) “Onde Tem Tiroteio-RJ”; Twitter (2019) “@RJ_OTT”; Instagram (2019) “@onde_tem_tiroteio”; app OTT; um canal na plataforma de vídeos Youtube (2019); e no TikTok (2021) “@ott360brasil” (figura 1).

Figuras 1- Página inicial das plataformas da OTT-RJ



Fonte: FACEBOOK, TWITTER, INSTAGRAM, APP, YOUTUBE, TIK TOK

Eles também estão presentes nos aplicativos Telegram (2019) e no WhatsApp (2019) (aplicativos multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones) e Zello Walkie Talkie (2019)⁵, aplicativo de voz por onde recebem os alertas e fazem as confirmações dos dados.

Apesar de cada plataforma ter a sua particularidade – como o público-alvo, por exemplo – elas apresentam uma dinâmica de funcionamento semelhante como as funções de compartilhamento e interação, com exceção do aplicativo da rede. Para otimizar o conteúdo publicado e expandir o público do aplicativo, os administradores incluíram em todas as plataformas da rede OTT o *link* para o usuário baixar essa ferramenta. Podemos pensar aqui nas novas tecnologias digitais e a convergência de mídia e de conteúdo associadas à comunicação em rede (Jenkins, 2009). Essa convergência digital possibilita a transmissão de conteúdos nas diferentes redes e reforça a imagem a partir da utilização de plataformas que permitam chegar a uma audiência mais ampla. Ao integrar plataformas tecnológicas, acaba promovendo interesses comuns e alianças estratégicas. “A convergência digital tende a configurar uma paisagem midiática e os meios tradicionais, antes concorrentes, são agora aliados (Avilés, 2008, p.47).⁶

Essas transformações tecnológicas deram origem a um sistema de informações interconectados que acontece entre meios, veículos, formas de produção, circulação e consumo (Santaella, 2004). Os administradores da OTT-RJ tiveram que se adaptar ao fenômeno da convergência de mídias ao usar várias plataformas ao mesmo tempo de forma interligada. Segundo Santaella (2004), a revolução possibilitada pelas tecnologias digitais tem como ponto de partida a computação e a possibilidade de converter qualquer informação seja texto, imagem, e vídeo em uma linguagem universal.

Através da digitalização e da compressão de dados que ela permite, todas as mídias podem ser traduzidas, manipuladas, armazenadas, reproduzidas e distribuídas digitalmente produzindo o fenômeno que vem sendo chamado de convergência de mídias. Informações que hoje conectam todo o globo na constituição de novas formas de socialização e da cultura que vem sendo chamada de cultura digital ou cibercultura. (SANTAELLA, 2004, p. 60)

Eles conseguem sinergia entre os conteúdos, interligando ao desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e convergindo com as diferentes plataformas

⁵ O Zello é uma *startup* de aplicativos localizada em Austin, Texas. Os aplicativos emulam *walkie-talkies push-to-talk* através de redes de telefones celulares (Zello, 2019)

⁶ *De este modo, la convergencia digital tiende a configurar un paisaje mediático em donde los medios tradicionales, antes competidores, son ahora aliados* (Avilés, 2008, p.47) (Tradução nossa)

- Facebook, Twitter, Instagram, Youtube e aplicativo, como se a rede OTT fizesse a gestão midiática de todas as formas de violência como o tiroteio.

O que chamou atenção para discutir o assunto usando como *corpus* a OTT-RJ foi o fato de ela postar informações sobre criminalidade quase em tempo real e, por isso, apresentar uma dinâmica diferente dos jornais que só vão publicar as notícias sobre crime no dia seguinte. Além disso, oferece uma atualização das informações “minuto a minuto” num processo mais dinâmico do que o proposto pelos portais de notícias na internet, inclusive com a possibilidade de publicação e exclusão de comentários feitos pelo seguidor. Ao contar com as condições tecnológicas das redes sociais como a instantaneidade e o imediatismo, ela mudou a forma de narrar os crimes que antes ficava restrita às páginas físicas dos jornais e proporcionou uma espécie de aceleração do tempo constante que traz uma nova experiência temporal (Koselleck, 2014) inerente ao mundo contemporâneo causada, principalmente, pelas mudanças tecnológicas. Com a publicação de acontecimentos a todo instante na plataforma, é como se o fato passado se mantivesse presente o tempo, numa forma de prevalência e ampla dominância do presente (Hartog, 2015).

1.2 **Fan page OTT-RJ – Facebook como porta de entrada na web**

A rede mais popular do mundo foi a plataforma escolhida pelos administradores da OTT-RJ como porta de entrada na internet e dar o pontapé inicial para a criação da maior rede voluntária de alerta de violência. Com mais de 15 anos de existência, o Facebook reunia, em 2019, um total de 2,3 bilhões de usuários (Facebook, 2019). A empresa faturou US\$ 55 bilhões, 38% a mais do que um ano antes e lucrou US\$ 24,9 bilhões. Ao lado do Google, as duas têm mais de 60% do mercado de publicidade digital. Desde que surgiu, o Facebook pode ser considerado um espaço de descoberta, informação, encontros e reencontros. Um lugar onde as pessoas se conectam com amigos e familiares, compartilham momentos e buscam por conteúdos de interesses.

Um dos principais públicos do Facebook é formado por brasileiros, com um base de 130 milhões de brasileiros conectados na rede (Statista, 2021). De acordo com o levantamento, a Índia aparece em 1º lugar com o maior quantitativo de usuários do Facebook no mundo, com 340 milhões de usuários, seguida pelos Estados Unidos, com 200 milhões. O estudo apontou ainda que 90% das pessoas acessam a plataforma utilizando dispositivos móveis. Também o *Global Digital Report* (Social, 2018) corrobora com essa informação. O brasileiro é o segundo usuário que passa mais tempo *online* em redes sociais – 3h39min (We are social, 2018). Em

relação ao número de usuários ativos por sites de redes sociais no mundo, o Facebook permanece liderando o ranking (2,32 bilhões) seguido pelo YouTube (1,9 bilhão) e WhatsApp (1,6 bilhão) (Statista, 2021). O Instagram ocupou o sexto lugar dessa lista, com um bilhão de usuários ativos na plataforma. Tais dados mostram que as novas formas de comunicar, proporcionadas pelas redes sociais, vêm fortalecendo ainda mais a presença e a valorização da cultura digital em diversos territórios.

Apesar disso, uma pesquisa mais recente, realizada pelo Instituto Datafolha (2019) apontou que há uma tendência de queda no número de usuários do Facebook no Brasil. No estudo, 56% dos entrevistados disseram ter conta no Facebook em 2019, uma queda em relação a 2017 quando 61% afirmaram estar na rede social de Mark Zuckerberg, registrando uma queda de cinco pontos percentuais. Esse encolhimento do número de seguidores é uma realidade da OTT que vem registrando queda de popularidade nesta plataforma. Em maio de 2020, possuía 745.477 membros e 705.335 curtidas no Facebook (2020) e apresentava como missão salvar os cariocas das balas perdidas, dos arrastões e das *blitzen* falsas que amedrontam a cidade maravilhosa e o Brasil, ajudando as pessoas a andar pelas cidades brasileiras com segurança, tirando-as das rotas de conflitos armados. Já em 2021, eram 744.967 seguidores no Facebook (2021) e 705.498 curtidas.

A *fan page* OTT-RJ (sigla de “onde tem tiroteio”) foi pioneira na divulgação nas redes sociais de informações sobre ocorrência de tiros, dedicada ao Rio de Janeiro, uma cidade em conflito constante. Considerada referência no Brasil, nela são publicados textos, fotos e vídeos sobre ocorrências de violência na cidade e no estado do Rio enviadas pelos seguidores⁷, numa dinâmica colaborativa.

É uma página onde os usuários colaboram inserindo informações sobre violência na cidade e atuando como um produtor de informações, uma das principais características da Comunicação Mediada pelo Computador (Primo, 2003) e da Web 2.0 (O’Reilly, 2005). Ao mostrar como se configuram o medo midiático e a experiência urbana em torno da violência, a OTT-RJ encontrou no ciberespaço um local apropriado para exibir conteúdo da criminalidade do cotidiano urbano como assaltos, furtos, arrastão, assassinatos, entre outros.

A rede OTT-RJ funciona como um mecanismo de extração de dados do cidadão, ensejando uma participação mais ativa na vida pública, como enviar informações sobre criminalidade urbana. Uma iniciativa que surgiu frente à falência dos modelos de ordenação e segurança e à necessidade de uma comunicação em defesa dos Direitos Humanos. São

⁷ Consideramos seguidor aquele internauta que curtiu uma *fan page* no Facebook e que passa a receber conteúdo automaticamente e atualizações dessa página no *feed* de notícias (Facebook, 2014).

experiências significativas que ocorrem no ambiente *on-line*, num processo de reinvenção do indivíduo que, na falta de fontes oficiais do estado, cria ou recria a informação. Na internet, eles buscaram uma forma de encontrar informações para fugir da criminalidade.

Para alcançar hoje o número de seguidores que tem, a *fan page* passou por um processo que começou em janeiro de 2016. São quatro administradores, incluindo o idealizador a OTT, Benito Quintanilha, que ajudou nesta pesquisa dando informações sobre a história da rede. Ele conta que já usava o perfil pessoal no Facebook para postar alertas sobre tiroteios na cidade. Pela quantidade de seguidores que foi ganhando, decidiu criar uma página exclusiva com esta finalidade. Com isso, a OTT-RJ pode ser considerada a primeira *fan page* com foco na publicação de informações, fotos e vídeos enviados pelos próprios moradores, de forma colaborativa, e não por fontes oficiais do estado.

Vi na televisão um caso de bala perdida no Complexo do Alemão, nos meados de 2015. Queria que as pessoas não tivessem a mesma experiência. Iniciei a página com alertas e foi ganhando uma proporção e vi a necessidade de continuar postando. Toda violência choca. Afinal, estamos em um estado que não está em guerra oficialmente, mas que tem números de violência de uma região em guerra. Não era para ser assim, mas infelizmente é (QUINTANILHA, 2019, POR TELEFONE).

Assim que foi criada, OTT-RJ divulgava apenas informações sobre tiroteio, como o próprio nome da *fan page* indica. Mas, aos poucos, começou a publicar também casos de arrastões e interdições das vias, o que impacta diretamente a mobilidade. Quintanilha conta que a tarefa de checar e publicar os alertas que chegavam foi dividida com os demais administradores: “Juntos implementamos melhorias, padronizamos as publicações e, em função da divulgação boca a boca e dos compartilhamentos dos posts, alcançamos, rapidamente, mil seguidores” (Quintanilha, 2019, por telefone).

O aplicativo começou a ser desenvolvido ainda em 2017⁸. Segundo o administrador, com o revezamento do grupo na checagem e publicação de informações, inclusive à noite, eles conseguiram manter a frequência na atualização da *fan page*. Juntos, conseguiram expandir o OTT-RJ para outras redes sociais.

Em entrevista ao site Colabora, outro administrador, Henrique Caamaño (Colabora, 2017) afirmou: “Todo mundo quer se proteger e proteger a família. Queremos evitar que as pessoas corram perigo [...]. Até ladrão ou traficante não quer sua família atingida por bala perdida”. Ele explicou ainda que, como a página prioriza o bem-estar do cidadão, ela funciona como alerta para que os moradores saiam ilesos de alguma situação de criminalidade, e não tem a preocupação de ter um caráter informativo trazendo todos os detalhes sobre o acontecimento.

⁸ Do inglês “*Application*” e é a abreviação em português para aplicativo.

Segundo Quintanilha (2019, por telefone), a iniciativa foi voluntária e sem motivação política. Na fala do idealizador, a página procura prezar pela polidez em suas plataformas, evitando que surjam debates polêmicos. O objetivo é evitar criar polaridade e que as plataformas da rede OTT-RJ sejam locais para questionamento e discussões de grupos que tenham opiniões contrárias. Em um ambiente virtual composto por milhares de pessoas com crenças, pontos de vista e convicções diferentes, uma estratégia utilizada por eles para conseguir manter um discurso coerente e que não se afaste do objetivo que a página se propõe. Além disso, os comentários que fogem do escopo inicial são excluídos pelos administradores. Segundo a página oficial do Facebook (*online*), existem duas funções para pessoas que gerenciam grupos que são as seguintes: moderadores e administradores. Eles cumprem a segunda função e têm a autonomia para aprovar ou negar solicitações de entrada e publicações, remover publicações, comentários em publicações e remover e bloquear pessoas do grupo, entre outras.

Por outro, apesar da dificuldade de confirmar as informações que chegam até eles, a *fan page* alcançou recordes de publicação quando chegou a postar 45 tiroteios em um só dia em 2018 e 43 ocorrências deste tipo em 2019. Esses dados ficavam apenas armazenados e não servem de base de dados para o estado ou para algum estudo. Com a mudança de perfil da rede (como será analisado mais à frente), a OTT passou a ser uma plataforma digital que gera dados sobre tiroteios, arrastões e afins nas regiões metropolitanas de todo o Brasil.

Abordaremos a seguir, detalhadamente, as condições de possibilidade e lógica de funcionamento dos sites de redes sociais (SRS⁹) (Recuero, 2009) que suportam a OTT-RJ – Facebook, Twitter, Instagram, Youtube – e do *App* OTT.

1.3 Lógica de funcionamento e mudança de perfil da *fan page* OTT-RJ

A lógica de funcionamento da *fan page* OTT-RJ é simples. Todo conteúdo publicado nesse perfil é incluído somente pelos quatro administradores. Eles postam os alertas que são enviados por moradores do local onde há a presunção do risco de tiroteios, geralmente, ligados a operações policiais. Esses dados são confirmados pelas pessoas que fazem parte dos grupos

⁹ Os sites de rede social são definidos como serviços que permitem ao ator "(1) construir um perfil público ou semi-público dentro de um sistema fechado, (2) articular uma lista de usuários com quem dividia uma conexão e (3) ver e percorrer sua lista de conexões e aquelas feitas por outros dentro do sistema"3 (Recuero, 2012, p. 206).

de confiança no *WhatsApp*, e principalmente, por moradores dos bairros atingidos. Nesse processo, eles chegam a ficar 12 horas conectados na internet.

O uso das plataformas – cada uma com a sua particularidade – é uma das facilidades proporcionadas e que não impõe dificuldades na utilização ao apresentar funções simples. O uso delas é aberto e gratuito e qualquer um pode ter uma conta, desde que possua *smartphone* ou computador. Para tanto, deve-se deixar registrado nome, e-mail, telefone, site (os dois últimos não são de preenchimento obrigatório) e criar uma identificação de usuário que deve ser única e pessoal. No perfil, são exibidos o nome do usuário, a foto e uma pequena biografia.

Desse modo, o novo membro da página passa a receber informações atualizadas no *feed* da página dele sempre que for feita uma publicação na OTT-RJ. Especificamente no Facebook, o internauta pode clicar no perfil do OTT-RJ e se tornar um fã já que se trata de uma *fan page* que apresenta uma dinâmica diferente de um perfil pessoal. O que diferencia os dois tipos (*fan page* e pessoal) é que na segunda opção um pode acessar o conteúdo da página do outro de forma bilateral. Já na primeira, somente o seguidor que pediu para acessar aquela *fan page* pode visualizar o que ela posta, de maneira unilateral. Logo, os administradores da OTT-RJ não têm acesso liberado à página pessoal dos seguidores. O mesmo acontece no Instagram, Twitter e Youtube onde a amizade não é recíproca.

A OTT-RJ foi criada em formato de *fan page* e não de página oficial. Vale realçar que se trata de uma página específica de marcas, empresas, blogs ou outros. Diferentemente das contas pessoais, possui algumas funcionalidades a mais com o objetivo reunir a comunidade envolvida com o negócio em questão, no caso, aqui a criminalidade do Rio. Também é um espaço que reúne fãs em vez de amigos, e possibilita criar um grupo fiel à empresa, além de fortalecer a presença e a impressão que os outros possuem dela. Outra diferença da *fan page* para um perfil normal é que a conta comum possui um número limitado de pessoas que podem se conectar com o usuário (até cinco mil amigos) e, além disso, utilizar um perfil pessoal para divulgação de marca é contra as diretrizes e termos do Facebook.

Além disso, as *fan pages* também apresentam recursos tais como, aplicativos que promovem maior interação do público, ferramenta de promoção que permite o impulsionamento de posts, aumentando a visibilidade de algum conteúdo, relatórios de estatísticas que possibilitam análise de campanhas promovidas e de engajamento do público, gráficos de desempenho, entre outros (Rock Content, 2019, *online*).

De acordo ainda com Rock Content (2019, *online*), a criação de uma página no Facebook é feita de forma simples, rápida e intuitiva. Para isso, é necessário que o administrador esteja conectado à uma conta de uma pessoa real. Assim que esta opção é selecionada, uma

nova aba será aberta para que seja selecionada a modalidade da *fan page* e o tipo de negócio, informações essenciais para as buscas do Facebook. Na lista, há uma série de categorias que variam de acordo com o modelo de negócio como negócios locais (pequeno estabelecimento com abrangência local); empresa, organização ou instituição (categoria certa para empresas); marca ou produto (divulgação de um produto ou uma marca específica); artista, banda ou figura pública; entretenimento (categoria para estabelecimentos como casa de shows ou um canal de TV, por exemplo); causa ou comunidade (ONG ou apoio a uma causa). No caso da OTT-RJ, eles estão categorizados como entretenimento – casa.

Uma das características da *fan page* é o uso de postagens curtas, linguagem simplificada e de links que levam ao site da página. As publicações da OTT-RJ no Facebook são em formato de alerta com texto bem reduzidos que podem ser consideradas como micronarrativas que tem como foco da mensagem o medo e a violência urbana. Eles também incluem nas postagens o link que leva para a página de aplicativo da OTT-RJ.

Outra particularidade de uma *fan page* é a frequência de publicações que é uma forma de manter a fidelidade dos seguidores. Como os administradores se revezam na publicação das informações nas plataformas, elas são atualizadas constantemente. Com relação ao quantitativo de informes de tiros e de conflitos que o grupo recebe (Quintanilha, 2019, por telefone), são mais de cem diariamente. Como eles prezam pela veracidade do que é publicado, são postadas apenas cerca de 15 a 20 ocorrências por dia, quantitativo de incidentes que realmente recebem confirmações nos grupos de fontes a que eles têm acesso. Ainda de acordo com ele, nem sempre é possível apurar se todos os incidentes são verdadeiros. “Às vezes, essa confirmação demora a chegar. Então, não postamos porque, como nossa ideia é evitar que a pessoa seja alvo da violência, o alerta tem que ser dado no momento que o incidente estiver acontecendo” (Quintanilha, 2019, por telefone). Na OTT-RJ, a informação precisa ser atual, uma vez que o seguidor está interessado em eventos recentes. Mesmo no contexto de redes sociais, eles dão importância a dois principais critérios de noticiabilidade utilizada pelo jornalismo: o primeiro diz respeito à confirmação da informação; e o segundo é sobre apresentar informações novas ou mudanças recentes em alguma situação.

A interação com o público também é parte fundamental desse processo. Em algumas publicações da OTT-RJ, os administradores respondem aos seguidores, principalmente, quando há questionamento sobre a veracidade do que foi publicado, um indicador de que o público é ouvido e atendido. Para não perder o *timing*, a resposta acontece quase de imediato. As mensagens trocadas com os seguidores e o engajamento do público são apenas alguns dos dados que podem ser visualizados na própria página no Facebook.

As características visuais da OTT-RJ, exibidas, originalmente, nas plataformas de rede, são outros elementos que merecem ser analisados. O logotipo representa uma identidade forte com um título fácil de ser lembrado e dialogava bem com o objetivo da página. Essa imagem apresenta dois símbolos importantes para a contextualização do assunto a que se refere a página: um megafone – uma espécie de alto falante para ampliar o som e fazer ser ouvido à distância – que representa a forma como eles querem dar publicidade às informações publicadas; já o segundo é a cápsula de revólver que corta os dois TT (“tem tiroteio” da sigla OTT-RJ) da imagem e que nos dá indícios sobre o tipo de notícia que é publicada na *fan page* (figura 2).

Figura 2 - Logotipo original da OTT-RJ



Fonte: FACEBOOK 2020

Em fevereiro de 2021, foi feita uma atualização visual e lançado um novo logotipo da OTT-RJ em formato mais moderno (figura 8). Nesse formato, o nome OTT-RJ é substituído por OTT 360.

Figura 3 - Novo logotipo da OTT-RJ que começou a ser utilizado em fevereiro de 2021



Fonte: FACEBOOK 2021

As imagens atualizadas em fevereiro de 2021 não têm mais a bala de tiro em destaque, substituída pelo número 360°, conforme será explicado mais adiante embaixo, há o destaque para a frase cidadão para cidadão com o fundo branco ou preto. Já a sigla RJ não consta mais

no logotipo novo, pois o objetivo era aumentar a abrangência geográfica da rede. Também podemos entender, com isso, que os administradores queiram dar mais destaque e reforçar a participação dos cidadãos; e com a inclusão do 360°, eles têm mais liberdade de postar conteúdos que não sejam restritos somente a tiroteios, expandida o escopo de atuação. Antes do início dos vídeos, é exibida uma vinheta de quatro segundos de apresentação da OTT de um locutor contratado, que anuncia o nome: OTT 360. “A ideia é usar um locutor é chamar a atenção dos internautas já eles consideram a voz dele é marcante e impacta na nossa marca” (Quintanilha, 2021, por telefone). É uma forma de apresentar a rede de maneira mais dinâmica do que no formato anterior em que era usada uma foto (formato estático) reforçando assim o caráter de agilidade dos alertas publicados.

Segundo Quintanilha (2019, por telefone), a inclusão de informações de violência de forma mais abrangente, além dos tiroteios, foi vista como uma necessidade já que as informações estavam atreladas umas às outras. “Como, por exemplo, um tiroteio era fruto de um assalto que resultou em morte. Os dados iam se desdobrando”, conta. De acordo com ele, isso também era uma demanda da população que queria e pedia mais informações e que buscava isso na página de forma diária. Mais recentemente, num terceiro movimento e diante do aumento de audiência, a página começou a abordar assuntos ligados à utilidade pública, tais como desaparecimento de pessoas, sumiço de animais e perda de documento.

Quando deu início ao processo de mudança de perfil das publicações, a OTT passou a dar prioridade às novas plataformas, que apresentavam mais informações de utilidade pública como, por exemplo, pedidos de ajuda para encontrar pessoas desaparecidas e cachorros perdidos, embora ainda tratassem de crimes, tais como roubo de veículos (figura 4).

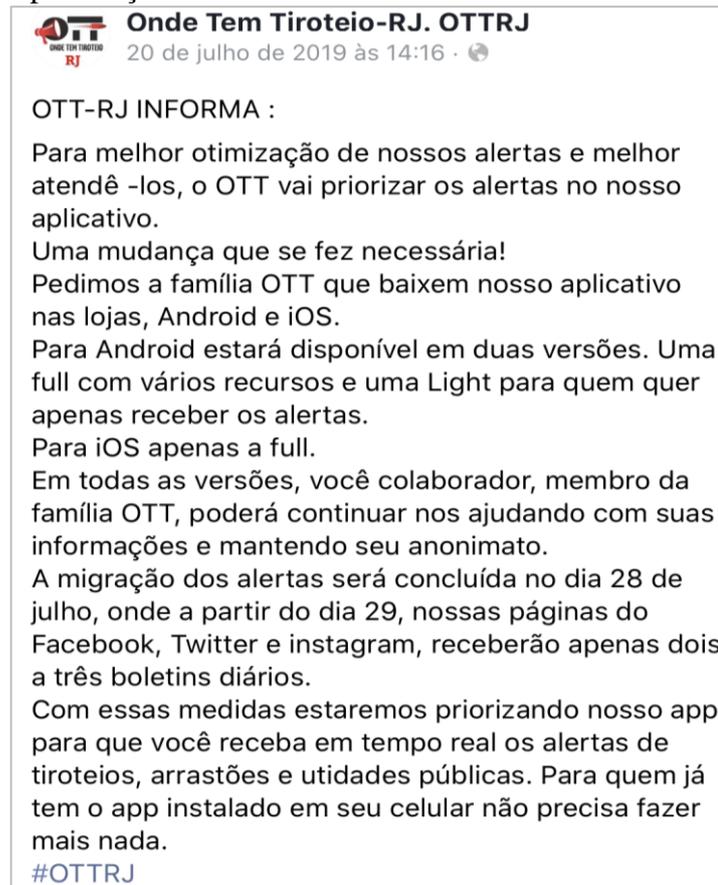
Figura 4 - Publicação no Facebook com conteúdo de utilidade pública



Fonte: FACEBOOK, 2020

Os crimes começaram a ficar cada vez mais restritos ao *app*. Com o lançamento do *app* em 2019, foi iniciado um movimento de realocação de seguidores dessas redes sociais para o aplicativo e a dinâmica de publicação no Facebook foi alterada. Essa mudança no escopo editorial do que seria divulgado foi explicada num post do dia 20 de julho de 2019 (figura 5).

Figura 5 - Publicação anuncia mudança no perfil das publicações



Fonte: FACEBOOK, 2019

Nas publicações, eles passaram a incluir um rodapé com o seguinte esclarecimento: “Acesse o nosso aplicativo para mais informações, confirmações, fotos e vídeos”. Além disso, as postagens do Facebook vêm acompanhadas pelo seguinte link: <<https://ondetemtiroteio.page.link/qbvQ>>. Ele leva o usuário direto para uma página onde pode ser baixado o *app* para dispositivo com sistema operacional Android ou Iphone.

1.4 Erros e acertos nas estratégias com os seguidores

Ao analisar as postagens, pode-se perceber que os administradores da OTT-RJ se utilizaram de uma série de estratégias para angariar novos seguidores e, também, para tentar

migrá-los para o aplicativo. Na busca por visibilidade e audiência, dois principais princípios das redes sociais (Recuero, 2009), verifica-se, assim, que algumas dessas táticas fizeram sentido e outras foram não aceitas pelos usuários da plataforma. Cabe salientar que as pessoas que gerenciam a OTT-RJ na internet não são profissionais que têm formação específica para atuação em redes sociais ou marketing. Logo, não são especialistas no assunto.

Em 2019, esse procedimento de realocação de seguidores e de alteração do tipo de informação postada ainda era um desafio para os administradores da rede que, na época, carregava no nome a palavra “tiroteio”. A mudança de posicionamento ainda era vista com estranheza pelos seguidores que se propôs inicialmente a publicar alertas sobre tiroteios.

Interagente 1 – Com tantas informações super importantes sobre esse vírus invisível, q devemos divulgar, NÃO É POSSÍVEL ENCHER o espaço COM FOTOS DE GATINHOS..aff..

Interagente 2 – Realmente com tantas informações importantes...Devemos parar e pensar no outro, nas condições e o amor q o outro teve por retirar essa criatura prenhe da rua e permitir que a mesma desse a luz debaixo do seu teto com alimentação, água, caminha quente
(OTT-RJ, Facebook, 1º de abril de 2019, às 16h10m)

Em outra publicação, do dia 29 de setembro de 2019, mais uma vez, os usuários reclamam do fato de ter que baixar mais um aplicativo para ter acesso às informações da OTT-RJ. Outros fizeram duras críticas à ferramenta.

Interagente 3 - Pois é, eu falei a mesma coisa ... O perfil Lei Seca continuou funcionando pelo Twitter ... O meu celular não aguenta mais um app

Interagente 4 - Alguém poderia aproveitar o abandono de vcs no Twitter e fazer uma outra página com o mesmo propósito #ficaadica

Interagente 5 - O app é um lixo!

Interagente 6 - Santa Marta tava parecendo reveillon kkkk
(OTT-RJ, Twitter, 29 de setembro de 2019, às 13h42m)

Além disso, o fato de os seguidores só conseguirem ter acesso à informação completa pelo *app* foi motivo de reclamação.

Tiroteio - 27/03/2020 às 21:10
Local: Vila Valqueire Rio de Janeiro
Números da COVID-19 no município do Rio:
Atualizados as 18:00h do dia 27/03/20 pela SMS/IPP/COR.
O bairro de Vila Valqueire, registra o primeiro caso de Covid-19. Pedimos a população que tinham ações de isolamento, conforme orientações do governo.
Acesse o nosso aplicativo para mais informações, confirmações, fotos e vídeos
<https://ondetemtiroteio.page.link/qbvQ>

Interagente 7 – Vdd

Interagente 8 - Ate o OTT tá nessa, cadê os tiroteios? Cadê as pessoas atingidas com bala perdida, as demais notícias. Agora tudo é o Coronavírus, pelo amor né (OTT-RJ, Facebook, 27 de março às 21h10m)

Tiroteio - 27/03/2020 às 21:59

Local: Grajaú Rio de Janeiro

Acesse o nosso aplicativo para mais informações, confirmações, fotos e vídeos

<https://ondetemtiroteio.page.link/qbvQ>

Interagente 9 - Pq não colocam a informação aqui? Obrigada

Interagente 10 - o facebook tava fazendo a pagina cair... foi oq fiquei sabendo.... q eles estão barrando as informações (OTT-RJ, Facebook, 27 de março às 21h59m)

Tiroteio - 11/04/2020 às 16:42

Local: Bonsucesso Rio de Janeiro

Acesse o nosso aplicativo para mais informações, confirmações, fotos e vídeos

<https://ondetemtiroteio.page.link/qbvQ>

Interagente 11 - Aonde tem tiroteio

Interagente 12 - Tá tendo desde as 16:30, quando foi o primeiro

Interagente 13 - Preciso agora baixar um aplicativo p saber? Então tô fora (OTT-RJ, Facebook, 11 de abril de 2020, às 16h42m)

Tiroteio - 8/04/2020 às 20:56

Local: Piedade Rio de Janeiro

Acesse o nosso aplicativo para mais informações, confirmações, fotos e vídeos

<https://ondetemtiroteio.page.link/qbvQ>

Interagente 14 - Aonde tem tiroteio

Interagente 15 - Que lugar de piedade?

Interagente 16 - Depois dessa história de instalar app, ficou muito ruim, a página (OTT-RJ, Facebook, 8 de abril às 20h56m)

O mesmo aconteceu numa publicação da OTT-RJ no Twitter realizada no dia 5 de outubro de 2019, foi incluída a chamada de uma ocorrência que só poderia ser visualizada por quem tivesse o aplicativo. Uma ação diferente da que eles utilizavam normalmente que é incluir uma postagem completa com todas as informações do evento ao invés de apenas fazer referência ao episódio postado no app. A publicação gerou 44 curtidas, oito *retweets* e um comentário. Neste caso, um seguidor questionou o perfil sobre a realocação dos alertas para o app.

Um novo alerta da OTT foi enviado para o bairro Praça Seca, Rio de Janeiro. Para mais informações, baixe o nosso app: <https://t.co/Bch5KDtUo>

Interagente 17 - A página parou por que

(OTT-RJ, Facebook, 5 de outubro de 2019, às 10h53m)

Em uma outra postagem do dia 31 de maio de 2020, também como forma de reforçar a importância do *app*, foram publicados no Twitter *prints* de conteúdo divulgado naquela ferramenta (figura 6).

Figura 6 - *Print* da publicação do dia 31 de maio de 2020

ondetemtiroteio.page.link/qbvQ

Translate Tweet



Resumo dos últimos informes do aplicativo da OTT. Quer receber alertas em tempo real, ajudar a confirmar, comentar, compartilhar com amigos e acessar vídeos e fotos? Baixe o nosso aplicativo. <https://t.co/CNaXqGRWJc> <https://t.co/usDZzWu0wi>
Fonte: TWITTER, 2020

Os administradores ainda incluíram o link de acesso ao aplicativo e pediram para que os seguidores fizessem o *download* dessa plataforma. Novamente, eles utilizaram uma dinâmica diferente do que costumam publicar que é incluir no *tweet* o texto com informações da ocorrência. A estratégia não teve sucesso e o número de engajamento foi pequeno e diferente do obtido em outras ocasiões: nenhuma curtida ou comentário e apenas três *retweets*.

Em mais uma tentativa de reforçar o uso do aplicativo, uma publicação do 1º de agosto de 2019 conseguiu chamar a atenção dos usuários e teve 55 comentários e um *retweet*. O texto do tweet trazia o título “Desabafo” e incluía também um link que redirecionava para a página da OTT-RJ no Facebook. Nesta, os administradores expõem, em um longo texto, o descontentamento com relação aos comentários que vêm recebendo sobre o fato de eles criarem o app. No relato, explicam que a rede OTT não conta com financiamento externo e que, por isso, há a necessidade de inclusão de anúncios no *app*. Por fim, disseram que realizaram campanhas para receberem doações como uma vaquinha virtual, mas sem êxito e que, apesar disso, vão continuar fazendo o trabalho deles. A publicação foi mais uma demonstração de que os seguidores estão insatisfeitos com o fato de as publicações estarem sendo feitas apenas no *app*.

OTT-RJ ESCLARECE: Em resposta aos últimos comentários em relação a página da OTT. Prezados, infelizmente a cerca de alguns meses o Facebook e outros sistemas de mídia social estão boicotando algumas páginas. Ficamos 1 mês informando que deixaríamos de utilizar as plataformas sociais e que informaremos em tempo real apenas pelo aplicativo (QUE É GRATUITO e tem o tamanho 5MB. Menor que um vídeo que você recebe no WhatsApp do grupo da família). Ficamos muito tempo tentando informar o alerta pois o Facebook mesmo trava, não é culpa nossa. A questão não é ser uma página para visar lucro. Isso quem está aqui desde o início sabe muito bem. Porém, vale ressaltar que somos um grupo de amigos que tem emprego, esposa, filhos, vida própria, contas a pagar como qualquer um. A OTT NUNCA divulgou, anunciou ou cobrou pelo serviço voluntário...e divulgamos 7 dias por semana, 24 horas por dia. Sem feriado, carnaval, Natal, Ano Novo, etc, para que vocês estejam protegidos. Abdicamos de nossas vidas também. Enquanto um pai pode ir na praça jogar bola com o seu filho pois foi informado que não existe um tiroteio ou arrastão, somos nós, abdicando desse momento com os nossos, que fazemos isso. Enquanto alguns dormem tranquilamente a noite toda, nós estamos tentando confirmar uma informação. Ficamos facilmente mais de 16 horas diárias presos aos celulares e computadores. Então, antes de criticar, conheça a nossa história. Em relação ao aplicativo: Tiramos do nosso bolso, sem ajuda de ninguém a construção dos dois aplicativos. Sim, DOIS, pois pensamos nos que não podem ter um celular um pouco melhor e criamos uma versão mais leve. Eu, que vos escrevo esse post, passei madrugadas e finais de semana fazendo isso, abdicando de momentos preciosos com a minha família para ajudar a quem eu nunca vi, ou nunca ouvi um obrigado. Mas faz parte de quem quer fazer o bem, sem olhar a quem. Dormimos um pouco melhor sabendo que de alguma forma ajudamos alguém. Criamos uma linha de propaganda e vários vieram reclamar antecipadamente que a página iria ficar poluída com milhares de anúncios, que iria ficar isso ou aquilo... Criamos uma vaquinha virtual e apenas 4 pessoas, das milhares que nos seguem, ajudaram. Criamos um canal de doações e alguns vieram zombar. Somos eternamente gratos a esses que de alguma forma puderam nos ajudar. Não desistimos! Mais uma vez tiramos do nosso bolso para manter base de dados, mapas, etc, para que todos possam ser ajudados, e assim continuamos...todo mês sai do nosso bolso dinheiro para manter a OTT VIVA! Programa de TV? Dados e mapas na TV, entrevistas? Não, isso nunca deu dinheiro e muitas vezes nós pegamos um ônibus e vamos até um local para explicar os dados para que mais pessoas sejam tocadas. Nunca nos pagaram nada, apenas pedem. Então, se por algum momento não conseguimos entregar um alerta em tempo real, se o aplicativo dá uma travadinha e etc, lembrem-se.... FAZEMOS ISSO TIRANDO DO NOSSO BOLSO PRA AJUDAR VOCÊS! Aqueles que nos apoiam e nos agradecem sempre, fica aqui o meu grande abraço e eterno agradecimento...e para ajudar vocês que existimos. Um muito obrigado a todos que entenderam que não somos uma página. Somos uma família! Um desabafo de quem não aguenta mais tanta ingratidão. Obs 1: Para as pessoas que possuem celulares com o Android 9.0 ou superior, já identificamos o problema das notificações e tivemos que investir em tecnologia e tempo. Em poucos dias estará sanado! Obs 2: Tem uma opinião, ótimo. Tem uma crítica a fazer, ótimo também. Faça-os com respeito. Nós tratamos a todos com respeito. Não se utilize de que estava apenas querendo ajudar; para ser grosseiro (a). A página é um lixo? O app é um lixo? O que você está fazendo aqui ainda?!? A grande maioria que está fazendo comentários agressivos e sem noção, nunca ajudou com nada e agora se acham no direito de reclamar. Obs 3: Aqueles que nos ajudavam com informações no privado e quiserem continuar nos ajudando, são muito bem vindos. Só lembrando que toda informação é confirmada antes de ser postada. Então se você nos passar um relato e não for postado, não é nada pessoal. Apenas não conseguimos confirmar naquele momento. (OTT-RJ, Facebook, 1º de agosto de 2019)

Esse tipo de reação nas redes sociais é o que Recuero (2009, p. 82) chama de conflito, um fenômeno natural emergente das redes sociais que é consequência direta do processo de interação entre os atores da rede e que pode gerar hostilidade, desgaste e ruptura da estrutura social.

Smith (1999) explica que, apesar de muito autores perceberem o conflito como forma disruptiva das relações sociais (e, portanto, de forma negativa, como uma “patologia do sistema”), para Simmel (1950 e 1964), os conflitos envolvem ao mesmo tempo, harmonia e dissonância... O conflito pode fortalecer as estruturas de um sistema, aumentando a união através de uma polarização, quando em conflito com outros sistemas. (RECUERO, 2009, p. 85).

A ação implementada pelos administradores da OTT-RJ para se comunicar com o público na mensagem original publicada no Facebook teve bastante engajamento e gerou mais de 6,5 mil comentários, 232 compartilhamentos e centenas de comentários. Acredita-se que eles conseguiram atingir o objetivo que era sensibilizar os seguidores e levá-los para o *app*, conforme comentam os usuários abaixo. Em vários comentários no Facebook, eles recebem apoio e são parabenizados pelo trabalho.

Interagente 18 - Parabéns vocês fazem a diferença. Acreditem!

Interagente 19 - Vcs tem credibilidade pq até as emissoras de TV pegam as suas respostas e mostra nos jornais locais

Interagente 20 - Parabens pela atitude. Notei os mais diversos perfis reclamando, mas em momento algum vi um único que dissesse “obrigado” por tudo que fizeram ao longo dos últimos anos. O mundo precisa de gente pré disposta, infelizmente o brasileiro ganha a mão e quer o braço. Obrigado, OTT! Já me salvaram de várias encrencas.

Interagente 21 - Então, vamos de aplicativo! Moro fora do Rio e uso sempre! Facebook, para muitos, já está com os dias contados!

Interagente 22 - Eu tenho vcs marcados no FB para visualizar primeiro e não vi nada sobre a vaquinha

Interagente 23 - Tem quantias certa para a vaquinha?

Interagente 24 - E os animais que foram encontrados graças a esta página? Mais que merecida a ajuda. Não vivo mais aqui no Rio sem vocês.

Interagente 25 - Admiro o trabalho de vocês e sou muito grato por ele. Não fiquei sabendo da vaquinha.

Interagente 26 - Sempre acesso o OTT para ficar alerta

Interagente 27 - Não pensei duas vezes em baixar o app. O OTT é muito útil. Sempre consulto antes de sair à noite ou quando ouço falar de alguma confusão. Não desistam. Vcs ajudam muitas pessoas.

Interagente 28 - As pessoas estão sem noção! Manter uma página atuantes não é fácil, imagina uma que Se dedica à informar “ott” em pleno RJ. Onde as atualizações acontecem a todo tempo, a toda hora! De qqer forma, parabéns pelo trabalho. Aplicativo baixado com sucesso!

Interagente 29 - Trabalho desenvolvido com carinho e boa vontade para o já combalido carioca, que depende de um alerta para ir ou não ao mercado ou até mesmo trabalhar. Vamos em frente!! TMJ!!

Interagente 30 - OTT eu agradeço todas as suas MSN nos alertando!!! Só saiu de casa vendo vcs c as notícias !!! Obrigada por tentar me proteger

Interagente 31 - Sou muito grata a página! Graças a vcs já deixei de passar por lugares perigosos no momento! Obrigada pelo lindo trabalho e preocupação com o próximo!

Interagente 32 - Vcs são ótimos! Confio nas informações de vcs, pq sei que são post de meses oh anos atrás querendo atenção e sim com finalidades seria de alertar a população dos perigos diários. Obrigada!!!

Interagente 33 - Obrigada pelas informações que nos dão. Imagino o trabalho que dá. Infelizmente vivemos em uma cidade que precisamos disso p/ nos guiar e orientar parentes que possam estar em risco sem saber. Obrigada. Vou baixar o app!

Interagente 34 - Parabéns. Sou muito grata a essa página pois faço doutorado no fundão e o trajeto pela linha amarelo é complicado! Todo dia olho antes de me deslocar.

Interagente 35 - Excelente trabalho parabéns a todos os envolvidos. Vcs fazem a diferença tenham certeza disso pois moro em área de risco e sempre sou informada por vocês o que está acontecendo. Grata por tudo.

Interagente 36 - Parabéns e obrigada. Não tenho recebido alertas, mas sei que é coisa do Facebook. Não recebi post da vaquinha; teria ajudado com prazer. Se tiver outra contem comigo.

Interagente 37 - OTT parabéns pelo lindo trabalho de vcs eu mesma quando ia subir a comunidade sempre me informava aqui com vcs primeiro! OTT adoramos vcs!!
PARABÉNS

Interagente 38 - Até ajudar é difícil nesse país!!! Maaas obrigada e parabéns pelo trabalho. Pode ter certeza q salvou muitas vidas e poupou muita gente de traumas!!!

Interagente 39 - Parabéns eu agradeço muito pelo serviço muitas das vezes me protegeu informando que o lugar que eu tinha tiroteio pode contar comigo para a vaquina virtual eu não soube da outra vaquinha, pois desejo ajudar e acho que todos nós que temos o aplicativo deveríamos pois é um serviço prestado ao cidadão muito sério e importante eu sou de Bangu
(OTT-RJ, Facebook, 1º de agosto de 2019)

A publicação também teve repercussão no Twitter com um *retweet*, um *retweet* com comentário e 55 curtidas. Nos comentários, é possível constatar a dúvida dos seguidores com relação à saída do OTT-RJ do Twitter e do Instagram.

Desabafo: <https://t.co/web1iBwH7w>

Interagente 40 - Abandonaram o Twitter?

Interagente 41 - Não tem mais postagem no Instagram?
(OTT-RJ, Twitter, 1º de agosto de 2019)

Aqui analisamos o comportamento dos usuários que comentam as mensagens não só no Twitter, mas na rede OTT-RJ: “Curtir, compartilhar e comentar também acrescentam sentidos, legitimando ou não o conteúdo da mensagem para as redes sociais de cada sujeito” (Recuero e Soares, 2013, p. 247). De modo geral, a interação nas redes sociais se dá através de comentários compartilhamentos e curtidas, elementos, constituídos pelo suporte da mensagem que podem

interferir. Como indicam as autoras, “enquanto a curtida tem um viés positivo que dá ideia de legitimação e apoio, em um comentário pode surgir o questionamento e a discordância”, como visto nas publicações acima.

Por outro lado, alguns seguidores agradecem a iniciativa, mostrando o caráter de contradição que é muito comum na internet que dá vez a uma pluralidade de vozes.

Utilidade Publica - 22/03/2020 às 15:46
Local: São Conrado Rio de Janeiro
Números da COVID-19 no município do Rio:
Atualizados as 14:00h do dia 22/03/20 ... Ver mais

Interagente 42 - Parabéns a página ... Excelente trabalho como sempre

Interagente 43 - Parabéns a página
(OTT-RJ, Facebook, 22 de março às 15h46m)

Outro fato contraditório é que, apesar de ter sido reduzida a quantidade de conteúdo sobre violência no Facebook da OTT-RJ, a *fan page* continua tendo um número representativo de seguidores nos últimos anos (figura 7).

Figura 7 - Números de seguidores da fan page em abril e maio de 2020

The image shows a screenshot of a Facebook page. At the top, there are two sections: 'ade' (likely 'Adesão') and 'Ver tudo'. Below this, there are statistics: 'Convide seus amigos para curtir esta Página', '705.134 pessoas curtiram isso', and '745.302 pessoas estão seguindo isso'. To the right, there is a 'Sobre' (About) section with 'Ver tudo' link. The 'Sobre' section includes: 'Página destinada aos cariocas que enfrentam tiroteios constantes em vários pontos da cidade. Você poderá alimentar e atualizar a todo momento a página.', '705.335 pessoas curtiram isso, incluindo 163 dos seus amigos', '745.477 pessoas estão seguindo isso', the website 'http://www.ondetemtiroteio.com.br/', 'Normalmente responde dentro de algumas horas', the email 'ottregistrorj@gmail.com', and the category 'Entretenimento · Casa'. Below the statistics, there is another 'Sobre' section with 'Ver tudo' link, containing: 'Normalmente responde em um dia', 'Enviar mensagem', 'www.ondetemtiroteio.com.br', 'Entretenimento · Casa', 'Faixa de preço Não aplicável', 'Sugerir edições', and 'Entretenimento · Casa'.

Fonte: FACEBOOK, 2020

O que pode explicar esse movimento estaria no fato de as pessoas seguirem a página pelo interesse que têm pelo assunto “tiroteio”, mas não conferirem se o perfil realmente se atém a publicar esse tipo de conteúdo. Segundo Quintanilha (2009, pelo telefone), com o lançamento do *app*, o grupo não teve receio de perder os seguidores que eles já tinham conquistados nas redes sociais como Facebook e o Twitter. De acordo com ele, o número de seguidores nas redes sociais aumentou quando foi feita a migração para o *app*.

Além disso, em uma ação realizada por eles para divulgação de um conteúdo que não era sobre violência foi bem-sucedida. Um dos casos aconteceu, em 28 abril de 2019, quando foi feito uma alerta, por volta das 19h, do registro de rajada de vento forte na Base Aérea de Santa Cruz (66,7 km/h). No tweet, eles usam como fonte um *link* da Rede de Meteorologia da Aeronáutica (REDEMET). Apesar de o alerta não ser sobre criminalidade, o tweet teve dezenas de curtidas e comentários (figura 8).

Figura 8 - print da publicação do dia 28 de abril de 2019, às 7h50m



No mesmo sentido, um outro exemplo de 26 de junho 2019, a OTT-RJ fez uma publicação sobre uma pane num trem de Belford Roxo com uma explosão. O post teve 250 curtidas, 78 *retweets*, 19 comentários, 20 *retweets* com comentários, a publicação que mais teve repercussão em todo o período pesquisado. Como explicam Recuero e Soares (2013, p. 247), a curtida tem uma carga positiva de legitimação e apoio, mas é no comentário que pode surgir o questionamento e a discordância. O que chama atenção é que, novamente, um assunto de utilidade pública e não sobre criminalidade. Na maioria dos comentários, os seguidores voltam a reclamar do poder público em função da falta de estrutura da rede ferroviária.

Interagente 44 - Vergonha

Interagente 45 - @ rodrigomattar48 todos conseguiram escapar, Rodrigão.

Interagente 46 - É só mais uma ocorrência, já caiu na normalidade!

Interagente 47 - Meu Deus!!!!

Interagente 48 - Meu Deus, todo dia uma coisa diferente, saímos e ã sabemos se conseguiremos chegar em casa salvo

Interagente 49 - ... Algum comunicado? Ou vamos esperar até amanhã para encontrar o ramal com problemas no horário? Porque não informar com antecedência os usuários do Ramal?

Interagente 50 - Vergonha essa supervia. Pego os trens desse ramal e infelizmente é isso que passamos diariamente.

Interagente 51 - Será que amanhã o pessoal vai conseguir trabalhar??

Interagente 52 - Que absurdo

Interagente 53 - Absurdo a falta de investimento em infraestrutura e segurança pela Supervia

Interagente 54 - Mas uma amostra do descaso com o ramal Belford Roxo.

Interagente 55 - Esse Ramal é incêndio atrás de incêndio, só quem tá ali dia a dia sabe como é. O que é mais curioso é que mesmo com esses acontecimentos todo, a @SuperVia_trens não toma a atitude em colocar trens melhores no ramal, essa supervia é uma vergonha.

Interagente 56 - Meu pai amado

Interagente 57 - que loucura. Nunca vi isso, mas já desconfiava que pudesse acontecer. Sempre vi faíscas saindo de cima das antenas do trem.
(OTT-RJ, Twitter, 28 de junho de 2019)

O que mais chamou atenção entre as publicações desse período foi uma postagem do dia 23 em que eles agradecem na legenda o empenho das jogadoras da Seleção Brasileira de Futebol. Neste mês, foi o post que mais teve interações com 261 curtidas e 30 *retweets*. É uma tendência que aponta que os usuários das redes sociais estão mais atentos e dispostos a interagir nas postagens que traz em um discurso mais positivo. Nesse caso, é um conteúdo fora do contexto do que é publicado pela OTT-RJ, um discurso com um tom oposto ao que é postado nessa plataforma e talvez, por isso, tenha chamado a atenção dos usuários da página que estão acostumados com notícias de criminalidade que são publicadas diariamente na ferramenta. Além disso, o conteúdo que carrega um conteúdo emotivo e de superação em que os administradores chamam as jogadoras de heroínas, pedem que tenham força e não desanimem, o que acabou conquistando os seguidores.

Onde tem Tiroteio - RJ
@RJ_OTT
23/06 -18:40h

Não foi dessa vez, mas não desanimem, vocês são nossas heroínas e nossa força. Parabéns as mulheres da Seleção Brasileira de Futebol. Vocês são 10.

Interagente 58 - Lutaram com garra até o final. Mulheres valentes!

Interagente 59 - ... ainda não são as nossas heroínas, mas quando começarem a ganhar aí serão !
(OTT-RJ, Twitter, 23 de junho de 2019, às 18h40m)

1.5 A OTT-RJ no Twitter - @RJ_OTT:

No perfil da OTT no Twitter, é possível constatar que a conta foi aberta em janeiro de 2016 com o nome “Onde Tem Tiroteio” e com a identificação @RJ_OTT. Em maio de 2020, eles contam com 145.082 seguidores e com a publicação de 25.231 *tweets*. Em 2 de outubro de 2021, o perfil tinha alcançado 177.646 seguidores.

Uma publicação ficava exposta de forma fixa na página principal da OTT-RJ no Twitter traz um link que leva o usuário para uma postagem do Facebook do dia 20 de julho de 2019, em que comunicam a mudança de perfil das publicações. As postagens da OTT-RJ no Facebook e no Twitter seguiam o mesmo padrão. Sempre precedido pelo enunciado “OTT informa:”, o alerta era feito tanto em formato de texto quanto a partir da combinação de fotos e/ou vídeos acompanhados de uma descrição (tiroteio, assalto, arrastão) e o local da ocorrência. No segundo semestre de 2021, eles passaram a usar como publicação fixa o vídeo da OTT 360 com a legenda “cidadão para cidadão”.

Já em fevereiro de 2021, o perfil da OTT-RJ mudou a descrição da página no Twitter (figura 9). Podemos constatar uma forma de mudança de atuação da página que passa a ter um perfil mais analítico das informações do que apenas descrito dos fatos.

Figura 9 - Nova descrição da página OTT-RJ no Twitter



Fonte: TWITTER, 2021

Uma das principais diferenças do funcionamento do Facebook para o Twitter é o fato de que esta última tem uma aba (e não um botão) chamada “curtida”. Nela, são exibidas as publicações sobre ocorrências de criminalidade feita por seguidores e que marcaram a OTT-RJ na postagem, isso quer dizer, que eles incluíram no texto do *tweet* o nome do perfil da @RJ_OTT. Todos os tweets que recebem essa marcação aparecem nessa seção.

Interagente 60 - Bala comendo aqui na Taquara, muito tiro, Policiais correndo na contra-mão na Rua André Rocha, saindo da UPA em direção ao R9. @RJ_OTT

Interagente 61 - Tiros no Morro dos Prazeres, em Santa Teresa. 3 pessoas morreram. Suposto confronto entre traficantes e policiais da PMERJ (23:04) #TirosRJ @RJ_OTT

Interagente 62 - Em respostra a @Gabii_teles. @RJ_OTT
(OTT-RJ, Twitter, 11 de junho de 2020)

É uma forma de os internautas disponibilizarem conteúdo de maneira colaborativa ao postar a informação no Twitter e de notificarem os administradores da OTT-RJ sobre alguma ocorrência de crime. Esse tipo de dinâmica não acontece no Facebook que apresenta condições tecnológicas diferentes. Na *fan page*, não são exibidas as publicações em que os usuários fazem uma citação a ela. Numa segunda forma de publicação (além da exibição do *post* no perfil inicial do Twitter), os seguidores também podem retweetar o conteúdo postado pela OTT-RJ, que é uma espécie de compartilhamento do tweet. Acessando os botões no lado inferior da postagem, é possível comentar, retweetar, curtir e compartilhar os alertas.

1.6 A OTT-RJ no Instagram - @onde_tem_tiroteio:

A página do Instagram @onde_tem_tiroteio tinha 135 mil seguidores em maio de 2020 e mais de 13.800 publicações. Na ocasião, eles seguiam apenas 228 usuários, demonstrado a unilateralidade da plataforma. Já em dezembro de 2021, eram 152 mil seguidores e 15.100 publicações.

Neste aplicativo, o *instagramer* pode seguir um usuário e não, necessariamente, ser seguido por ele. Isso porque o Instagram é marcado por uma conexão não recíproca. Já no Facebook, a partir do momento em que uma pessoa aceita o convite para ser amigo de uma outra, eles têm acesso ao perfil do outro.

Na descrição da OTT-RJ no Instagram, havia um breve texto com a informação “Por pura diversão”, um dado contraditório no que se refere ao objeto principal do perfil que é a violência. Logo abaixo, eles afirmam ainda que a página é destinada a ajudar cariocas a fugirem de tiroteio e balas perdidas. Como forma de reforçar o funcionamento do *app*, eles incluíram

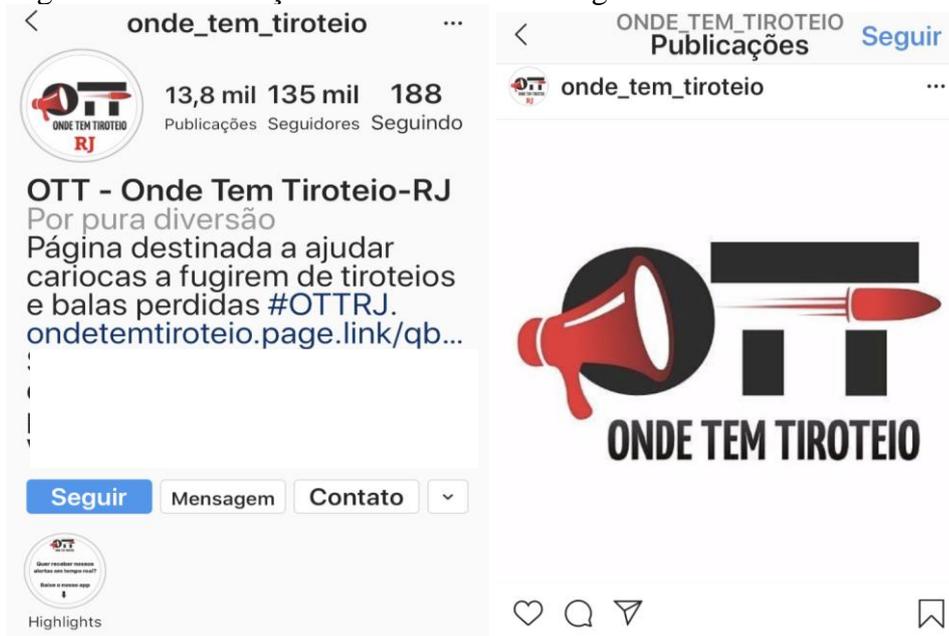
também o link para que o usuário baixe a última versão do aplicativo. Na nova versão do perfil, eles incluíram apenas o perfil de dois administradores da rede que podem ser acessados para casos de pedido de publicidade e solicitação de suporte (@denniscoli e @mvvbaptista).

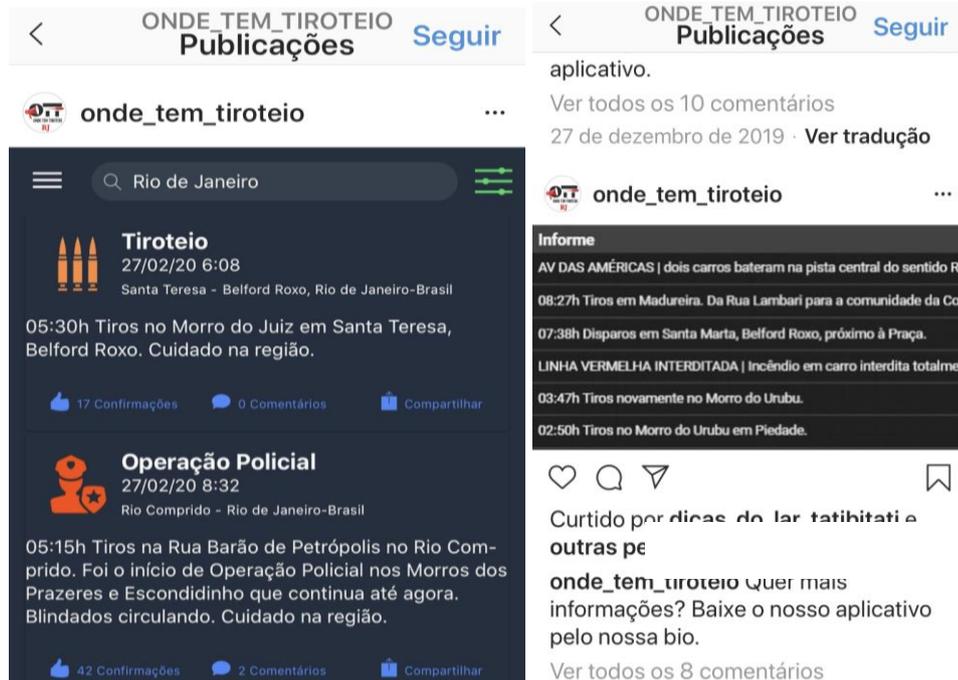
A reformulação do perfil da rede também foi feita no perfil do Instagram. Eles passaram a utilizar a foto do novo logotipo “OTT 360 - cidadão para cidadão” como imagem nas publicações e os alertas estavam descritos na legenda do post da seguinte forma: “OTT informa:”, seguido pelo dia ocorrência, hora, descrição do alerta e rodapé chamando para baixar o app”. Depois de agosto de 2021, eles passaram a usar o vídeo da OTT 360 nas postagens.

Onde_tem_tiroteio - OTT-RJ INFORMA
 01/10 – 08:15h
 Tiros no Morro dos Prazeres em Santa Teresa/Rio Comprido.
 #OTTRJ
 Acesse o nosso aplicativo para mais informações, confirmações, fotos e vídeos
<https://ondetemtiroteio.page.link/qbvQ>
 (OTT-RJ, Twitter, 1º de outubro de 2020, às 8h15m)

No *feed* do perfil da OTT-RJ no Instagram, as publicações mais recentes eram *prints* da tela do aplicativo, aproveitando as informações que já foram postadas nesta plataforma. Na legenda, eles convocam o usuário a baixar o aplicativo. Essa dinâmica de postagem começou em 27 de dezembro de 2019 quando eles anunciaram que o *app* estava disponível no Brasil. Antes, os textos com as informações sobre criminalidade eram postados na legenda e a foto era uma imagem fixa com a palavra “tiros” em letras vermelhas ou o logo do OTT-RJ. Já nas publicações em que eles tinham acesso ao vídeo ou à foto da ocorrência, estas eram postadas como forma de ilustrar a postagem (figuras 10).

Figuras 10 - Publicações da OTT-RJ no Instagram





Fonte: INSTAGRAM, 2020

Em 2021, a OTT mudou essa dinâmica e ganhou novo layout nas postagens (figura 11).

Figura 11 - Novo layout da OTT nas postagens do Instagram



onde_tem_tiroteio Tiroteio -
02/10/2021 às 13:30h
Local: Jardim Bela Vista - Campo
Grande Rio de Janeiro

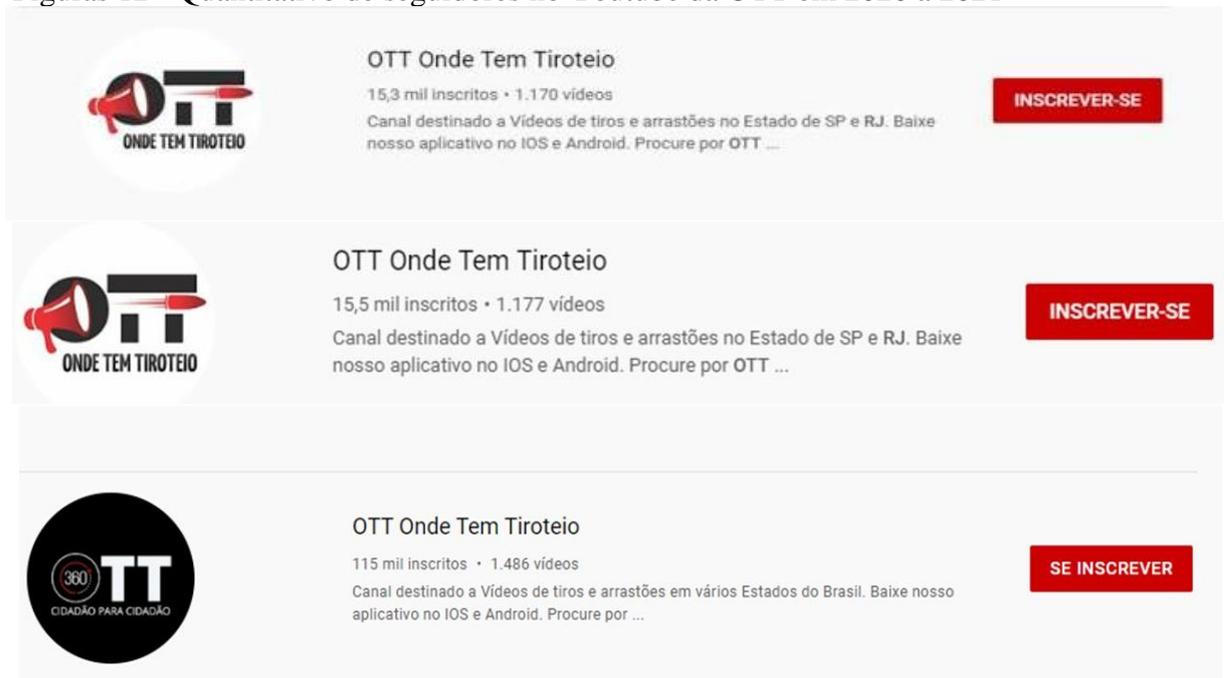
Fonte: INSTAGRAM, 2021

1.7 A OTT-RJ no Youtube – OTT Onde Tem Tiroteio

A página da OTT-RJ no Youtube foi criada em 23 de setembro de 2016 e, em maio de 2021, tinha 2.361.612 visualizações, segundo as informações do menu “Sobre” (Youtube, 2021). Na descrição, eles afirmavam que o canal é destinado a vídeos de tiros e arrastões não só do Rio, mas de SP também, uma informação diferente das outras plataformas do grupo que se dedicam ao estado fluminense ou capixaba (ES). Os administradores mantêm a convergência convocando os seguidores a baixarem o aplicativo nos sistemas operacionais iOS e Android procurando pela identificação OTT ou por Onde Tem Tiroteio.

É possível constatar ainda que a quantidade de seguidores do canal aumenta exponencialmente. Em uma observação no perfil no Youtube no mês de abril, havia 15.300 inscritos e 1.170 vídeos publicados. Em maio, menos de um mês depois, já eram mais de 15.500 inscritos (figura 12). Em outubro de 2021, eram 115 mil inscritos, com 1,4 mil vídeos postados e 50.907.886 visualizações.

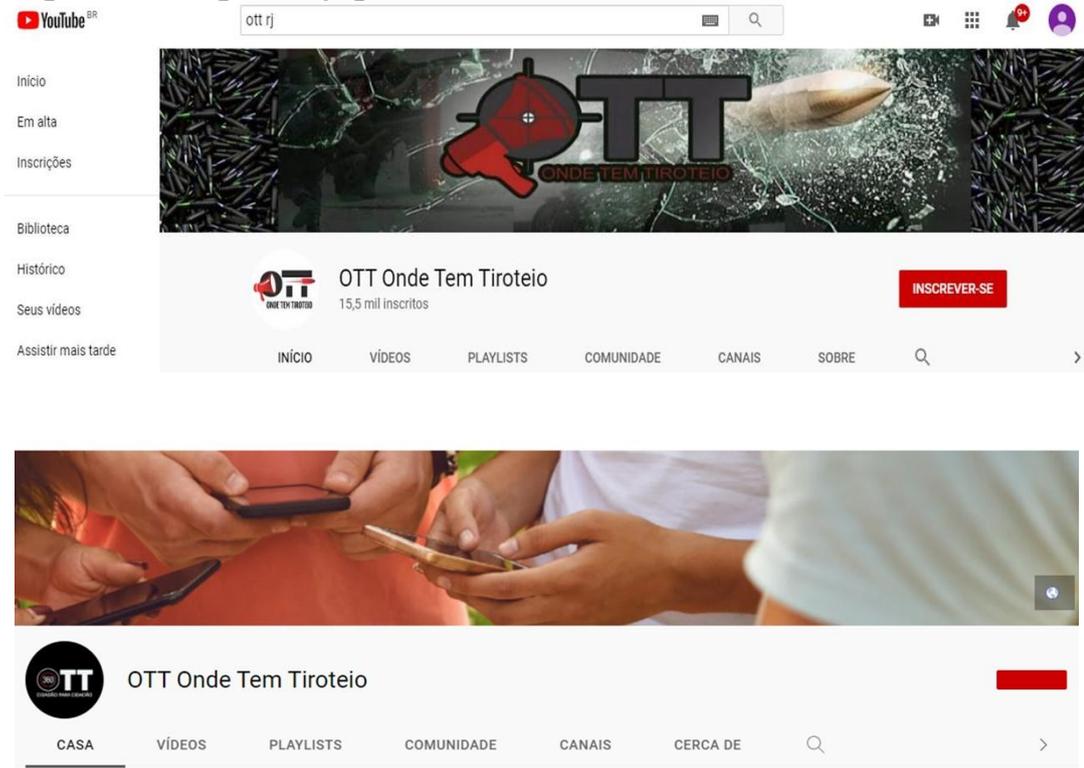
Figuras 12 - Quantitativo de seguidores no Youtube da OTT em 2020 a 2021



Fonte: YOUTUBE 2020/2021

Outro fato que chama atenção é que o banner na página principal do canal da OTT no Youtube apresenta uma imagem diferente do logotipo novo que os administradores usam nas outras plataformas. Essa opção dá destaque a símbolos que remetem à violência como cápsulas de arma de fogo. Já em 2021, eles também fizeram uma atualização da página nesta plataforma e trocaram a imagem de abertura do perfil (figura 13).

Figura 13 - Imagens da página da OTT no Youtube em 2020 e 2021



Fonte: YOUTUBE, 2020, 2021

Com relação aos vídeos publicados no Youtube da OTT, os conteúdos têm em média um minuto de duração e recebem centenas de visualizações e comentários (figura 14).

Figura 14 - Série de vídeos postados no Youtube da OTT



Fonte: YOUTUBE, 2020

Além disso, o material é apresentado com a marca d'água do logotipo da OTT como forma de permitir o compartilhamento apenas com a identificação do autor. Ou seja, os vídeos

são feitos e enviados de forma colaborativa pelos moradores, mas quando publicados pela OTT, eles levam a assinatura da plataforma. É nesse formato que eles podem ser compartilhados.

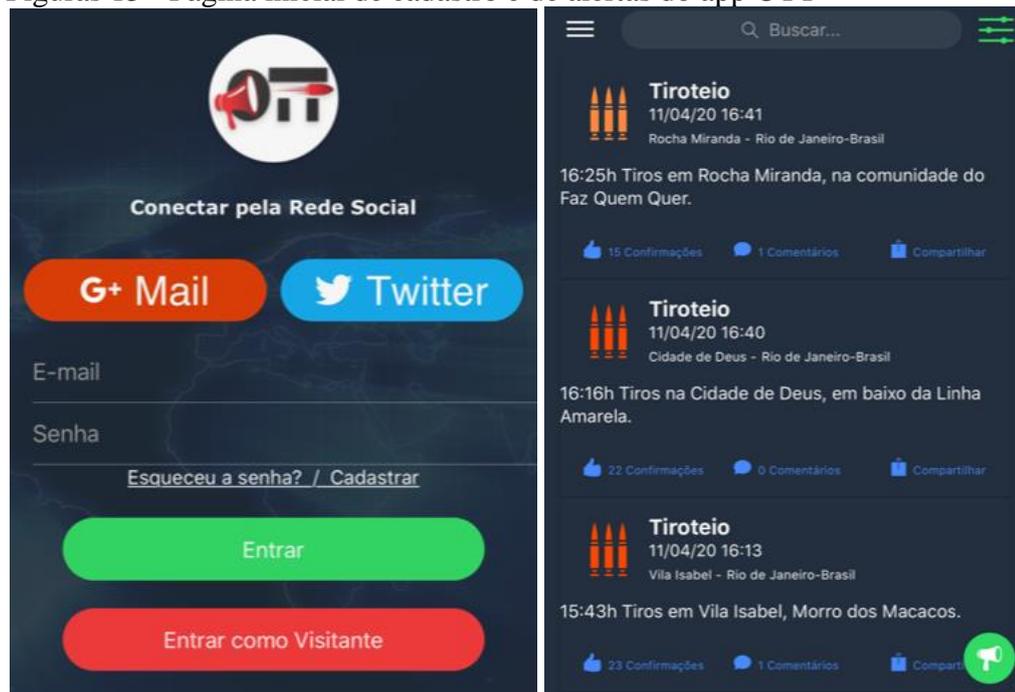
1.8 O *app* OTT

O *app* foi criado em 2018 e colocado no ar em 2019. Atualmente, é a principal fonte de informação dos administradores da OTT-RJ. A atualização dele vem sendo feita constantemente e ele já está na 12ª versão. Entre as informações de funcionamento que aparecem na descrição do aplicativo, estão a pontuação do *app* classificado com três estrelas, sendo parte da categoria “Utilidade” e com indicação etária para mais de 12 anos, descrito como conteúdo de violência realista, infrequente e moderada. Ele começou a ser usado, primeiramente, no Rio de Janeiro e, no final de 2019, ele chegou a São Paulo.

Quando o *app* foi colocado no ar, Quintanilha (2019, por telefone) disse que haveria uma redução na publicação das informações sobre criminalidade postadas no Facebook onde seriam postados apenas as informações focadas em utilidade pública, como já mostrado.

O *app* tem um *layout* bem diferente do utilizado no Facebook, de fundo preto, ao centro superior apenas a logomarca da OTT como forma de identificação visual e reforço de marca. A interface é mais amigável do que o Facebook e ele pode ser baixado pelo Android (*Google Play*) ou *Iphone* (*Apple Store*). Para acessá-lo, é preciso fazer o cadastro com dados de usuário e senha ou ainda utilizar informações do Gmail ou do Twitter (figura 15).

Figuras 15 - Página inicial de cadastro e de alertas do *app* OTT

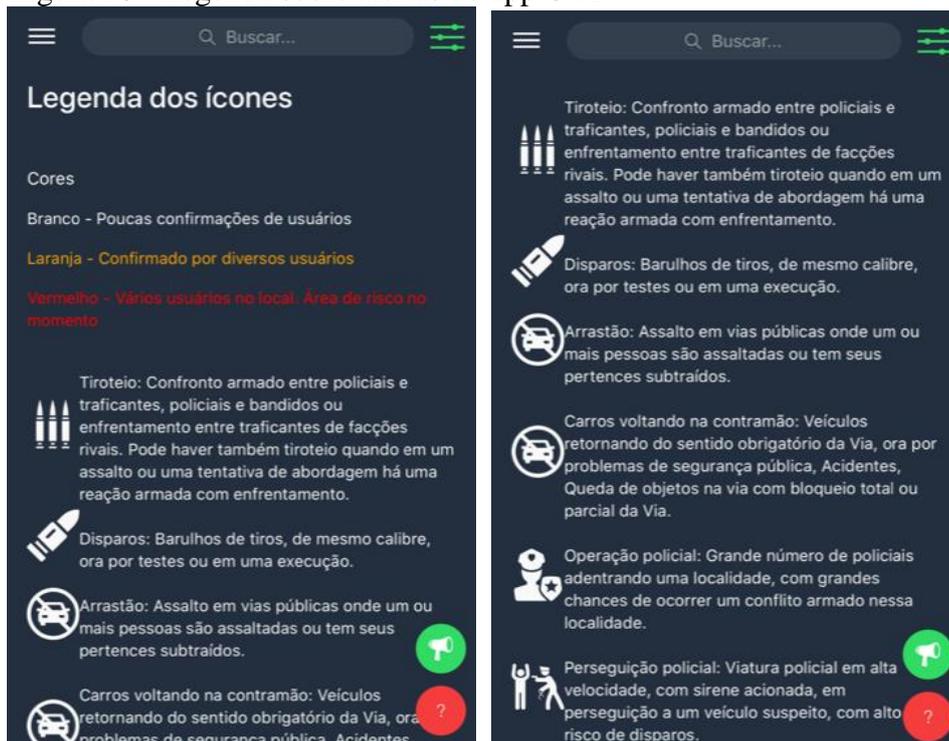


Fonte: APP OTT, 2020

Outra opção é entrar no *app* como visitante. Numa segunda etapa, a página traz informações sobre o funcionamento do envio de alertas que são informados num raio de abrangência de 300 quilômetros da localização atual do usuário. No próximo passo, é possível acessar as primeiras postagens.

Seguindo na sequência, o *app* leva o usuário para um menu com as legendas de ícones explicando o que cada imagem significa com relação ao tipo de informação que foi postada, numa espécie de dicionário de ícones da criminalidade. Entre elas, estão tiroteio, disparos, arrastão, operação e perseguição policial (figura 29). Ao lado das imagens, é exibida uma breve explicação sobre cada ocorrência. Há também informações sobre o uso das cores dos ícones que indicam a quantidade de confirmações que um determinado alerta teve por parte dos usuários, sendo as seguintes: branca (poucas confirmações), laranja (diversas) e vermelha (várias). Nesse último caso, há ainda um alerta para o uso de área risco no momento (figura 16).

Figura 16 - Legenda sobre alertas do app OTT



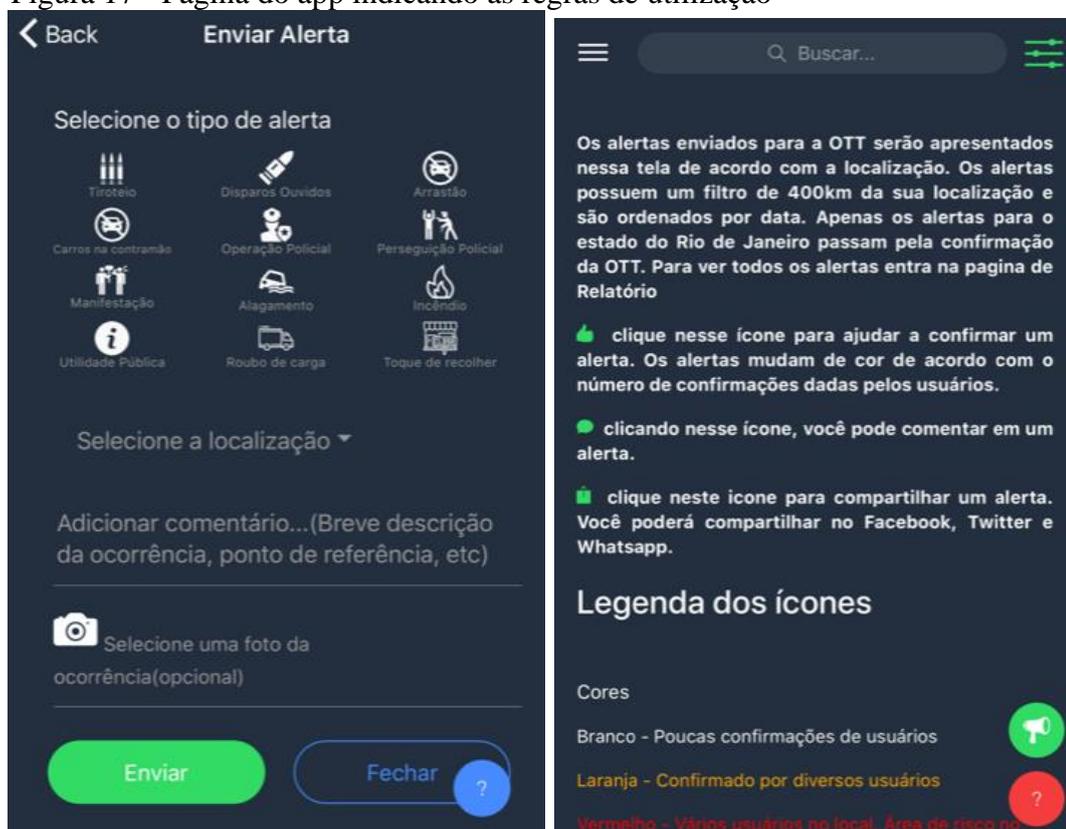
Fonte: APP OTT, 2020

Além de o *app* ter um *layout* bem diferente do utilizado no Facebook, a lógica de funcionamento dele também é outra. Em 2019, na versão do aplicativo OTT-RJ que funciona no Brasil, as informações dos usuários chegavam aos administradores pelo Facebook, WhatsApp, Twitter e eram redirecionadas para o Telegram, um canal que só eles têm acesso. Um dos quatro que estava de plantão naquele momento fazia a confirmação do alerta de forma

manual em outros grupos dos quais eles fazem parte. Depois de confirmada, a informação era publicada no *app*.

No ano de 2020, foi implantada no estado do Rio a dinâmica que já era utilizada em outras regiões do país. Nesse caso, o próprio usuário é quem publica a informação no *app*, sem intermédio dos administradores. O manuseio do *app* é autoexplicativo e ele apresenta um passo a passo sobre como publicar informação (figura 17). Segundo Quintanilha (2019, por telefone), ao dar mais autonomia para o usuário, a ideia também é diminuir o trabalho dos administradores.

Figura 17 - Página do app indicando as regras de utilização



Fonte: APP OTT, 2020

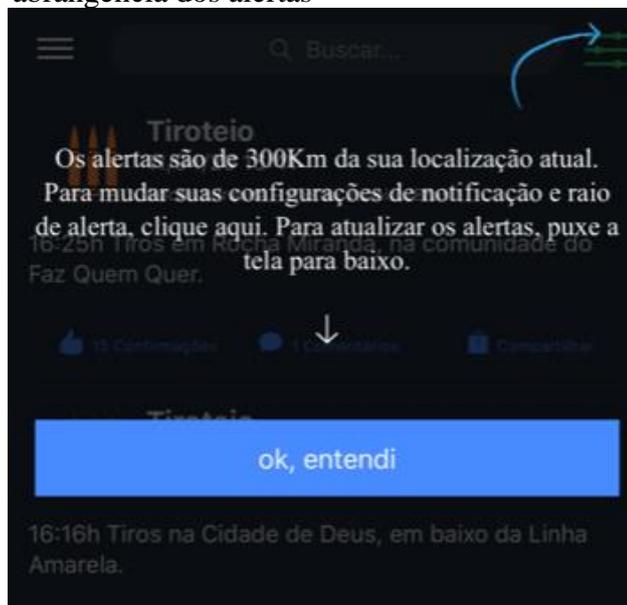
Neste último, o cidadão ganha um papel importante que ele não tinha no Facebook, Twitter e Instagram, ao se tornar responsável por todo processo que vai desde produzir o conteúdo (filmar e fotografar), passando pela inclusão e publicação no *app* até confirmação das informações. Pode-se pensar que se trata do processo realizado de forma mais colaborativa em comparação às outras quatro plataformas da rede OTT-RJ. No *app*, o usuário tem 100% de autonomia, atua de forma autônoma e voluntária, diferente dos outros recursos que precisam do intermédio dos administradores. Esse tipo de prática só é possível no *app*. Mas, mesmo

assim, os fundadores da OTT-RJ ainda têm uma parcela de gerenciamento que é fazer a ferramenta funcionar e mantê-la ativa.

Com relação ao recebimento e envio dos alertas, o algoritmo e a geolocalização têm papéis fundamentais. Pela regra do algoritmo estipulada pelos administradores da OTT-RJ que criaram o aplicativo, são mantidos apenas os alertas confirmados por outros usuários, como forma de checar a autenticidade da postagem. Essa confirmação é feita no próprio aplicativo ao acionar o botão de confirmação. De acordo com as cores determinadas pelo *app*, é possível ter um indício do quantitativo de confirmações. Por outro lado, se ninguém confirmar, o algoritmo entende que não houve engajamento e deleta os dados automaticamente da rede em 15 horas. Quanto mais confirmações a informação tiver, mais tempo ela fica em destaque na página principal.

Os usuários do *app* podem escolher um raio de distância dentro de até 300 quilômetros (figura 18) para receber notificações na hora, funcionando numa lógica de semelhante à implementada no aplicativo de navegação Waze (Google, 2020). Ao usar o aplicativo, é possível ter acesso apenas aos alertas da região determinada pela geolocalização. Ou seja, quem está no estado do Rio não consegue ver os alertas divulgados em São Paulo, por exemplo.

Figura 18 - Página do app indicando o raio de abrangência dos alertas



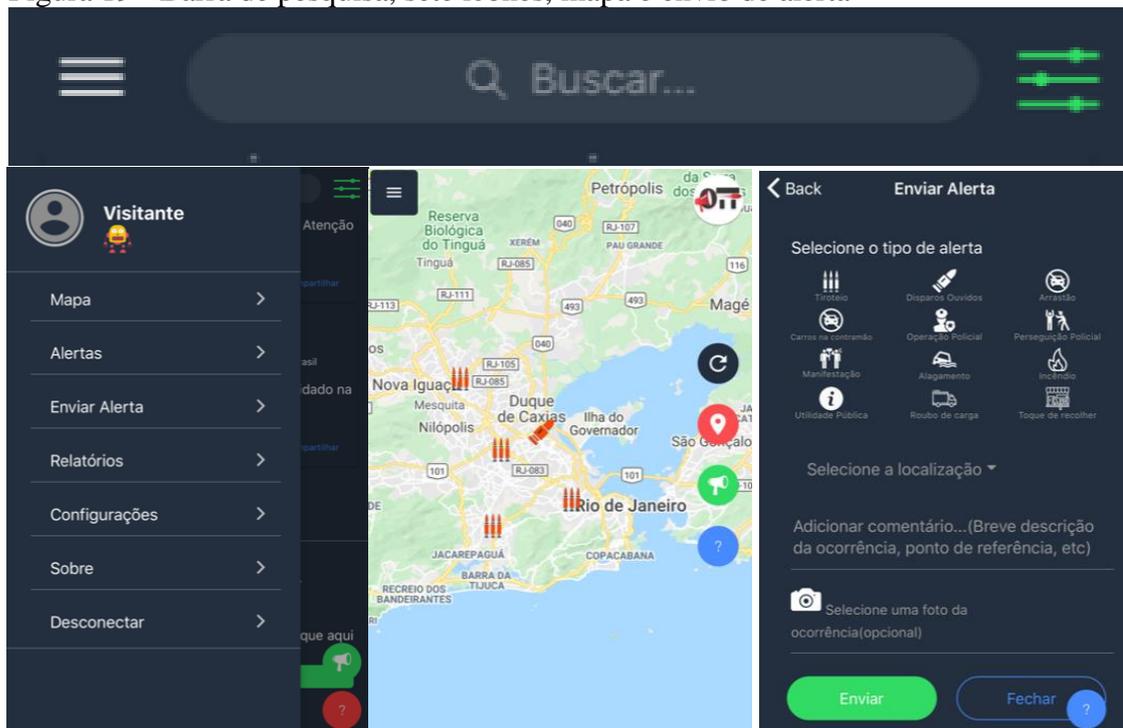
Fonte: APP OTT, 2020

Outra diferença do *app* para o Facebook é que o aplicativo permite que o usuário realize uma pesquisa dos alertas já postados de forma fácil, sem a necessidade de ter que rolar o *feed* de notícias para achar o conteúdo desejado. No *app*, basta escolher a data desejada acessando no calendário o período que deseja visualizar as informações.

Os botões de configuração do *app* ficam localizados dos dois lados da tela, entre a barra de pesquisa (figura 19). Ao clicar do lado esquerdo, há sete menus: o primeiro deles refere-se ao “Mapa” que indica onde estão ocorrendo as ocorrências (dentro deste, há acesso para outros quatro ícones do lado esquerdo – atualização, localização, tipo de ocorrência e ajuda; no segundo, há a exibição dos alertas em ordem cronológica.

No terceiro menu – envio de alerta (figura 19) - o seguidor pode encaminhar uma ocorrência para ser postada. Nesse processo, ele pode selecionar o tipo de alerta pelo ícone disponível, escrever a localização, adicionar comentário ou uma breve descrição da ocorrência com um ponto de referência do local da ocorrência e incluir uma foto de forma opcional. Depois disso, pode-se acionar o botão “Enviar” para publicar a informação no aplicativo. Ressaltamos aqui a dinâmica em que o próprio seguidor atua de forma autônoma. Nesse momento, acontece a parte mais importante do funcionamento do *app* e de toda rede OTT-RJ em que o usuário ganha destaque em todo processo colaborativo.

Figura 19 - Barra de pesquisa, sete ícones, mapa e envio de alerta



Fonte: APP OTT, 2020

No quarto menu, é possível gerar relatórios clicando apenas no dia em que deseja pesquisar (figura 20). O quinto é sobre configurações que permitem selecionar o tipo de alerta, o raio de abrangência da localização dos informes que deseja pesquisar, responder ainda se quer receber notificações no celular ou informações de utilidade pública, e o tipo de idioma que deseja (português, inglês ou espanhol). O sexto botão “Sobre” traz informações sobre o

funcionamento da plataforma. Por fim, o último permite desconectar o usuário do *app*. Já do lado direito da tela do *app* está o menu “Configurações” em que se repetem os mesmos comandos já mencionados.

Figura 20 –Ícones de calendário, configurações, compra, Sobre e Log Out



Fonte: APP OTT, 2020

A interface de funcionamento do *app* é bem melhor do que a do Facebook, mas a entrada de anúncios ao acionar todos os botões do menu trava a visualização e torna a navegação lenta, interferindo na usabilidade da plataforma. A cada ícone clicado, um *banner* com um anúncio é exibido e não há opção de fechá-lo por cinco segundos. Em 2019, a inclusão de propagandas estava sendo feita de forma discreta e eles tinham apenas parceria com o Google. Quintanilha (2019, por telefone) chegou a falar, na época, que havia interrompido a ideia de ter anúncio

porque precisava de alguém para organizar, preparar, estudar e fazer propostas. Naquela ocasião, segundo ele, o *app* funcionava sem contrapartida financeira.

Mas em 2020, o *app* já apresenta formas de rentabilizar os acessos dos usuários e gerar receita com isso. Um anúncio do Globo Play é exibido de forma fixa no rodapé das páginas do *app*. Outros vídeos de anúncio surgem ao longo do processo, sempre interrompendo a navegação de forma temporária (figura 21).

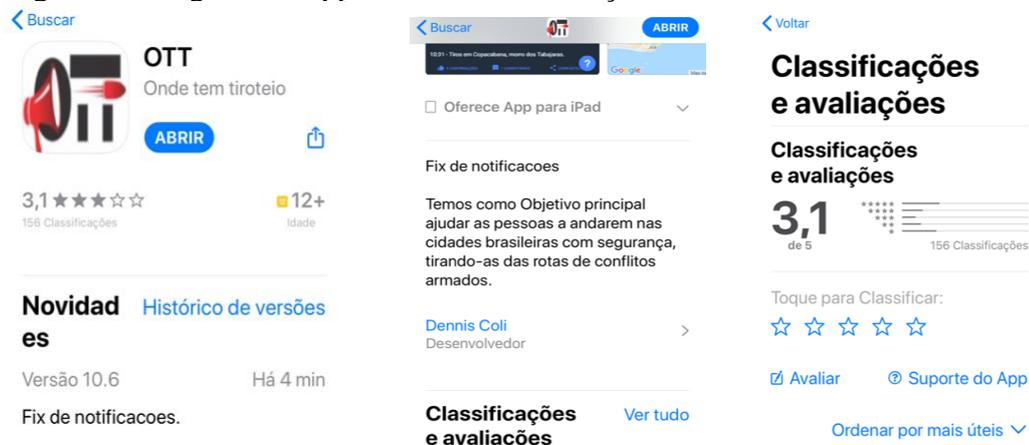
Figura 21 - Anúncio exibido no *app* da OTT



Fonte: APP OTT, 2020

Os problemas na interface do *app* podem ser constatados nos comentários dos usuários da *App Store*, página da *Apple Store* (2020)¹⁰ que é acessada para baixar o aplicativo da OTT. Podem-se visualizar inúmeras reclamações sobre a performance da ferramenta (figura 22).

Figura 22 - Páginas da *Apple Store* com avaliação sobre a OTT



¹⁰ A *App Store* é a loja oficial de aplicativos para o sistema operacional iOS, da *Apple* de um serviço de distribuição digital de aplicativos desenvolvido e operado pela *Apple Inc.* A loja permite que os usuários naveguem e baixem aplicativos desenvolvidos com o kit de desenvolvimento de *software* para iOS.

Comentários dos usuários do app da OTT

Interagente 63 - Não tem atualizado. Aplicativo muito útil, mas há 1 semana está apresentado problemas com as atualizações.

Interagente 64 - O programa tem uma idéia inovadora e boa, mas peca, e muito, na funcionalidade e visualização. O mapa trava e o texto não se adapta direito à tela

Interagente 65 - As notificações do app, no iOS do iPhone, estão vindo triplicadas.

Interagente 66 - A intenção do app é boa, mas é muito mal desenvolvido.

Interagente 67 - Não consigo ler os comentários porque qdo abre, some imediatamente sem dar tempo de ler.

Interagente 68 - Prezados, Qual a utilidade dos vídeos, principalmente dos tiros, se os mesmos não tem som?
(OTT-RJ, *App*, 2020)

No processo de modernização do aplicativo, em 2021, uma nova funcionalidade começou a funcionar.

A gente tá criando uma nova funcionalidade também, que é um Círculo 360, onde as pessoas podem agregar dentro desse círculo imaginário até dois membros da família e aí caso algum membro da família passe em algum local muito perigoso e ela sofra um risco ela vai apertar um botão no aplicativo e a pessoa que está dentro do círculo vai receber um alerta de que alguém está em perigo” (QUINTANILHA, 2021, POR TELEFONE).

1.9 Sobre o *App* OTT no mundo:

Em fevereiro de 2019, os administradores da OTT-RJ colocaram em prática a expansão do funcionamento do *app* para outros países. Desde então, uma versão da plataforma pode ser baixada por moradores de regiões da Europa como Espanha e Portugal, apesar de não haver nestas regiões o mesmo quantitativo de ocorrências como acontece no Brasil. Assim como no Brasil, a lógica de funcionamento do *app* em outras partes do mundo conta com a colaboração do usuário. É ele quem posta e confirma a informação por meio do botão de confirmação.

O objetivo principal do grupo é ampliar o alcance do *app* para toda a América Latina em curto prazo. Segundo Quintanilha (2019, pelo telefone), México, Venezuela, Colômbia têm características de criminalidade semelhantes às que ocorrem no Brasil. “O México é um país similar ao Brasil porque é violento, tem tráfico de drogas e tiroteio que eles chamam de *Balacero*. São informações de brasileiros que moram lá e que incluem os dados no aplicativo”. Já de acordo com Collin (2019, pelo telefone), o *app* é utilizado também nos Estados Unidos, país que tem um número reduzido de índices de violência. Nessa região, a maioria das informações incluídas no *app* é sobre alerta de queimadas, principalmente, na Califórnia.

Visando à expansão na América Latina, as informações do *app* foram traduzidas para os idiomas inglês e espanhol e estão presentes também em países de língua portuguesa. Dependendo do país, o idioma utilizado é alterado de acordo com a geolocalização, mas como o aplicativo só fornece conteúdo em espanhol e inglês, as informações são exibidas somente neste último idioma (considerado universal) nas regiões em que não há predominância dessas línguas. A previsão é que a tradução para francês e alemão seja feita a curto prazo.

Para se ter uma ideia da abrangência do *app* OTT, um levantamento feito por Collin, em 2019, mostrou que a ferramenta contava, na época, com usuário de vinte países (tabela 1).

Tabela 2 - Dados de acessos por país e de usuários do *app*

País	Números de usuários
Brasil	198 mil
Estados Unidos	1.500
China	100
Alemanha	99
Canadá	50
França	49
Argentina	40
Espanha	21
África do Sul	10
Bolívia	10
Índia	9
Austrália	9
Colômbia	8
Suécia	5
Romênia	3
Peru	2
Angola	1
Moçambique	1
Namíbia	1
Polônia	1

Fonte: COLLIN, 2019

Analisando a lista, podemos observar que o Brasil, país que deu origem ao aplicativo, conta com o maior número de usuários na ferramenta. Em segundo lugar, aparecem os Estados Unidos. Uma das explicações é o fato de o criador do aplicativo morar num estado americano e fazer a divulgação do recurso pelos meios de comunicação da localidade. Em seguida, constam na lista China, Alemanha, Canadá e França. Na outra ponta, com menos seguidores, estão Angola, Moçambique, Namíbia e Polônia, com apenas um usuário cada um deles.

2 A EXPERIÊNCIA DIGITAL DO MEDO

Neste capítulo, aprofundamos as questões relacionadas às condições de possibilidade tecnológica do Facebook (primeira rede social escolhida pelos administradores da OTT-RJ para dar início ao projeto), seus recursos, características, particularidades, usos e experiências. Para isso, serão levadas em consideração as questões que envolvem o funcionamento desta rede social de acordo com os critérios de instantaneidade, imediatismo e geolocalização. São recursos que variam de acordo com a plataforma: Instagram, Twitter, Instagram e Youtube.

Além disso, discutimos os desafios encontrados pela OTT-RJ e que fizeram os seus administradores decidirem migrar dos sites de redes sociais para o aplicativo, entre eles, a interferência dos algoritmos na percepção da violência e as *fakes news* que frequentemente circulam nestes ambientes. Nesse contexto, fazemos ainda um mapeamento das *fan pages*, perfis no Twitter e aplicativos que surgiram na esteira da OTT-RJ e publicam alertas sobre crimes.

2.1 Condições tecnológicas da rede OTT-RJ e a visibilidade do medo

Ao buscar fazer uma interface entre ciberespaço, espaço físico e mobilidade, com referência às novas práticas de espaço urbano, ressaltamos o papel das redes sociais digitais que se mostram importantes à medida que exibem a criminalidade. Elas fazem com que a realidade da violência passe a fazer parte ainda mais do dia a dia de seus usuários.

É preciso, no entanto, problematizar os efeitos e o papel dos sites de redes sociais na percepção da violência, já que expõem e permitem compartilhar o que acontece de forma quase imediata. Ao abarcar as publicações de imagens de violência, a rede OTT-RJ ressignificaria a experiência do medo, motivando o cidadão a colaborar com os alertas ou a seguir a rede de modo a se proteger. Esse movimento corrobora com o que defendem Bakir e Mc Stay (2017, p.5, tradução livre¹¹) ao afirmarem que uma das características da mídia contemporânea é ser altamente emotiva.

Especialmente no Rio de Janeiro, uma dessas emoções que facilmente podem ser mobilizadas é o medo. Ele é um dos afetos mais significativamente presentes na contemporaneidade e uma sensação inerente à natureza humana. Sabendo que essa problemática abrange várias perspectivas filosóficas, iremos nos ater ao conceito de forma mais

¹¹ “A fourth feature of contemporary media is that it is increasingly emotionalized” (Bakir e Mc Stay, 2017, p.5)

ampla. Na visão de Agamben (1998), o medo “foi remetido às bases do poder instituído, que, garantindo para si o monopólio da violência, secreta a sensação de uma vida nua que pode ser assim expressa: se permanecemos vivos, é porque nos deixam continuar existindo”.

Uma discussão sobre o medo na sociedade moderna como, por exemplo, perder o emprego e ser atingido por um evento natural ou pela violência é capaz de afetar os indivíduos e ameaçar a encurtar a vida desses (Bauman, 2008). Ao apresentar uma visão mais moderna sobre o conceito, o autor afirma que o que mais amedronta é a ubiquidade dos medos que podem ser vistos em qualquer canto, nas ruas escuras, locais de trabalho, de algo ingerido ou das telas luminosas dos televisores e que ameaçam devastar lares e empregos e destruir corpos. A seleção aleatória de vítimas da violência urbana carioca e fluminense que é retratada nas postagens da OTT-RJ faz parte dessa lista de medos pós-modernos. Na postagem do dia 29 de maio de 2019, um seguidor mostra a preocupação com a segurança de pessoas que circulam diariamente em um ônibus da região.

OTT-RJ INFORMA: 28/05 - 20:07h - Ônibus da Linha 485, Pilares x Caxias, foi atingido por bala perdida na Av. Itararé próximo ao Colégio Tim Lopes, Complexo do Alemão. #OTTRJ <https://t.co/TgCudcig6A>

Interagente 69 - peço a Deus que guarde a vida dos motoristas e passageiros que fazem esse trajeto aí todos os dias. (OTT-RJ, Twitter, 29 de maio de 2019, às 20h07m)

De modo geral, em cidades que registram altos índices de criminalidade, o motivo de preocupação dos moradores é o crime cometido por estranhos que ameaça às integridades física e patrimonial dos sujeitos e que ocorre em área pública com seleção aleatória de vítimas. Nesse caso, o medo é mais assustador quando considerado, “difuso, disperso, indistinto, desvinculado, desancorado, flutuante, sem endereço nem motivo claros”, que assombra sem que haja uma explicação visível (Bauman, 2008, p. 8). Estamos fazendo referência aos crimes que ocorre no espaço urbano como assaltos e roubos, por exemplo.

As condições tecnológicas disponíveis na internet são marcadas por algumas funcionalidades como geolocalização, interação, compartilhamento, imediatismo e instantaneidade como formas de amplificar a visibilidade ao material postado pela rede OTT-RJ e potencializar a exposição do alerta de crime. Esses recursos de conectividade e engajamento fazem com que as informações sejam visualizadas e compartilhadas com rapidez no Facebook, Instagram, Twitter, Youtube e no *app*. Tais ferramentas também dão indícios dos locais onde está havendo um tiroteio., apontam para a impossibilidade de falar em áreas conflagradas na cidade e geram a percepção de que a violência estariam se deslocando e se espalhando por vários lugares e a qualquer momento.

As plataformas onde a OTT-RJ está se valem da geolocalização, funcionalidade fundamental para entender a mobilidade e circulação pela cidade e que também dá informações sobre onde os tiroteios acontecem no território urbano. Apesar de o recurso ter nomes diferentes dependendo da ferramenta (*check in*, no Facebook; adicionar localização, no Instagram e no Youtube; marcar localização no Twitter; selecionar localização, no *app*), uma das características dos dispositivos móveis é vincular o conteúdo ao local geográfico onde o internauta esteve. Com isso, a localidade onde os disparos estão acontecendo é inserida na postagem e fica visível para os seguidores. Funciona também como um marcador social do “eu estive ali”. As redes sociais móveis permitem incluir a geolocalização e, desse modo, a localização de pessoas, criando possibilidades de encontro e/ou troca de informação em mobilidade através de *smartphones* (Lemos, 2009, p. 95).

Ao permitir a publicação e o compartilhamento dos alertas nas redes sociais, a OTT-RJ reforça o caráter de conectividade que proporciona a troca de conteúdo através da cultura da convergência. Novas tecnologias permitiram que o mesmo conteúdo circulasse por vários canais e “assumisse formas distintas no ponto de recepção” (Jenkins, 2009, p.36) e a convergência também amplia a divulgação das imagens em redes exteriores, conferindo importância no processo fotográfico, tanto na sua obtenção quanto na transmissão das imagens. Mais que uma mudança tecnológica, a convergência é uma “transformação cultural à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos” (Jenkins, 2009, p. 29).

Duas das principais peculiaridades da cibercultura, a interatividade entre os seguidores e o compartilhamento de informações podem ser observadas durante a experiência interativa da OTT-RJ e atuam como forma de potencializar a sensação de medo proporcionada pelas publicações na OTT-RJ. No primeiro caso, a interatividade tem um papel fundamental na disseminação das informações a partir do momento em que um seguidor pode interagir dando *likes* nas postagens, fazendo comentários na publicação e no comentário de outra pessoa, usando *hashtag*¹² e marcando o perfil de outros usuários nas postagens¹³ como forma de alertá-los para aquele conteúdo.

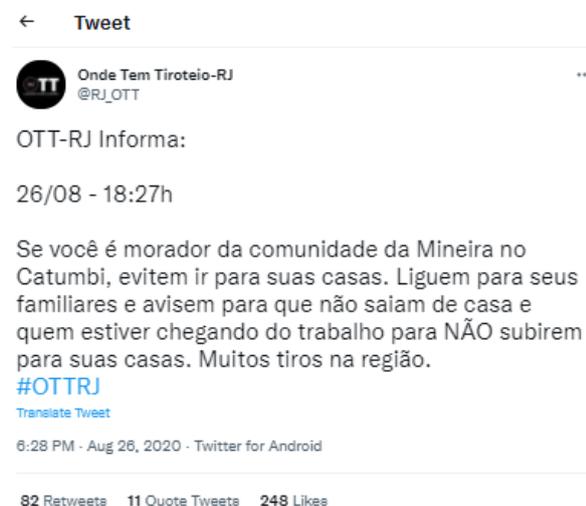
¹² *Hashtag* é um termo associado a assuntos ou discussões que se deseja indexar em redes sociais, inserindo o símbolo da cerquilha (#) antes da palavra, frase ou expressão. (Digitais, 2020)

¹³ Ao marcar alguém, você cria um link para o perfil dessa pessoa. A publicação em que você marcar a pessoa também pode ser adicionada à Linha do tempo dela. Por exemplo, você pode marcar uma foto para mostrar quem está nela ou publicar uma atualização de status e dizer quem está com você. Se você marcar um amigo na sua atualização de status, quem visualizar essa atualização poderá clicar no nome do seu amigo e ir para o perfil dele. Sua atualização de status também pode aparecer na Linha do Tempo desse amigo. (Facebook, 2014).

Nesse sentido, a febre da interatividade informativa pode ajudar a compreender melhor a influência das novas tecnologias e a importância da noção de interatividade para a cibercultura contemporânea (Lemos, 2015, p. 119). Como analisa o autor (2010, p. 120), essa noção de interatividade é baseada numa interação pessoal, já que toma a personalidade de cada agente que interage para existir. Ele defende ainda que a interatividade é baseada em uma ordem mental, simbólica e imaginária que toma a iniciativa da relação que existe entre o homem e o restante do mundo já que a técnica por trás da interatividade é alimentada pelo imaginário do ser humano, e domina a concepção e relação do mesmo com as interfaces. Podemos fazer uma correlação com o imaginário do medo, tema que será debatido mais à frente, com as publicações virtuais sobre os tiroteios que acabam gerando e afetando a mobilidade real dos cidadãos.

Já no segundo critério (compartilhamento), a publicação de uma fotografia pelos administradores da página a partir de informações repassadas pelos usuários, os seguidores podem compartilhar o conteúdo no próprio aplicativo ou em outros. Ao ter a postagem replicada em outros lugares, ela passa a ter um alcance bem superior do que se fosse apenas publicado apenas numa única plataforma, como o Facebook, por exemplo, e esse movimento que se dá no ciberespaço passou a ser global, independentemente da distância física. Ao mesmo tempo em que abastece a mídia com material, eles ainda conseguem aumentar o fluxo de visita no perfil. O que vimos foram usuários cada vez mais participativos e interativos e convocados a compartilhar informações em outras plataformas. Um exemplo disso é uma postagem de 26 de agosto de 2020 que foi uma das que mais teve interação no período pesquisado: 248 curtidas, 11 comentários e 82 tweets (figura 23).

Figura 23 - Publicação do dia 26 de agosto de 2020 foi uma das que mais teve interação



Fonte: Twitter, 2020

Ao fazer uma proposta de entendimento da utilização e apropriação simbólica dos botões de interação com os usuários nessas redes sociais, Recuero (2014, p. 107) explica que o “curtir” funciona como uma espécie aval de visualização e concordância com determinada postagem e ainda pode ser percebido como uma forma de tomar parte na conversação sem precisar elaborar uma resposta. “Toma-se parte, torna-se visível a participação, portanto, com um investimento mínimo, pois o ator não necessariamente precisa ler tudo o que foi dito. É uma forma de participar da conversação sinalizando que a mensagem foi recebida”. Além disso, conforme explicar, ao “curtir” algum enunciado, os atores passam a ter o nome vinculado a ele e tornam público a toda a sua rede social que a mensagem foi “curtida” (essa mensagem aparece como uma notificação para as conexões de quem “curtiu”).

Quanto mais interação e compartilhamento, mais engajamento a página obtém. Levando em conta a polissemia da noção de engajamento pelo fato de o termo está situado em vários campos de conhecimento e de ter ganhado uma nova reconfiguração a partir da popularidade de novas tecnologias, consideramos que o conceito está relacionado a mudanças fundamentais na estrutura dos modos de audiência em que o receptor se torna um agente ativo do processo interacional entre os agentes envolvidos na ação. Na cultura digital, a participação é vista como um dos elementos essenciais ao permitir que o conteúdo possa ser compartilhado e comentado. É um movimento de novo posicionamento frente às formas de utilização dos recursos da internet e, também, das tecnologias de comunicação móvel que facilitam a captura e a divulgação de fatos no momento que acontecem, ampliando e dando nova ênfase à circulação da informação, como já debatido.

Ao ser considerada uma plataforma que está sempre em atualização ao incluir constantemente várias funcionalidades, a rede OTT-RJ se aproveita do imediatismo e da instantaneidade que o ciberespaço proporciona, através de um espaço de partilha, troca de informações e conteúdo criado e disseminado pelos usuários. O conteúdo dessas redes sociais móveis acentua-se pelo imediatismo do compartilhamento na rede que, muitas vezes, não faria sentido se fosse publicado posteriormente, através do computador pessoal (Lemos, 1996, p. 13). Na percepção do autor, ela diz respeito a “uma entidade puramente cibernética, mas uma entidade abstrata, efervescente e vitalista”. Daí, surge o debate sobre o caráter de instantaneidade da ferramenta que permite que dezenas de comentários e curtidas sejam publicados e visualizados quase em tempo real, o que nos dá indícios sobre como ocorre a disseminação *online* de notícias.

2.2.1 A dimensão midiática da violência

Antes de ganhar um lugar de destaque na internet e, especificamente, nas postagens da OTT-RJ no Facebook, a violência já tinha espaço fundamental na mídia. A discussão sobre a relação entre mídia e violência é, portanto, o pano de fundo para tentarmos aprofundar as questões que envolvem esses dois fatores e a relação entre eles. Sem deixar de considerar o papel social que a mídia tem, sabe-se que os veículos de imprensa podem ter uma certa interferência, porém aspectos sociais, culturais e, sobretudo econômicos são os elementos que se destacam na produção de uma sociedade violenta, além da utilização política pelo governo, como forma de provocar o medo e a reação entre os indivíduos. Além disso, o objetivo aqui é contribuir para o debate em torno da questão sem reproduzir uma visão conservadora de que o problema da violência parte de uma ruptura da ordem.

Estamos aqui nos referindo, especificamente, ao medo relacionado à criminalidade violenta que tem como palco a cidade e o estado do Rio de Janeiro. Nesse contexto, a sensação do medo pertence ao cotidiano sendo, inclusive, pulverizada muitas vezes pelos meios de comunicação de massa (um dos principais divulgadores de violência). Considerados formadores de opinião, eles agregam e compõem vários discursos, além de refletirem produções socioculturais, definições e representações sociais. Entender o papel desses veículos nesse fenômeno é importante na discussão dos processos de violência que assolam as sociedades contemporâneas e de que forma impactam o dia a dia das pessoas, sendo assim um fator determinante na formação social dos indivíduos.

O aumento exponencial da violência e o primado avassalador dos meios de comunicação como forma de dar acesso às regras de relacionamento no espaço social colocaram a mídia “no centro das interrogações sobre o fenômeno da violência”, mas que “evidentemente, a mídia, é apenas uma parte (e, às vezes, muito pequena) da explicação (Sodré, 2006, p. 22)”. Por isso, é fundamental analisar os efeitos discursivos, os usos políticos, morais e culturais das falas sobre as violências nos meios de comunicação e esse debate sobre mídia e violência apresenta algumas vertentes.

De um lado, há quem considere que esse tipo de conteúdo tem influência no cotidiano dos moradores que acabam sendo influenciados pelos meios de comunicação e afetados pelas notícias de crime, assunto que será debatido com detalhes mais à frente quando falaremos sobre a vítima virtual em ambiente digital.

Por outro lado, há quem defenda que a divulgação exagerada da violência pelos jornais – como, por exemplo, a contagem diária em reportagens dos números de mortos em cada

episódio de criminalidade – acaba funcionando como uma propagadora de violência. Nesse sentido, isso acaba contribuindo para a banalização da violência e das tragédias por parte do leitor que é bombardeado por notícias sobre criminalidade. Veículos de comunicação, programas de televisão e serviços de *marketing* divulgam amplamente crimes que enfatizam ainda mais a violência, potencializam o medo nas cidades, engendrando uma conjuntura de pânico generalizado (Glassner, 1999). O autor ainda destaca o fato de que a divulgação do medo se dá de forma exagerada e conduzida para propósitos de comercialização, na busca do sensacionalismo. A apresentação de episódios exibidos de forma minuciosa e exaustiva explorada pela imprensa durante a cobertura do crime é utilizada para captar audiência, tornando a violência um assunto banal.

Em terceiro, há aqueles que defendem o papel social da mídia na divulgação de informações de interesse público como forma de dar publicidade para resolver e problematizar a realidade.

Uma crítica antiga e superada é que o caráter sensacionalista desses jornais se baseia exclusivamente em critérios comerciais, usando a violência como pretexto para chamar atenção dos leitores e funciona como operador discursivo na imprensa, associada à cobertura policial. Outra explicação superada é que ideia que os jornais sensacionalistas são os mais baratos e que os jornais ditos “sérios” não seriam também sensacionalistas (Matheus, 2008, p. 98). Segundo a autora, é muito comum a inserção das histórias a um fluxo sensacional nas matérias jornalísticas com o uso de elementos como “figuras arquetípicas, apoio no imaginário popular, coberturas configuradas de modo melodramático, sob os pilares da dor e do medo, com personagens polarizados entre Bem e Mal” (Matheus, 2008, p.102).

A prática do uso de artifícios sensacionalistas foi acentuada no jornalismo no Brasil no fim do século XIX para o XX e foi responsável pela popularização desta estética (Matheus, 2008). De acordo com Barbosa (2006), nos anos 1920, surgiram jornais de grande popularidade destinados ao inusitado, ao desvio, à quebra de padrões de uma dada normalidade como os jornais Manhã e Crítica. A partir da década de 1950, o jornalismo passa a limitar os espaços destinados à informação e à opinião, promovendo alterações na maneira de narrar e de atribuir sentido ao real. A partir da primeira parte da década de 1980, o tema da violência ganha espaço crescente nos noticiários. Nos anos 1990, jornais cariocas como O Povo e A Notícia ainda fizeram muito sucesso, seduzindo o público a partir do medo, ao exibir nas capas dos veículos imagens de corpos e muito sangue que dividiam espaços com fotos de mulheres seminuas.

De maneira contraditória frente ao aumento recente da violência na cidade carioca, esses veículos citados já saíram de circulação diante da queda de receita de publicidade e de número

de leitores. O que vemos é um movimento de publicação das notícias de criminalidade ganhando espaço na internet. Mesmo considerada uma “terra sem lei”, a *web* tem regras de publicação que são estipuladas pelos sites de redes sociais, que cobrem as imagens que são consideradas inadequadas e que apresentam violência explícita. Em 2015, o Facebook começou a aplicar avisos sobre vídeos de violência explícita. Os alertas impedem que as gravações sejam reproduzidas automaticamente e informam aos usuários que o conteúdo compartilhado pode “chocar, ofender e indispor” pessoas mais sensíveis (Emundo, 2015).

Além disso, o sentimento de insegurança exponenciou-se nesse período, potencializado por uma mídia sedenta de público e de espetáculo e, como consequência, o tema violência urbana passou a frequentar os noticiários e os debates públicos, se tornando uma das principais preocupações do cidadão, ao lado do emprego e da saúde (Misse, 2008, p. 166). Por representar um recurso de expressão e uma estratégia de obtenção de visibilidade, a cobertura do crime vem dando lugar à espetacularização da notícia nos últimos anos já que o discurso da imprensa ajudou a fomentar a questão do crime como guerrilha urbana e logo as cidades como o terreno para a ocupação policial e para o enfrentamento do criminoso. “O fascínio diante da morte rompe todas as manhãs a camada de verniz cultural que segmentaria, em tese, o mercado em um gosto “popular” e um gosto de elite” (Angrimani, 1994).

Como exemplo de espetacularização (Debord, 2003) da violência, podemos citar o caso da Isabela Nardoni que foi jogada do sexto andar de um edifício residencial de São Paulo, em 29 de março de 2008; a prisão do traficante Luiz Fernando da Costa, de codinome Fernandinho Beira; o sequestro e a morte da adolescente Eloá Cristina Pimentel, em outubro de 2008, vítima de morte cerebral causada por tiro na cabeça que partiu do agressor, Lindemberg Fernandes Alves. Já especificamente, no Rio de Janeiro, houve o caso da morte da juíza Patricia Acioli, assassinada com 21 tiros quando chegava a casa no dia 11 de agosto de 2011; do sequestro do ônibus 174 na Zona Sul do Rio, em 2000, que culminou com a morte de Geiza Gonçalves; e, mais recente, o sequestro do ônibus na Ponte Rio-Niterói, em 20 de agosto de 2019, com a chegada do governador do estado, Wilson Witzel, ao local do episódio de helicóptero, comemorando, com socos no ar e punho cerrado, a morte do bandido. São exemplos de como a cobertura jornalística deu destaque para os episódios pelo excesso da tematização que teve o efeito de construir um determinado imaginário sobre a violência, que passou a informar e a produzir atitudes sociais a ela referenciadas.

A autoridade dominante da mídia também apresenta uma realidade que não se pode ser vista e nem tocada sem a ajuda dela (Bauman, 2008). Por retratar um tema tão delicado como violência, seja nas páginas de jornais e revistas seja nas reportagens de rádio e televisão, a mídia

tem como desafio apresentar evidências necessárias para obter os critérios de verdade, credibilidade e autoridade discursiva inerentes ao jornalismo. O uso da imagem da violência urbana ganha status de produtora de sentidos que legitima ou recusa as perspectivas apresentadas nos relatos.

Levanta-se à discussão também sobre a questão do ordenamento dos lugares de fala dos moradores de comunidades como fontes noticiosas. Segundo Mendonça (2018) - que analisou os múltiplos processos de produção de sentidos apresentados no discurso telejornalístico a partir de edições do RJ TV e como a cobertura midiática legitimou as ações do Estado no processo de pacificação de favelas cariocas - a emissora TV Globo assumiu um papel político e ideológico favorável às ações de pacificação, mas que as escolhas discursivas do telejornal não deram espaço para a voz crítica dos moradores da favela, silenciando a presença de elementos autênticos e de resistência e reportando apenas o que é de interesse do veículo de comunicação. Nesse contexto, o autor discute ainda se ficou reduzida a pluralidade de vozes dos moradores das comunidades, ao estabelecer como único tipo de fonte informativa o “morador anônimo/passivo” e dar evidência aos comentários de “especialistas” em segurança pública que se resumem às falas e “análises” do ex-integrante do Bope, Rodrigo Pimentel.

Se tomarmos como comparação o comportamento do cidadão daquela localidade que não consegue ter um local de fala em uma entrevista, materializada pela recusa de ser ouvido, eles acabam buscando nos perfis como a OTT-RJ uma forma de se expressar e passar informações sobre o que está acontecendo na comunidade. Nas plataformas da rede, o usuário tem um papel importante na divulgação das informações quando tem a possibilidade de enviar dados sobre criminalidade, quando pode comentar, curtir ou compartilhar aquele conteúdo fornecido por ele.

Muitas vezes, nos relatos de moradores para os veículos de comunicação, eles não são identificados, têm os rostos encobertos por efeitos visuais e a voz alterada. No Facebook, ele também pode estar escondido por trás de perfis que podem ser verdadeiros ou não. Em comum, o fato de que as fontes se mantêm em posição de vítimas amedrontadas pela situação em que vivem e a tensão provocada pelo encontro entre dois lugares de fala distintos. Nas páginas da internet – eles conseguiram, ao longo de anos de resistência, invisibilidade e descaso – manter estratégias criativas de sobrevivência nestas comunidades e exigir a presença do Estado naqueles territórios. Ainda neste âmbito, ao ser observada por um viés midiático, a violência pode ser caracterizada como um tipo de linguagem que expressa conflitos, mas que também proporciona alteridades como forma de encontrar um lugar de expressão na mídia.

Por fim, em hipótese alguma espera-se com isso negar a importância do papel social da imprensa, contudo o excesso da divulgação de notícias que propagam o medo difuso nos discursos jornalísticos possuiria uma parcela de contribuição no ciclo de alimentação da sensação constante de medo e do pânico com a contribuição das redes sociais, como veremos a seguir.

2.3 A OTT-RJ na imprensa

Como *fan page* pioneira nos alertas de tiroteios e outras obstruções à mobilidade, a OTT-RJ se tornou rapidamente fonte para veículos de imprensa, principalmente, na época que foi marcada pelo fim das UPPs e no período de intervenção das Forças Armadas na segurança pública do estado do Rio, no início do ano de 2019.

O caráter de credibilidade do conteúdo enviado pelos moradores e a rapidez com que são checados e publicados nas plataformas da rede OTT-RJ são apenas dois dos motivos pelos quais a imprensa tem utilizado esses dados como fonte de informação. Numa dinâmica inversa do que era utilizada pelo jornalismo pré redes sociais quando as notícias chegavam ao público apenas pelos meios de comunicação tradicionais como jornal, rádio e televisão, agora os sites de redes sociais pautam a imprensa como forma de oferecer conteúdo, não institucional, mas voltado para o dia a dia da sociedade e para o que realmente está acontecendo.

Esse modelo ganhou força, na primeira década deste século, com a democratização do acesso à internet e a consequente proliferação das redes sociais (nas devidas proporções) alterou a circulação da informação e a maneira como os sujeitos se relacionam com o conteúdo noticioso. O advento das novas tecnologias de comunicação e os efeitos disso sobre a produção noticiosa serviram para mudar a dinâmica de funcionamento da imprensa que vai desde o recebimento e a checagem das informações a que os repórteres de jornais têm acesso, passando pela apuração, escrita e veiculação das matérias jornalísticas.

Porém, pautar os grandes veículos de mídia pode ser considerado um reconhecimento, mas que traz à tona uma questão que vai além da própria crise dos meios de imprensa considerados tradicionais que é a deficiência que eles têm para realizar coberturas jornalísticas que mostrem a realidade das periferias. Em muitos casos, a comunicação feita por parte dos órgãos oficiais como a Polícia Militar sobre determinadas ocorrências policiais como, por exemplo, tiroteio e arrastão, só é realizada quando há vítimas. Essa questão é motivo de questionamentos feitos por observatórios de segurança e institutos especializados em violência.

Mesmo que os alertas publicados pelas plataformas da OTT-RJ não estejam em concordância com os valores de notícia previstos pelas teorias do jornalismo, eles chegam às redações dos veículos a partir da repercussão adquirida na internet, principalmente, num período marcado por altas taxas de criminalidade no Rio de Janeiro como pós Olimpíadas e pelo aumento de usuários de redes sociais no Brasil. Desde então, a OTT-RJ tem tido função social importante ao ser considerada uma fonte de informação para imprensa. Dados, fotos e vídeos publicados nesta rede são utilizados com frequência por jornais e programas de televisão. São informações enviadas pelos próprios moradores de diversos bairros cariocas e fluminenses que substituem os repórteres e cinegrafistas que não conseguem estar em todos os lugares e cobrir todos os acontecimentos diariamente. Uma realidade gerada em função da reduzida mão de obra disponível nas redações, frente à crise financeira com redução de anunciantes das empresas de jornalismo que vem ocasionando, nos últimos anos, demissões em massa de profissionais de imprensa. O fenômeno do jornalismo segue migrando do impresso para o *online* num diálogo entre fonte e jornalista que foi estimulado pelos avanços tecnológicos.

Estabelecemos assim uma relação importante entre as redes sociais e o jornalismo. As redes sociais atuam como fontes produtoras de informação, porque agem como filtros ao reunir e republicar as informações; como espaços de reverberação da informação já que reproduzem e recirculam as notícias; como geradora de mobilizações e conteúdo que podem ser de interesse jornalístico, pois as redes sociais podem agendar notícias e influenciar a pauta das redações jornalísticas (Recuero, 2009).

Nos últimos anos, o conteúdo da rede OTT-RJ vem sendo utilizado como fonte por diversos veículos que se apropriam do material produzido pela plataforma como texto, foto e vídeo. Como já citado, esse é um dos motivos pelos quais as imagens publicadas no Youtube da OTT têm uma marca d'água que identifica o fornecedor do conteúdo que, muitas vezes, é republicado pela mídia. Canais de televisão como Globo e SBT incluíram material produzido pela OTT-RJ em matérias veiculadas nos telejornais. Jornais impressos como O Globo, Extra e O Dia publicaram notícias sobre criminalidade e índices de violência tendo como base as informações postadas na *fan page* da OTT-RJ. Reportagens publicadas no dia 16 de março de 2019 (O Globo, 2019) e outra no site Uol (2020) também citam a OTT-RJ como fonte (figura 24).

Figura 24 - Trechos de reportagens publicadas no O Globo e no Uol

Na ação, PMs apreenderam uma granada, dois rádios comunicadores, munições e drogas.

Segundo o aplicativo Onde Tem Tiroteio (OTT/RJ), o tiroteio chegou a assustar às pessoas que circulavam na região, principalmente, na Central do Brasil. Nas redes sociais, o caso também foi abordado.

"Tiros no Centro da cidade, localidade Morro da Providência. Atenção na Região.", "Enquanto estou esperando o ônibus na rodoviária do Centro, está tendo muitos tiros na Providência.", postaram internautas nas redes

The screenshot shows a news article from O Globo. The title is "Mais uma criança é vítima de bala perdida no Rio de Janeiro". The article is dated 14/01/2020 at 09:37. The main headline reads: "Corporação afirmou que apura as circunstâncias do ocorrido na Cidade de Deus são apuradas. Criança foi baleada durante operação que terminou com um preso". The author is Daniel Castelo Branco/Agência O Dia. The article text states: "Uma criança foi vítima de bala perdida na Cidade de Deus, na Zona Oeste, na tarde desta segunda-feira. Policiais militares do 18º BPM (Jacarepaguá) realizaram uma operação na comunidade e houve intenso tiroteio. A PM apura as circunstâncias nas quais a criança foi ferida. As informações são do jornal O Dia." It also mentions that according to the Onde Tem Tiroteio (OTT-RJ) app, there was a record of a shooting in the Predinhos e Karaté neighborhoods at 18h and 18h20, respectively. The operation ended at 18h30 with the arrest of a suspect and the seizure of a Glock 9mm handgun and a magazine. A sub-headline reads: "Leia também: Menina de oito anos morre após ser atingida por bala perdida no Rio de Janeiro". The article concludes: "A corporação informou que, uma hora depois do término da ação policial, que contou com um blindado, chegou ao conhecimento do comando do 18º BPM a criança foi atingida por projétil na localidade de Tangará. Ela foi socorrida por moradores para a UPA da Cidade de Deus. A identidade, idade e estado de saúde dela ainda é desconhecido."

Fonte: O Globo, 2019, e Uol, 2020

A *fan page* também vem sendo citada por veículos de imprensa sobre o papel da OTT-RJ, como a publicada pelo O Globo (2018) (figura 25), com o título “Celular vira alerta para tiroteios e balas perdidas no Rio. Serviços de aplicativos surgidos no rastro da violência chegam a outros estados”.

Figura 25 - Reportagem publicada em 18 de março de 2018 Celular vira alerta para tiroteios e balas perdidas no Rio

Serviços de aplicativos surgidos no rastro da violência chegam a outros estados

Simone Candida
18/03/2018 - 04:30 / Atualizado em 18/03/2018 - 13:05

RIO - Está na rotina de qualquer morador de cidade grande: antes de sair de casa, é preciso conferir em aplicativos no smartphone qual a melhor rota de deslocamento para fugir de engarrafamentos. Mas quem vive no Rio de Janeiro tem uma preocupação a mais, além do trânsito: é preciso saber onde há tiroteios e, na medida do possível, tentar evitar arrastões, balas perdidas e assaltos. Desde 2016, dois serviços gratuitos, o OTT-RJ (Onde Tem Tiroteio) e o Fogo Cruzado, monitoram e dão alertas de tiros nas ruas do estado, fornecendo estatísticas sobre disparos e conquistando cada vez mais público.

Fonte: O Globo, 2018

Ao ser citada como fonte para imprensa, a página construiu valores que auxiliam na percepção do capital social (Recuero, 2009), podem ser os seguintes: o caráter de autoridade aparece quando buscam na rede OTT informações. Já no fator reputação, eles contam com a credibilidade ao postar informações que são checadas e rechechadas e ao postar fotos e vídeos dos fatos que estão acontecendo quase em tempo real. Para isso, eles têm a participação dos próprios moradores, o que aumenta ainda mais a credibilidade deles frente aos usuários da página.

Além de atuar como fonte de produção de conteúdo de forma indireta para a imprensa, por meio do conteúdo que é publicado nas plataformas da rede, o OTT-RJ contribui para o fornecimento de informação aos jornalistas e profissionais da imprensa. Um grupo formado no WhatsApp intitulado “OTT-RJ Imprensa” reúne, segundo Quintanilha, mais de 150 contatos de repórteres e editores de veículos de comunicação. Nesse canal, também circulam informações sobre criminalidade enviada pelos administradores da rede.

A integração e a convergência de conteúdo da imprensa e as redes sociais são um fenômeno novo. Um levantamento (*Oriella PR Network*, 2011) apontou que os jornalistas estão cada vez mais utilizando os sites de redes sociais como fonte de informações e que esses profissionais dependem de plataformas como Facebook e o Twitter para encontrar fontes e verificar dados. Segundo a pesquisa, feita com 478 jornalistas de 15 países, entre eles o Brasil, 40% dos profissionais utilizam o Twitter para encontrar dados e 35% deles preferem o Facebook. De acordo com o levantamento, a popularidade dos meios *online* está encobrindo a dos meios tradicionais. “Pela primeira vez, desde que o estudo começou a ser feito, a proporção de entrevistados que concorda com a ideia de que os veículos *offline* atraem um público maior caiu para menos de 50%” (*Oriella PR Network*, 2011).

Com o aumento da influência das redes sociais, um dos desafios dos veículos de imprensa tem sido competir com o imediatismo e a agilidade com que as informações são postadas nas redes sociais e a que parte da população tem acesso. No caso da OTT-RJ, informações sobre tiroteios no Rio são publicadas em tempo real nas principais redes sociais do grupo.

2.4 Alertas da OTT-RJ *versus* jornalismo participativo

A internet abriu um universo de conteúdo e um cidadão com um celular em mãos e acesso à uma rede pode se tornar um produtor de informações. No caso da OTT-RJ, são os moradores das regiões assoladas pela violência que mandam as informações para os administradores das páginas que as publicam quase em tempo real. A população produz conteúdo fotografando e filmando ocorrências com o próprio celular, repassando também

informações e detalhamentos sobre como aquele episódio aconteceu, geralmente, em localidade de difícil acesso que nem os repórteres de veículos de imprensa conseguiriam chegar. Já na lógica de funcionamento dos aplicativos de violência como a da OTT-RJ, a figura do administrador perde relevância na publicação das informações já que os usuários, em diferentes países e diversas línguas, podem incluir alertas, curtir e comentar acrescentando novos dados e construindo coletivamente as informações.

Essa participação de terceiros foi possível graças à *web 2.0* que possibilitou a produção e personalização de conteúdo, marcando a mudança na maneira de promover esse material na internet. Como no caso da rede OTT-RJ, o leitor dos veículos de notícia deixa de ser consumidor e assume a posição de produtor de informação. Na esteira desse processo, o uso das redes sociais também possibilitou o surgimento de novos meios capazes de disseminar conteúdo, compartilhar informações, com produção, troca e o compartilhamento de conteúdo entre usuários.

As TICs têm um papel importante na ampliação da voz dos cidadãos, aumentando conscientização cívica e capacitação dos indivíduos no monitoramento dos serviços prestados pelo governo. A disseminação de telefones celulares, tecnologias colaborativas e aplicativos potencializam os fluxos de informação, criando espaços para os indivíduos. Com isso, o modelo de produção jornalística e a difusão de informação pelos meios de comunicação de massa ganharam a concorrência de novas práticas e passaram a dividir espaço com os fluxos gerados pelas novas tecnologias de informação, num modelo de comunicação que tem como pilares a participação e a colaboração.

A OTT-RJ apresenta uma dinâmica próxima ao jornalismo colaborativo, mas com algumas particularidades. O gênero jornalístico preza pela exposição dos fatos de forma informativa e tem como objetivo comum informar o leitor, telespectador ou ouvinte sobre algum acontecimento e descrever os fatos de forma extensiva e com a apresentação das informações completas sobre o assunto. Já o conteúdo textual utilizado pelos administradores é no formato de alerta, uma espécie de aviso curto, ou seja, informações iniciais sem muito detalhes sobre os episódios de violência. Eles esperam passar informações o mais rápido possível para que a pessoa saia daquele lugar imediatamente e não seja vítima de tiroteios.

Por tratar-se de uma página de rede social, o texto deve ser curto, dinâmico, com estilo informal. Outras características são o uso de abreviações, *emoticons*, reduções ortográficas, supressão de letra maiúscula, utilização de letras na representação de palavras, utilização de números em substituição à palavra, transcrição de vocalizações e marcas da oralidade, ausência de acentuação e pontuação e desvio ortográfico (De Souza e Deps, 2015).

A linguagem usada pela OTT-RJ difere também do formato usado em jornalismo digital que apresenta características próprias, adequando-se às particularidades do jornalismo impresso

para o ambiente virtual com o uso de recursos tecnológicos como *hashtag*¹⁴, *hiperlink*, imagens, etc. Caso a sentença postada não utilize palavras simples e curtas, pode induzir o leitor a um entendimento equivocado em relação a intenção do autor. Ainda que essa colaboração seja um fato no que tange aos crimes ocorridos, muitas mensagens postadas são de difíceis interpretações. Isto é, a forma como os usuários escrevem nas redes sociais não segue um formalismo que se refere ao estudo da forma linguística, observando especialmente, a fonética, fonologia, morfologia e sintaxe (Dillinger, 1991).

Como a rede tem o foco no cidadão, ela funciona como alerta para que os moradores saiam ilesos de alguma situação de criminalidade e não tem a preocupação de ter um caráter informativo, trazendo todos os detalhes sobre o acontecimento (Quintanilha, 2019, por telefone). Nesse sentido, as publicações nas plataformas da OTT não apresentam a mesma estrutura de conteúdo jornalístico utilizado pelos meios de comunicação que prezam pela divulgação de informações em formato de notícia. Ao sintetizar as informações no primeiro parágrafo, o texto das reportagens apresenta um resumo inicial que responda as cinco perguntas sobre o tema principal: o quê, quando, como, onde e por quê?

Sodré (2009) afirma que há uma dificuldade para se definir o conceito de notícia que é “consensualmente difícil” e que é preciso entender primeiro a diferença entre fato e acontecimento: “Objetos para conceito cuja realidade objetiva pode ser provada (seja mediante pura razão, seja por experiência, e, no primeiro caso, a partir dos dados teóricos ou práticos da razão, mas em todos os casos por meio de uma intuição que lhes corresponda) são fatos” (Sodré, 2009, p. 21). Ao permitir que internautas interferissem nas discussões e contribuíssem para a geração de novas pautas jornalísticas, fenômeno proporcionado pelas tecnologias da informação, “é o leitor quem termina dizendo o que é notícia (Sodré, 2009, p.11). Isto implica dizer que estão mudando os critérios da pontuação rítmica”. O autor pondera que a compreensão de notícia “tende a mudar sob as pressões das novas práticas informativas correntes na internet”.

A partir daí, em uma de suas tendências mais significativas, as tradicionais atividades de informação, educação e prestação de serviços desempenhadas pelo jornalismo contemporâneo estão passando por um processo de redimensionamento e ressignificação. Com isso, os meios de comunicação emergentes elevaram ao mesmo status amadores e profissionais e deram espaço à população. Nesse processo comunicacional, os internautas não são passivos, buscam a informação, interagem, colaboram e participam, com mais ou menos

¹⁴ A *hashtag* ou *tag* é muito utilizada no Twitter. São palavras-chave precedidas do símbolo # (jogo da velha), que colaboram para a interação, ao associar a informação de cada postagem a um tema e promover a organização dos conteúdos. Adicionadas nas legendas, elas facilitam a busca pelas fotos que foram marcadas pelo mesmo assunto. Elas ainda organizam, dão visibilidade aos conteúdos e promovem organização e interações.

empenho, conforme interesses pessoais. Ou seja, além de fonte, o cidadão comum sai da posição de receptor de informações para fornecedor e produtor de conteúdo.

O uso das tecnologias quebrou barreiras geográficas e abriu espaço para novos públicos e as informações sobre locais que até então eram ignorados pela mídia começaram a chegar (Negroponte, 1995, p. 159). “A vida digital exigirá cada vez menos que você esteja num determinado lugar em determinada hora”. Com isso se estipulou uma rede de relacionamentos em que emissor é importante, desde que o emissor esteja preparado.

Essa prática denominada como jornalismo participativo ou *webjornalismo* permite que todos os indivíduos munidos de dispositivos com acesso à internet se tornem um produtor em potencial no ciberespaço. Ressaltamos que os *webjornais* apresentam características do jornalismo digital como interatividade, hipertextualidade, multimídia, personalização, memória e atualização contínua (Palacios, 1999, 2002; Barbosa, 2002). Esse modelo foi facilitado pelo acesso à internet móvel e o crescente uso de redes que transformaram o modo de produção jornalística e a forma como a informação é difundida. É uma nova possibilidade de fazer jornalismo de forma colaborativa em que os leitores não apenas sugerem pautas, mas acrescentam dados às matérias, sob a mediação de um jornalista. Nas redes sociais da OTT-RJ, esse mediador não é um profissional de comunicação e sim o administrador da página que confirma e publica os informes nas plataformas do grupo.

A dinâmica dos sites de rede social com a publicação quase em tempo real acelerou o ciclo das notícias, num processo que vai além da pressão habitual que os canais de notícias de 24 horas já sofrem no dia a dia (como GloboNews e CNN Brasil) e alterou a forma de atuação dos jornalistas (Bruns, 2014, p. 226). Este autor defende que a consequência é a substituição dos modelos tradicionais jornalísticos de *gatekeeping* (o público é exposto aos critérios subjetivos e arbitrários das decisões do jornalista) pelo *gatematching* (em que passou a ser mais ativo e ser responsável pela republicação, divulgação, contextualização e escolha do material existente que observa o conteúdo e avalia a importância da informação e a relevância dos fatos, buscando filtrá-los ao invés de descartá-los). Nesse sentido, o trabalho dos usuários das plataformas da OTT-RJ e colaboração com o envio de informações ganha cada vez mais relevância nesse processo. Nas duas propostas de utilização da OTT, os usuários têm um lugar de destaque nesse processo. Nas redes, eles abastecem a plataforma com informação que são postadas pelos administradores. Já o *app* da rede, eles têm total autonomia ao publicarem e confirmarem os alertas, sem a interferência do grupo.

2.5 Resignificando o medo no ciberespaço

Considerando aqui os avanços das tecnologias da comunicação e da informação, as notícias sobre violência, antes publicada somente nos jornais, ganharam ainda mais projeções nos sites de redes sociais que projetam a informação a patamares jamais observados. Assim como no jornalismo, as notícias sobre violência, muito em função do próprio tema, têm um forte teor sensacionalista e atreladas às questões do medo ganharam espaço e evidência nas redes sociais. Das mídias impressas às eletrônicas, das redes sociais aos blogs e microblogs, a sociedade nunca produziu nem recebeu tanta informação como atualmente.

Nos tempos atuais, a imprensa - uma das principais responsáveis pela disseminação do sentimento de medo e de angústia que permeia a maioria dos cidadãos das sociedades contemporânea (Glassner, 1999) - vem dividindo o lugar de principal protagonista da cultura do medo com as redes sociais. Estas contam ainda com as características tecnológicas das redes sociais como geolocalização, imediatismo, instantaneidade, interação e colaboração, ferramentas utilizadas pela OTT-RJ.

Em função do impacto da tecnologia no dia a dia dos indivíduos, o conceito do medo vem sendo reconfigurado e ganhando novos contornos na sociedade contemporânea. O advento da internet, e como consequência o crescimento do público nas redes sociais, também alterou a forma como as notícias sobre violência circulam pelo ciberespaço.

O drama social da segurança pública dos cidadãos fluminenses é o pano de fundo das publicações da rede OTT-RJ e vem ganhando cada vez mais espaço na internet. Pelo fato de as redes sociais apresentarem temporalidade diferenciada, elas produzem uma ideia de disseminação temporal do medo de formas linear e cíclica. As postagens são publicadas por ordem cronológica e se apresentam em uma sequência de acontecimentos que se seguem uns após os outros, ou seja, de maneira progressiva. Além disso, também produz um efeito de repetição toda vez que um seguidor inclui um comentário ou que há uma atualização da ocorrência. Ao ler a postagem, há a percepção de que a violência e o caos na cidade se tornarem progressivamente piores.

Esse medo coletivo advém de um processo que se renova todo dia a cada nova publicação. Ao postarem ocorrências de crimes semelhantes e que se repetem, de forma cíclica, cria-se uma angústia permanente em relação ao futuro e é produzida uma cobertura apoiada no pânico. Prioriza-se, então, uma lógica que faz com que os seguidores se sintam, constantemente, ameaçados, inseguros e amedrontados. Uma realidade cotidiana que é o alicerce do trabalho realizado pela OTT-RJ. Essa teoria é mais fácil de ser visualizada quando nos norteamos por casos empíricos como o registrado em 26 de agosto de 2020, sobre um tiroteio intenso aos moradores da comunidade da Mineira, no Catumbi, na Região Central do Rio.

não saiam de casa e quem estiver chegando do trabalho para NÃO subirem para suas casas. Muitos tiros na região. #OTT-RJ

Interagente 70 - Meu Deus! Proteja os inocentes

Interagente 71 – Ajuda (OTT-RJ, Twitter, 26 de agosto de 2020, às 18h27m)

Diante disso, o próprio perfil se faz simbolicamente necessário ao seduzir o público a partir do medo. Pode-se constatar que o medo é companheiro cada vez mais constante nos comentários dos usuários do perfil da OTT-RJ frente às notícias de criminalidade postadas na plataforma e é um elemento central dos discursos dos seguidores do perfil.

Ao retroalimentar o perfil de forma excessiva e amplificar as informações sobre violência o tempo todo, a OTT-RJ faz com que a criminalidade e a sensação de insegurança do público do perfil se mantenham em uma relação linear e evoluam de maneira proporcional ao aumento das taxas de crimes. Depois de algumas décadas, o medo parece já se ter enraizado inclusive na psicologia coletiva e é possível que os moradores padeçam de estresse crônico por causa da violência, do medo da violência e da sensação de insegurança (Souza, 2008, p. 43).

Um outro exemplo de como os sites de redes sociais podem assumir o papel de propagador do medo e como uma postagem pode gerar o pavor e o sofrimento no internauta pode ser visto em uma publicação no OTT-RJ no Twitter. Com isso, o simples fato de seguir a página da OTT-RJ já produziria uma sensação de medo no seguidor do perfil, conforme publicação do dia 19 de outubro de 2020, quando a OTT-RJ divulgou informação sobre intenso confronto nos bairros de Rocha Miranda, Colégio e Coelho Neto, na Zona Norte. No post, os administradores pedem que as pessoas evitem passar pelo local.

Onde Tem Tiroteio-RJ - @RJ_OTT - Oct 19, 2020

OTT-RJ Informa: 19/10 – 19:30h Intenso confronto nos bairros de Rocha Miranda, Colégio e Coelho Neto, em várias partes do Jorge Turco. Evitem toda as imediações. #OTTRJ (OTT-RJ, Twitter, 19 de outubro de 2020, às 19h30m)

O excesso de repercussão desses casos é, muitas vezes, um outro fator preponderante nesse fenômeno da cultura do medo (Glassner, 1999). Na postagem, há dois fatores que ratificam esse processo e que potencializam a sensação de medo. O primeiro deles refere-se ao fato de os administradores usarem no texto da publicação o termo “tiroteio intenso”, o que dá a sensação de que a situação de conflito é ainda pior e está fora de controle. A outra observação é sobre o pedido de aviso aos familiares. Compartilhar a informação sobre o ocorrido com outras pessoas é uma forma encontrada por eles para evitar que outras sejam vítimas da criminalidade, mas também funciona como um potencializador do medo. Pelo engajamento que a postagem alcançou 83 curtidas, 11 retweets e dois comentários, pode-se analisar se o alerta teve uma boa repercussão.

Em outra publicação, o seguidor pede proteção divina e diz que ninguém merece passar por essa situação de tiros.

Onde Tem Tiroteio-RJ - @RJ_OTT - Apr 20, 2019
 OTT-RJ INFORMA: 20/04 - 11:43h - Continuam tiros no Morro da Mangueira e os mesmos estão ouvidos na Rua Ana Neri. A Rua Visconde de Niterói está fechada. Atenção na região. #OTTRJ

Interagente 72 - E eu moro num prédio do outro lado da linha do trem. Bem distante do morro. Que Deus proteja os moradores. Ninguém merece passar por isso. (OTT-RJ, Twitter, 20 de abril de 2019, às 11h43m)

2.6 A atribuição dos dispositivos móveis no processo colaborativo da OTT-RJ

Na esteira das possibilidades tecnológicas oferecidas pela *web 2.0* e pela interação humano-humano no computador proporcionada pela CMC (Comunicação Mediada pelo Computador) surgiram, no início dos anos 2000, as redes sociais. Nesse cenário, podemos considerar que, além da contribuição proporcionada pelas TICs, a consolidação do processo colaborativo dos cidadãos contou ainda com um fator a mais que é o uso do dispositivo móvel. No caso das imagens fotográficas e vídeos feitos e compartilhados pelos usuários da rede OTT-RJ – mesmo sabendo que é o olho humano que recorta, mede, avalia e decide o momento certo do clique – não podemos deixar de vislumbrar a importância do dispositivo móvel e de que forma o aplicativo estabelece a relação dos usuários com a violência e criminalidade da cidade do Rio de Janeiro.

Partindo do princípio de que os dispositivos não trazem em si uma revolução e são introduzidos a partir das demandas sociais, culturais e científicas de uma época, certas mudanças nas relações com as imagens aconteceram a partir do surgimento das tecnologias digitais e dos usos que se desenvolveram no contato com elas. É perceptível que elas fazem parte do cotidiano de um número crescente de pessoas e modificam o modo como elas interagem com o mundo. Graças às tecnologias digitais, os aplicativos como Facebook conferem novas dimensões a esses dispositivos já que possibilitam passarmos grande parte do tempo com a tecnologia móvel ao nosso alcance, permitindo uma integração com a rotina diária. “O celular expressa a radicalização da convergência digital, transformando-se em um “teletudo” para a gestão móvel e informacional do cotidiano, e de contato inter-pessoal, o celular está se transformando em um media massivo” (Lemos, 2005, p.7).

De acordo com a pesquisa Pnad Contínua (IBGE, 2018), cerca de 116 milhões de pessoas acessam a internet no Brasil, sendo que desse total, 95% são via celulares e 65% por meio de desktops. A pesquisa apontou ainda que a internet chega a três em cada quatro domicílios do país, sendo que o percentual daqueles que utilizavam a rede móvel subiu de 69,3% para 74,9%, de 2016 para 2017, representando uma alta de 5,6 pontos percentuais. Nesse período, a proporção de domicílios com telefone fixo caiu de 33,6% para 31,5%, enquanto a

presença do celular aumentou, passando de 92,6% para 93,2% dos domicílios. Entre as 181,1 milhões de pessoas com dez anos ou mais de idade no país, 69,8% acessaram à internet pelo menos uma vez em três meses. Em números absolutos, esse contingente passou de 116,1 milhões para 126,3 milhões, no período. O maior percentual foi no grupo etário de 20 a 24 anos (88,4%). Já a proporção dos idosos (60 anos ou mais) que acessaram a internet subiu de 24,7% (2016) para 31,1% (2017) e mostrou o maior aumento proporcional (25,9%) entre os grupos etários analisados pela pesquisa. Além disso, no período pesquisado, o percentual de utilização da internet nos domicílios subiu de 69,3% para 74,9%, ou três em cada quatro domicílios brasileiros. Foi um salto de 5,6 pontos percentuais em um ano (2016/2017).

O levantamento do IBGE indicou ainda que o celular é um meio de acesso à internet para 97% dos usuários. O percentual de pessoas de dez anos ou mais que acessaram a internet através do celular aumentou de 94,6% (2016) para 97,0% (2017) e a parcela que usou a televisão para esse fim subiu de 11,3% (2016) para 16,3% (2017). Por outro lado, o percentual de pessoas que utiliza microcomputador como via de acesso à internet caiu de 63,7% para 56,6%, comportamento similar ao uso do *tablet*, cuja taxa de uso para esse fim caiu de 16,4% para 14,3%, no período.

Mesmo ciente de que o parte da população brasileira ainda não tem acesso ao telefone celular e à internet, estes que apontaram que esses percentuais aumentaram, permitindo que o dispositivo passe a ser uma ferramenta de deslocamento pela cidade para um número maior de brasileiros conectados à rede 24 horas por dia. No caso dos usuários do OTT-RJ, eles têm na palma da mão um dispositivo que envia alertas quase em tempo real sobre criminalidade. Com a câmera digital incorporada a um *smartphone* com acesso à internet, o ritmo com que se fotografa e fazem-se vídeos vem aumentando consideravelmente, e talvez nunca se tenha distribuído e consumido tanta fotografia e vídeos como hoje.

O uso de câmeras de segurança em residências e condomínios começou a ser mais comum na década de 80 quando começou-se a difundir a ideia de que esses aparatos poderiam ajudar a inibir depredações e crimes patrimoniais e em função da defesa de uma lógica de ganho de eficiência a partir da tecnologia e modernização de processos (Firmino, *et al.*, 2012). A expansão desses aparatos no país, principalmente as câmeras de monitoramento, aconteceu, primeiramente, em espaços públicos onde concentrava-se grande número de pessoas e, depois, se estendeu para locais privados, como shoppings e estádios (Kanashiro, 2006). Já a introdução de dispositivos móveis com câmeras (*smartphones*) no Brasil se deu nos anos 2000 e registrou um *boom* em 2010 quando o segmento cresceu 279% em comparação com o ano anterior (Nielsen, 2011). Como já citado, o uso desses aparelhos relacionados à criminalidade se deu na internet, primeiramente, pela rede OTT-RJ.

A incorporação das câmeras aos dispositivos móveis, como *smartphones* e *tablets*, incluiu a fotografia no cotidiano do sujeito que passou a registrar o dia a dia a qualquer momento e em qualquer lugar e permitiu-se a produção sistemática de imagens por profissionais e amadores e uma ampliação exponencial das formas de distribuição do conteúdo de imagens na *web*. Com isso, aumentaram também as possibilidades de que os usos de tais canais e de tais produções funcionassem como elementos de promoção de destaque para seus produtores. Profundas modificações no espaço urbano, nas formas sociais e nas práticas da cibercultura estão em marcha com a emergência das novas formas de comunicação sem fio (Lemos, 2005, p.1). Outrossim, com a conexão móvel com a internet, as imagens puderam ser compartilhadas com qualquer pessoa em tempo real. Desse modo, as tecnologias móveis cumprem a função de documentar as nossas experiências através de imagens para serem compartilhadas, introduzindo mais camadas de complexidade no ato de fotografar e filmar.

De certo modo, a tecnologia digital alterou e simplificou o processo de produção de fotografia e de vídeo, do registro à exposição, até o armazenamento, ao passar do analógico para o digital. Ao destacar o uso desse conteúdo digital para registrar cenas de criminalidade e nas possibilidades de compartilhamento destas pela internet, fazemos referência à experiência da imagem que o contexto de violência proporciona. Assim, pelo menos três fatores parecem ter promovido, facilitado e acelerado a geração de conteúdo imagético, a seguir: fotografia digital, dispositivo móvel e acesso aos sites de redes sociais.

Primo (2007, p. 1) vai além, ao complementar que se trata de “um sistema que proporciona repercussões sociais importantes, que potencializam processos de trabalho coletivo, de troca afetiva, de produção e circulação de informações, de conhecimento apoiada pela informática”. Nele, a circulação das informações não obedece à hierarquia da árvore (um-todos), e sim à multiplicidade do rizoma (todos-todos) (Lemos, 2015, p. 73). No primeiro modelo, as corporações midiáticas, como emissoras de televisão, rádio, jornais, detinham o monopólio da comunicação e enviavam conteúdo aos receptores – o modelo de comunicação de massa. No modelo todos-todos, a produção de conteúdo e de informações é coletiva em tempo real e em escala global.

As novas mídias digitais permitem que a comunicação, produção e difusão dos conteúdos midiáticos estejam disponíveis ao domínio do público, isto é, o acesso à produção midiática está disponível, e não mais em monopólios. As possibilidades proporcionadas pela CMC permitiram o surgimento de novos meios de se comunicar e a troca de informações que auxiliam na produção e circulação de conteúdo digital (Lemos, 2015).

Por outro lado, a despeito do entusiasmo demonstrado por alguns acadêmicos acerca das possibilidades abertas pelas “novas mídias”, ou de uma “cultura participativa” emergente,

Lévy (1999) alerta que não se deve perder de vista que muitas das articulações *online* descritas por aqueles autores de modo majoritariamente positivos servem a interesses de grupos que percebem na violência uma forma de gerar visibilidade para a rede e engajamento do público. Na OTT-RJ que tem como ambiente de circulação o ciberespaço, a demanda dos administradores é por mais seguidores, curtidas e comentários. Quanto mais conteúdo sobre criminalidade, mais engajamento e popularidade a rede obtém.

2.7 O papel dos algoritmos e das *fakes news* na percepção da violência

Por ser uma rede *online* que encontrou no ciberespaço o seu contexto de atuação, a OTT-RJ tem dois desafios inerentes e específicos ao cenário de cultura digital. A dinâmica dos algoritmos e das *fakes news* surgiram com o avanço da tecnologia e são realidades das redes sociais. O primeiro diz respeito a uma lógica matemática baseada em interação (Totaro e Ninno, 2014), ou seja, quanto mais o seguidor interage com um determinado conteúdo, mas este ficará disponível na *timeline*. Já as *fakes news* surgem do compartilhamento de notícia falsas, que encontrou na internet o local perfeito para sua disseminação. No caso da OTT-RJ que aborda um tema polêmico e de interesse público, os produtores de notícias falsas encontraram nas informações de violência do Rio um assunto perfeito ou um chamariz para sua propagação.

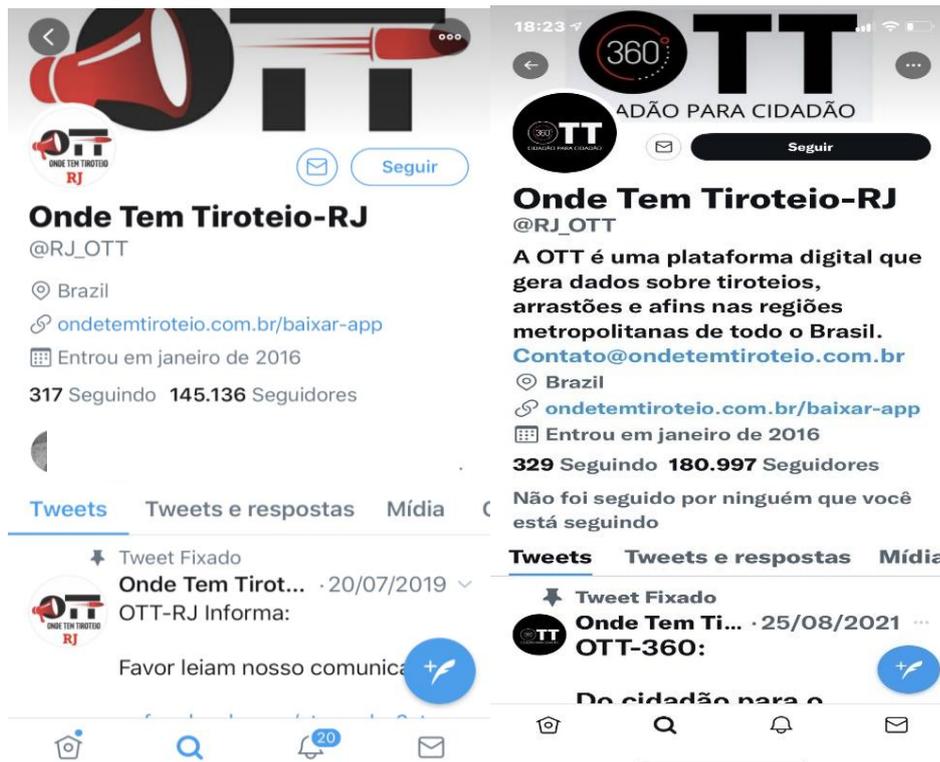
Criada originalmente no Facebook, a OTT-RJ publicava, até o início de 2020 nesta plataforma, somente informações enviadas por seguidores sobre alguma ocorrência na cidade onde haveria algum tipo de criminalidade. Pensando no caráter de convergência, o mesmo conteúdo era disponibilizado nas outras redes sociais do grupo como Instagram e Twitter e repassado também pelo Telegram, WhatsApp e o Zello. Com o lançamento do aplicativo, os administradores começaram a concentrar grande parte das informações no aplicativo.

Um dos motivos da prioridade dada à divulgação do conteúdo da OTT-RJ no *app* foi a dinâmica proposta pelos algoritmos do Facebook, que permitia que os usuários tivessem acesso apenas a uma parte dos posts publicados (Quintanilha, 2019, por telefone). Com a redução do alcance das postagens, nem todos os seguidores conseguiam acompanhar em tempo real os alertas da página já que, em muitos casos, as postagens acabavam aparecendo na *timeline* do usuário muito tempo depois de o episódio já ter acontecido ou nem ficava disponível para ele. O objetivo principal da plataforma, que era evitar que as pessoas fossem vítimas de tiroteio no momento que ele estivesse acontecendo, nem sempre era alcançado. Para Quintanilha (2019, por telefone), “a função principal que é proteger o morador no momento que o tiroteio está acontecendo não funcionava. Por isso, decidimos fazer no aplicativo porque atinge um número maior de pessoas e de forma específica e assertiva”. Segundo ele, o Facebook ainda utiliza o

recurso do algoritmo “como uma maneira de forçar as *fan pages* a pagarem para ter mais destaque”. Ou seja, as páginas que querem ter mais visibilidade na plataforma teriam que pagar ao Facebook, uma forma de a rede social aumentar a sua receita.

A partir de critérios sobre a forma como o usuário utiliza a plataforma, quanto tempo passa vendo uma foto, quantas curtidas e comentários fez em um *post*, o algoritmo estipula como será o *feed* do usuário e quais *posts* aparecerão e com que frequência. Fazendo uma referência ao funcionamento do algoritmo nas redes sociais (uma espécie de sistema de ranqueamento das informações que aparecem para os usuários), esse modelo tecnológico acaba forçando a produção de cada vez ter mais conteúdo, mais interativo e relevante, para que os seguidores possam interagir mais e continuar visualizando o que é publicado. Dessa maneira, a OTT-RJ espera manter o alcance e o número de engajamento. Como vimos, o número de seguidores no Facebook da rede no Twitter, por exemplo, em maio de 2020 era 145.136 e em outubro de 2021 era 180.997 (figura 26).

Figura 26 - Dados de seguidores do Twitter da OTT-RJ em maio de 2020 e outubro de 2021



Fonte: TWITTER, 2020, 2021

De forma ampla, são instruções passo a passo que os computadores seguem para otimizar e personalizar a experiência do usuário nas redes e que priorizam quem entrega os melhores resultados aos usuários. Eles são usados pelo Google e pelas redes sociais que organizam o conteúdo em *feed*, como o Facebook e Instagram, por exemplo. Cabe enfatizar que

a internet está cada vez mais dinâmica e novos conteúdos são postados todos os dias, não há tempo para ver tudo o que se produz.

Ao restringir o conteúdo a um público específico, os algoritmos acabam também interferindo na percepção da violência pelo usuário e discutir o papel desse recurso na divulgação de alertas sobre a violência do Rio de Janeiro no OTT-RJ como forma de padronizar e reorganizar as postagens, além de buscar informações sobre como essas publicações alteram a mobilidade e impedem a locomoção e circulação dos moradores pela cidade.

O algoritmo é um dos recursos provenientes da web 3.0, também conhecida como Web Inteligente ou Web Semântica (Berners-Lee *et al.*, 2001). Em entrevista em 2007 (Computerworld, 2007, *online*), ele afirma que a *web 3.0* será uma realidade quando os sites exibirem dados que possam ser manipulados. É um avanço em relação à *web 2.0*¹⁵ que é caracterizada por plataformas amigáveis que vão atender à nova demanda da internet, que agora oferece serviços, processos de busca, venda e consumo (O'Reilly, 2005).

Nesta terceira revolução da web, as informações passaram a ser processadas e interpretadas pelas máquinas, permitindo, assim, o mapeamento de preferências e hábitos dos usuários. Esta etapa marca um novo tipo de interação entre o homem e a máquina por meio dos *chatbots*¹⁶ e de assistentes pessoais inteligentes como, por exemplo, a Siri, da *Apple*. Têm sido muito utilizados também pelas empresas de consumo para atrair a atenção dos usuários das redes, mapear hábitos de consumo *online*, ao exibir o conteúdo de acordo com as preferências pessoais do internauta.

A lógica de funcionamento do algoritmo nas redes sociais ainda é motivo de discussão por muitos especialistas que atuam na área. O Facebook (2019, *online*) fez uma página explicando como o usuário pode ver como o seu *feed* funciona e o motivo pelo qual aquelas publicações estão aparecendo ali. No *link* chamado “Por que estou vendo esta postagem?” (Facebook, *online*), dá informações sobre como ajudar o usuário a entender melhor e controlar mais facilmente o que vê de amigos, páginas e de grupos no *feed* de notícias. De acordo com o comunicado, que explica como as interações anteriores afetam a classificação de postagens, o objetivo do *feed* de notícias é mostrar às pessoas as postagens mais relevantes. O Facebook esclarece ainda quais informações geralmente têm a maior influência sobre a ordem das postagens (com que frequência há interação com postagens de pessoas, páginas ou grupos; com

¹⁵ O conceito de “Web 2.0” foi citado pela primeira vez pelo vice-presidente da O'Reilly e pioneiro da web, Dale Dougherty durante uma conferência entre a O'Reilly e a *Media Live International*, em outubro de 2004.

¹⁶ O *chatbot* é uma espécie de robô que simula conversas pela internet e responde perguntas como se fosse um ser humano, graças à inteligência artificial. (Tech Tudo, 2018).

um tipo específico de conteúdo, por exemplo, vídeos, fotos ou links; e a popularidade do material compartilhado pelas pessoas, páginas e grupos).

O algoritmo funciona como um computador digital programável e é uma máquina capaz de imitar qualquer computador seguindo um conjunto de instruções para fins especiais utilizando *software*” (Dennett, 2017, tradução nossa¹⁷). Já O’Neil (2016) apresenta uma visão não tão otimista ao falar sobre a lógica de funcionamento dos algoritmos ao discutir como a análise estatística se tornou parte integrante do esporte do beisebol profissional para analisar o desempenho dos jogadores. Na obra, a autora alega que os modelos são criados com objetivos e ideologia em mente, o que significa que são tão tendenciosos quanto as pessoas que os criam. E que por esse motivo, segundo ela, seria desonesto e imoral manter os detalhes dos criadores e o objetivo do modelo das pessoas cujas vidas o modelo impactará. O’Neil (2016) usa esse argumento como um relato de advertência sobre como a análise de dados feita de forma inadequada pode até mesmo causar sofrimento humano. Ela alega que o problema do algoritmo está no fato de que, como o modelo não pode ser explorado publicamente em função do dado sigilo, ele pode ser considerado assim como “uma caixa preta”: “Mas a questão não é se algumas pessoas se beneficiam. Muitas delas sofrem. Esses modelos, alimentados por algoritmos, afetam milhões de pessoas, muitas vezes por motivos frágeis. Isso é injusto”¹⁸ (O’Neil, 2016, p. 30, tradução nossa).

Por fim, num contexto relacionado à sociedade, Totaro e Ninno (2014, p. 30, tradução nossa¹⁹) discutem a compreensão das diferentes repercussões da lógica algorítmica nos indivíduos em termos de integração comunicativa e social. Segundo os autores, a maioria dos processos de fabricação, a organização de serviços para o cidadão ou cliente e a miríade de cliques que regulam a nossa vida são inspirados nos modelos algorítmicos e essa lógica baseada em funções numéricas surge, muitas vezes de maneira invisível, mas que se enraíza na vida cotidiana e na consciência. Para os autores, a lógica dos algoritmos ocorre de forma cotidianamente na vida dos sujeitos como nas transações financeiras e na provisão de bens e serviços.

¹⁷ *In other words, a programmable digital computer is a Universal Turing Machine, capable of mimicking any special-purpose digital computer by following a set of instructions that implement that special-purpose computer in software.* (Dennett, 2017, p. 19, tradução nossa)

¹⁸ *But the point is not whether some people benefit. It’s that so many suffer. These models, powered by algorithms, slam doors in the face of millions of people, often for the flimsiest of reasons and offer no appeal. They’re unfair.* (O’Neil, 2016, p. 30, tradução nossa)

¹⁹ *The majority of manufacturing processes, the organization of services to "citizen" and "customer", and the myriad of "clicks" that regulate our daily lives, are all inspired by algorithmic models. The logic of numeric functions enters the practical world, often unseen, and firmly takes root in every-day life and our consciousness.* (Totaro e Ninno, 2014, p. 30, tradução nossa)

Com base nessas considerações feitas por especialistas da área, pode-se vislumbrar que a OTT-RJ ao reduzir a quantidade de publicações nas redes sociais e priorizar o *app*, eles buscam fugir da regra imposta pelos algoritmos das empresas de redes sociais. Ao ter uma ferramenta própria de divulgação (o aplicativo), eles criam as próprias regras de visualização e uso da ferramenta.

Outro desafio encontrado pelos administradores da OTT-RJ é a disseminação de *fakes news*. Por ter como material de divulgação as informações repassadas pelos moradores, o processo de checagem dos dados é fundamental antes da publicação do alerta nas redes sociais do grupo. Como explica Quintanilha (2019, por telefone), eles prezam pela confiabilidade das informações e os grupos de *WhatsApp* ajudam no processo de confirmação que precisa acontecer de forma muito rápida.

Além de priorizar a publicação de informações atuais, segundo Quintanilha (2019, por telefone), os administradores das redes OTT-RJ também se preocupam em não reproduzir boatos. “Se não há a confirmação da ocorrência, ela não é divulgada. Um boato pode causar pânico e esse não é o objetivo”. Devido ao cuidado em evitar a propagação de rumores, ou ainda em atualizar qualquer informação publicada que possa ser imprecisa, podemos perceber que a atuação dos administradores tem uma natureza semelhante à da atividade jornalística. Segundo ele, quando necessário, os contatos das polícias militar, civil e federal também são acionados a fim de verificar os dados fornecidos pelos seguidores. Por isso, fazem um trabalho de interação com os usuários para explicar a origem das informações que foram postadas. Essa é uma das formas encontradas por eles para realizar a contenção de notícias falsas e evitar, assim, o questionamento de outros seguidores.

OTT-RJ Utilidade Pública

Queremos lembrar que os dados colocados aqui sobre a Covid-19 não são fake News e nem invenção do OTT. São dados divulgados pelas secretarias de saúde de todo o Brasil, que atualizam a todo momento. Estamos a todo o momento varrendo os principais sites de notícias de grandes veículos de comunicação, além dos sites das próprias secretarias estaduais. Para se ter um exemplo de como está dinâmico a situação e as mesmo tempo perigosa o caminho que estamos... Ver mais

Interagente 73 - Gente boa tarde não liga para o que ela fala Andrea Macedo ela não está bem não fala coisa com coisa me perdoem

Interagente 74 - Essa página é muito séria, e é de utilidade pública. Parabéns por nos manter informados

Interagente 75 - OTT A VCS SÓ TEMOS QUE AGRADECER. VCS SÃO SERIOS E SEMPRE PRESTANDO SERVIÇO MAGNÍFICO A POPULAÇÃO. VCS TEM TD CREDIBILIDADE COM A POPULAÇÃO, TENHAM CERTEZA DISSO. FIQUEM COM DEUS QUE OS PROTEJA, GUARDE E LIVRE DE TD MAL E A SEUS FAMILIARES TBEM. ABRACOS E GRATIDÃO!

Interagente 76 - Fake

OTT-RJ - o que é fake?

Interagente 76 - Tudo que vem de vcs

OTT-RJ - Basta discurtir a página (OTT-RJ, Facebook, 21 de março, às 23h25m)

Utilidade Pública - 22/03/2020 às 12:18

Local: Padre Miguel Rio de Janeiro

Padre Miguel confirma mais um caso de Covid-19, totalizando no total no bairro. Pedimos a população que fiquem em casa

Interagente 77 - SERÁ QUE É VERDADE QUE TEM UMA PESSOA CORONAVÍRUS OU FACK NEWS, ISSO NÃO É BRINCADEIRA, FALARAM QUE TINHA UM EM MADUREIRA VIRUS E DEPOIS FALOU QUE ATE MORREU E DEPOIS FORAM VER QUE É FACK NEWS ESSAS PESSIAS QUE ESTÁ FAZENDO FACK NEWS TEM QUE PEGAR 20ANOS DE CADEI. (OTT-RJ, Facebook, 22 de março, às 12h18m)

Utilidade Pública - 23/03/2020 às 21:15

Local: Vila Isabel Rio de Janeiro

Números da COVID-19 no município do Rio: Atualizados as 19:00h do dia 23/03/2020

Interagente 78 - O que mais tem é fake

OTT-RJ - Não é fake. Foi divulgado ontem pela SMS/IPP e Cor no boletim das 19:00h (OTT-RJ, Facebook, 22 de março, às 21h15m)

Uma outra forma que eles encontraram para evitar o questionamento por parte dos seguidores sobre a veracidade do conteúdo postado na OTT-RJ é a inclusão de vídeo ou foto na postagem, o que aumenta a repercussão e, conseqüentemente, o compartilhamento da notícia, umas das formas de engajamento nas redes sociais utilizada por eles. Segundo Quintanilha (2019, por telefone), os moradores da Zona Sul não acreditam nas informações e na quantidade de violência que assola a cidade e é preciso, às vezes, colocar um artifício visual como vídeo para não haver contestações.” Aqui podemos constatar o peso que a fotografia e os vídeos têm na sociedade contemporânea, cada vez mais ancorada em imagens. A presença das imagens no texto também constitui outro aspecto da multimodalidade, complexificando a produção de sentidos pelos sujeitos (Recuero e Soares, 2013, p. 250).

Como consequência da disseminação das *fakes news*, é preciso levar em consideração o poder de viralização que elas têm na internet. Como o objetivo do grupo da OTT-RJ é gerar compartilhamento de informações, eles querem que um número maior de pessoas tenha acesso à publicação e, conseqüentemente, não seja vítima da criminalidade. Por isso, eles prezam pela difusão apenas de notícias verdadeiras e checadas. Nesse processo, milhares de seguidores nas redes sociais da OTT-RJ acompanham os conteúdos gerados e postados por eles, compartilhando ou dando *likes*, funcionando como um *feedback* de um processo de comunicação que se potencializa a cada novo compartilhamento. Estratégias, aspectos técnicos,

motivação de audiência e características de conteúdo são fatores que fazem com que a mensagem tenha alto potencial de propagação, e no corpus em análise por exemplo, a OTT-RJ tem como foco a divulgação de informações de violência, tema esse que sempre gera repercussão na internet.

Com base no MIT (2018, *online*), as notícias mais apelativas se difundem com mais eficiência que as notícias mais “frias”. De acordo com o levantamento, as informações falsas têm 70% mais chances de viralizar que as verdadeiras e alcançam muito mais gente e ganham espaço na internet de forma mais rápida, e com mais abrangência que as informações verdadeiras. A pesquisa apontou que cada postagem verdadeira atinge, em média, mil pessoas, enquanto as postagens falsas mais populares - aquelas que estão entre o 1% mais replicado - atingem de mil a cem mil pessoas.

2.8 Mapeamento da rede do medo na internet

Quando foi criada em 2016, a *fan page* da OTT-RJ era uma iniciativa inédita no país de publicação de alertas de tiroteios enviada pelos próprios moradores de forma colaborativa e não por fontes oficiais do estado. A ideia de anunciar uma situação de violência e alertar outras pessoas sobre o risco de passar por determinado local ou mesmo se manter em segurança em uma região de conflitos armados no Rio de Janeiro foi considerado um formato pioneiro na época.

2.8.1 Mapeamento das *fan pages*:

Na esteira do crescimento do maior site de rede social do mundo, que agrega mais de cem milhões de usuários somente no Brasil (Facebook, 2016, *online*), surgiram inúmeras *fan pages* focadas em diversos assuntos, entre eles, a violência. A própria OTT-RJ tem uma versão para o estado do Espírito Santo chamada OTT-ES.

Criada em 26 de novembro de 2016, dez meses depois da OTT-RJ, a OTT-ES exhibe na descrição praticamente o mesmo objetivo da versão carioca que é tirar as pessoas das rotas de balas de perdidas e arrastões. Contudo, ela apresenta pelo menos três diferenças da *fan page* do Rio de Janeiro: a OTT-RJ ES foi classificada como comercial e não como entretenimento como a OTT-RJ; tem muito menos seguidores (17.686 seguidores e 17.120 curtidas²⁰), cerca de 2,2%²¹ da *fan page* pioneira; e traz alertas sobre criminalidade, diferente da outra que também

²⁰ Dados de 16 de maio de 2020.

²¹ Considerando o quantitativo de 745 mil seguidores levantado em abril de 2020.

está focada em assuntos de utilidade pública. Em comum, as duas trazem a referência ao aplicativo da OTT (figura 27).

Figura 27 - Fan page OTT-ES



Fonte: FACEBOOK, 2020

Uma das principais *fan pages* sobre violência do Facebook é o Fogo Cruzado RJ (Fogo Cruzado, 2016) (figura 28) que também possui um aplicativo.

Figura 28 - Páginas do app Fogo Cruzado



Fonte: FOGO CRUZADO, 2019

Criado em 5 de junho de 2016, ele se autointitula um *Data Lab* - laboratório de dados sobre violência armada, através de um aplicativo e mapa colaborativo. Ele foi gerido pela Anistia Internacional, mas hoje faz parte do Instituto Update (sem data, *online*).

Apesar de as *fan pages* e *apps* da OTT-RJ e Fogo Cruzado terem como foco a criminalidade e funcionarem num sistema colaborativo, eles apresentavam propostas e metodologias diferentes até o início de 2021, quando a OTT-RJ passou a apresentar um perfil

mais analítico dos dados postados. O primeiro tem como objetivo evitar que as pessoas sejam vítimas da violência e criar uma rede de proteção para amigos e familiares. Já o segundo se propõe a registrar a incidência de tiroteios e a prevalência de violência armada em regiões metropolitanas de capitais brasileiras através de um aplicativo para tecnologia *mobile* combinado com um banco de dados. O Fogo Cruzado atua como uma base de estatísticas de criminalidade no Rio de Janeiro e Recife. Já a OTT-RJ funciona dentro e fora do Brasil.

Outra diferença é que a equipe de gestão de dados do Fogo Cruzado trabalha de casa, utilizando celulares e computadores, 24 horas, todos os dias e recebem salários por isso, ao contrário da OTT-RJ que é gerida por uma equipe não remunerada de forma direta por patrocinadores, mas que já conta com a verba de anúncios que são exibidos no *app*.

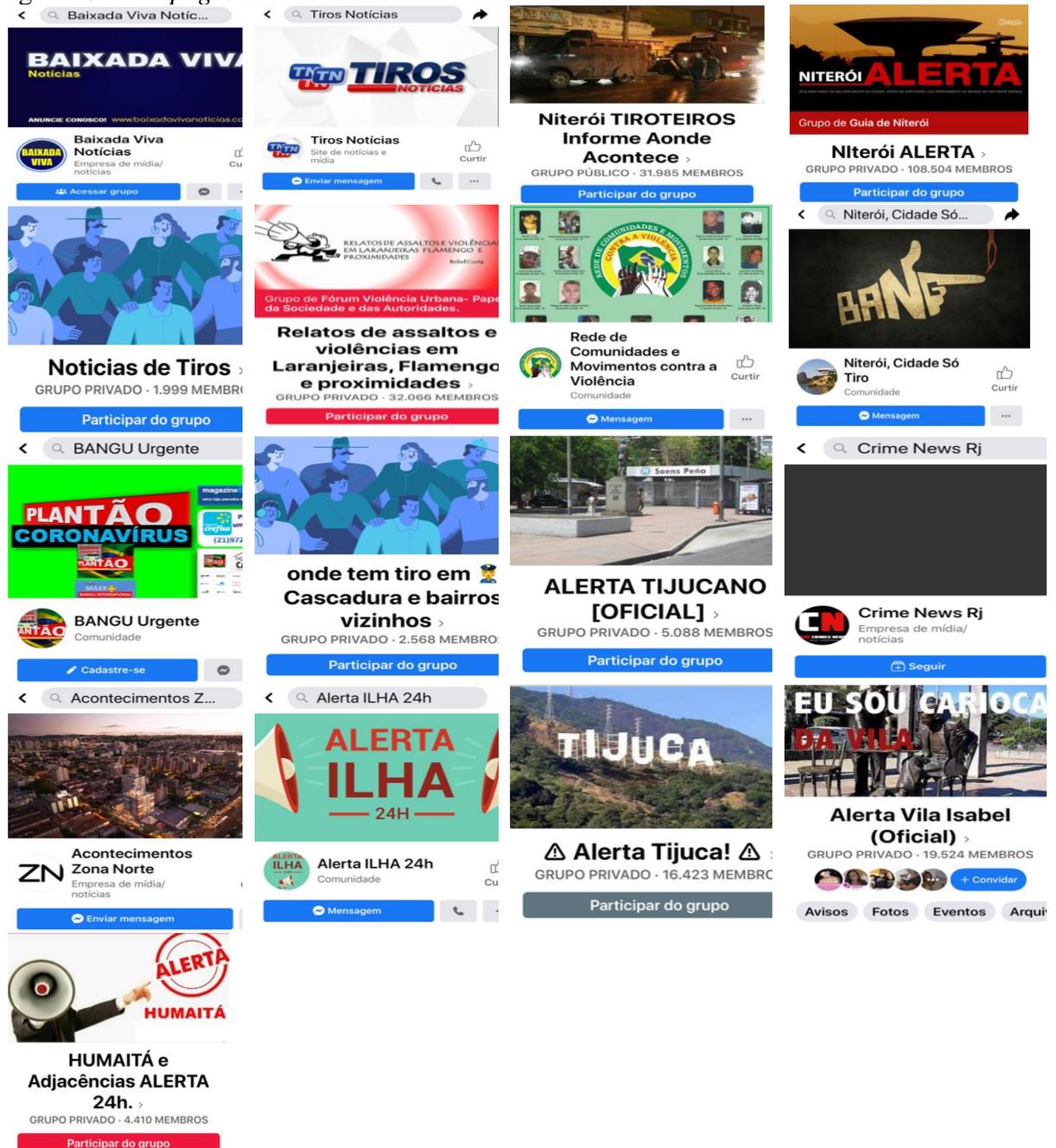
O aplicativo do Fogo Cruzado é uma das principais ferramentas para registro e análise da violência armada na capital fluminense. Ele possibilita que o cidadão compartilhe dados toda vez que presenciar ou ouvir um tiroteio ou disparo de arma de fogo. Ao preencher um formulário, a informação é transformada pelo *app* em uma notificação em um mapa que pode ser agregado e combinado com as informações de outras áreas, tais como a saúde e educação. Iniciado no Rio de Janeiro, Recife foi a segunda capital brasileira a ter a cobertura do Fogo Cruzado onde funciona em parceria com o Núcleo de Pesquisas em Políticas de Segurança da Universidade Federal de Pernambuco.

Diferente do OTT-RJ, a plataforma do Fogo Cruzado permite a qualificação e análise de informação georreferenciada sobre a violência produzida por armas de fogo, contribuindo tanto para o monitoramento da violência quanto para padrões socioespaciais. Além de ser notificada por usuários diretamente via aplicativo - de forma anônima e sigilosa, a equipe de gestão de dados do Fogo Cruzado recebe informações também via WhatsApp, mensagens diretas do Twitter e *inbox* do Facebook e ainda as adiciona à base de dados as informações recolhidas pela imprensa e pelos canais das autoridades policiais (Fogo Cruzado, 2016, *online*). O *app* está disponível para *download* no sistema Android e iOS.

O alto índice de violência no Rio de Janeiro motivou a criação de diversas páginas de denúncia no Facebook. Muitas fazem referência à criminalidade de um determinado bairro como forma de segmentar as informações. São dezenas de *fan pages* que publicam não só notícias de crime, mas informações do bairro em geral como forma de manter o morador informado sobre o que acontece na região onde mora.

Entre elas, estão as seguintes: Alerta Recreio, Alerta Barra da Tijuca, Rio Comprido Alerta, Bangu ao vivo, Madureira News, Grande Méier da Depressão, Baixada Vivo, Tiros Notícias, Notícias de Tiros (figura 29).

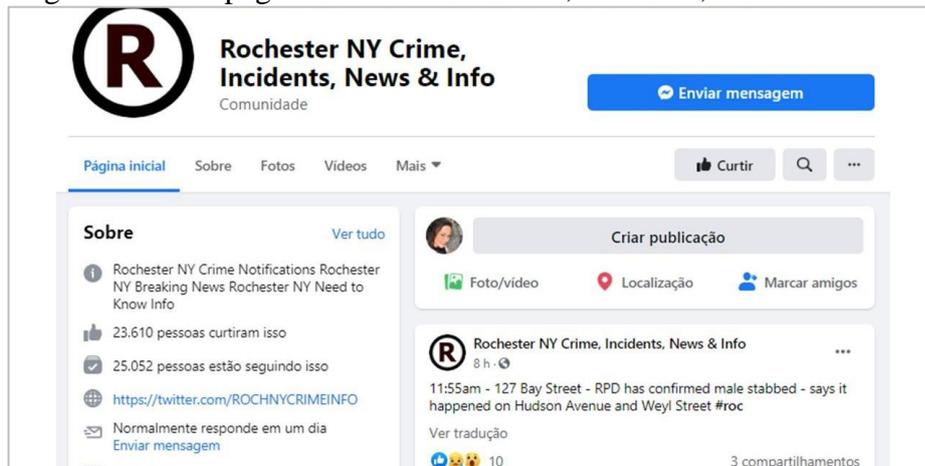
Figura 29 - *Fan pages* sobre criminalidade do Rio



Fonte: FACEBOOK, 2020

Com relação às *fan pages* de abrangência internacional, não há experiência igual à utilizada pela OTT-RJ. Num caso semelhante, a página Rochester NY *Crime, Incidents, News & Info* (sem data, Facebook) é categorizada como uma *fan page* de comunidade que republica informações de veículos *online* como “13WHAM.com” e do “THELCN.com” sobre violência na região (figura 30). Ela tinha 21 mil curtidas em setembro de 2020, mas não é abastecida por informações enviadas por moradores.

Figura 30 - Fan page Rochester NY Crime, Incidents, News & Info



Fonte: FACEBOOK, 2020

Nunes (2017) fez um levantamento de 156 páginas hiperlocais no Facebook, entre elas a OTT-RJ, que cobrem áreas do Rio de Janeiro ignoradas pela mídia tradicional. De acordo com ele, os meios digitais também possibilitaram a produção de informação hiperlocalizada e hiperespecializada, permitindo a criação de mídias hiperlocais - páginas e grupos que têm como foco um bairro, uma localidade ou mesmo uma rua. Segundo o autor, atualmente, as páginas de bairros do Rio de Janeiro cumprem um papel importante no que se refere ao consumo de informação sobre eventos, serviços públicos, violência e crime no cotidiano dos moradores da cidade. “Essas páginas cada vez mais ganham espaço e importância, uma vez que o jornalismo tradicional não conseguiu superar seu distanciamento das favelas e dos bairros periféricos” (Nunes, 2017, *online*.)

No levantamento, foi ressaltado que a produção de notícias sobre segurança pública continua a priorizar territórios considerados de maior interesse pela imprensa, mas há a ausência de notícias sobre os territórios com maiores taxas de homicídios, como, por exemplo, a Zona Norte e Baixada Fluminense. Segundo Nunes (2017), a maior parte dos textos, fotos e vídeos publicada focaliza, além da violência, outras questões locais cotidianas, recuperando ao menos parte do papel dos pequenos jornais que circulavam nos bairros e favelas da cidade e hoje praticamente desapareceram, seja por falta de recursos, seja pela popularização da internet. Vimos que na OTT-RJ as notícias sobre utilidade pública têm ganhado destaque nas publicações frente às notícias de tiroteio que estão sendo priorizadas no aplicativo do grupo.

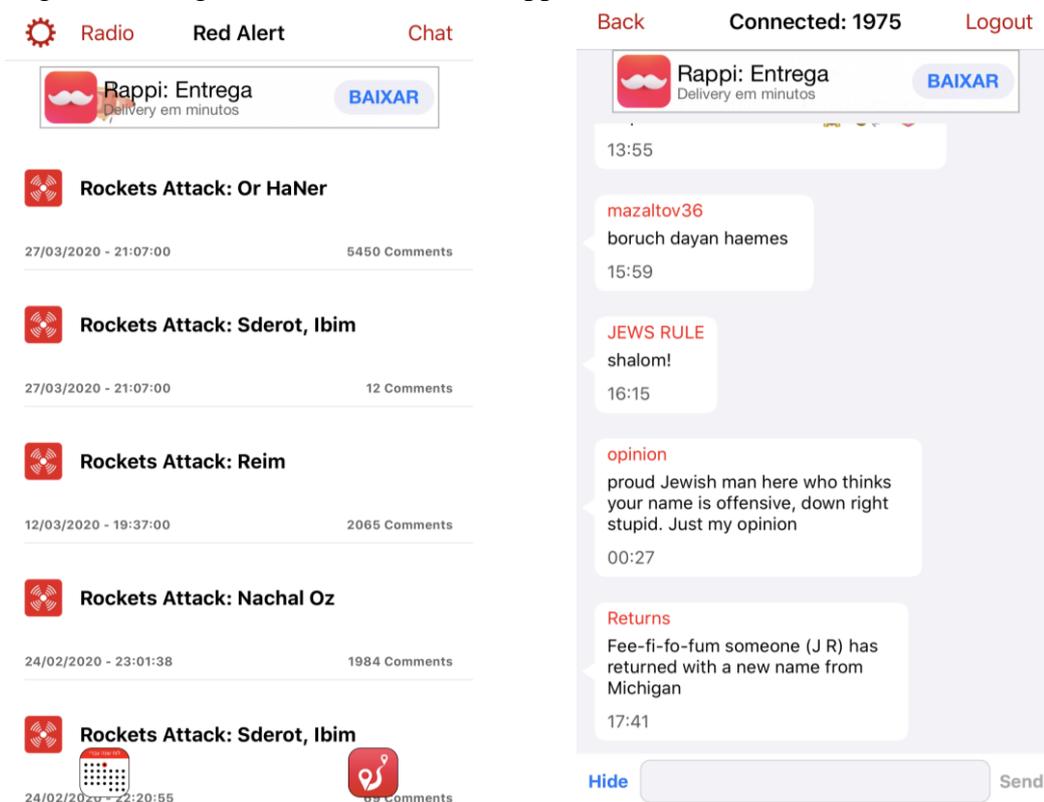
2.8.2 Mapeamento dos *apps* de violência

Foram identificadas algumas iniciativas nacionais e internacionais de aplicativos que apresentam experiências próximas à utilizada pela OTT-RJ, mas nenhuma que funcione

exatamente igual, demonstrando que se tratava ainda de uma proposta praticamente inédita. Cada um deles tem uma particularidade e uma lógica de funcionamento própria. Em comum, apenas o tema violência.

O *app Red Alert* é uma ferramenta utilizada por moradores de Israel e funciona como alerta de segurança ao informar quando há ataques iminentes de mísseis ou foguetes na Faixa de Gaza. Nesse caso, os alertas são dados a partir de uma sinalização oficial do Exército já que toda vez que há preparação para um disparo, uma sirene é acionada. Já a OTT-RJ envia alerta de criminalidade a partir de informações enviadas por moradores (figura 31).

Figura 31 - Página inicial e do chat do app Red Alert



Fonte: APP RED ALERT, 2020

O *Red Alert* é um aplicativo gratuito para iOS e Android e, também, funciona como um tipo especializado de rede social em que os usuários podem deixar comentários e até para um *feed* de rádio por *streaming* disponível em uma estação com sede em Israel. O criador do *app*, Ari Sprung, disse que o maior desafio é o volume de usuários que, em 2014, chegava a mais de 300 mil ativos no aplicativo Android, outros 300 mil no aplicativo iOS e cerca de 100 mil dos EUA em uma versão em inglês (Computerworld, 2014, *online*). Além dos comentários, o aplicativo tem uma barra de anúncios clicáveis na parte superior da tela inicial que, assim como na OTT, bloqueia temporariamente o uso do *app* até que o anúncio seja exibido completamente.

Na entrevista ao Computerworld (2014, *online*), Sprung explicou como funciona o *app*: quando um ataque de foguete é detectado, um alerta com o horário e a cidade onde o ataque deve ocorrer é enviado para cada telefone celular que recebe notificações por som ou por vibração. Segundo ele, há regiões onde os moradores não têm sirenes e optam por usar aplicativos.

Já o Five-O (sem data, *online*) é um aplicativo móvel criado, em 2014, por três irmãos afro-americanos da Geórgia, nos Estados Unidos, desenvolvido em colaboração com a Pinetart. Ima, Asha e Caleb Christian criaram o aplicativo como uma tentativa de fornecer uma solução para os problemas gerados pela interação entre policiais e cidadãos e sua própria experiência traumática com a polícia. O termo Five-O é uma gíria americana para aplicação da lei, baseada no Hawaii Five-O, um programa de televisão. O aplicativo permite que o usuário faça uma descrição da abordagem feita pelo policial individual e classifique o grau de cortesia e profissionalismo no atendimento pelo profissional. O aplicativo fornece também um registro de interações consideradas positivas, como um policial salvando um animal de estimação, por exemplo.

Na mesma proposta, Raheem (sem data, *online*) é um serviço de denúncia de conduta policial nos Estados Unidos com o objetivo de acabar com o terror policial contra negros tornando o comportamento da polícia visível e responsável. Eles trabalham de forma independente e não afiliados a nenhum departamento de polícia e os dados pessoais dos denunciadores não são compartilhados sem a sua permissão. Além do aplicativo, eles mantêm uma *fan page* no Facebook.

Urgence Violences Policières - UVP (Google Apps, 2020, *online*) é o nome em inglês do aplicativo que permite o envio de filmagens ao vivo de intervenções policiais, a fim de coletar evidências em caso de violações de direitos. Ele foi lançado por associações de famílias das vítimas de violência policial na França. O material gravado, com duração máxima de dez minutos, é geolocalizado e enviado em tempo real para um servidor seguro do Observatório Nacional de Prática de Violência Policial (do francês, *Observatoire National des Pratiques et Violences Policières - ONPVP*) (Facebook, 2020) para que a vítima possa usá-lo em caso de ação judicial. Atualmente, o aplicativo está disponível no Android e em iOS.

Com relação às iniciativas nacionais, o aplicativo de denúncias DefeZap (Apoie a ponte, 2017, *online*) coordenado pelo advogado e jornalista Guilherme Pimentel, tem como proposta combater a violência policial no Rio. A ferramenta recebe vídeos com denúncias sobre violações de direitos humanos praticadas por policiais em favelas do Rio de Janeiro e que acabam gerando a abertura de procedimentos contra policiais no Ministério Público e

corregedorias. O site do DefeZap informa que as denúncias contra agentes violadores são realizadas sem expor os denunciadores a riscos de represálias de policiais, já que a identidade da pessoa é mantida em sigilo, e a maior parte da violência praticada ocorre durante operações policiais em favelas.

Outra iniciativa é o *Citizs* (App device, sem data, *online*), antes denominado Polícia Popular, ele mudou de nome em função da expansão da ferramenta que, atualmente, se autodenomina como a mais completa plataforma de segurança pública (figura 32).

Figura 32 - Página do app Citizs na Apple Store



Fonte: APP DEVICE, sem data, *online*, link indisponível

Na descrição, há a informação de que se trata de uma rede social em que todos podem contribuir para um país mais seguro e que a ordem começa pelo bairro e que, para isso, conta com a conexão de três pilares: cidadão, poder público e efetivo policial. “A colaboração faz parte do nosso cotidiano e nada mais importante para solucionar o problema de segurança unindo o nosso maior exército trabalhando contra a violência e desordem: a população. Se cada cidadão de bem fizer a sua parte chegaremos em um tempo onde a paz reinará a todos”, diz o *app*. *Citizs* apresenta uma proposta parecida com a da OTT-RJ já que conta com a colaboração dos moradores, mas tem um viés de proporcionar segurança. Funcionou até 2020 no app e na internet (<<http://www.citizs.com/>>), mas não está mais disponível, mas continua ativo o perfil no Facebook (<<https://www.facebook.com/citizs/>>).

Outro aplicativo com nome parecido ao Citzs é o *Citizen* (App Citizen, 2021, online). A ferramenta faz sucesso ao revelar, em tempo real e vídeos ao vivo e se apresenta como o aplicativo de segurança mais poderoso para o mundo de hoje (figura 33).

Figura 33 - Print da tela do Citizen na AppStore



Fonte: APP APPLE, 2021

Apresenta uma dinâmica semelhante à da OTT ao estimular usuários a filmarem e transmitirem ao vivo ocorrências policiais com a promessa de contribuir para a segurança. Por ser um *app* internacional, além de mostrar os locais de crimes, emite alertas de segurança atualizações sobre desastres naturais e de ataques terroristas, o que não é uma realidade corriqueira no Brasil. Como forma de monetização do *app* como na OTT-RJ que insere anúncios pagos durante o uso da ferramenta, eles apresentam uma versão paga que é a assinatura *Protect*.

No Brasil, desenvolvido pela Secretaria Municipal de Segurança Urbana de São Paulo, o SP+Segura (App store, online, 2017) é uma plataforma móvel gratuita colaborativa que tem como objetivo contribuir com um país mais seguro (figura 34).

Figura 34 - Print da tela do SP+ Segura na AppStore



Fonte: APP APPLE, 2021

Através do mapa, é possível saber o que está acontecendo em tempo real. O *app* apresenta algumas vantagens como manter o anonimato dos colaboradores, ao permitir interagir

de forma anônima, colaboração com as autoridades já que os alertas ajudam a aumentar a eficiência e produtividade das autoridades em São Paulo, cidadania ao possibilitar fazer alertas sobre o desaparecimento de animais, casos de vandalismo, descarte irregular de lixo, falta de luz, dentre outros.

O aplicativo *Be On* (Facebook, 2020, *online*) (figura 35) também apresenta uma missão semelhante à da OTT-RJ que é ser uma rede de segurança colaborativa que envia e recebe alertas, colaborando com a segurança da sua comunidade e ajudando familiares, amigos e vizinhos.

Figura 35 -Páginas do *Be On* na internet e no Facebook

Conheça o BE ON

Entenda as principais funcionalidades do aplicativo.

- Botão de Pânico**
Cadastre um telefone particular para situações de perigo ou insegurança. Depois acesse facilmente esse contato para solicitar socorro.
- Telefones de Emergência**
Todos os telefones públicos de emergência catalogados em uma lista única que você pode acionar diretamente quando necessário.
- Onde Estou**
A marca do Be On representa sua localização no mapa. Assim você pode identificar o que está ocorrendo próximo a você.
- Chat**
Troque mensagens com seus grupos de segurança: família, condomínio, escola, trabalho e outros.
- Criar Alerta**
Ao verificar uma ocorrência que deve ser compartilhada, clique no ícone e crie seu alerta.
- Emergências**
Chamadas para os serviços públicos de emergência são marcadas em vermelho no mapa.
- Alertas**
Registros de alertas são marcados em amarelo no mapa e possuem comentários e fotos da ocorrência.

Be On
Página de aplicativo

WhatsApp

Página inicial Avaliações Vídeos Fotos Mais

Curtir Mensagem

Sobre Ver tudo

1 Fique ligado na rede de segurança colaborativa. Envie e receba alertas. Colabore com a segurança da sua comunidade e ajude familiares, amigos e vizinhos.

1.242 pessoas curtiram isso

1.268 pessoas estão seguindo isso

<http://www.appbeon.com/>

(51) 3381-4343

Enviar mensagem

info@appbeon.com

Página do aplicativo

Be On
14 de maio às 13:00

As lives de grandes artistas e nomes tomaram a programação desta quarentena. Estamos assistindo grandes shows direto das nossas casas, e todos em prol de ajudar ao próximo e nosso país neste período difícil que estamos enfrentando.

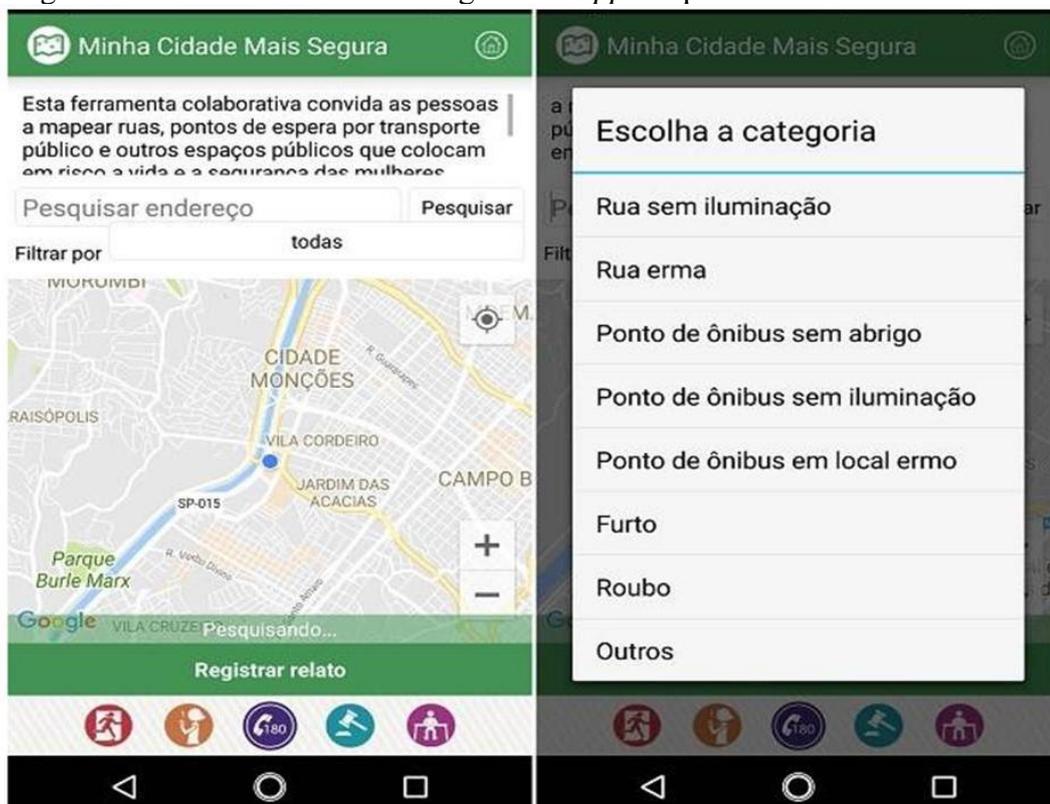
A causa é nobre, porém estão acontecendo alguns golpes e você precisa ficar atento. Os golpistas divulgam o mesmo vídeo com a mesma tela (incluindo patrocínios, nome do show e acontecem ao mesmo tempo que o oficial), porém o QR code é alterado e ... Ver mais

Fonte: APP APPLE, FACEBOOK, 2021

Ele apresenta funcionalidade mais avançadas que a concorrente como botão do pânico, telefone de emergência, “onde estou” e *chat*. Também está presente em outros canais como Facebook, Youtube, Twitter e Instagram. Apesar disso, ele tem um número muito menor de seguidores que a OTT-RJ: 1.268 seguidores e 1.242 curtidas²².

Já o Clique 180 (ONU Mulheres Brasil, 2014, *online*) é um aplicativo gratuito para Android e iOS, desenvolvido com a proposta de ajudar no combater da violência contra a mulher. Disponibiliza informações para ajudar vítimas de agressão, pessoas que desejam ajudar mulheres próximas, informação para profissionais da área, rotas para chegar até o atendimento, acesso à Lei Maria da Penha na íntegra e até um campo para orientar quem não sabe qual tipo de violência sofreu. Possui um *link* direto com a Central de Atendimento à Mulher que é o Disque 180. Ele tem um recurso interessante que é uma tela de disfarce que é acionada ao abri-lo, o que pode ser decisivo para evitar a descoberta do *app* por parceiros agressores. Outro recurso oferecido pelo aplicativo se chama “Minha cidade mais segura” (figura 36) onde a usuária pode encontrar no mapa lugares na cidade em que reside que não são seguros e indicar, de forma colaborativa, regiões onde tenha ocorrido casos de agressão. A diferença desse aplicativo é que ele foi desenvolvido por uma instituição pública (figura 36).

Figura 36 - “Minha cidade mais segura” no *app* Clique 180



Fonte: OLHAR DIGITAL, 2018

²² Números de 16 de maio de 2020.

Com outra proposta, a Mooh Tech (2021, *online*) é uma ferramenta de comunicação de emergência que une os serviços de atendimento tradicionais como 190, 192 e Disque Denúncia. O aplicativo conecta cidadãos com rede de segurança e, com isso, as denúncias via aplicativo chegam diretamente às centrais de emergência e têm resposta em tempo real. O cidadão, ao invés de ligar via telefone, usa um aplicativo que é capaz de mandar vídeo, texto, áudio ou imagem, com auxílio do recurso de internet das coisas e georreferenciando, de forma anônima ou não. Do outro lado, o operador consegue a geolocalização da chamada e já encontra os agentes de campo mais próximos que aceitam e vão até o cidadão ou recusam o chamado, caso tenha algum tipo de impeditivo para tal ação. Na central do operador, também é verificada a base de dados de criminosos. Essas informações são utilizadas com uma tecnologia de reconhecimento facial capaz de identificar criminosos foragidos ou em situação de regime de soltura especial. Se detectado, é emitido um alerta automaticamente enviado pelas câmeras que possuem essa tecnologia e estão integradas a central. Assim, o operador notifica o agente mais próximo para essa captura.

2.8.3 Mapeamento dos perfis de violência no Twitter

O Twitter abriga alguns perfis que abordam a questão da violência como o Fogo Cruzado RJ, Casos de Polícia e Alerta Rio 24 horas (figura 37).

Figura 37 - Fogo Cruzado RJ, Casos de Polícia e Alerta Rio 24 horas



Fonte: TWITTER, 2021

Possui ainda outras páginas semelhantes como Centro de Operações Rio e Trânsito RJ. Estas têm o foco em alertas sobre cidadania (figura 38).

Figura 38 - Centro de Operações Rio e Trânsito RJ



Fonte: TWITTER, 2021

2.8.4 Onde tem vacina:

Na esteira do início da vacinação contra covid-19 realizada pelos governos, surgiu nas redes sociais cujo nome é inspirado na OTT-RJ. O perfil chamado “Onde tem vacina” se apresenta com o objetivo informar ao usuário os lugares onde o imunizante está disponível. Aposta numa lógica semelhante ao da OTT-RJ que aponta os lugares onde a criminalidade está acontecendo, mas neste caso, eles se referem aos locais de vacinação. Por outro lado, a intenção da OTT é que as pessoas fiquem em casa para não serem alvo dos bandidos, e o objetivo do “Onde tem vacina” (figura 39) é que o usuário possa sair dos ambientes e seguir à procura da imunização.

Figura 39 - Print da página “Onde tem vacina” no Twitter



Fonte: TWITTER, 2021

Segundo o perfil “Onde tem vacina” (Twitter, 2021), o projeto foi desenvolvido com recursos próprios para ajudar o Brasil na luta contra a covid-19. “Acreditamos que, com inovação e tecnologia, muito pode ser feito em prol da sociedade, analisando e democratizando os dados públicos disponíveis” (Onde tem vacina, 2021). Como os desenvolvedores da página indicam, o OndeTemVacina.com é uma plataforma colaborativa gratuita, que oferece uma ferramenta de busca por postos de vacinação contra covid-19 e permite que a população participe do processo, informando, em tempo real, a situação da vacinação em sua cidade. “Nossa missão é fornecer a todo cidadão brasileiro um serviço de utilidade pública, combinando dados públicos atualizados diariamente, *data science*, *cloud computing* e *crowdsourcing* para oferecer uma plataforma moderna de informação do cidadão para o cidadão”. É uma outra característica do modo de funcionamento, semelhante à utilizada pela OTT-RJ que também conta com a participação da população no fornecimento de informações no formato *Citizen to Citizen* que será discutido mais à frente.

Assim como a OTT-RJ, o perfil “Onde tem vacina” é mais uma tentativa dos próprios moradores oferecendo para outros moradores informações públicas diante da falta de ajuda do governo e para suprir uma deficiência do estado. É uma forma de participação mais profunda do povo no processo político que reafirma a importância do cidadão.

3 VIGILÂNCIA, CONTENÇÃO TERRITORIAL E MOBILIDADE URBANA

A partir da vigilância eletrônica ou informacional (Haesbaert, 2014, p. 230) promovida pelos moradores cariocas e fluminenses ao fornecer conteúdo de criminalidade para a rede OTT-RJ, discutimos os movimentos que foram desencadeados por esse processo. Com base nas narrativas do medo postadas pelos seguidores nos comentários do Twitter, também analisamos como foi gerada a contenção territorial informacional que se dá pela pelos alertas e como ela acabou impedindo e afetando a mobilidade dos sujeitos, em uma das cidades brasileiras de maior visibilidade no mundo e em um dos principais estados do país. Como esse tríptico de fatores – vigilância eletrônica informacional, contenção simbólica e i-mobilidade - se dá num contexto virtual e de pandemia mundial, ancorado pela experiência do medo – será a tônica deste capítulo.

Por conta do caráter colaborativo das plataformas da OTT-RJ, daremos luz à discussão sobre o papel dos seguidores no processo chamado de C2C, abordando a lógica de colaboração e fluxo comunicacional. Analisaremos também como os usuários da OTT-RJ mantêm uma lógica de vigilância cidadã e participam de forma ativa, inserindo informações sobre crimes nas plataformas da rede. Partindo dessa premissa e dentro de um contexto tecnológico, debateremos um conceito proposto por eles que é a segurança 4.0.

3.1 Vigilância eletrônica e informacional no Twitter

Apostando em uma conversa entre cidade e tecnologia, o comportamento sobre criminalidade publicado na rede OTT-RJ ganha força a partir do momento em que os seguidores do perfil passam a conviver constantemente com cenas e discursos violentos publicados de forma acelerada e constante e acompanham a próxima tragédia. Esse regime de vigilância contemporânea da violência também pode ser visto nas narrativas dos usuários do Twitter quando utilizam o perfil da OTT-RJ para ter ciência sobre o que está acontecendo sobre a criminalidade no Rio. Estamos mencionando aqui uma vigilância eletrônica ou informacional (Haesbaert, 2014, p. 230) realizada pela plataforma que tem um papel fundamental ao ser considerada um aparato tecnológico de vigilância.

Como as informações são publicadas quase em tempo real, a plataforma torna a cidade um local visível e vigiado o tempo todo, transformando-a em um território da violência monitorado 24 horas por dia e em exposição na internet. Na OTT-RJ, o conteúdo é produzido com a participação dos próprios usuários que são atores fundamentais na prática de vigilância

digital ao se posicionar como vigilantes ao fornecerem informações sobre violência que são publicadas pela OTT-RJ. Sem a participação deles, a rede que é administrada apenas por quatro pessoas não teria condições de funcionar plenamente e cobrir toda a cidade e estado do Rio. Espalhados pelo território urbano e portando um telefone celular com câmera, esses sujeitos têm um papel ativo e são o elo principal desse regime de vigilância contemporânea da violência. O modelo se complexificou em relação aos antigos, ganhando sentidos, modos de atuação e efeitos novos.

Podemos refletir ainda se esse processo de observação realizado pelo morador para morador é inspirado na visão panóptica num modelo que se assemelha a uma penitenciária²³ idealizada por Foucault (1999, p. 223). Nesse caso, um único vigilante observa todos os prisioneiros, sem que estes possam saber se estão ou não sendo vistos. Ao fazermos uma breve comparação com o que é publicado pela OTT-RJ, a plataforma permite uma forma de vigilância cidadã da criminalidade que se dá no contexto virtual e proporciona um estado permanente de observação já que as imagens sobre violência ficam disponíveis na linha do tempo do usuário e podem ser checadas por eles a qualquer momento.

É um processo de vigilância que não apenas acontece na internet, mas a própria rede é usada como um meio para expor o crime de forma endêmica e significativa, o que reitera a violência a cada nova postagem. Para ter acesso a informações sobre criminalidade, não é necessário explorar e investigar na internet o tema porque as redes sociais já organizaram e expõem esses dados de forma clara e fácil. Refere-se a uma nova prática de vigilância baseada no processamento de informações. Fazendo novamente uma alusão à obra de Foucault, é uma vigilância panóptica de uma cidade contemporânea feita no ciberespaço, elemento pós-moderno de vigilância da criminalidade.

Já do ponto de vista do cidadão, munidos de aparelhos celulares com câmeras, eles produzem conteúdo para a OTT-RJ de forma esporádica e voluntária e, em muitas ocasiões, as imagens são realizadas sem que os envolvidos no incidente saibam que estão sendo filmados, gerando uma discussão mais complexa sobre privacidade. Percebemos ainda que atuam de

²³ Concebida pelo filósofo e jurista inglês Jeremy Bentham, em 1785. O panóptico de Bentham é a figura arquitetural dessa composição. O princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar. Pelo efeito da contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se exatamente sobre a claridade, as pequenas silhuetas cativas nas celas da periferia. Tantas jaulas, tantos pequenos teatros, em que cada ator está sozinho, perfeitamente individualizado e constantemente visível. O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente. (Foucault, 1999, p. 223)

forma não fixa, dispersa e flexível, espalhados pelo espaço urbano, o que reforça o caráter de onipresença e a máxima de que qualquer um pode ser filmado a qualquer instante. A maioria das imagens publicadas pela OTT-RJ foi realizada em espaços públicos e de circulação da população e os administrados da rede chegam a receber centenas de conteúdos diariamente. Produz-se, então, um dos efeitos mais importante do panóptico que era induzir um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder (Foucault, 1999).

Sob a acepção foucaultiana do efeito do poder gerado pela vigilância constante, há duas questões sobre o papel da OTT-RJ nesse processo a serem discutidas: de um lado, os seguidores podem criar e enviar o conteúdo que desejar, numa forma de ter domínio sobre o que produzem e que, provavelmente, será publicado nos perfis da OTT-RJ e até mesmo ser utilizado como fonte pela imprensa; de outro, as imagens postadas podem provocar um efeito em quem assiste ao conteúdo já que é capaz de promover a contenção territorial e afetar e impedir a mobilidade dos moradores, como veremos mais à frente.

O conceito de vigilância começou a mudar na primeira década do século XXI e novas oportunidades surgiram após o episódio do 11 de setembro, nos Estados Unidos. Esses novos aspectos da cultura de vigilância estão alterando as relações pessoais realizadas em espaços públicos vigiados e experiências de vigilância como forma de pesquisar sobre a vida das pessoas pelas redes sociais (Lyon, 2019). Segundo o autor (2019, p.2), a vigilância está inevitavelmente associada à vida cotidiana deste século, especialmente, em um contexto de uso exponencial de dados e rastros digitais (Recuero, 2009) para os mais diversos fins e o monitoramento, visualização e processamento de volume massivo de informações são partes das experiências cotidianas de sociabilidade, comunicação e interação com governos, corporações e organizações em geral. Como afirma, a vigilância faz parte da produção de imaginários e de práticas nas sociedades contemporâneas, na qual os indivíduos não são apenas vigiados, mas participam ativamente vigiando uns aos outros, principalmente, através do uso da internet e das mídias sociais, como o processo que é realizado pela OTT-RJ.

Uma nova “cultura de vigilância” estava tomando forma. Existem muitas maneiras de considerar a vigilância cultural. Por um lado, tem a ver com a experiência de vigilância na vida cotidiana, à medida que as pessoas negociam câmeras ubíquas em espaços públicos e privados, passam por áreas de segurança como as de aeroportos, encontram vigilância embutida em edifícios, veículos e dispositivos em proliferação, cada um dos quais coleta, armazena, transmite, analisa e atua sobre os dados. E, por outro lado, existe uma cultura de vigilância onde as pessoas desempenham um papel mais ativo (LYON, 2019, p.6).

Trata-se da vigilância da violência que é feita na vida cotidiana e que torna a cidade do Rio de Janeiro em constante monitoramento. Em Fobópole, Souza (2008, p. 85) esclarece que, no Brasil, a expressão “cidades vigiadas” foi utilizada em uma obra que investigava as relações entre poder, polícia e espaço urbano no Rio de Janeiro de épocas passadas”. Numa definição mais atual, considera-se uma “cidade vigiada” ou “monitorada” aquela que se caracteriza pela disseminação e diversificação de aparatos de proteção e controle, tanto em espaços públicos quanto em privados, sendo o exemplo mais conhecido, as câmeras de vídeo (Souza, 2008, p.86).

Esse modelo de vigilância do crime feita pelos próprios moradores e que se dá na OTT-RJ pode se enquadrar no que Bauman (2004, 2000) chama de vigilância líquida. O autor considera que ela acontece de maneiras impensáveis e que “permite formas de controle que apresentam diferentes faces, que não tem uma conexão óbvia com o aprisionamento e amiúde compartilham as características da flexibilidade e da diversão encontradas no entretenimento e no consumo, num processo chamado “momento pós-panóptico”.

Num contexto mais atual, as ideias “modernas” de vigilância vão além das câmeras de segurança e a experiência urbana de um cidadão ser vigiado por esses equipamentos é apenas uma das abordagens para a vigilância que se tornou mais intensa com a informatização e se espalha pelo ciberespaço (Koskela, 2003, p. 293). Segundo ela *apud* (Lyon, 2001), no ambiente eletrônico existe um “superpanóptico”, na palavra ampla de rede de vigilância.

A vigilância pode ser uma representação da panoptificação do urbano espaço “apenas em um sentido muito parcial” (Norris, 2002: 268). A noção de que a vigilância é com base na observação visual e monitoramento centralizado, de acordo com o Panóptico, ‘deve não levar à suposição automática de que em sua operação e efeitos é idêntico’ (Norris e Armstrong, 1999: 91). Além disso, tem-se argumentado que o Panóptico é substituído por um “pós-panóptico” (Boyne, 2000: 300), ou um “superpanóptico eletrônico” (Lyon, 2001: 108), e foi “descentrado” sendo “fragmentado e unificado no mesmo tempo” (Whitaker, 1999: 143). O panopticismo que enfrentamos agora é “imperfeito” (Hannah, 1997b). (KOSKELA, 2003, P. 293)²⁴

Bruno (2009, p. 2) propôs o termo “vigilância distribuída” para se referir à vigilância nas sociedades contemporâneas que tende a se tornar incorporada a diversos dispositivos, serviços e ambientes que usamos cotidianamente, mas se dá de forma descentralizada, não hierárquica e com vários objetivos e significados nos mais diferentes setores, entre eles, a segurança. Nas redes sociais como o Twitter, os sistemas de vigilância e monitoramento são

²⁴ *Surveillance can be seen as representing the panoptification of urban space ‘only in a very partial sense’ (Norris, 2002: 268). The notion that surveillance is based on visual observation and centralised monitoring, as per the Panopticon, ‘should not lead to the automatic assumption that in its operation and effects it is identical’ (Norris and Armstrong, 1999: 91). Furthermore, it has been argued that the Panopticon is replaced by a ‘post-Panopticon’ (Boyne, 2000: 300), or an ‘electronic superpanopticon’ (Lyon, 2001: 108), and has been ‘decentered’ being ‘both fragmented and unified at the same time’ (Whitaker, 1999: 143). The panopticism we now face is ‘imperfect’ (Hannah, 1997b). (KOSKELA, 2003, p. 2, tradução nossa)*

iminentes ao ciberespaço e são parte integrante tanto da eficiência do sistema, que monitora, arquiva e analisa os dados disponibilizados pelos usuários de modo a otimizar serviços, quanto das relações sociais.

A vigilância informal feita por moradores da cidade e do estado do Rio de Janeiro se dá de forma totalmente diferente dos profissionais de segurança e que antes era restrita a instâncias policiais, científicas ou administrativas. Já o trabalho realizado por operadores de câmeras é um serviço executado por humanos, com as habituais limitações como o fator tédio gerado pela visualização monótona de horas de imagens (Cardoso, 2011, p. 5). Na atualidade, o monitoramento de crimes não está restrito apenas a esses profissionais, mas a todo cidadão que utilize um aparelho celular munidos com câmera. Como vimos, a OTT-RJ foi pioneira em incitar a participação dos seguidores de forma vigilante sobre a cidade ao estimular que eles tenham um olhar policial associado a uma atitude de cidadão, mas como já mostramos a internet atualmente está repleta de outros exemplos similares de formas de vigilância sobre a cidade com maior ou menor riqueza de detalhes.

Por outro lado, há uma problemática na associação dessa postura vigilante-policial à cidadania que se apresenta de dois grandes modos na cibercultura: “nos recursos que as diversas formas de participação proveem à vigilância digital (Bruno, 2009, p.11) e na transformação do usuário produtor em vigilante”. Como explica a autora, numa cultura do risco ubíquo e generalizado, amplia-se a responsabilidade de cada um com a própria segurança pessoal, instituindo a cultura “*do-it-yourself surveillance*”. Já Ribeiro (2017) chama esse processo de “*smart surveillance*” que é formado pelo uso de tecnologias inteligentes nas cidades contemporâneas para uma função específica como forma de encontrar maneiras de se gerar segurança a partir de uma ideia de controle e vigilância. A autora alerta ainda que a colocação de “olhos” em todos os lugares para lidar com as diversas formas de “inseguranças” é uma forma de transmutação da responsabilidade da contenção da violência e das ameaças urbanas para os próprios moradores, que se sentem obrigados a vigiar vizinhos e transeuntes, e passam a implementar uma vigilância do cotidiano, gerando um rastreamento incessante das atividades dos cidadãos por dispositivos.

A naturalização de práticas como vivermos cercados de câmeras de monitoramento por vídeo em espaços públicos, sem a devida problematização de todas as questões envolvidas sugere um regime de enunciados que traz uma nova forma de ler o cotidiano e de se engajar com a cidade, e possibilita que se criem práticas para a proteção e para o controle dos cidadãos, e novas relações de poder na gestão da vida urbana (Ribeiro, 2017).

Diversas páginas na internet e perfis nas redes sociais, como no caso da OTT-RJ, visam empoderar os seguidores na garantia privatizada de segurança, oferecendo informações e alertas sobre ocorrências de violência, mas que não estão se preocupam em apresentar dados sobre as causas do crime, nem mesmo forma de transformação dessa realidade. Assim como já discutido, no final do ano de 2021, os administradores da rede começaram a apresentar uma nova forma de atuação utilizada por eles, voltada para um foco mais analítico dos dados.

De um outro ponto de vista, apesar de Koskela (2003) achar que a vigilância é usada também para “higienizar” espaço urbano dos bêbados e drogados como, por exemplo, para excluir “o Outro” em um sentido literal e metafórico para tornar o espaço mais atraente, na OTT-RJ, esse movimento ganha outro sentido. Na rede, ela se justifica ou se exerce pela promessa de segurança e proteção do cidadão carioca e fluminense. A tecnologia de vigilância hoje se desenvolve em duas frentes que servem a dois objetivos estratégicos opostos: de um lado, a exclusão, e do outro, confinamento (Bauman, 2008, p. 47). Este último é o que mais se enquadra no que a rede OTT-RJ acaba propondo aos seguidores que desejam fugir da criminalidade alertada pela internet. A higienização ocorre de forma invertida no sentido de que os moradores deixam as ruas para fugir dos criminosos.

3.1.1 Citizen to Citizen – o cidadão na maior rede colaborativa de segurança

A OTT-RJ tem nos moradores a maior e única fonte de informação. Nesse modelo, o cidadão é convidado a colaborar, fornecendo dados sobre problemas urbanos e retroalimentando a página com informações. São os residentes do Rio que contribuem para o funcionamento das redes enviando, checando, confirmando, comentando e compartilhando dados sobre criminalidade da região, gerando assim a matéria prima da plataforma. Com a obsessão pela segurança que se difundiu pela sociedade contemporânea, os sujeitos foram chamados a participar e colaborar nesse movimento de autoproteção e usam estratégias de monitoramento como forma de se responsabilizar pela própria segurança.

Uma iniciativa colaborativa de alerta de segurança *online* que conta com forte apelo coletivo e que tem na comunicação participativa o importante ponto de apoio para que se estruture de forma efetiva e cumpra os objetivos propostos. É uma atividade focada não apenas na busca por direitos humanos e numa uma estratégia para gerar visibilidade somente, mas uma luta pela sobrevivência.

Na rede OTT-RJ, os administradores sabem da importância do papel do cidadão nesse processo de colaboração e interação. Para se ter uma ideia da relevância dos seguidores nesse fluxo de comunicação na rede, eles se referem a eles como “Família OTT” (figura 40).

Figura 40 - Administradores fazem referência à família OTT



Fonte: FACEBOOK, 2020

Ressalto aqui que eles fazem referência à OTT de maneira geral e não só a OTT-RJ que trata especificamente de alertas sobre o estado fluminense.

Ao examinar a coprodução do cidadão na era das mídias sociais com usuários que enviam dados e informações sobre criminalidade, eles desempenham o papel de parceiro e não cliente na prestação de serviços públicos, frente aos avanços da tecnologia (Linders, 2012, p. 446). Pensando nessa lógica colaborativa, os administradores da rede OTT-RJ consideram a interação dos usuários como um processo que eles denominam como C2C, sigla para *Citizen to Citizen* (cidadão para cidadão). Esse modelo conhecido também como “*Do it Yourself Government*” diz respeito à facilidade com que os cidadãos conectados podem se auto-organizar se apresentando como, potencialmente, um substituto do governo para as responsabilidades tradicionais (Linders, 2012²⁵).

Esse tipo de atuação, segundo Linders (2012, p. 448), acontece por meio das mídias sociais e as plataformas de colaboração *online* que permitem que as comunidades se organizem com mais facilidade e eficácia, e a execução e entrega de serviços desse modelo é feita por autoatendimento, como na OTT-RJ. “Essas mesmas plataformas também oferecem novos canais para coordenar ações coletivas baseadas na comunidade, com a TI substituindo o governo como intermediário, facilitando a assistência direta de cidadão para cidadão (Linders, 2012, p. 450). Ao fazer isso, a coordenação em massa via mídia social fornece um veículo para

²⁵ As outras duas categorias são as seguintes: *Citizen Sourcing* ou *Citizens to Government*), em que o governo tem responsabilidade primária, mas os cidadãos influenciam a direção e os resultados e podem até ajudar a executar serviços governamentais no dia a dia; e “*Government as a Platform*” (governo para cidadão) em que o governo disponibiliza conhecimento por meio de infraestrutura de TI ao público e ajuda os cidadãos na melhoria da produtividade, tomada de decisões e bem estar (Linders, 2012, p. 447).

os cidadãos desempenharem funções do governo que o Estado recusou ou é incapaz de fornecer por conta própria”.²⁶

O termo C2C também é utilizado na esfera governamental no que diz respeito ao acesso à informação que possibilita uma maior interação entre os cidadãos por meio de serviços C2C. Segundo o documento da OCDE (2003, p. 151), a reinvenção de uma democracia representativa e eficaz requer um fluxo de informações em cinco direções: “*Government to Citizen (G2C)*, *Citizen to Government (C2G)*, *Representative to Citizen (R2C)*, *Citizen to Representative (C2R)* e *Citizen to Citizen (C2C)*. A última nomenclatura é a que mais se adequa à iniciativa proposta pela OTT-RJ.

O C2C é a base de uma sociedade civil saudável, mas está em declínio, consistente com um declínio mais amplo do “capital social”. Em geral, os cidadãos não discutem questões políticas entre si mesmo quando essas questões são importantes para eles. Não é fácil encontrar lugares ou redes para essa discussão. A mídia oferece algumas oportunidades, mas raramente permitem que os cidadãos desenvolvam comunicação com outros cidadãos. Este é um esboço aproximado e pessimista dos canais de comunicação existentes para a representação democrática. Dentro dessa estrutura, existem vários bloqueios. Desbloquear canais de comunicação democráticos pode ser uma das funções mais importantes da democracia eletrônica²⁷ (OCDE, 2003, p. 159).

Outro conceito semelhante é o de democracia eletrônica, ou eDemocracia, que acontece em três níveis e é classificado de acordo o grau de envolvimento dos cidadãos por meio das tecnologias de comunicação (Tuzzi *et al.*, 2007, p. 33). Primeiro, no nível da consulta, há interação entre governos e cidadãos pois eles podem usar fóruns *online* ou plataformas baseadas na *web* para fazer debates públicos e discutir questões de tomada de decisão. No segundo, é enfatizada a participação ativa do público nos processos de formulação de políticas. Já no nível de informação - o que mais se encaixa no modelo OTT-RJ em que não tem qualquer tipo de interação do poder público - as pessoas têm acesso às informações relevantes como, por exemplo, por meio de sites e mecanismos de busca de dados. Nessa dinâmica proposta pela OTT-RJ que tem como foco o cidadão, a democracia eletrônica não acontece de forma efetiva porque não conta com a criação de espaços públicos para interação e não apresentar um fluxo de comunicação interativo e multidirecional, projetado para conectar cidadãos, representantes do povo e o poder executivo. A única iniciativa realizada por eles com foco no poder público

²⁶ *These same platforms also offer new channels for coordinating community-based collective action with IT replacing government as the intermediary by facilitating direct citizen to citizen assistance. In so doing, mass coordination via social media provides a vehicle for citizens to self-perform functions of government that the state has refused or is unable to provide on its own.* (Linders, 2012, p. 450)

²⁷ *C2C is the basis of a healthy civil society, but it is in decline, consistent with a broader decline in “social capital.” In general, citizens do not discuss policy issues with one another – even when those issues matter to them. It is not easy to find places or networks for such discussion. The media provide some opportunities, but these rarely enable citizens to develop communication with other citizens. This is a rough and pessimistic sketch of existing communication channels for democratic representation. Within this structure there are a number of blockages. Unblocking democratic channels of communication could be one of the most important functions of e-democracy* (OCDE, 2003, p. 159, tradução nossa).

foi a criação de uma parceria com o Centro de Operações da Prefeitura do Rio, como debateremos mais à frente. Como explica Quintanilha (2021, por telefone), foram feitos alguns contatos com o Estado, mas sem sucesso.

Numa perspectiva histórica, o modelo que dá poder aos cidadãos partiu de uma tendência recente de iniciativas governamentais nos Estados Unidos que criaram oportunidades de engajamento dos cidadãos que se daria não apenas na interface com o governo, mas na participação mais profunda do povo no processo político. Os esforços do governo Obama nesse sentido foram pautados nos princípios da transparência, colaboração e participação, sendo que o uso de aplicativos é uma das formas de se manifestar (Muhlberger *et al.*, 2012, p. 24). “Estas tecnologias incluindo, principalmente mídias sociais, possibilitaram a colaboração e o compartilhamento entre indivíduos, ajudando a difundir o conhecimento das multidões²⁸”. Para os autores, “as TICs ajudaram a aumentar a eficiência e a cooperação entre os agentes, bem como na interação mais eficaz com público” (Muhlberger *et al.*, 2012, p. 24).

Os avanços tecnológicos, nos últimos anos, têm possibilitado melhorias, agilidade nos processos, simplificação das atividades e o estabelecimento de novas formas de comunicação entre as pessoas. Nesse contexto, as TICs têm um papel crucial a desempenhar nessa transformação já que apresentam potencial de melhorar e facilitar o envolvimento dos cidadãos nas questões de interesse coletivo.

A participação popular em grupos, com cidadãos que se reúnem para reivindicar suas demandas, pode acontecer de novas e diferentes maneiras com o auxílio da internet (Chadwick e May, 2003, p.11).²⁹ É possível observar cidadãos mais engajados (postando atualizações, buscando e compartilhando informações, comentando posts de outros cidadãos), em comparação com o modelo C2G, cidadão para governo, em que o primeiro acaba atuando apenas como mero espectador, participando de forma menos ativa nas plataformas de TIC (Akabi e Grönlund, 2015, p. 103).

A participação ativa da sociedade e a discussão pública estão tipicamente associadas às características da cidadania e no papel das redes sociais horizontais que têm como público comunidades e associações de bairro como a OTT-RJ, na construção de uma sociedade coerente que permite criar laços entre grupos e capital social (Lehtonen, 2007, p.20, cita Putnam, 1993,

²⁸ *The recent trend in open government initiatives in the United States and elsewhere has brought about noteworthy new opportunities for citizen engagement not only in interfacing with government but in participating more deeply in the policy process. The Obama administration's efforts on open government led to three principles: transparency, collaboration, and participation (“Transparency and Open Government,” 2009). One of the ways that open government initiatives can manifest is through using the myriad of applications cast under the umbrella of “Web 2.0” (Chun, Shulman, Sandoval, Hovy, 2010). These technologies primarily include social media that enable collaboration and sharing among individuals, helping to facilitate the “wisdom of crowds” (Muhlberger *et al.* 2012, p. 24)*

²⁹ *It still rests upon the view that popular participation in groups, as citizens come together to assert their demands, is made possible in new and different ways by the Internet. (Chadwick, May, 2003, p.11)*

p. 87-91). Elas atuam diferentes das redes verticais que possuem características de hierarquia, o que não conduz à igualdade ou à confiança.

Para Lemos e Araújo (2018, p. 6), há dois tipos de ação do “cidadão-sensor. De um lado, os autores chamam de participativa em que são usadas ferramentas que permitam usar os dados para ações de ativismo político. Nesse caso, a ideia do sensor é captar e oferecer dados sem questionamento, agindo como mero usuário. E do outro, a que eles classificam como corriqueira, porque “usa aplicativos (oficiais ou não) para ação no espaço urbano, com consultas ou denúncias sobre os problemas de infraestrutura, e servir como porta de acesso a serviços”. Nessa segunda forma de ação, o cidadão pode agir discursivamente e é a proposta que mais se assemelha ao que a OTT-RJ faz já que permite que os sujeitos possam interagir nas plataformas do grupo.

Do ponto de vista da forma de atuação dos administradores nesse processo, recentemente, eles mudaram a descrição da página que passou a ter um caráter mais analítico e não apenas de coleta de informações. No Twitter, eles descrevem o perfil como “uma plataforma digital que gera dados sobre tiroteios, arrastões e afins nas regiões metropolitanas de todo o Brasil” (Twitter, 2021). O Facebook, na descrição antiga, havia apenas a parte em que informava que a página é destinada aos cariocas que enfrentam tiroteios constantes em vários pontos da cidade. Atualmente, foi acrescentado à descrição do perfil o seguinte trecho: Você poderá alimentar e atualizar a todo momento a página” (Facebook, 2021). Além disso, os eles também passaram a publicar gráficos com informações sobre as regiões afetadas, o que não era feito anteriormente (figura 41).

Figura 41 -Gráfico sobre os alertas publicado na página da OTT-RJ no Facebook



Fonte: FACEBOOK, 2021

Eles reforçam a atuação dos usuários da página e passam a privilegiar uma ação mais analítica dos dados que são postados nos perfis. É uma forma bem semelhante a que já era utilizada pelo perfil do Fogo Cruzado que apresenta dados estatísticos, como já mencionado.

3.1.2 Rio como modelo de *smart city* da violência

Se de um lado, moradores usam câmeras de celulares para vigiar e enviar informações sobre violência para redes sociais como a da OTT-RJ, do outro, o governo também promove ações para manter a cidade segura, mas nem sempre efetivas. Como o uso da inteligência vem se tornando um grande aliado no combate à violência urbana, ações como a construção do Centro de Operações (COR), pela Prefeitura do Rio, podem ser consideradas um aparato de vigilância realizada de forma institucional. Foi uma tentativa de transformar o Rio em uma cidade informatizada e vigiada, ou seja, uma *smart city* para uma série de megaeventos que a cidade recebeu como a Jornada Mundial da Juventude (2013), a Copa do Mundo (2014) e as Olimpíadas (2016).

O sistema de monitoramento geográfico do COR emite boletins diários sobre possíveis interdições em função de alguma operação policial, mas também informações sobre trânsito e previsão do tempo. Por meio das informações postadas no perfil da rede, moradores também conseguem alterar rotas em função de alguma ocorrência de crime.

Como explicou Haesbaert (2014, p. 232), durante a Copa do Mundo (2014) e as Olimpíadas (2016) na cidade do Rio de Janeiro, “a gestão do espaço social foi produzida num complexo processo de vigilância e i-mobilização da vida urbana”. O autor se refere ao aparato informacional instalado no Centro de Operações da Prefeitura do Rio.

Analisar essas dinâmicas de i-mobilidade no espaço urbano dos fluxos significa focalizar tanto a base informacional que permite “monitorar” os espaços telematicamente, isto é, à distância, quanto recorrendo materialmente, em *loco*, a antigas tecnologias de ordenamento socioespacial, como a da construção de barreiras físicas ou muros. Explicita-se, assim, toda uma geografia que, em nome da segurança da população, desdobra um conjunto de estratégias de des-controle territorial. Numa aparente contradição com a cidade “dividida e murada” surge, igualmente, todo um aparato tecnológico de vigilância dentro de um sofisticado sistema de levantamento e tratamento de dados naquilo que propomos denominar de monitoramento de geografia bruta. (HAESBAERT, 2014, p.253)

Trata-se de um paradoxo num mundo atual em que as questões ligadas à circulação se tornaram ainda mais relevantes e que gera dois cenários - uma realidade marcada pela maior fluidez do espaço e outra em que os governos nunca construíram tantos muros nas cidades.

Como uma forma de manter a popularidade e ampliar o serviço que não se restringe mais aos alertas de criminalidade, também em 2021, OTT-RJ anunciou no Facebook uma parceria com o COR. Os dados enviados pela prefeitura do Rio são publicados no aplicativo do grupo (figura 42).

Figura 42 - Parceira com o COR e OTT-RJ



Fonte: FACEBOOK, 2021

Como explica o site da instituição, o recurso integra tecnologia utilizada pelo Centro de Operações com a da OTT-Brasil e, através da geolocalização dos usuários conectados ao aplicativo, os alertas regionais são emitidos. A ferramenta seleciona as mensagens que devem ser enviadas para os cidadãos que estiverem em áreas da cidade relevantes para o alerta de maneira automática. O COR dispara alertas de emergência pelo aplicativo OTT-Brasil para garantir “que os cidadãos evitem passar por transtornos, como alagamentos ou engarrafamentos, ao receberem notificações sobre condições do tempo e do trânsito” (COR Rio, 2020).

Os números mostram que essa parceria concretizada em 2021 ainda não fez aumentar a popularidade da OTT-RJ nas redes sociais. Enquanto em julho de 2019, o COR possuía 449 mil seguidores no Facebook e 704 mil seguidores no Twitter, a OTT-RJ possuía 707 mil seguidores no Facebook e, curiosamente, apenas 176.300 no Twitter, apesar de ser uma rede

social muito mais ágil. Ou seja, no momento que lançou o aplicativo, a OTT-RJ possuía uma adesão muito maior dos usuários como referência dos cidadãos na avaliação de risco na cidade do que o COR. Em 2021, os números do COR aumentam em relação há dois anos: 462.278 seguidores no Facebook e 707.400 seguidores no Twitter. Já a OTT-RJ apresentou números de seguidores em queda: 706.700 no Facebook e 176.100 no Twitter.

Projeto considerado pioneiro na América Latina na época em que foi inaugurado, em 2010, o COR foi criado para monitorar as consequências de um temporal no estado do Rio que culminou com a mortes de 900 pessoas. Foi o primeiro centro do mundo a integrar todas as etapas de gerenciamento de crise já que o conceito que o governa é o da gestão de risco. No entanto, deixa de fora um risco fundamental no imaginário carioca que é o da bala perdida.

Das centenas de câmeras instaladas na cidade pela Prefeitura do Rio, nenhuma delas encontrava-se localizada dentro de favelas, “apenas em áreas próximas, zonas de intensa circulação” (Haesbaert, 2014, p. 241). Esse aparato limita-se também às informações sobre a cidade do Rio, sem abranger municípios vizinhos como, por exemplo, os da Baixada Fluminense, uma das regiões mais violentas do Estado, segundo os dados da OTT-RJ. É uma política de vigilância restrita ao município carioca. Logo, o sistema apresenta uma delimitação geográfica de monitoramento importante de espaços já que o “brutal georreferenciamento também tem ocultamentos ou zonas de penumbras” (Haesbaert, 2014, p. 241).

Essas áreas não representadas pelo COR são parte da região que é coberta pela OTT-RJ já que muitos seguidores são moradores de comunidade e têm acesso livre a esses locais. Como já citado, o perfil da rede não apresenta apenas informações sobre violência, mas ocorrências cobertas pela prefeitura como ruas interditadas e falta de sinalização. Segundo o autor (Haesbaert, 2014), a área militar de segurança é talvez a única a qual o Centro não requisita todos os dados georreferenciáveis – quando ela fornece, como no caso da localização de câmeras, essas aparecem no mapa como pontos escuros com imagens não acessíveis. Cabe lembrar que os serviços realizados por instâncias diferentes já que a prefeitura não é responsável pela segurança pública que é papel do estado.

O COR é um enorme condensador de “geografia bruta” – sem mapa, sem georreferenciamento, o sistema de “cuidado” (leia-se, sobretudo: monitoramento, controle) não existe. Trata-se do espaço em seu sentido absoluto, referencial universal abstrato da geografia em seu sentido mais elementar: a geografia do mapa descritivo clássico, porém tecnologicamente rebuscado, que se mostra aqui em toda a sua magnitude cartográfico-quantitativa. (HAESBAERT, 2014, p. 237)

Na época em que funcionava a pleno vapor, o COR era considerado o coração da cidade e contava com sofisticação tecnológica e grande quantidade de dados trabalhada de forma

georreferenciada. O espaço foi inaugurado na gestão do Eduardo Paes (DEM) de 2009 a 2016, foi usado algumas vezes pelo ex-prefeito Marcelo Crivella (Republicanos). Com a reeleição de Paes (2020-2024), o local voltou a receber investimentos como a compra de câmeras de monitoramento de trânsito da região portuária da cidade, em fevereiro de 2021, após quase nove meses sem acesso ao serviço.

Um outro exemplo de serviço oferecido pela Prefeitura do Rio de Janeiro, um dos canais mais efetivos de comunicação entre moradores e o governo, é o telefone da Central de Atendimento ao Cidadão, da Prefeitura. Pelo telefone 1746 (Portal Rio, *online*), é possível fazer reclamações e solicitações sobre cultura, lazer, educação, defesa civil, meio ambiente, vigilância sanitária, coronavírus, entre outros. A Central 1746 disponibiliza ao cidadão cinco canais de atendimento: telefone, portal, aplicativo, WhatsApp e Facebook, além do atendimento presencial disponível nas 51 Gerências Executivas Locais distribuídas pela cidade (Portal Rio). Um canal de atendimento para o cidadão, mas que não recebe informações de violência, o que fica a cargo da polícia militar pelo 190. O *app* e as redes sociais da OTT funcionam como um misto desses dois serviços já que recebe e publica denúncias de cidadania e, também, de criminalidade, só que por meio de ferramentas da internet. Por outro lado, a PM disponibiliza apenas o telefone para receber denúncias de violência. O governo do estado não acompanhou as atualizações tecnológicas, mas nem todo cidadão brasileiro tem acesso a um dispositivo móvel ou computador com a internet.

Já o estado de São Paulo utiliza uma solução similar ao COR. O Sistema Detecta (Governo do Estado de São Paulo, 2017), implantado pelo Centro de Operações da Polícia Militar de São Paulo, registra mais de cinco mil prisões em flagrante com o uso de grande quantidade de dados para monitorar pontos estratégicos e tem três mil câmeras que dão suporte ao intenso trabalho de monitoramento. De forma global, Grã-Bretanha, Noruega e Nova Zelândia, por exemplo, são alguns dos países que investem em tecnologia de segurança.

Esses dois exemplos no Rio e em São Paulo são parte do esforço de os estados implantarem o que se chama *smart city*, termo criado no início dos anos 90, a fim de conceituar o fenômeno de desenvolvimento urbano dependente de tecnologia, inovação e globalização, principalmente em uma perspectiva econômica (Gibson, Kozmetsky, & Smilor, 1992).

A OTT-RJ é parte dessa contribuição na transformação do Rio de Janeiro numa *smart city* já que produz dados sobre criminalidade que podem ser considerados como os autores chamam de sombras digitais, ou seja, camadas de conteúdo digital geradas sobre o espaço da cidade a partir da própria cidade (Ash, Kitchin e Leszcz, 2019, p. 16, tradução nossa): “As sombras emanam dos usos cotidianos das mídias sociais como plumas de dados propagados e

transmitidos pelos dispositivos conectados à internet das coisas e a trilhas de dados gerados por meio da interação da rede de sensores na cidade inteligente”³⁰.

Quase duas décadas atrás, um estudo de Giffinger *et al.* (2007) ampliou esse conceito ao defenderem um modelo baseado em uma cidade que combinava atividades de autogerenciamento, cidadãos conscientes e uma forma de medir e comparar a inteligência urbana. Mais recentemente, a *smart city* vem sendo caracterizada pela ampla utilização de tecnologias da informação e comunicação (TIC) em infraestruturas tradicionais, com esforços organizacionais para implementar soluções inovadoras no gerenciamento das cidades e melhorar a participação ativa de capital humano e social (Toppeta, 2010).

Já Ash, Kitchin e Leszczynski (2019) apresentam um ponto de vista crítico para o conceito de *smart city*:

Primeiro, a cidade inteligente avança uma forma reducionista de governança tecnocrática que presume que todos os aspectos de uma cidade podem ser medidos ou monitorados; os problemas urbanos são tratados como problemas técnicos e, por isso, as cidades inteligentes priorizam a solução tecnológica. Em segundo lugar, a cidade inteligente é frágil e pode apresentar problemas: “É propensa a vírus, falhas e travamentos” e “sujeita a ser hackeada de forma maliciosa”. Terceiro, de acordo com o crítico da vigilância digital identificado nos parágrafos anteriores, a mobilização de big data da cidade inteligente implementa formas de vigilância panóptica, predição de perfis e classificação social. Finalmente, as intervenções da cidade inteligente e sua mobilização de dados criam a ilusão de neutralidade, negligenciando tanto a política urbana quanto a política de big data. (ASH, KITCHIN, LESZCZYNSKI, 2019, p. 29, tradução nossa³¹).

Uma outra crítica às cidades inteligentes diz respeito ao fato de que só uma parte privilegiada da população tem acesso diferentes das câmeras privadas, diferente da OTT-RJ que dá acesso livre às informações sobre criminalidade disponibilizadas a qualquer pessoa que tenha uma das redes sociais onde a rede funciona e que passe a seguir estes perfis. Já Zandbergen e [Uitermark](#) (2020) afirmam que a cidade inteligente foi celebrada por abrir processos de tomada de decisão por meio de infraestruturas digitais responsivas e criticada por

³⁰ Digital shadows are the layers of the digital content generated about city space from city space. The shadows emanate from quotidian uses of social media as plumes of data propagated and transmitted by the connected devices of the internet of things, and data trails generated through sensor network interaction in the smart city. (Ash, Kitchin, Leszczynski, 2019, p.16)

³¹ *First, the smart city advances reductionist form of technocratic governance that presumes that all aspects of a city can be measured or monitored; urban problems are treated as technical problems, and, accordingly, smart cities prioritize technological solution. Second, the smart city is buggy brittle and recable: “It is prone to viruses, glitches and crashes” and “wevulnerable to being maliciously hacked”. Third, in line with the critic of digital surveillance identified previous paragraphs, the smart city’s mobilization of big data puts in place forms of panoptic surveillance, predict profiling, and social sorting. Finally, smart city interventions and there mobilization of data create the illusion of neutrality, over looking both urban politics and politics of big data* (Ash, Kitchin, Leszczynski, 2019, p. 29).

transformar cidadãos em meros nós de redes sociotécnicas sob controle corporativo ou governamental.

Embora a cidade inteligente sirva a diferentes objetivos e seja apresentada por diversos pontos de vistas, conforme os autores apontaram, uma das principais preocupações tem sido o empoderamento cívico como papel dominante e paradigma dominante no desenvolvimento urbano. Podemos considerar fundamental o papel ativo dos cidadãos - usando como exemplo os seguidores da OTT-RJ - na formação de cidades inteligentes e reapropriação da vida urbana por meios digitais.

3.1.3 Segurança 4.0 - o uso da tecnologia na prevenção à violência

Com o propósito de manter o cidadão em segurança e atuando com o apoio dos moradores, o aplicativo da OTT-RJ (OTT-RJ, *online*) diz que o conceito de “Segurança Pública 4.0” norteia a dinâmica de trabalho do grupo, baseando-se na segurança feita do cidadão para o cidadão (C2C), em que ele atualiza em tempo real a segurança no entorno, ajudando a todos os outros participantes da rede dinâmica de informações. A descrição informa ainda que eles estão trabalhando para que a rede aumente e abranja todo o mundo e, assim, ajude mais pessoas. A OTT-RJ se considera ainda um dos serviços de utilidade pública mais importantes do Brasil, pois coloca a vida do ser humano sempre em primeiro lugar. No caso do Rio de Janeiro, segurança é um termo que não sai de moda em função dos índices de criminalidade e pelo fato de ser uma cidade turística com visibilidade internacional.

O termo Segurança 4.0 vem sendo difundido pela Associação Brasileira das Empresas de Sistemas Eletrônicos de Segurança (ABESE). A ideia diz respeito aos alertas sobre violência que são repassados de cidadão para cidadão, criando uma rede de informação sobre criminalidade da cidade do Rio, na busca pela sobrevivência. A possibilidade de um modelo de segurança conectado apresenta desafios, como a segurança dos dados, mas também inaugura um novo momento do setor, menos reativo e mais proativo e os dados podem ser compartilhados em tempo real, inclusive com as autoridades policiais (Patisseg, 2019, *online*).

Outro exemplo de Segurança 4.0 - sistema de segurança baseado em tecnologia – foi utilizado no carnaval de Salvador, na Bahia, em 2018. Segundo Santos Filho (Salvador Notícias, 2017), tecnologia da informação e comunicação são como instrumentos de potencialização e qualificação da ação policial. Em entrevista, o especialista em segurança afirmou que a capital baiana vem aplicando novas tecnologias para garantir a segurança dos moradores e turistas como portais de abordagens, detectores de metais e cães farejadores e

câmeras de filmagem para transmissão em tempo real de imagens e ocorrências para o Centro de Comando.

Quintanilha (2019, por telefone) afirma ainda que o aplicativo está baseado no conceito de segurança pública “4.0”, em que o cidadão avisa o cidadão sobre alguma ocorrência de criminalidade. “No conceito 3.0, o cidadão liga para a polícia, comunica o tiroteio. A polícia aciona o Copom, que aciona a polícia na rede. Mas eles não conseguem avisar todas as pessoas. No conceito 4.0, o cidadão avisa simultaneamente a polícia e o cidadão, o que ajuda pessoas a evitarem a rota de confronto”.

A pessoa hoje não precisa mais ligar para 190. Ela pode avisar e visualizar em tempo real pelo aplicativo sobre o que está acontecendo. O papel da comunidade é importante. Sem eles, o OTT não existiria e não funcionaria. Eles ajudam bastante e nos ajudam a entender como a violência do estado está” (QUINTANILHA, 2019, POR TELEFONE).

Como forma de ampliar a discussão sobre o impacto da vigilância da violência no cotidiano dos moradores, iremos abordar no próximo capítulo as questões referentes aos impactos do medo na contenção territorial, na mobilidade e na circulação. Para isso, usaremos os conceitos como contenção sem muros ou por muros invisíveis (Haesbaert, 2014, 268) para compreender como a OTT-RJ transforma e ressignifica a experiência de mobilidade e circulação efetiva dos seguidores pelo tecido urbano, a partir de uma interface entre ciberespaço, espaço físico e mobilidade. Espera-se ainda discutir se o perfil em questão, por meio de um controle virtual, mas que cria uma contenção territorial simbólica, alterando a mobilidade e circulação dos moradores a certos lugares físicos.

3.2 Contenção territorial e o impacto na mobilidade pela trama urbana carioca

Pelas postagens analisadas, podemos concluir que a questão da vigilância da criminalidade que se dá na rede OTT-RJ acaba gerando uma contenção territorial (Haesbaert, 2004, p. 215). O autor refere-se ao fortalecimento de limites e de fronteiras numa visão de território material, mas o controle, por meio de medidas de contenção de mobilidade, que se dá de maneira simbólica como forma de constrangimento e barragem. Nesse caso, a tecnologia informacional exerce um controle territorial como parte das transformações socioespaciais contemporâneas na cidade e no estado do Rio.

Também não diz respeito a campos de refugiado de imigrantes ou a muros intraurbanos (como o da Linha Vermelha, na cidade carioca) e nem ao fechamento por traficantes de ruas e rodovias de grande circulação. Refere-se à gestão da circulação de pessoas que se dá na ordem

simbólica. No caso da OTT-RJ, a contenção territorial acontece por meio da informação, ou seja, os alertas de violência, em função da probabilidade do risco de a pessoa ser alvo da criminalidade e a insegurança que impõem tantos muros visíveis como invisíveis na trama constituidora da cidade (Haesbaert, 2004, p. 268). Como essa informação muda o tempo todo na internet e a cada atualização dos perfis, essa contenção territorial “tem caráter sempre parcial, provisório e paliativo do fechamento, ou melhor do efeito barragem que cria através das tentativas de contenção dos fluxos” (Haesbaert, 2004).

A internet é uma zona de controle informacional cercado por bordas ou fronteiras invisíveis que emergem dos lugares oferecendo possibilidades de acesso, produção e distribuição de informação e cria um território informacional através de controle de dados eletrônicos no interior de novas fronteiras nos lugares, os ressignificando (Lemos, 2009, p. 3). É considerada como um território virtual, ao tomar como base as interpretações do autor, que considera o território numa perspectiva híbrida formada pela materialidade e imaterialidade, de maneira inseparável.

Numa perspectiva abstrata, o território vem sendo construído nas comunidades virtuais da internet. Se tomarmos a cidade como um espaço onde se dão relações sociais, esse território é desde já mediado por tecnologias digitais (Matheus e Antunes, 2019). Como explica Ash *et al.* (2019, p. 16), os espaços virtuais são, ou pelo menos inicialmente eram, ontologicamente, distintos uns dos outros, e só recentemente foram “hibridizados” pela mídia digital contemporânea, por isso, são imateriais na essência³².

Ao abordar o papel da cidade do Rio como um território da violência em exposição no perfil da OTT-RJ no Twitter, deslocamos os conceitos propostos por Haesbaert para o contexto virtual já que, na internet, o território assume uma dimensão diferente da concreta e material e ganha nova configuração e passa a ter um papel estratégico na organização do espaço social.

Desde sua origem, o território apresenta uma dupla conotação: material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de terra-territorium quanto terreo-territor (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com a dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo – especialmente para aqueles que, com essa dominação, ficam alijados de terra, ou no territorium são impedidos de entrar (HAESBAERT, 2014, p. 57).

Num contexto virtual, os alertas da OTT-RJ funcionam como “um mecanismo de controle informacional que levaria uma espécie de “desterritorialização” no ciberespaço”, “uma nova forma de desterritorialização na imobilidade” (Haesbaert, 2004, p. 268). Segundo o autor,

³² *Virtual spaces are, or at least initially were, ontologically distinct from each other, and have only recently been “hibridized” by contemporary digital media... digital spaces are immaterial in essence.* (Ash *et al.*, 2019, p. 16)

“o poder via novas tecnologias de informação faz com que se possa exercer controle sobre territórios muito distantes”.

Como se o controle informacional a partir do medo articulado em um ambiente digital controlasse à distância a mobilidade e a circulação física pelo território material, ou seja, o fluxo de pessoas sendo moldado pela informação, por meio de um componente fundamental que é a internet. O fato é que as dimensões espacializadas e territorializadas dos dispositivos de controle intrincadas com a gestão dos espaços e gestão das populações ganham um lugar cada vez mais importante nos debates atuais (Telles, 2015, p. 22).

As informações sobre a violência publicadas na rede OTT-RJ funcionam como “um verdadeiro condensador tecnológico de ação, de movimento da sociedade” (Haesbaert, 2004, p. 269). Nesse contexto, tem um papel estratégico na organização do espaço social a partir do momento em que, através dela, há circulação de fluxos imaterial como informações sobre criminalidade, o que pode gerar efeitos de caráter material, assunto que será abordado no próximo tópico.

3.3 Impacto do medo na mobilidade dos seguidores

Assim como em diversas metrópoles do mundo, o medo do crime afetou o modo como indivíduos experimentam, circulam e se locomovem pelo território urbano, principalmente, no que diz respeito às decisões cotidianas sobre trajeto para o trabalho e opções de lazer. Considerada um aspecto fundamental no desenvolvimento do espaço urbano, a mobilidade é importante para entender como os cidadãos enfrentam e reverberam essa questão.

Num contexto virtual, a ideia é discutir como o perfil da OTT-RJ transforma a experiência do carioca pela cidade, pensando esse processo a partir de uma interface entre ciberespaço, espaço físico e mobilidade. No caso em questão, a publicação dos alertas sobre violência acaba tendo um papel decisivo e reflexos práticos na forma como os moradores do Rio se movem e se mobilizam pelo espaço urbano, considerados elementos centrais no território e a internet como espaço simbólico. Frente às notícias de violência publicadas na página, seguidores da OTT-RJ alteram suas rotas ao passarem por algumas regiões, evitando o risco de serem atingidos.

[Onde Tem Tiroteio-RJ @RJ_OTT](#)

OTT-RJ Informa: 14/04 - 21:11h Arrastão com tiros na estrada do Catonho, descida para a Taquara. Atenção na região. [#OTTRJ](#)

[Interagente](#) 79 - ala, tenho que passar lá pra ir pro estágio. Acho que n vou(OTT-RJ, Twitter, 14 de abril de 2019, às 21h11m)

Na postagem de 14 de abril de 2019, um tweet de 21h11m dava o alerta de arrastão com tiros na Estrada do Catonho, descida para a Taquara, Zona Oeste do Rio. Um dos comentários aponta o receio que o seguidor tem de passar por áreas de criminalidade e demonstram como se sentem reféns da violência no estado. É um processo em que o medo e a violência, cada vez mais, se fortalecem como um fator de condicionamento de modelagem do espaço nas cidades e um desafio da gestão informacional, comunicacional e urbanística.

Na interface das cidades contemporâneas com as novas tecnologias de comunicação e informação, a era da conexão parece estar colocando em sinergia espaço virtual e mobilidade e criando práticas do espaço urbano (Lemos, 2005). Essas iniciativas ligadas à cibercultura têm configurado a cultura contemporânea como uma cultura da mobilidade. O ciberespaço remete-se ao espaço físico por intermédio das informações que traz sobre a cidade (Lemos, 2009). Nesse contexto, os tradicionais espaços de lugar estão, pouco a pouco, transformando-se em espaços de fluxos, espaços flexíveis, comunicacionais, “lugares digitais” (Horan, 2000).

Hoje, estamos vivenciando a era da mobilidade globalizada e virtualizada, com os diversos dispositivos eletrônicos móveis e a expansão da rede *wi-fi* e da internet móvel. Esse novo período “vem criando novas territorializações, como espacialização diferenciada (construção social no espaço) e, conseqüentemente, novos sentidos de lugar” (LEMOS, 2009, p. 30).

Levando-se em consideração o contexto histórico, social e cultural, a tecnologia assumiu um papel imprescindível para a sociedade e a sua relação com o sujeito vem ganhando novos contornos desde a última década. É interessante constatar quão rapidamente se alteram as formas pelas quais agendamos e re-agendamos, programamos e re-programamos nossas atividades, em tempos cada vez mais individualizados (Freire-Medeiros e Lages, 2018, p. 306). A mobilidade não se pode deixar de ser considerada na relação com a violência que aflige a cidade do Rio como ponto de entrada, numa rede de relações moduladas por usuários e informações sobre criminalidade que molda a circulação e mobilidade do seguidor pelo tecido urbano.

Por meio da tecnologia, as plataformas da OTT-RJ ressignificam a vivência do sujeito e alteram a circulação pelo tecido urbano e a compreensão do lugar dele na cidade. Nas mobilidades urbanas, temos uma chave para apreender as dinâmicas que (re)definem as condições de acesso à cidade e seus espaços (Telles, 2006, p. 6). Os comentários dos seguidores ao se depararem com notícias de violência também nos deram indícios sobre o papel da plataforma como potencializador da sensação de medo afetando a mobilidade e circulação no espaço social. Em 26 de agosto de 2020, uma publicação faz um alerta de tiroteio intenso aos moradores da comunidade da Mineira, no Catumbi, na Região Central do Rio, para que evitassem ir para casa. A publicação ainda sugeria que eles ligassem para os familiares pedindo

para não saírem de casa e, quem estivesse chegando do trabalho para não retornar para casa naquele momento.

OTT-RJ Informa: 26/08 - 18:27h

Se você é morador da comunidade da Mineira no Catumbi, evitem ir para suas casas. Liguem para seus familiares e avisem para que não saiam de casa e quem estiver chegando do trabalho para NÃO subirem para suas casas. Muitos tiros na região. #OTT-RJ

[Interagente 80](#) - Melhor esperar, a bala tá comendo solta.

[Interagente 81](#) - É que querendo ir para casa.

[Interagente 82](#) - Sabem em qual área do morro está sem luz? Estou esperando para subir (OTT-RJ, Twitter, 26 de agosto de 2020, às 18h27m)

Ao pedir que os seguidores comuniquem aos familiares o perigo de violência nessa região, a disseminação do *post* foi potencializada. Com isso, eles conseguiram alcançar o objetivo da rede OTT-RJ que é impedir que as pessoas sejam vítimas daquela ocorrência. Por outro lado, é possível perceber, com base nos comentários que, apesar de vários moradores não terem tido contato físico com a violência graças à publicação, eles tiveram ciência do episódio, alteraram a mobilidade e evitaram circular. O *post* teve 247 curtidas, 83 *retweets*, 19 comentários e 11 *retweets* com comentários, o que demonstra que as publicações com maior apelo sensacionalista são que mais recebem engajamento. Compartilhar ou dar “*like*” no conteúdo visualizado funciona como um *feedback* para um processo de comunicação que se potencializa a cada novo compartilhamento, num fenômeno chamado “*spreadable media*” (Jenkins *et al.*, 2013, p. 196).

Apontamos ainda nos comentários que os alertas geraram um certo controle e direcionamento da circulação de pessoas, em função do fluxo informacional. A propagação de aplicativos de violência como a OTT-RJ faz parte da estratégia contemporânea, não de violência física direta, mas potencializadora do sentimento de medo, como visto em uma publicação no OTT-RJ no Twitter, do dia 28 de maio de 2019. A postagem relata um arrastão, no bairro de Sampaio, Zona Norte do Rio, onde quatro bandidos em duas motos roubaram os pertences e dois veículos.

OTT-RJ INFORMA: 28/05 - 06:28h Houve um Arrasto, no Sampaio, na saída do Túnel Noel Rosa sentido Jacar. Quatro bandidos em duas motos roubaram os pertences e dois veículos. Atenção na região. #OTTRJ

Interagente 83 - Outro lugar que tenho pavor de passar – só perde para a LV (OTT-RJ, Twitter, 28 de maio de 2019, às 6h28m)

Para avançar na questão, Ahmed (2004, p. 68) cita Fanon (1986) para falar do medo como experiência do corpo. Ela afirma que este é sentido de forma diferente por diferentes corpos, levando-se em conta uma relação de espaço e de mobilidade, atribuindo-se à questão da vulnerabilidade e à sensação de sentir-se suscetível e aberto a um ataque, que ainda

influencia o processo no qual a definição de perigo de crime está incluída. Para a autora, a vulnerabilidade também tem a ver com a relação particular que a pessoa tem com o mundo e o potencial perigo e a necessidade de uma ação de fuga. Nesse contexto, ela introduz a noção de espaço e mobilidade que faz diferença na organização do medo no senso espacial. Como considera o medo não apenas uma consequência da objetividade ou de perigos, a autora ressalta que este envolve a abertura do corpo ao mundo e a leitura do que é perigoso. “O mundo pressiona o corpo e o corpo tem o desejo de evitar o objeto do medo, dessa forma, restringindo a mobilidade do corpo” (Ahmed, 2004, p. 69). Em outras palavras, funciona como restrição para alguns corpos através do movimento ou expansão para outros nos espaços públicos, restringindo a liberdade de mobilidade.

A sistematização dessas informações mostrou uma dialética entre a mobilidade e imobilidade que marca o espaço urbano. Em 28 abril de 2019, no dia 28, em uma postagem da OTT-RJ com um alerta de vento forte, em Santa Cruz, pode-se constatar que a publicação alterou a rotina de vários usuários e apontou a mudança de planos dessas pessoas sobre o que fazer. Nesse caso, uma informação sobre o clima também tem a função de manter o cidadão em segurança, que é o objetivo da rede OTT-RJ.

OTT-RJ UTILIDADE PÚBLICA: VENTO FORTE - Na última hora (19h), houve registro de rajada de vento forte na Base Aérea de Santa Cruz (66,7 km/h). REDEMET

Interagente 84 - cancela as minhas aulas. graça a deus nem sai de casa hoje que meus planos era irã cinema 20.00 horas
(OTT-RJ, Twitter, 28 de maio de 2019, às 7h50m)

Ao contrário do que Lemos (2005) defende ao afirmar que os novos dispositivos informacionais vão ampliar os deslocamentos físicos, as redes da OTT-RJ - por meio das notícias de criminalidade - acabam reduzindo a circulação do sujeito pela cidade, dando um novo sentido de lugar, ancorado na experiência do medo. Os dispositivos móveis, por meio de aplicativos, alteram a relação dos internautas da página com os deslocamentos pelo tecido urbano, através de informações publicadas que modulam o uso específico do espaço.

No caso da OTT-RJ, o ciberespaço ultrapassa o ambiente virtual para o mundo físico, por meio da tecnologia de geolocalização dos dispositivos, informações digitais se fundem com informações do mundo físico, criando uma experiência. Este processo de espacialização ganha contornos mais largos em função das novas tecnologias, e, com isso, os artefatos comunicacionais acentuam a mobilidade, aguçam a compreensão do nosso lugar no mundo e de nós mesmos (Lemos, 2009). A seu ver, com a geolocalização, a geografia não importa, porque o ciberespaço não corresponde ao espaço físico, mas remete-se a ele por intermédio das informações que traz sobre as cidades e o cotidiano; sendo assim, a mobilidade na rede não é necessariamente um deslocamento no espaço físico das cidades.

As fronteiras entre o físico e o digital foram embaralhadas, criando “espaços híbridos” permeados pelo uso de tecnologias móveis atentas à localização cambiante de seus usuários, e resultando em diferenciais de mobilidade e espaço (De Souza e Silva e Frith, 2010). Em função da revolução digital, temos que lidar com objetos materiais e virtuais que intermediam as interações em diferentes escalas, como os *smartphones*, considerados itens de sobrevivência (Elliott e Urry (2010, para Freire-Medeiros e Lages, 2018, 305; 132).

3.3.1 Novos regimes de mobilidade

As diversas formas de mobilidade contemporâneas criam uma dinâmica social sobre a cidade. Portanto, de forma contraditória, a infraestrutura de vigilância proporcionada pelas redes da OTT-RJ que busca garantir o “direito de ir e vir” dos moradores acaba afetando a mobilidade composta por múltiplas práticas normativas que determinam “quem e o que pode ser mover (ou ficar imóvel), quando, onde, como, sob quais condições e com quais significados” (Sheller, 2018, p. 41). Essas tecnologias de controle e vigilância passam efetivamente a constituir diferentes padrões de experiência social, práticas e significados de movimentos nos territórios expressados pelo medo.

Novos paradigmas de mobilidade também fazem parte a transmissão de imagens e informações locais, nacionais e globais já que o conceito abrange comunicações realizadas de uma pessoa para outra, como telégrafo, fax, telefone, telefone celular, bem como comunicação de muitos para de muitos efetuada por meio de computadores em rede e cada vez mais integrados (Urry e Sheller, 2006, p. 212), como é o caso das redes sociais da OTT-RJ. Para os autores, o estudo de mobilidade deve levar em conta preocupações tecnológicas sobre informações móveis, tecnologias de comunicação e ferramentas de segurança e vigilância que envolvem infraestruturas que organizam o fluxo de pessoas, informações e imagem por meio da digitalização e redes sem fio.

Diante dessa realidade, falar de “eventos de mobilidade” parece um tanto desfocado. É um termo consagrado na literatura especializada. Mas é um termo ascético demais para dar conta de uma realidade em que a violência também comparece como uma idéia “eventos” que demarca a experiência social e os fluxos da mobilidade cotidiana. Violência, quer dizer: mortes violentas. Termo técnico: homicídio. (TELLES, 2006, 21)

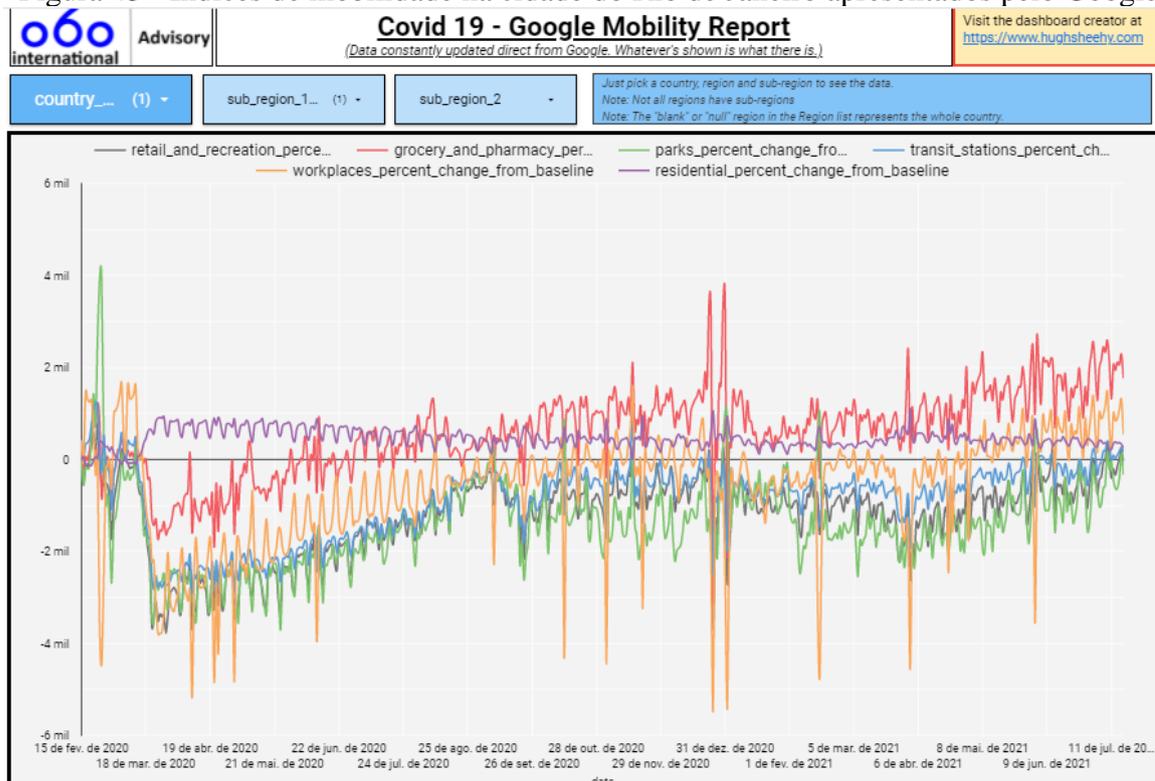
Esses sistemas de mobilidade estão desenvolvendo novas características em função da grande criação de sistemas de *software*, e métodos e teorias precisarão estar sempre em atualização para acompanhar essas novas formas de mobilidades, novos sistemas de agendamento e monitoramento e novos modos de inclusão e exclusão de mobilidade social (Urry e Sheller, 2006). No caso da OTT-RJ, eles foram pioneiros no país na criação da página

com este perfil no Facebook, depois foram para outras redes sociais como Twitter, Instagram, Youtube, Tiktok e criaram o aplicativo próprio. Na esteira deles, surgiram outras iniciativas semelhantes, como já mostradas.

Uma outra iniciativa recente de soluções de mobilidade ancorada em tecnologia foi criada pelo Google. O relatório intitulado “*Global Mobility Report - Covid-19*” (2020, online) disponibiliza informações sobre a mobilidade de pessoas em vários países durante a pandemia. Segundo o site, esses documentos têm como objetivo fornecer informações sobre o que mudou em função das políticas criadas para enfrentar a pandemia e trazem gráficos com tendências de deslocamento ao longo do tempo por região e em diferentes categorias de locais, como varejo e lazer, mercados e farmácias, parques, estações de transporte público, locais de trabalho e áreas residenciais.

Para efeitos comparativos com os dados levantamentos no Twitter da OTT-RJ, foi feita uma pesquisa na plataforma do *Google Mobility (2021)*³³ utilizando parâmetros “Brazil”, sub-região 1 “Rio de Janeiro” e sub-região 2 “Rio de Janeiro” (figura 43).

Figura 43 - Índices de mobilidade na cidade do Rio de Janeiro apresentados pelo Google



Fonte: GOOGLE, 2021

³³ Os *insights* dos relatórios são criados com conjuntos de dados agregados e anônimos de usuários que ativaram a configuração “[Histórico de localização](#)”, que fica desativada por padrão. Os relatórios ficarão disponíveis por tempo limitado, enquanto forem relevantes ao trabalho das autoridades de saúde pública no combate à propagação da pandemia (*Google Mobility*, 2021).

Mesmo não usando os parâmetros de alertas de violência como na OTT-RJ, o gráfico trouxe dados sobre a mobilidade da população carioca nos trimestres pesquisados (abril a junho e agosto a outubro de 2020). Reforçamos que não foi possível fazer no período de 2019 porque ainda não havia sido iniciada a pandemia da covid-19.

Pelo gráfico, é possível ver que houve picos de quedas nos meses de abril (imediatamente ao início das ações de isolamento social), outubro e dezembro de 2020, nas linhas em amarelo que se referem ao percentual de locais de trabalho. O mesmo comportamento foi averiguado no que diz respeito às linhas verdes (parques), indicando uma redução de mobilidade nessas localidades em todo ano passado. Fazendo uma alusão dos índices de mobilidade apontados pelo Google, houve uma redução de criminalidade nos primeiros meses de 2020 quando a OTT-RJ registrou apenas 14 postagens.

Já os indicadores em roxo mantiveram o patamar no período, sempre de forma positiva. Em vermelho, mercados e farmácias tiveram uma queda no início da pandemia, mas se registram uma alta desde então. Essa categoria foi considerada como essencial e foi uma das poucas que continuaram funcionando desde o ano passado. Foi registrado um pico em dezembro de 2020, mês de festas natalinas. Com maior circulação de pessoas nas ruas, houve um aumento da criminalidade no segundo trimestre pesquisado pela OTT-RJ.

Um dos fenômenos que representa a inversão da associação feita entre mobilidade e imobilidade diz respeito à difusão da epidemia global da Síndrome Respiratória Severa (da SARS – Síndrome Respiratória Aguda Severa ou *Severe Acute Respiratory Syndrome*), que ficou conhecida como pneumonia asiática e os mecanismos usados para controle da doença que surgiu em 2002, na China (Haesbaert, 2004, p. 262-263). Na época, dois dos mecanismos utilizados para o combate à difusão do vírus foram o isolamento das pessoas contaminadas e a restrição de circulação. As mesmas iniciativas vêm sendo tomadas pelos governos na atual crise da covid-19. Segundo They (2020, *online*), o SARS-CoV-2 - *Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2* - agente causador da *Coronavirus Disease 2019* (Covid-19) é bastante parecido com o vírus causador da SARS.

4 VÍTIMA VIRTUAL NO AMBIENTE DIGITAL

Levando em consideração que a rede OTT-RJ foi pioneira na publicação de informações enviadas pelos próprios moradores, sobre crimes ocorridos no Rio de Janeiro, e que foi criada com o objetivo de manter os seguidores longe da violência da cidade carioca e do estado fluminense, o objetivo aqui é saber como os usuários do perfil da rede no Twitter se comportam diante dos alertas postados no ambiente virtual mesmo não tendo tido acesso àquela violência de forma física e se podem ser considerados vítimas virtuais (Vaz, 2005, 2006, 2008, 2011, 2012) ao terem contato *online* com uma criminalidade proveniente de uma violência que acontece fisicamente no espaço urbano. Frente ao contexto de redes sociais e às particularidades tecnológicas desse formato, iremos avançar no conceito proposto por Vaz e chamaremos os seguidores de vítima virtual no ambiente digital.

Adicionalmente, discutiremos se, frente à ineficácia e negligência do estado com a segurança pública, a dinâmica de funcionamento da rede OTT-RJ estaria ressignificando a questão do risco da violência ao indicar, para cariocas e fluminenses, onde os tiroteios estão acontecendo naquele momento e dando a eles a tarefa de decidir se seguem ou não diante daquela ocorrência.

Para se obter, de forma empírica, as respostas para as perguntas propostas neste capítulo, será feita uma análise com viés qualitativo, utilizando uma metodologia inspirada na análise de redes sociais - ARS (Recuero, 2017) e com base nos comentários dos seguidores do perfil da OTT-RJ no Twitter, que denominamos micronarrativas da violência. Tal abordagem levará em conta dois importantes fenômenos que estão acontecendo no estado do Rio atualmente (a violência e a pandemia), considerando que esta última se dá dentro de um contexto inédito não só de forma regional, mas global, e como cada fato tem influência sobre o outro. Tendo em vista esses cenários, com base no corpus principal (1.072 tweets), foram escolhidos os *posts* que tiveram maior engajamento dos usuários e que foram realizados em dois períodos diferentes, seis meses de 2019 e de 2020, ou seja, antes e durante a pandemia.

4.1 Análise das trocas conversacionais sobre violência

Para Ricoeur (1994), pensador francês que se dedicou aos estudos das questões referentes à narrativa, o ato de narrar é uma forma de estar no mundo e entendê-lo. Segundo ele, dessa maneira, o texto se torna o meio apropriado para fazer uma espécie de ponte entre o

vivido e o narrado. Ao produzir várias formas do ato de narrar, de acordo com Barbosa (2006, p. 147), a nossa cultura cria múltiplos modos e gêneros narrativos.

Há de se compreender que o ato de narrar não provém tão somente da oralidade. Segundo Rezende (2014, p. 34), ele é “por excelência fruto da necessidade que o homem tem de contar e recontar histórias que permeiam a vida” e “deriva da premência de se estabelecerem modos de compreensão e entendimento do mundo em que se vive”.

Nas redes sociais da OTT-RJ, consideramos que os seguidores narram breves histórias sobre suas experiências diante da criminalidade cotidiana. Num meio em que há abreviação da fala e aceleração da narrativa em função do formato da plataforma que só permite 280 caracteres, no caso específico do Twitter, chamaremos as publicações feitas pelos administradores e os comentários dos seguidores de micronarrativa da violência. A ferramenta como espaço dinâmico em que se articulam estratégias de poder, trazendo elementos que são frutos da experiência individual. A cada comentário postado, as micronarrativas são refeitas de acordo com o ponto de vista de cada seguidor do perfil e da forma como cada um deles é afetado pela violência urbana. Narrar nas redes sociais representa um desafio maior do que nos meios impressos já que o material de análise se atém aos rastros digitais (Recuero, 2009) deixados pelos seguidores do perfil.

Considerando que narrar é contar histórias, é cabível refletir sobre a forma como esses discursos do medo estão presentes nas redes sociais e como tais narrativas são constituídas. No caso da OTT-RJ, eles usam o medo como afetação para vários conteúdos. Ao fazer uma breve comparação com outras formas de divulgação, o Twitter passa a ditar o que é acontecimento como se ele complementasse a falta do jornalismo.

No que diz respeito à importância da narrativa para o processo comunicacional, no Twitter - assim como no jornalismo que tem pretensão à verdade - os *posts* buscam retratar a realidade do seguidor do perfil, que é morador da cidade do Rio de Janeiro. Ambos apresentam uma narrativa cotidiana baseada em convenções de veracidade e que acabam tendo o papel de mediador entre o acontecimento e a história. A estratégia principal do narrador do Twitter é fazer com que os seguidores interpretem os fatos narrados como verdades, como se os fatos estivessem falando por eles e, também, como estivesse sendo presenciado, dando lugar a diferentes tipos de medo e de experiências. Com isso, eles observam o mundo atual, ancoram o relato no presente e antecipam o futuro (Motta, 2004). Ao abordar a criminalidade como foco principal das micronarrativas do perfil, há, quase sempre, um fato de conotações dramáticas imediatas e negativas, que irrompe, desorganiza e transtorna já que o medo ocupa lugar fundamental nesse fluxo.

Contraditoriamente ao que proporcionam as postagens do Twitter ao estimular imaginários ligados ao medo, sabemos que “o discurso jornalístico parece tender para a descrição mais do que para a narração na medida em que sua forma direta, clara, precisa e concisa cria o efeito de real” (Motta, 2004).

Diferente da lógica jornalística de encadeamento das informações ao longo do texto jornalístico, as informações de criminalidade postadas no Twitter e os comentários buscam uma sequência lógica, mas que nem sempre acontece de forma efetiva. Ao postarem comentários ao mesmo tempo sobre o que lerem, os seguidores fazem um trabalho de costura de acontecimentos. É importante observar como operam os encaixes que organizam os fatos e estruturam o encadeamento dos incidentes fragmentados em sequências cronológicas que são indicadas nos comentários das postagens, revelando assim um dos aspectos das estratégias narrativas do Twitter e causando o efeito do sentido. Admite-se então que, às vezes, as narrativas contadas não têm um certo encadeamento dos fatos, mas que juntas acabam gerando uma lógica.

Com a publicação das sequências dos comentários sobre determinada informação postada sobre criminalidade, os seguidores do Twitter criam um enredo, e o que antes parecia desconectado, vai ganhando continuidade e coesão a cada nova postagem, conferindo ao objeto outra significação. Essa ressignificação, remontagem da história, surge ao longo das publicações e permite a observação de um fundo de significações parciais da narrativa que modificam o objeto observado. As publicações são separadas por data e horário de postagem funcionam como marcos temporais que são âncoras de memória digital, nesse caso, memória do medo da violência.

Esse encadeamento discursivo do Twitter voltado para o caráter temporal figura o mundo sobre a forma de obra e transforma o tempo em algo intrinsecamente da esfera humana. A narrativa atinge o pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal (Ricoeur, 1994). Para o autor, a identidade de um texto narrativo deve ser buscada no caráter temporal da experiência humana porque a narrativa é sempre um mundo temporal, o tempo tornado humano na medida em que este é reconfigurado de modo narrativo autor e ao leitor, e indutor da narratividade. A narrativa articula a nossa experiência de tempo, da mesma forma que o tempo se torna humano pela narrativa.

São essas micronarrativas da violência que fazem parte do nosso objeto de estudo. Com base nelas, iremos analisar de forma empírica, a partir de agora, como os seguidores se posicionaram, nos períodos analisados, frente à violência que é publicada no ambiente virtual, e como foram afetados no cotidiano. Ao observar esses comentários, a ideia é verificar se há

uma evolução da política de vítima virtual para a vítima virtual no ambiente digital. Assim, iremos concretizar essa premissa explorando algumas peculiaridades desse novo modelo que está sendo proposto. A reação deles postadas nos comentários em resposta aos alertas da OTT-RJ nos deu informações para discutir, ao longo do próximo item, várias questões que foram surgindo ao longo da pesquisa e que se apresentaram como diferencial nos dois modelos estudados.

4.2 Micronarrativas da violência no Twitter da OTT-RJ

As micronarrativas da violência publicadas no Twitter da OTT-RJ são a parte principal desta análise e fornecem dados sobre como os seguidores reagem frente aos alertas de tiroteio. Para isso, a forma utilizada para realizar a investigação nesse tipo de conteúdo foi uma abordagem de caráter qualitativo visto que trabalhamos com informações subjetivas, crenças, opiniões, valores, hábitos (Denzin e Lincoln, 2006). As micronarrativas de sofrimento contemporâneo são os comentários dos usuários desta plataforma são informações valiosas que dão indicativos sobre como esses seguidores são afetados por essas postagens. Podemos considerar que essas interações observadas no ciberespaço são o elemento mais importante da conversação mediada pelo computador (Recuero, 2009).

Segundo a autora, em função do aumento de dados disponíveis e por conta do uso das ferramentas comunicacionais mediada pelo computador, a ARS (Análise de Redes Sociais) é bastante propícia para a visualização e interpretação de grande quantidade de informações. Por isso, esse tipo de abordagem vem ganhando projeção e sendo muito usada com viés quantitativo e, em casos específicos como deste trabalho, também em estudos qualitativos em que não é necessário o uso de grafos. Enfatizamos aqui que, apesar de não atender a alguns objetivos da ARS relacionados especificamente ao estudo da estrutura de um determinado grupo social e à observação dos seus efeitos, a investigação usa tal método como orientação para analisar as micronarrativas de violência nos comentários e ter *insights* sobre percepção dos atores na rede sobre o tema.

Para tratar o *corpus* deste capítulo, a contribuição deste método foi permitir identificar como a violência circula no grupo social em questão e, se isso, de forma mais abrangente faz com que eles se tornem uma vítima virtual no ambiente digital. Ainda segundo Recuero (2017), a rede social é constituída de nós que representam os atores sociais na estrutura. O aspecto semântico dos comentários também auxiliou na compreensão das relações entre as mensagens e a interpretação do sentido daquilo que é trocado (Recuero, 2009). Assim, os comentários entre

março e abril de 2021, extraídos para esta amostragem, permitiram mapear, através das trocas conversacionais entre os atores observados, trazendo assim um retrato mais atualizado desse material. Eles possibilitaram compreender a natureza das relações sociais estabelecidas. Vale lembrar que é um retrato fiel das publicações realizadas em 2019 e 2020, mas que foram analisadas em 2021. Em função do caráter dinâmico das redes sociais que estão sempre em construção e suscetíveis a inclusão e exclusão de publicações e comentários e não são como um livro com páginas que não podem mais ser alterada fisicamente, nos atemos aos rastros digitais do momento da análise.

Na primeira etapa da análise, foi feito o reconhecimento do objeto de estudo de forma não participativa (para não interferir no *corpus*) em todas as redes sociais da OTT-RJ para identificar as particularidades e a lógica de funcionamento de cada uma delas. Finalizada a ambientação às plataformas digitais, foi estipulada qual delas seria a mais adequada e que permitia a análise dos dados postados. Como eles fazem as publicações de forma integrada, ou seja, o mesmo conteúdo é publicado de maneira simultânea nas outras plataformas da rede, a seleção por um único site de redes sociais não iria trazer prejuízos para a análise.

A escolha pelo Twitter se deu pelo fato de ela ser a única ferramenta entre as demais utilizadas pela OTT-RJ (Facebook, Instagram, Youtube e aplicativo) que permite acesso às configurações do API (Tech Tudo, 2021)³⁴ e que possibilitou a manipulação dos dados das publicações de forma que eles possam ser avaliados de maneiras coerente e organizada. Para a operacionalização dessa fase, contamos com a ajuda de um *software* robô desenvolvido pelo doutorando do Instituto Militar de Engenharia, Flávio Ferreira da Silva³⁵. Tal ferramenta foi responsável por fazer de forma automatizada várias subetapas do processo como captura, coleta, extração, limpeza, integração, seleção e mineração de dados do Twitter necessários para a composição de estatísticas relacionadas aos alertas de criminalidade publicados no perfil estudado. No processo de busca pelo conteúdo, foi incluída na categoria “*search*” a palavra “OTT-RJ”, o que apontou todos os tweets que continham esse termo. Depois disso, o material final foi compilado em uma tabela na extensão CSV (Content, 20218)³⁶ que foi convertida em Excel para que as informações pudessem ser trabalhadas e analisadas pela pesquisadora.

³⁴ As APIs são um conjunto de padrões que fazem parte de uma interface e que permitem a criação de plataformas de maneira mais simples e prática para desenvolvedores. (Tech Tudo, 2021).

³⁵ Flávio Ferreira da Silva é doutorando do IME. O *software* utilizado nesta tese foi resultado final da dissertação de mestrado “Metodologia para extração automatizada de estatísticas relacionadas a eventos de segurança e microtextos das redes sociais”, publicada em 2020, pelo Instituto Militar de Engenharia Instituto Militar de Engenharia.

³⁶ O formato CSV é um tipo de arquivo de texto utilizado para armazenar dados e que pode ser importado e exportado em programas como Microsoft Excel, Google Sheets, Apple Numbers, OpenOffice Calc e outros aplicativos (Rock Content, 2018).

Ressalta-se que o crescimento exponencial do volume de dados é considerado positivo por uns técnicos da área, mas nem tanto por outros. A utilização de um *software* para mineração de dados justifica-se pelo fato de que o aumento desgovernado de informações poderia trazer inconsistências e nos levar a tomar decisões equivocadas que comprometessem o resultado. No perfil da OTT-RJ no Twitter, os seguidores do perfil publicam dezenas de postagens diariamente e geram centenas e milhares de curtidas, *retweets* e comentários que trafegam todos os dias por lá, não sendo possível a captura e a manipulação de uma gama grande de elementos de forma manual. A mineração de dados é uma forma de reduzir o índice de erros possíveis ao segmentar o processo de descoberta de conhecimento de modo que torná-lo didático e que as perguntas possam ser respondidas com facilidade (Da Silva, 2020, p.22).

A segunda fase da análise, realizada em abril de 2021, foi feita de forma manual. O trabalho foi realizado com base na tabela em Excel separada por dia e hora de publicação, *id* do tweet, *links* da foto e da publicação, número de seguidores, *retweets*, *link* da publicação e *id* da máquina. Depois disso, foi necessária uma outra seleção de dados em que foram mantidos apenas os que iriam ajudar na análise para responder a uma das hipóteses apresentadas neste trabalho. Entre os dados, foram escolhidos os seguintes: data, hora, legenda do *tweet*, quantidade de *likes* e de *retweets* e o link da publicação que faz o encaminhamento direto para a postagem, conforme tabela 2.

Tabela 3 - Parte da planilha “Base de Tweets” com os dados das postagens de abril, maio e junho de 2020

Data	Hora	Legenda do tweet	Likes	Retweets	Link do tweet
abr/20					
30/04/2020	20:23:44	17:15h - Tiros sendo ouvidos em Cordovil, entre a c	20	5	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1255956022314835973
jun/20					
30/06/2020	23:19:33	OTT-RJ informa: 30/06 - 20:15h Tiros sendo ouvid	43	4	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1278105927992909825
mai/20					
31/05/2020	15:19:12	Resumo dos Itimos informes do aplicativo da OTT.	10	3	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1267113405753819138
29/05/2020	14:51:10	Resumo dos Itimos informes do aplicativo da OTT.	7	0	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1266381574993514498
28/05/2020	14:35:40	Resumo dos Itimos informes do aplicativo da OTT.	17	1	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1266015285405986818
27/05/2020	14:21:01	Resumo dos Itimos informes do aplicativo da OTT.	6	0	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1265649210717802497
24/05/2020	19:57:14	Resumo dos Itimos informes do aplicativo da OTT.	5	0	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1264646660552040450
23/05/2020	15:06:19	Resumo dos Itimos informes do aplicativo da OTT.	5	0	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1264211060795604992
22/05/2020	13:08:52	Resumo dos Itimos informes do aplicativo da OTT.	5	0	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1263819117934579713
20/05/2020	13:58:19	Resumo dos Itimos informes do aplicativo da OTT.	9	1	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1263106784602054657
18/05/2020	15:45:18	Resumo dos Itimos informes do aplicativo da OTT.	14	2	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1262408933903302658
17/05/2020	21:12:42	Resumo dos Itimos informes do aplicativo da OTT.	18	1	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1262128937456537600
16/05/2020	14:08:24	Resumo dos Itimos informes do aplicativo da OTT.	15	0	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1261659768856424449
15/05/2020	13:57:43	Resumo dos Itimos informes do aplicativo da OTT.	10	2	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1261294694291722241

Fonte: Tabela em Excel gerada pela autora com base no arquivo CSV gerado pelo software, 2021

Em função da dinâmica das redes sociais, um dos principais desafios foi ter um retrato atualizado do momento em que as postagens foram feitas. Por isso, tomamos como base o mês de abril de 2021 quando as publicações de *tweets* da OTT-RJ do período estipulado foram selecionadas, “printadas” e compiladas. Como explica Boyd (2007), a Comunicação Mediada

por Computador permite que as interações persistam no tempo e possam ser acessadas em momentos temporais diferentes daquele em que foram emitidas.

Com objetivo de ter um conteúdo que oferecesse uma base comparativa, já que estamos falando de períodos com características diferentes (um antes e outro durante a pandemia), fizemos a análise das publicações e dos comentários publicados no perfil em questão durante 15 dias dos meses de abril, maio, junho, agosto, setembro e outubro de anos diferentes (2019 e 2020). Levando em conta que vários fatores podem interferir no comportamento dos indivíduos em determinado espaço de tempo, a ideia foi verificar as postagens de dois trimestres, sendo um no início do ano (abril, maio, junho) e outro (agosto, setembro e outubro) no final. Além disso, os mesmos meses de anos diferentes foram mantidos para podermos averiguar como se deu a criminalidade dentro de semestres que apresentam características de comportamento similares no que diz respeito à quantidade de dias úteis, feriados, fatores climáticos, etc., elementos esses que podem afetar a movimentação do cidadão pela cidade. Podemos citar, como exemplo, o aumento da circulação de pessoas nas ruas e em locais ao ar livre durante o verão quando a temperatura é mais alta e os dias são mais longos que as noites, ficando assim mais tempo nas ruas e, conseqüentemente, expostas aos crimes urbanos.

Aqui levamos em conta um diferencial importante para a pesquisa que é o período de pandemia da covid-19, que teve início em março de 2020 e se estendeu ao longo de todo o ano. Ao analisar intervalos diferentes, mostra-se como se comportaram os alertas de criminalidades postados numa fase marcada por ações mais restritivas de circulação implementadas pelas autoridades nos primeiros meses do ano em comparação com o segundo período já no semestre seguinte.

Com isso, pretendeu-se entender como se comportavam as publicações e os seguidores no primeiro contexto de 2019 quando a população mundial ainda nem pensava que pudesse ser atingida por uma epidemia global. Já o segundo cenário se passou no ano de 2020, dentro do contexto da pandemia, quando já estava em vigor o *lockdown* em várias cidades brasileiras. Esse episódio global de saúde pública que começou na cidade de Wuhan, na China, epicentro da doença, provavelmente no final de 2019, se espalhou pelo mundo e, também, atingiu o Brasil. No país, a doença primeiro se inseriu nas grandes cidades como São Paulo, chegando ao estado fluminense e à cidade do Rio de Janeiro, a partir do mês de março de 2020, quando as autoridades locais começaram a implantar medidas de combate à disseminação do coronavírus.

Como citado anteriormente, uma das principais dificuldades com o *corpus* foi a grande quantidade de informação no Twitter, característica essa do universo digital e que poderia inviabilizar a análise. Por isso, o acesso à totalidade dos tweets publicados ao longo do período

selecionado foi descartado. De maneira específica, nos ativemos às postagens com base em dois critérios que privilegiaram os comentários que nos deram subsídios para uma investigação mais aprofundada e as postagens que apresentaram dados mais expressivos e imprescindíveis para esta pesquisa, que são os seguintes:

Com base no primeiro parâmetro, foram escolhidos os *posts* que tiveram maior engajamento dos usuários nas primeiras quinzenas dos meses escolhidos. Ou seja, o critério utilizado foi da escolha pelas postagens que apresentaram mais de cem curtidas, que consideramos ser um número expressivo para um *tweet* com conteúdo de relevante repercussão. Com isso, tivemos um material rico em informação sobre o que os usuários pensam sobre o assunto e como são afetados pela criminalidade no dia a dia. A supremacia desse critério de seleção exigiu algumas reconfigurações e tornou evidente a necessidade de flexibilidade no manejo dos fatores inicialmente estabelecidos, buscando um resultado que preservasse a análise. Assim, diante da escassez de tweets publicados no período proposto com mais de cem comentários, decidimos incluir no *corpus* as postagens que não atingiram esse total, incorporando assim as que mais tiveram repercussão, ou seja, consideramos as que alcançaram o maior número de curtidas. Além disso, quando não houve registro de publicação do período pré-determinado (segunda quinzena do mês) e para que o trabalho não ficasse prejudicado, foram escolhidas as postagens dos primeiros quinze dias, como aconteceu em agosto e outubro de 2019. Dessa forma, não queríamos deixar de analisar os meses que não se enquadravam nos parâmetros inicialmente definidos.

Já com relação ao segundo aspecto, foi levada em consideração a relevância do conteúdo das observações feitas por eles nas postagens. As que traziam apenas *emojis* (Rock Content, 2017)³⁷ - símbolos que representam uma ideia, palavra ou frase completa - foram as que menos ofereciam informações importantes do ponto de vista qualitativo. Por isso, não fizeram parte da investigação, assim como as publicações que apresentavam apenas marcações (App Geek, *online*, sem data)³⁸ de outros usuários, recurso esse que iremos detalhar mais à frente.

A partir desses parâmetros pré-definidos explicados acima, chegamos aos seguintes números de tweets selecionados para compor a amostra: em 2019, foram escolhidos cinco tweets em abril, cinco em maio, dois em junho e um em setembro. Conforme já mencionado,

³⁷ Enquanto *emojis* são caracteres independentes, os emoticons são carinhas ou símbolos feitos com os caracteres do teclado, como (-: ou <3. (Rock Content, 2017).

³⁸ Ao marcar alguém, você cria um link para o perfil dessa pessoa. A publicação em que você marcar a pessoa também poderá ser adicionada à linha do tempo dela. Por exemplo, você pode marcar uma foto para mostrar quem está nela ou publicar uma atualização de status e dizer com quem você está. Se você marcar um amigo na sua atualização de status, quem visualizar essa atualização poderá clicar no nome do seu amigo e ir para o perfil dele. Ao marcar alguém, a pessoa será notificada (App Geek, *online*, sem data).

como não havia publicações em agosto e outubro com mais de cem curtidas, decidimos selecionar o *post* que teve maior repercussão na primeira quinzena destes meses (uma em 1º de agosto com 55 curtidas e uma em 5 de outubro com 44 curtidas). Já em 2020, foram selecionados um tweet em abril (com 19 curtidas), um em maio (10 curtidas), um em junho (43 curtidas), dois em agosto (247 e 289 curtidas), um em setembro (141 curtidas) e um em outubro (83 curtidas).

Por fim, das 1.072 do corpus principal, essa análise foi constituída por 22 tweets que geraram 76 comentários e 16 *retweets* extraídos de postagens realizadas em seis meses de 2019 e de 2020. São essas observações feitas pelos usuários do perfil da OTT-RJ que fazem parte da análise qualitativa dos comentários do conteúdo. Partindo dessa amostra principal, discutiremos no tópico seguinte como as notícias de criminalidade postadas no Twitter da OTT-RJ constroem e ressignificam as micronarrativas da violência publicadas na plataforma.

4.3 **Vítima virtual no ambiente digital: um conceito em construção**

O conceito “política de piedade” foi articulado a partir de Arendt (2011) e Boltanski (2004) para designar as narrativas em que o sofrimento é observado por quem não sofre e narrado para outros que também não sofrem. A audiência é endereçada como os felizes que devem agir politicamente para reduzir os sofrimentos dos infelizes. Se deve agir, a audiência também é endereçada como responsável e, por isso, ela se beneficiaria da estrutura social que causa sofrimentos e, portanto, está em dívida em relação a todos os que são apresentados a ela como sofredores (Vaz & Rony, 2011, p. 219).

A política da piedade teve como marco a Revolução Francesa quando o povo presenciava o espetáculo do sofrimento, sem partilhá-los pessoalmente (Arendt, 2011, p.111). Como complementam Vaz & Rony (2011, p. 218), a guerra fez emergir esse tipo de política porque pela própria declaração dos direitos humanos, a regra moral está universalizada, e pelo fato de o sofrimento de estranhos ser pensado como uma condição que está articulada a características da sociedade, sendo assim esse sofrimento é evitável; acredita-se que é possível”.

Na política da piedade, exatamente por ser política, aquele que está diante do sofredor não pode ajudar local e imediatamente; deve, sim, falar aos outros do que viu para mobilizá-los. Na narrativa do que viu, o sofrimento deve estar articulado com condições sociais que seriam sustentadas por um determinado arranjo político, na medida em que ser solidário significa a ação mediada de transformar a sociedade. E a narrativa deve despersonalizar o sofredor, tornando-o exemplo de uma condição que afeta a muitos. (VAZ, RONY, 2011, p. 218)

Na retórica da política da piedade, a causa do sofrimento e a constituição da audiência são incluídas. Nessas narrativas, o sofredor tende a aparecer como um ser despersonalizado que é denominado como miserável, oprimido e explorado. Além disso, seu sofrimento vale como exemplar para muitos. Para Arendt, a piedade despersonaliza sofredores e possibilita que seja englobada “massas sofredoras”. Dessa forma “pode ser bem-sucedida onde a compaixão costuma fracassar; ela pode alcançar a multidão e, por conseguinte, como a solidariedade, entrar em praça pública” (Arendt, 2011, p. 127-128).

Ao abordar a questão da política de piedade, Boltanski (2004) retrata, a partir do que defende Arendt, a observação dos que sofrem por aqueles, mesmo que não tenha experimentado o sofrimento de maneira direta. Nesse modo moderno de se lidar com o sofrimento, o espectador é convidado a sentir sentimento em relação ao outro distante e se colocar não frente a frente, mas à distância, um observador e um sofredor desconhecido. Esse tipo de mediação faz com que o espectador se esforce para avaliar a extensão e a natureza do sofrimento humano testemunhado que entra diariamente nas residências, através dos noticiários. Tal conceito aborda os modos de interação baseado na observação, em vez da ação: “na observação dos desafortunados por aqueles que não partilham de seus sofrimentos, que não têm a experiência direta, e que podem, como tal, serem considerados afortunados” (Boltanski, 2004, p. 16, tradução nossa). Portanto, é um modelo de espectralidade em que há a separação entre aquele que sente o sofrimento e o que assiste de longe. Como explica o autor, que escolheu a televisão para análise das formas de exposição do sofrimento, a distância proporcionada pela tevê entre o espectador e o sofredor não oblitera a dimensão moral da espectralidade televisiva do sofrimento (Boltanski, 2004). Com isso, há uma identificação por parte do espectador com relação ao sofrimento do outro, mesmo que não seja diretamente afetado pela situação.

Existe uma ligação íntima entre a virtualização da realidade e a emergência de uma dor física infinita e ilimitada, muito mais forte que a dor comum (Žižek, 2014, p. 28). Para ele, a realidade virtual, simplesmente, generaliza esse processo de oferecer um produto esvaziado de substância e é sentida como a realidade sem o ser. “Mas o que acontece no final desse processo de virtualização é que começamos a sentir a própria “realidade real” como uma entidade virtual”.

Cabe sublinhar que, a partir da década de 60 do século passado, a política da piedade passou por uma crise, principalmente, por causa de processos sociais, dando o início a uma transição histórica para a política da vítima. Entre os considerados decisivos para a mudança, os autores Vaz & Rony (2011, p. 219) citam o holocausto, especialmente, na ênfase no

testemunho de sobreviventes sobre perseguição e sofrimentos dos judeus. Ressalta-se que, a partir desse período, as referências da primeira modernidade ganharam força dando espaço para o reconhecimento do sofrimento do outro, transformando assim em uma questão social. Registra-se aqui uma mudança na maneira como as culturas ocidentais contemporâneas encaram o sofrimento e criam modos de ver a ação coletiva.

Para Vaz (2006), instaura-se o que ele denomina como “política da vítima virtual” ao analisar a voz das vítimas e o direito ao risco nas notícias publicadas nos jornais com ênfase nos crimes cometidos por estranhos e como a experiência da violência urbana é percebida por elas. Nesse processo, a audiência é estimulada a se colocar na mesma condição daquele que sofre, deslocando-se a sua responsabilidade em relação à imposição ao sofrimento do outro. Portanto, para o autor, é uma forma de subjetividade que emerge a cada vez em que indivíduos, diante dos meios de comunicação, apreendem a possibilidade de irrupção súbita de sofrimento em suas rotinas.

A discussão aqui é se a vítima pode acabar confundindo um sofrimento real com um fictício. A análise do comportamento da audiência diante do sofrimento do outro que é “estimulada a se conceber na mesma condição daquele que sofre, o que desloca a busca da responsabilidade pelo sofrimento para um personagem outro” (Vaz *et al.*, 2012, p.6).

Podemos fazer alusão ao que Boltanski (2004) chama de sofrimento do espectador à distância, isto é, a forma como a sensibilidade moral e emocional dos indivíduos e disposição prática deles para uma espécie de engajamento solidário são afetadas pelo contato hermenêutico com informações e imagens midiáticas sobre o sofrimento de outros especialmente distantes. Na OTT-RJ, são publicadas diariamente dezenas de notícias sobre a violência e o sofrimento de estranhos, mas que acabam fazendo parte do dia a dia de uma grande parte dos moradores da cidade do Rio de Janeiro.

Apesar de em uma de suas análises, Vaz (2006) ter aplicado o conceito de vítima virtual aos leitores de jornal com base nas narrativas jornalísticas, o termo abrange aquela vítima potencial que, ao acompanhar notícias sobre violência, é acometida pelo sofrimento pelo fato de o crime ocorrido poderia ter atingido qualquer um e que este poderá ocorrer novamente. O mesmo conceito foi utilizado por Cardoso (2012) para analisar o risco, sofrimento e política nas narrativas do Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão, sobre as epidemias de dengue (1986-2008). Nesse caso, a vítima virtual aparece como figura central pelo fato de que se percebe permanentemente em risco de sofrer ou morrer.

Ao associar o conceito de vítima virtual ao objeto de pesquisa - OTT-RJ - o objetivo é avançar na análise feita por Vaz (2006) - na análise em que ele se ateu aos veículos de

comunicação impressos, explorar o deslocamento desse contexto para os sites de redes sociais e investigar se sentir-se uma vítima virtual é parte constitutiva da experiência urbana contemporânea. De forma abrangente, é como se a página, ao querer evitar o risco, acabasse evidenciando as próprias formas como essa criminalidade se apresenta e se desdobra. Diante desse cenário, ao colocar os seguidores *online* diante da criminalidade proveniente de uma violência que acontece fisicamente no espaço urbano, o perfil da OTT-RJ no Twitter estaria gerando o que chamamos aqui de vítimas virtuais no ambiente digital.

Propomos, então, a renovação da gramática do conceito de “vítima virtual”, cujo sofrimento foi potencializado pela tecnologia, a partir da inclusão de novos fatores impostos pela dinâmica de funcionamento dos sites de redes. Para evidenciar que há uma evolução do conceito para “vítima virtual no ambiente digital”, iremos explorar as particularidades e diferenças de cada modelo analisá-los sob duas óticas: o primeiro vai abordar as características da lógica de funcionamento dos dois formatos (jornal, veículo utilizado nas análises de Vaz) e Twitter) e o segundo vai explorar como a audiência se comporta e é atingida (leitor/ seguidor) pela violência de formas diferentes nessas duas realidades.

4.3.1 A lógica de funcionamento dos dois modelos de política de vítima

A partir de agora, iremos esmiuçar as principais diferenças entre os dois modelos, o de vítima virtual, no contexto analisado por Vaz (2006), que se ateve à análise das narrativas em jornais e da vítima virtual em ambiente digital, no que diz respeito à lógica de funcionamento destes e o contexto em que cada um se enquadra. São seis características distintas identificadas ao longo da análise que apontam que houve uma evolução da primeira premissa em relação à segunda, se levarmos em conta uma abordagem do universo da internet.

Uma das mais principais características que diferencia os dois modelos refere-se ao fato de que, no primeiro conceito apresentado por Vaz (2006), a vítima virtual foi interpretada a partir de notícias veiculada em jornais, ou seja, publicações físicas impressas no papel e que apresentam uma série de restrições em comparação com as do universo digital. No segundo modelo, o *corpus* explorado foi o Twitter, um site de redes sociais hospedado no ciberespaço que apresenta inúmeras particularidades.

Os novos meios de comunicação que coletam, manipulam, estocam, simulam e transmitem os fluxos de informação criam assim uma nova camada que vem se sobrepor aos fluxos materiais que estamos acostumados a receber. O ciberespaço é um espaço sem dimensões, um universo de informações navegável de forma instantânea e reversível. Ele é dessa forma um espaço mágico; já que caracterizado

pela ubiquidade, pelo tempo real e pelo espaço não físico. Todos esses elementos são característicos da magia como manipulação do mundo (LEMOS, 2015).

O fato de o Twitter ter como ambiente o ciberespaço traz à tona diversos desdobramentos em relação ao jornalismo tradicional, o que vai nos levar a discutir a segunda diferença entre os conceitos apresentados. Uma das características da Comunicação Mediada pelo Computador, apresentadas no capítulo 3, é difundir informações quase em tempo real. Com o objetivo de manter os seguidores longe da violência da cidade, a página da rede no Twitter publica alertas de tiros diversas vezes ao dia. Com isso, acaba trazendo para eles uma violência interrupta, na lógica do imediatismo, acelerando esse processo, numa dinâmica que faz com que a audiência se aproxime ainda mais da violência.

Aqui, podemos elencar dinâmicas bem diferentes. Enquanto as postagens são publicadas de forma imediata, as notícias de jornais só podem ser lidas no dia seguinte. Visando complexificar esse assunto, mesmo que seja uma informação publicada num site *online* de um veículo de imprensa, é necessário que o leitor esteja conectado à internet e tenha a intenção de acessar tal página. Já no Twitter, os alertas chegam minuto a minuto no *app* que envia notificações para o usuário, de forma sonora ou com ícones na tela, toda vez que há atualização de um post.

Ao contar com as condições tecnológicas do Twitter como a instantaneidade e o imediatismo, houve uma mudança na forma de narrar os crimes que antes ficava restrita às páginas físicas dos jornais. Com base nesses recursos tecnológicos das redes sociais, é como se o Twitter levasse para dentro da casa das pessoas, por meio de ferramentas como computadores e *smartphones*, os crimes que acontecem nos espaços públicos.

Além disso, o imediatismo da OTT-RJ está repleto de imagens e de narrativas sobre o sofrimento de estranhos como assaltos, roubos, arrastão, tiroteio que permeiam o nosso cotidiano e se tornam parte constitutiva de consciência moral do indivíduo. O destaque que as publicações ganham nessas páginas *online* dão um tom de instantaneidade e de urgência que reforça ainda mais que cada um pode ser a próxima vítima a qualquer momento, sendo essa uma das diferenças para a vítima virtual dos jornais.

Já o terceiro fator refere-se ao conteúdo multimídia que pode ser postado nos sites de redes sociais em geral. Enquanto nos jornais impressos, as reportagens são publicadas em formato de texto e foto, no Twitter, a criminalidade é exposta em textos, fotos e vídeos. É um processo mais dinâmico do que o proposto também pelos portais de notícias na internet, inclusive com a possibilidade de inclusão e exclusão de comentários feitos pelo seguidor e compartilhamento do conteúdo. Ao ter a permissão para comentar as publicações, o usuário da

rede pode ressignificar o conteúdo, apresentando uma nova visão sobre o que foi lido. Além disso, ao apagar o que foi escrito, ele está refazendo uma parcela daquela história que faz parte do dia a dia dos moradores do Rio e que é construída minuto a minuto pelos seguidores do perfil.

Apesar de Recuero (2009, p. 261-262) afirmar que a CMC é um tipo de comunicação que ainda privilegia especialmente o texto, mais do que o som e o vídeo (apesar do desenvolvimento em hipermídia, a maior parte das ferramentas de comunicação ainda é principalmente textual), ressaltamos aqui que, apesar da oralidade proporcionada pelo aplicativo, é permitido que sejam usadas não apenas a escrita, mas imagens e vídeos. A linguagem utilizada pelos seguidores apresenta características específicas da internet, entre elas: conteúdo escrito de forma informal e com palavras abreviadas e os comentários só podem ser feitos por meio de textos ou por figuras como *emoticons*, mostrando assim como letramento e a oralidade disputam espaço no meio digital. Já Herring (2002) explica que a CMC varia de acordo com a tecnologia na qual está baseada, ou seja, as formas de conversação são também determinadas pela ferramenta tecnológica.

A possibilidade de qualquer pessoa publicar fotos e vídeos nos SRS leva à discussão sobre um dos principais fatores de questionamento, que é a questão da veracidade, a quarta característica que diferencia os dois conceitos. É comum os usuários das redes sociais - um ambiente virtual em que possibilita o internauta interagir e colaborar - questionarem a autenticidade das informações. Diferente do leitor do jornal impresso e até mesmo do romance que é mais passivo como espectador, na tessitura da narrativa no Twitter, o seguidor tem a opção de ler e comentar o *post* principal e os outros comentários anteriores e posteriores ao dele. Como mencionado anteriormente, um dos administradores da rede OTT-RJ afirma que, quando a publicação deles conta com vídeo, os moradores não contestam se o fato é real ou não. Já no jornal, o material publicado é elaborado por um profissional de comunicação que utiliza técnicas de jornalismo como apuração e checagem dos dados em fontes oficiais.

Ao refletir sobre a importância do discurso para o processo comunicacional, destacamos que, no Twitter - assim como no jornalismo que tem pretensão à verdade - os posts buscam retratar a realidade do seguidor do perfil que é morador da cidade do Rio de Janeiro. Ambos apresentam uma narrativa baseada em convenções de veracidade e que acabam tendo o papel de mediador entre o acontecimento e a história. A estratégia principal dos administradores da OTT-RJ no Twitter é fazer com que os seguidores interpretem os fatos como verdades, como se os acontecimentos estivessem falando por eles e, também, presenciando aquele fato, dando lugar a diferentes tipos de medo e de experiências.

Ainda com relação às características de funcionamento do jornal e do Twitter, a OTT-RJ funciona a partir de um sistema colaborativo, já discutido aqui anteriormente, em que o conteúdo publicado na plataforma é enviado pelos próprios moradores. O papel dos administradores da rede é confirmar a veracidade do material recebido com a ajuda de uma rede de pessoas antes de postá-lo. Diferente das notícias de crime publicadas nos jornais que têm como autor daquele texto um profissional jornalista, que apurou e escreveu aquela reportagem, sendo responsável por escrever aquele assunto e publicá-lo, os *posts* da OTT-RJ são retroalimentados pelos próprios cidadãos, morador da cidade ou do estado do Rio.

Por fim, outro dado importante que a análise nos apontou foi o fato de que, para evitar que as pessoas acabem sendo vítimas da violência, os seguidores do perfil em questão implementam como estratégia um recurso restrito aos sites de redes sociais e que não pode ser usado pelos jornais impressos e nem pelos sites de notícias *online* que é a marcação de outras pessoas nas postagens. Os usuários do Twitter esperam, primeiro, que as pessoas citadas por eles na postagem tenham conhecimento sobre o que está acontecendo naquele local e momento, e segundo, conseqüentemente, que elas evitem passar por lá.

No recurso de marcação, um seguidor menciona o nome de outro numa postagem, o que é feito com o uso do símbolo @ seguido imediatamente pelo nome de usuário do Twitter. Em seguida, ela é notificada pelo aplicativo, que informa a citação, e pode visualizar aquele alerta. Sempre que um amigo menciona outro nos tweets, este pode verificar facilmente essas interações que podem ser seguidas pelo observador. As relações sociais que estão contidas nessas conversações que podem demonstrar um certo nível de intimidade (Recuero, 2009, p. 266). A atitude aponta que o usuário se preocupa com o outro, o que é forma de impedir, usando a tecnologia e os recursos que o *app* tem disponível, que este seja vítima daquela violência.

A partir disso, uma questão que nos leva a refletir é a seguinte: esse segundo seguidor que foi marcado na publicação não estaria sendo tão vítima quanto o primeiro que teve acesso ao alerta do Twitter e utilizou o recurso de marcação e quanto a pessoa que sofreu aquela violência física, originalmente. O que temos aqui é processo de disseminação da violência que foi desencadeado, potencializado e propagado com a ajuda da tecnologia. Nesse modelo, o seguidor da página tem a possibilidade de acionar outras pessoas que fazem parte da rede de amigos dele, levando a elas a sensação de medo e poderia achar que aquilo aconteceria com elas também.

4.3.2 Audiência digital diante da violência - discursos de revolta, negligência do estado e banalização do crime

Frente às particularidades das redes sociais discutidas acima, numa dinâmica que faz com que a audiência se aproxime ainda mais da violência e do sofrimento de terceiros, e perante a ineficácia da ação policial e do papel do estado, a análise dos comentários dos seguidores da OTT-RJ no Twitter nos levou à seguinte conclusão: as observações postadas pela audiência têm um tom forte de indignação, revolta, ironia e naturalização da violência. É aquele seguidor que, diante de alertas de criminalidade de forma reiterada e cientes de que nada vai ser feito pelas autoridades e de que eles podem ser a próxima vítima, se mostram exaustos, desgastados e impotentes ante a essa realidade.

Estará em curso uma mudança de perfil da audiência no ambiente digital em comparação ao *corpus* estudado por Vaz (2006) em que as vítimas são estimuladas a se colocar na mesma condição daquele que sofre nas narrativas publicadas nos jornais. Logo, identificamos que há uma transição em curso na forma como a vítima no ambiente digital se comporta diante da criminalidade postada na internet, sendo essa segunda diferença em relação ao modelo de vítima virtual.

No modelo proposto, a audiência também sofre, mas essa narrativa da dor pelo sofrimento do outro perde destaque (principal característica da política da vítima virtual) e o discurso que mais fortemente prevalece é o de revolta, indignação e até naturalização da violência. Reiteramos aqui que, ao acompanhar as notícias sobre violência, a vítima virtual é acometida de sofrimento em função da possibilidade de sofrer aquela violência e pela incapacidade do estado (Vaz, 2006). Porém no ambiente digital, essa indignação parece ter mais força já que é estimulada a cada comentário e compartilhamento, recursos tecnológicos dos sites de redes sociais. Com isso, o discurso de indignação acaba reverberando e se difundindo no ciberespaço.

Há de se refletir se essa mudança de comportamento da audiência também pode ser, atualmente, constatada com os leitores de jornais. Apesar desse público não ter sido o foco desta pesquisa, acredita-se que o excesso de informação publicada sobre violência na imprensa - mesmo em uma quantidade menor do que na internet - somado ao descaso constante das autoridades na busca pela solução do problema de segurança pública gerem esse sentimento no leitor de jornais impressos. Como também são moradores do estado, eles convivem com a violência diária. A diferença é que o formato do jornal não propicia ao leitor um local de interação como as redes sociais oferecem.

Apesar disso, na política da vítima virtual em ambiente digital, o nexo entre a audiência e o sofrimento estranho não foi rompido e permanece como acontece com a vítima virtual, mas perde destaque do ponto de vista privilegiado. Observou-se que não houve a perda da identificação e do interesse pelo sofrimento de terceiros, mas com o excesso de crime, isso acabou ficando em segundo lugar, como se a naturalização da violência já estivesse internalizada pela audiência. Nesse caso, os moradores da cidade e do estado do Rio de Janeiro lideram os rankings de criminalidade no país e no mundo.

É interessante analisar que, os alertas de criminalidade da OTT-RJ que causam revolta e indignação nos seguidores da plataforma são oriundos de uma atividade realizada por eles mesmos como parte do processo colaborativo de envio de informações de criminalidade para a OTT-RJ do qual eles são os principais atores. De forma abrangente, é como se a eles fossem responsáveis pela geração do próprio sofrimento que é potencializado pelas dinâmicas dos sites de redes sociais e que estimula ainda mais esses sentimentos. A audiência tem uma responsabilidade ativa pelo que é postado porque se aproveita do modelo participativo de funcionamento da OTT-RJ para retroalimentar o perfil da rede.

A vulnerabilidade indignada da população aparece fortemente nas narrativas dos seguidores da OTT-RJ, tendo como base a premissa de que aquele sofrimento poderia ser evitado. À medida que aumentam os crimes com vítimas aleatórias no espaço urbano no Rio de Janeiro, modifica-se também a forma como os seguidores do perfil da OTT-RJ lidam com os casos postados no Twitter. Muitos deles se colocam nos lugares de outros ao experimentar a dor de estranhos, os comentários mostram como eles reagem a isso. A seguir, apresentamos alguns exemplos.

Em 26 de maio de 2019, a OTT-RJ fez uma postagem que informava sobre os tiros no Morro da Formiga, na Tijuca, Zona Norte do Rio. Em vários comentários, os seguidores reclamam da violência e dizem como são afetados por ela. Neste, a repercussão de comentários foi grande e uma parte deles apontou os usuários não se identificando com as vítimas, mas demonstrando uma narrativa focada na revolta e ironia com relação ao ocorrido.

OTT-RJ Informa: 26/05 - 08:13h Tiros na Tijuca, morro da Formiga. Atenção na região. #OTTRJ

Interagente 85 - tava demais!

Interagente 86 - mas parece q todo dia ta assim!!!!

Interagente 87 - Eita ... Domingo começou bem no Rio

Interagente 88 - Adivinha como a gente acorda

Interagente 89 - Meu deus....espero que tudo esteja bem na medida do possível (OTT-RJ, Twitter, 26 de maio de 2019, às 8h13m)

Pode-se notar também que um comentário reforça o outro e estimula os seguidores a participarem dando opinião. Nessa dinâmica, todos são convocados a se posicionar afetivamente perante inúmeras imagens de sofrendores espalhados pela internet. Logo, quanto mais um seguidor fala de um tema, mais os outros são estimulados a comentar, e quanto mais as narrativas circulam, mais ganham força. Quando um usuário compartilha uma mensagem na linha do tempo, amplifica o impacto dela, passa ter a função de enunciador e aquele enunciado passa a ser dele e fica disponível para a audiência (Boyd, 2010). Nesse caso, a mensagem tem caráter de permanência e reprodutibilidade que permitem que os sujeitos repassem essas mensagens de modo simplificado e bastante fiel à cópia original, amplificando o discurso e escalando suas reverberações (Recuero e Soares, 2013). Os autores afirmam ainda há a possibilidade de modificação da mensagem inicial, alterando o sentido desta. Nesse caso, o indivíduo compartilha a postagem, ou até mesmo faz uma cópia dela e a coloca no perfil, complementando-a com outras informações, desconstruindo o tema inicial ou mantendo o estigma e a violência contida nele. Soma-se a isso, o fato de que a presença de imagens junto ao texto também pode complexificar a produção de sentidos pelos sujeitos. Nas redes sociais todos são convocados a participar, não só a audiência, como a vítima que não precisa se calar.

Em outra postagem, no dia 25 de setembro de 2020, a OTT-RJ informou que houve uma explosão de fogos e tiros no Complexo da Penha, Zona Norte, pelo cortejo do traficante Elias Maluco. Na publicação, os seguidores da página também demonstram que estão conformados com o ocorrido.

Onde Tem Tiroteio-RJ - @RJ_OTT

OTT-RJ INFORMA: 25/09 - 12:00h - Fogos em vários pontos do Rio de Janeiro e tiros em alguns deles como Complexo da Penha. Segundo relatos, é pelo cortejo do traficante Elias Maluco. Atenção nos entornos dessas comunidades. #OTT-RJ

Interagente 90 - Santa Marta tava parecendo reveillon kkkk

Interagente 91 - NA MAIOR DA AMÉRICA LATINA, TEVE FOGUETÓRIO

Interagente 92 - Nossa, mas tá enterrando hj?

Interagente 93 - Aqui em Caxias também teve muitos fogos!

Interagente 94 - Pqp!!! Rio, cercado pelo narcotráfico por todos os lados.

Interagente 95 - Aqui em B.Pina deu pra ouvir muito tiro e muito fogos! Uns 5 min depois parou. Que o capeta receba a alma desse merda com bastante fogo e enxofre. Deveriam enterrar de cabeça pra baixo pra não ocupar espaço e se acordar e cavar se afunda mais! #MenosUm #BandidoBomÉBandidoMorto (OTT-RJ, Twitter, 25 de setembro de 2019, às 12h)

Já em 30 de abril de 2019, um seguidor utiliza um certo tom de ironia e de descontentamento com a política de segurança que, para ele, não funciona mais.

Onde Tem Tiroteio-RJ - @RJ_OTT

OTT-RJ INFORMA: 30/04 - 20:10h Arrastão na AV. Maracanã esquina Rua São Francisco Xavier. Dois elementos em uma moto Yamaha Lander sem placa preta levaram os pertences de motoristas. Fugiram em direção à Mangueira. Cuidado na região. #OTTRJ

Interagente 96 - Como é "doce" essa rotina! Feriado tem mais!
(OTT-RJ, Twitter, 30 de abril de 2020, às 20h10m)

Em outra postagem de 28 de maio de 2019, sobre um ônibus da Linha 485 que tinha sido atingido por bala perdida na Avenida Itararé, no Complexo do Alemão, Zona Norte, a seguidora 104 diz “MEU DEUS. ALGUÉM SE FERIU?”. Em outro, o seguidor 105 reclama que a situação está difícil! Já seguidor 106 pede que Deus guarde a vida dos motoristas e passageiros que fazem esse trajeto aí todos os dias.

Também em 26 de agosto de 2019 foi publicado um vídeo com bandidos em fuga trocando tiros na Avenida Borges de Medeiros, na Lagoa. O post registrou 189 curtidas, 33 *retweets* e 21 comentários. Dois motivos explicam a boa repercussão que a publicação teve: o fato de a postagem ter um vídeo mostrando a ação dos bandidos, o que chama a atenção dos seguidores e dá credibilidade e veracidade ao conteúdo, e por acontecer na Zona Sul, uma das regiões mais valorizadas e mais policiadas da cidade, cartão postal do Rio (Vaz, Sá Carvalho, Pombo, 2005, p. 4).

Nos comentários, alguns seguidores fazem críticas e outros defendem o trabalho da polícia, citam a atuação do Supremo Tribunal Federal (STF) (O Globo, 2020). Em junho de 2020, o ministro da instituição, Edson Fachin, proibiu a realização de operações policiais em comunidades do Rio durante a pandemia do novo coronavírus, sendo permitida apenas em hipóteses absolutamente excepcionais. O texto da decisão prevê responsabilização civil e criminal em caso de descumprimento.

OTT-RJ Informa: 26/08 - 13:45h Vídeo dos elementos fugindo e trocando tiros na Borges de Medeiros na Lagoa em um suposto arrastão. #OTTRJ

Interagente 97 - Em plena Lagoa Rodrigo de Freitas...chega a ser vergonhoso e humilhante. Infelizmente a Polícia abre um precedente perigoso ao não proteger o patrimônio da População, sob o discurso de que o patrimônio pode ser recuperado....

Interagente 98 - Complicado culpar a polícia. Tudo que a polícia faz hoje tem sempre alguém para crucificar, um celular para filmar, um stf para proibir.. Assunto bem complexo.

Interagente 99 - Se na Lagoa, em plena luz do dia no meio da semana, tá rolando arrastão, é pro último a sair apagar a luz

Interagente 100 - Vão subir o morro e a polícia não pode ir atrás, parabéns aos envolvidos.

Interagente 101 - Parece que não foi arrastão. Era uma perseguição, pois o veículo dos bandidos estava transportando muitas armas e munições

Interagente 102 - Cidade maravilhosaaaa, cheia de encantos miiiiil...não, pera.

Interagente 103 - Sarajevo é brincadeira aqui é o Hell de Janeiro!

Interagente 104 - Nossa o Rio tá de mas nem na covid

Interagente 105 - Se o STF souber fudeu. Vai proibir a polícia de atuar na lagoa.

Interagente 106 - parabéns vcs trabalham direitinho seus velhos malditos...

Interagente 107 - O delegado tentando justificar na mídia sua falta de operacionalidade pela restrição do uso de helicópteros. **se esquece que na farsa denominada “invasão do alemão”, propositalmente, não fizeram uso dos mesmos, possibilitando a fuga de vários meliantes. #balançoGeraRJ

Interagente 108 - Ninguém merece presenciar. Só que lá na zona sul polícia chega. Já nas comunidades agora precisa da autorização de justiça (STF). (OTT-RJ, Twitter, 26 de agosto de 2020, às 13h45m)

A distância entre o mundo ideal e atual suscitou a indignação e banalização da violência e levou a episódios em que os seguidores demonstram estar anestesiados com isso. Acredita-se que esse processo aconteça em função do excesso de informação sobre o conteúdo e pela impossibilidade de que alguma coisa vai melhorar diante da ineficácia do estado. A quantidade de alertas e a frequência com que são publicados diariamente no perfil da OTT-RJ sinalizam que a criminalidade na cidade não é um evento isolado ou apenas um incidente. Somam-se a isso os relatos feitos por amigos, parentes e estranhos sobre a criminalidade na cidade.

O argumento principal é o de que o excesso anestesiaria. Pior, haveria a possibilidade de o excesso fazer com que o ‘transformável’ apareça como inevitável: quanto mais as imagens de sofrimentos se repetem – mais um caso de fome em algum país da África, por exemplo – e quanto menos a situação muda, o que pode ser transformado tende a ser visto como estando além do alcance da ação da audiência. O que se teme é que a mídia provoque a passividade, que não ajamos para reduzir o sofrimento do outro quando poderíamos e deveríamos. (VAZ, SÁ-CARVALHO, POMBO, 2005, p. 3)

Como explica Souza (2008, p.40), os crimes “ordinários”, sem motivação política ou religiosa direta, vão se intensificando nas cidades em vários países, a ponto de um novo vocabulário começar a dar o tom dos novos tempos: “banalização da morte”, “cultura da violência”. O processo de banalização da morte ocorre quando a experiência da morte se transforma numa ocorrência frequentemente repetida e infinitamente reproduzível e isso acontece quando os vínculos humanos se tornam frágeis (Bauman, 2008, p. 65).

À medida que os vínculos da era líquido-moderna se tornam claramente tênues e "até segunda ordem", a vida vira um ensaio diário da morte e da "vida após a morte", da ressurreição e da reencarnação - todas encenadas por procuração, mas, da mesma forma que os *reality shows*, nem por isso menos "reais". A "alteridade absoluta" que separa a experiência da morte de todas as experiências da vida agora se torna uma característica comum do cotidiano (BAUMAN, 2008, p. 65).

A banalização da morte e da rotina de violência faz parte de muitos comentários como o do que foi postado no dia 15 de maio de 2019. Na ocasião, a OTT-RJ havia informado que carros estavam voltando na contramão na Linha Amarela, na Zona Norte.

Onde Tem Tiroteio-RJ - @RJ_OTT

OTT-RJ Informa: 15/05 - 20: 44h Carros voltaram na contramão na Linha Amarela, sentido Barra, altura do Nova América. Segundo motoristas homens fizeram assalto a motoristas e levaram pertences. Polícia já não é local.

Interagente 109 - Cdeah (@cdeahill) - Normal!

Interagente 110 - Nada como um final de dia normal na L.Amarela

Interagente 111 - E todas sabem mas nada fazem...

Interagente 112 - E como é "doce" essa rotina!
(OTT-RJ, Twitter, 15 de abril de 2020, às 20h44m)

Partimos da hipótese de que os alertas de crimes violentos publicados pela OTT-RJ teriam o potencial de intensificar, legitimar e até normalizar as práticas violentas no estado. Uma discussão que vem à tona quando falamos sobre sofrimento é a ambiguidade entre real e fictício. Discute-se se o grande número de imagens e micronarrativas publicadas na página sobre criminalidade e o sofrimento das vítimas estariam anestesiando ou ampliando ainda mais o medo do crime. Sobre as informações que são publicadas em sites de redes sociais que têm um alcance bem maior que os jornais e que ainda contam com a possibilidade de compartilhamento, num primeiro momento, elas promovem um sentimento de indignação e, depois, podem ampliar ainda mais o medo. Esse movimento levaria os indivíduos a supor que a cidade se apresenta mais violenta do que realmente é, em função do medo gerado pela exposição aos meios de comunicação. Com a divulgação em massa dessas informações, num segundo momento, não descartamos o efeito de passividade dos seguidores diante da criminalidade, o que de alguma forma, pode acabar levando-o a não agir para reduzir o sofrimento do outro, ao confundir um sofrimento real com um fictício (Vaz, Sá Carvalho, Pombo, 2005).

Outro fato que chamou a atenção é que grande parte da indignação dos seguidores se dirigia à polícia e não aos bandidos. A audiência estava mais preocupada em culpar as autoridades pela ausência de policiamento do que os bandidos pela prática do crime. Além

disso, diante desse cenário de falta de política pública - realidade na segurança pública do Brasil e não um problema apenas do estado do Rio - os comentários sobre os criminosos apontavam a morte deles como solução para problema da criminalidade. Com isso, a imagem do agressor não está mais condicionada a um contexto social em que eles são vistos como vítimas da sociedade. A tolerância em relação à morte de criminosos pela polícia e a aceitação da superpopulação das prisões são as formas pelas quais a sociedade autoriza a violência do estado.

Onde Tem Tiroteio-RJ - @RJ_OTT

OTT-RJ INFORMA: 28/05 - 13:35h Tentativa de roubo de carga com tiros na Saída 9B da Linha Amarela (Av. Brasil sentido Zona Oeste). Bandidos baleados e presos. Atenção na região.

Interagente 113 - Passei um pouco depois e vi os ganços caídos.

Interagente 114 - Autorizado cancelamento do CPF ou infelizmente sobreviveram?

Interagente 115 - Que sejam recebidos pelo capeta no inferno. Quanto mais a polícia prende mais bandido aparece...é uma praga que o remédio é a cadeia ou a morte e de preferência com muita dor para purificar. Não há outra solução...

Interagente 116 - Pena de morte pra eles.

Interagente 117 - Não tem hora e nem lugar, não temos paz!

Interagente 118 - Preso pra quê. (OTT-RJ, Twitter, 28 de maio de 2019, às 13h35m)

Aqui, observa-se a relevância de um dos aspectos na constituição do medo que é a imagem do criminoso. “A identificação da audiência com a vítima sob a lógica do medo forma aqui uma separação entre “nós” e “eles”: cada membro da audiência é convidado a se conceber como ameaçado por um grupo de indivíduos estranhos e organizados. A variação do medo segundo a imagem do criminoso depende também da possibilidade ou não de compreender suas ações” (Vaz e Rony, 2008, p.6).

Entre as peculiaridades da retórica da produção da vítima virtual em comparação com a política da piedade está a construção da exemplaridade do sofredor. A segunda estava conectada à pobreza, condição que determina a infelicidade. Logo, o sofredor é pobre. Na produção da vítima virtual, principalmente, em notícias com grande repercussão, os sofredores não eram anônimos e as notícias continham diversos detalhes de vida pessoal deles como forma de favorecer a audiência com a vítima e para constituí-la em sua inocência. Quando essa vítima é um indivíduo qualquer e feliz, a audiência pode ser convidada a ocupar o lugar desta. No Twitter - onde chamamos a audiência de vítima virtual no ambiente digital - como são publicados apenas alertas que ficam restritos a um número determinado de caracteres, não é possível apresentar minuciosidade sobre o acontecimento e a vida das vítimas, diferentes dos jornais que têm um espaço maior para esse tipo de informação. Já com relação à audiência, ela é

identificada nas interações por um marcador de direcionamento que é o uso do @ (já explicado anteriormente), recurso importante para que se saiba com quem se está falando. Como nas redes sociais, todas as interações aparecem na mesma página, o uso do sinal direciona a quem se fala (Recuero, 2009, p.267).

Ainda com relação à audiência, as notícias sobre crime da OTT-RJ têm como público todos os seguidores que possuem o *app* que é gratuito. Basta a pessoa ter acesso à internet e interesse em seguir o perfil da rede. O endereçamento da audiência como vítima virtual no ambiente digital decorre da maneira como o Twitter da OTT-RJ seleciona, narra e destaca os crimes ocorridos na rotina dos cariocas e fluminenses e que envolvem danos físicos e seleção aleatória de vítimas. Ao receberem e lerem os alertas sobre violência, os seguidores se percebem endereçados como vítimas virtuais no ambiente digital. As postagens rotineiras permitem que os indivíduos tragam a possibilidade do acontecimento para suas vidas diante da frequência de alertas sobre tiroteios, balas perdidas, latrocínios, etc., e da reiteração que incorpora ao cotidiano a possibilidade de vitimização.

4.4 O papel da OTT-RJ na ressignificação dos riscos da violência carioca

Como debatido, há uma tensão entre esses dois modelos tecnológicos que se expressam na própria mudança do objeto, em um primeiro momento limitado aos perfis nos sites de rede social até a transição para um aplicativo. Embora cada plataforma tenha uma dinâmica própria na relação com o espaço, o que parece estar em jogo de mais relevante é a motivação dos cidadãos em buscar diferentes recursos para se proteger e escapar de tiroteios na cidade do Rio, tanto que um dos principais temas das discussões dos usuários é sobre como escaparam de situações de risco. Isto é, existiria um processo permanente de construção de uma cidade imaginada, a partir da lógica do medo da bala perdida (especialidade da OTT-RJ) e da violência, que superaria as limitações tecnológicas, por exemplo, ao não se usar GPS. Mesmo sem GPS, havia um esforço de localização, no Facebook e no Twitter, pelo gesto de mútua colaboração na troca de informações, dentro de certo cálculo de risco sobre trajetos, rotas e horários de circulação. Como se dão essas táticas de sobrevivência no Rio de Janeiro, agora com o uso dessas tecnologias que permitem o monitoramento do medo e do risco?

Diante da reincidência de publicações com alertas de criminalidade no Twitter da OTT-RJ que publica, seis a dez posts por dia em média, surge uma questão importante nos comentários que preocupa os seguidores do perfil: o fato de achar que, se aquela violência poderia ter acontecido com qualquer um e se aquele tipo de crime poderia ocorrer novamente. A postagem

recorrente das ocorrências cometidas por estranhos no espaço público acaba alarmando a audiência para o fato de que aquilo pode atingir não importa qual indivíduo já que há uma seleção aleatória de vítimas. Trata-se também de uma forma de generalizar a eventualidade da vitimização.

As notícias podem ter mais impacto sobre a sensação de insegurança e levar o espectador a pensar que “o sofrimento poderia ter ocorrido a qualquer um”, “poderia ter acontecido com ele” e que “pode ocorrer novamente” (Vaz *et al.*, 2012, p.12). Ainda, conforme explicam os autores (Vaz, Sá Carvalho, Pombo, 2005, p.5), “genericamente, o conceito de risco implica trazer um acontecimento adverso para o presente pela simulação de umnexo causal probabilístico e, portanto, incitar a que não se continue a fazer o que amplia suas chances de ocorrência”. “Em sua caracterização mais abstrata, o conceito de risco implica trazer a probabilidade de acontecimentos futuros indesejáveis para o presente e associar ocorrência deste a decisões, conformando uma visão do futuro não como lugar de realização, mas de sofrimentos a serem evitados” (Vaz, Sá Carvalho, Pombo, 2005, p. 8).

As notícias de criminalidade publicadas na OTT-RJ ganham força a partir do momento em que os seguidores passam a conviver constantemente com cenas e discursos violentos, que são publicados de forma acelerada e constante, e acompanham a próxima tragédia. A rede funcionaria como uma fonte de informações que iria “garantir” a proteção do cidadão carioca, mas também apresenta a cidade do Rio na *web* como um foco da insegurança e um permanente desafio. Ademais, as informações publicadas servem como uma bússola para que esses indivíduos possam transitar pela cidade. De forma abrangente é como se a OTT-RJ quisesse evitar o risco (Randy, 2013) da criminalidade e criar um mapeamento do risco no Rio de Janeiro, evidenciando as próprias formas de como essa criminalidade se apresenta e se desdobra.

A preocupação com terrorismo e criminalidade, além de desastres naturais como furacões, tsunamis e terremotos, e até com a alteração do clima no planeta também vem sendo reinterpretadas sob a ótica do risco Luhmann (1981). Os riscos envolvem a decisão de realizar uma ação com resultados futuros que não podem ser determinados e nem previstos. É uma forma de a sociedade moderna experimentar o futuro sob a forma do risco de decisão. Como aponta o autor, que colaborou para a consolidação de uma perspectiva sociológica do debate sobre o tema, o risco é uma forma de descrição presente do futuro sob o ponto de vista de uma decisão sobre diferentes alternativas. Só há sentido em falarmos de risco quando consequências (no futuro) resultam de decisões (tomadas no presente).

É fundamental a questão da decisão de quem ou o que decide se um risco deve ser levado em conta ou não, se devem ser considerados ou ignorados, uma espécie de seleção dos riscos ou contingência (Luhmann, 1981). O risco deve ser compreendido em uma relação a algo que poderia ser evitado através de uma decisão, diferente do perigo que não é visto como resultado de uma escolha, mas atribuído a um fator externo.

Ainda conforme observa, não seria possível analisar uma conduta isenta de riscos visto que, por mais informações que se pudesse dispor, ainda assim não existiriam garantias de que se conseguiria evitar os danos. Qualquer decisão tomada envolve riscos inevitavelmente – e mesmo o “não decidir” já é uma decisão. “Além das discussões normais sobre cálculo, percepção, avaliação e aceitação de riscos, surge agora o problema de seleção de riscos a serem considerados ou não. E, novamente, pesquisas disciplinares específicas podem descobrir que não é uma coincidência aqui: existem certos fatores sociais que orientam o processo de seleção” (Luhmann, 1981, p. 41).³⁹

Os riscos são decorrentes da modernização, “se a natureza mutável da ciência se manteve por longo tempo isolada do público, hoje convivemos com teorias concorrentes para tomarmos decisões sobre questões básicas de nosso dia a dia, e não sabemos nem se temos como saber qual seria a correta” (Giddens, 1999, p. 1, tradução nossa)⁴⁰. Para o autor, a modernidade inaugurou uma mudança no conceito de risco quando assumiu a existência de riscos humanamente criados.

A concepção de risco moderno considera que a ação humana pode gerar consequências impremeditadas como catástrofe e eventos que causam ansiedades. Com isso, o autor acrescenta a este conceito uma forma maneira de ver o mundo e suas incertezas em comparação à pré-modernidade que excluía a ação humana da causa dos riscos. Como afirma, a palavra “risco” surgiu ligada ao seguro marítimo e era utilizada para descrever a probabilidade de perdas e ganhos que poderiam ocorrer durante as viagens e, por isso, tinha uma conotação neutra. Já no contexto que engloba a criminalidade do Rio, os riscos da violência que apresenta sempre um significado fortemente negativo.

³⁹ *Adicionalmente a las discusiones normales sobre cálculo, percepción, evaluación y aceptación de riesgos aparece ahora el problema de la selección de riesgos para ser o no considerados. Y nuevamente la investigación disciplinaria específica puede descubrir que no se trata aquí de una casualidad: existen determinados factores sociales que guían el proceso de selección.* (Luhmann 1981, p. 41).

⁴⁰ *The sceptical, mutable nature of science was for a long time insulated from the wider public domain – an insulation which persisted so long as science and technology were relatively restricted in their effects on everyday life. Today, we are all in regular and routine contact with these traits of scientific innovation* (Giddens, 1999, p. 1).

Ainda do ponto de vista de Giddens (1991, p. 111), com a globalização, houve uma modificação no escopo do risco e não há mais como haver divisões de classe ou entre regiões do mundo ou fronteiras. A lógica de causalidade que era usada no início da modernidade se tornou obsoleta. Nesse ponto, Giddens (1991) se afasta de Luhmann (1981) justamente em relação à possibilidade do sujeito, durante a tomada de decisão, conseguir enumerar e considerar as ameaças possíveis aos fins pretendidos.

Só se pode falar de risco, por mais que o termo seja entendido, quando se assume que quem percebe um risco e possivelmente o enfrenta faz certas diferenciações, por exemplo a diferença entre bons e maus resultados, vantagens e desvantagens, ganhos e perdas, bem como a diferença entre probabilidade e improbabilidade de esses resultados ocorrerem (LUHMANN, 1981, p.152, tradução nossa⁴¹).

Pelo fato de violência ser considerada um novo risco da era contemporânea, nas publicações da OTT-RJ, essa questão vem sendo ressignificada e ganha um papel importante na discussão sobre a vítima virtual no ambiente digital. Como o Twitter funciona como alerta para os moradores evitarem determinados lugares, cabe refletir se a rede cumpre o objetivo proposto e se o sofrimento publicado no aplicativo pode ser evitado pelo seguidor. Ao ler as notícias, quase em tempo real com fotos e vídeos publicados no Twitter várias vezes ao dia, o seguidor pode ter a sensação de que o sofrimento futuro provável tem o mesmo peso de um sofrimento presente. Nessa dinâmica, a página acaba funcionando como uma forma de prevenção de riscos.

Em pé de igualdade com as vítimas reais, as “virtuais no ambiente digital” fazem parte de uma audiência atemorizada pelos alertas de criminalidade, uma forma de lidar com o perigo, de definir o que podemos almejar e o que devemos fazer. O risco acaba decidindo os contornos do futuro e delimitando o poder do homem em agir. “O conceito de risco será então o vocabulário próprio do sofrimento evitável na sociedade contemporânea, pois tudo passa a ser atribuído a decisões (Vaz, Sá Carvalho, Pombo, 2005, p.75).

Ao publicar informações do crime que está acontecendo no momento, ele oferece a possibilidade ao seguidor de não ser vítima daquela ocorrência de um evento num futuro bem curto ou da consequência e efeitos desta. É o ato de decidir algo no presente sobre alguma coisa que pode acontecer em um futuro incerto e afetam valores humanos. A decisão do seguidor da rede OTT-RJ é com relação ao fato de que esses riscos poderiam ser prevenidos, minimizados e canalizados.

⁴¹ *Sólo se puede hablar de riesgo, sin importar cómo se entienda el término, cuando se presupone que quien percibe un riesgo y posiblemente se le enfrenta, efectúa ciertas diferenciaciones, por ejemplo la diferencia entre resultados buenos e malos, ventajas e desventajas, utilidades y pérdidas, así como la diferencia entre probabilidad e improbabilidad de que ocurran estos resultados.* (Luhmann, 1981, p.152).

As diferentes formas de organização social influenciam a forma pela qual ela é percebida, evitada ou mesmo buscada (Giddens, 1991). No *corpus* em questão, constatamos que o indivíduo não só se adaptou ao meio, mas também adaptou o meio às suas necessidades e projetos, gerando assim um risco que pode ser analisado e gerenciado. Como citado anteriormente, as informações dos alertas da OTT-RJ são enviadas aos administradores da rede pelos próprios moradores e muitos deles, usuários do Twitter, as consultam periodicamente. Com os dados sobre o local, dia e horário em que a criminalidade está ocorrendo, o indivíduo tem a informação em textos, vídeos e fotos que precisa para decidir seguir por aquele caminho ou não, se arriscar ou não. Checar nas postagens da OTT-RJ onde a violência está acontecendo naquele momento foi a forma que eles encontraram para se adaptar e fugir do risco da criminalidade na cidade.

De forma abrangente, é como se a página, ao querer evitar o risco, acaba evidenciando as próprias formas como essa criminalidade se apresenta e se desdobra. Ao publicar as informações sobre a criminalidade na cidade do Rio, a OTT-RJ poderia, no todo ou em parte, evitar que os moradores tenham contato com a violência ou se eles se tornariam vítimas virtuais no ambiente digital ao ter conhecimento daquela notícia.

No caso das vítimas virtuais, as notícias publicadas nos jornais só são lidas no dia seguinte. Logo, o acesso à essa informação não é uma forma imediata de se evitar o risco. A relação com o incidente limita-se a morar próximo ao local da ocorrência ou ter de passar por ele com frequência já que a violência não é limitada temporalmente ou geograficamente já que pode atingir qualquer pessoa que passar pela região, mesmo não sendo morador do local.

Nesse contexto, em 14 de abril de 2019, um tweet publicado, às 21h11m, dava o alerta de arrastão com tiros na Estrada do Catonho, na Taquara, na Zona Oeste. Pelo fato de a lógica do risco implicar em uma decisão futura das decisões tomadas no momento, a escolha do seguidor é decidida no presente, no momento que ele tem acesso à informação no aplicativo da OTT-RJ, o que pode evitar um sofrimento num futuro próximo. Invariavelmente, o testemunho da vítima virtual no ambiente digital enfatiza o risco que se corre por simplesmente o fato de ter que passar por aquele lugar mais tarde. Pela narrativa apresentada pelos seguidores nos comentários, há um tom de apreensão com relação àquela violência e um deles comemora o fato de não terem sido alvo daquela ocorrência.

Onde Tem Tiroteio-RJ
@RJ_OTT

OTT-RJ Informa: 14/04 - 21:11h Arrastão com tiros na estrada do Catonho, descida para a Taquara. Atenção na região. #OTTRJ

Interagente 119 - “Caracaaaa!! logo depois que passamos!!!”

Interagente 120 - ala, tenho que passar lá pra ir pro estágio. (OTT-RJ, Twitter, 14 de abril de 2019, às 21h11m)

Já em 26 de agosto de 2020, uma publicação faz um alerta de tiroteio intenso aos moradores da comunidade da Mineira, no Catumbi, região Central do Rio, para que evitassem ir para casa. Os administradores do perfil sugeriram que as pessoas ligassem para os familiares e avisassem para não saírem de casa e quem estivesse chegando do trabalho para não subir para casas, alertando ainda para muitos tiros na região. Com relação à repercussão, o *post* teve 247 curtidas, 83 *retweets*, 19 comentários e 11 *retweets* com comentários, o que demonstra que as publicações que têm um teor mais apelativo são as que mais registram maior engajamento. Além disso, ao pedir que os seguidores comuniquem os familiares sobre o perigo de violência nesta região, a disseminação do *post* foi potencializada. Com isso, eles conseguem alcançar o objetivo da rede OTT-RJ que é impedir que as pessoas sejam vítimas de bala perdida.

Onde Tem Tiroteio-RJ - @RJ_OTT
 OTT-RJ Informa: 26/08 - 18:27h. Se você é morador da comunidade da Mineira no Catumbi, evitem ir para suas casas. Liguem para seus familiares e avisem para que não saiam de casa e quem estiver chegando do trabalho para NÃO subirem para suas casas. Muitos tiros na região. #OTTRJ
 (OTT-RJ, Twitter, 26 de agosto de 2020, às 18h27m)

Essa preocupação do seguidor em evitar que seja vítima de um arrastão pode ser vista em uma publicação de 22 junho de 2019. Nesse dia, a OTT-RJ informou que havia uma ocorrência envolvendo carros voltando na contramão na Avenida Ayrton Senna, próximo ao Shopping Via Park, na Barra da Tijuca, Zona Oeste. Nos comentários, os usuários comemoram o fato de não terem sido atingidos.

OTT-RJ INFORMA: 22/06 - 22:06h. Carros voltando na Contramão na Av. Ayrton Senna próximo ao Shopping Via Park. Várias pessoas desceram de seus veículos no desespero. Segundo relatos, foi um arrastão. Cuidado na região. #OTTRJ

Interagente 121 - To do lado do bm já. Ana, graças a Deus n peguei nada

Interagente 122 - Agora na RJ 106 também. Moradores atearam fogo em pneus, veículos voltaram na contramão. Situação agora é estável. Fluxo normalizado graças à intervenção da Polícia Militar.

Interagente 123 - Passei batido kkkkkkk
 (OTT-RJ, Twitter, 23 de junho de 2019, às 22h06m)

Esse comportamento também pode ser visto na página em um *tweet* de 15 de abril de 2019. Nessa publicação, podemos nos atentar ao fato de que os administradores do perfil se referem aos seguidores como familiares que se ajudam mutuamente a reduzir os riscos da

violência. O *post* em questão teve 132 curtidas, 20 retweets, cinco comentários no retweets e trouxe o seguinte texto:

Pedimos à família OTT que evitem a Edgard Romero em Madureira, muitos tiros na Vila Queiroz. Alto risco de balas perdidas. #OTTRJ”.
(OTT-RJ, Twitter, 15 de abril de 2019, às 18h40m)

4.4.1 Sobre a “incapacidade” do estado

Ainda com base no que Vaz (2006) afirma ser um dos fatores que faz com que o sujeito seja considerado uma vítima virtual e, no nosso caso, no ambiente digital, ao acompanhar as notícias sobre violência, está a incapacidade do estado em ter impedido aquela ocorrência, por estar diante da eminência de uma ação que pode vir a afetar pessoas próximas a eles.

De forma geral, o estado é quem deve conter todos os fatores que nos expõe aos riscos. Numa sequência lógica, é como se em função da ausência dele, os sujeitos acabam tendo receio de alguma violência e, conseqüentemente, são obrigados a alterar rotinas, hábitos e restringir as possibilidades de prazer, se tornando concretamente uma vítima. E a presença do Estado é evocada o tempo todo exatamente pela sua ausência, pelas dificuldades de acionar os órgãos públicos responsáveis pelas melhorias urbanas que nunca chegam, ou chegam com atraso, ou chegam ainda de modo descompassado (Telles, 2006, 22).

Ao invés de poder ser considerada feliz, a audiência é levada a apropriar-se do papel de vítima virtual no ambiente digital ao se sentir ameaçada por aquele evento. Como consequência da negligência dos governantes, esses indivíduos têm ameaçado o direito à felicidade e à rotina segura, gerando a descrença na ação política. Portanto, percebe-se, nos comentários, um nexo entre incompetência do estado e vulnerabilidade das vítimas frente aos alertas de risco. Há a inclusão de um novo ator que é o estado como causador do sofrimento, o que possibilitaria separar os sofrimentos genéricos e os sofrimentos cuja origem é social (Nasi e Oliveira, 2019, p. 6).

O fato de páginas como a OTT-RJ, que tem como foco de atenção os tiroteios, existirem hoje e cada vez mais ganharem força acontece de forma diretamente inversa à falta de policiamento nas ruas. Ao se verem abandonados pelas autoridades competentes em função da ausência de segurança pública, os moradores buscam nesses perfis uma maneira de checar as informações de risco, fugir da ocorrência e não serem atingidos por esta. Como mostrado no capítulo 3, o surgimento de *apps* sobre violência e seu uso pela população não é uma realidade em várias localidades ao redor do mundo e pode ser considerada uma peculiaridade brasileira

e de países que não têm uma política de segurança pública eficiente como o México e Iraque. Diante dessa realidade, deslumbra-se que pode ser surpreendente para um estrangeiro saber que uma forma encontrada pelos moradores da cidade do Rio de Janeiro para se manterem seguros é checar nas redes sociais onde os crimes estão acontecendo e se há a possibilidade ou não sair de casa ou passar por um determinado lugar.

Em um primeiro contexto, as mortes poderiam ter sido evitadas se houvesse o cumprimento das leis levando em consideração um cenário hipotético em que há diversos casos em que a legislação brasileira não é cumprida não só no Rio de Janeiro, mas no país de forma abrangente. Em outras palavras, já que o estado não funciona como limitador da violência, as postagens acabam indicando onde elas estão acontecendo e impedindo que outros sujeitos sejam vítimas desta.

Nesse cenário, a chance de se evitar o crime não está concentrada na alternativa de uma polícia numerosa, competente e honesta. Como citam Vaz, Sá Carvalho, Pombo (2005), o Estado neoliberal diminui o seu papel pastoral de, simultaneamente, provedor e disciplinador, e transfere para os indivíduos os cuidados com a saúde e a segurança.

Por um lado, os indivíduos têm maior liberdade sobre suas escolhas; por outro, maior obrigação de ser prudente e responsável pelo seu futuro e o de seus próximos, garantindo sua própria segurança através da adoção de estilos de vida adequados e recorrendo a uma variedade de objetos, especialistas e empresas privadas. (VAZ, SÁ-CARVALHO, POMBO, 2005, p. 9)

Percebemos que os alertas sobre crime têm uma narrativa que se queixa do estado e que tem uma indignação contra o sistema frente à interrupção abrupta da rotina e à falta do direito de cada indivíduo a uma rotina segura. A audiência se mostra intolerante com aqueles que expõem a população a riscos que ela não escolheu e essa indignação é dirigida a quem tem o poder para conter os riscos, mas não o fez.

Parte da insatisfação dos moradores prevalece fortemente nos comentários das vítimas virtuais no ambiente digital como os comentários realizados na publicação do 15 de abril de 2019, em que um seguidor lamenta a falência do Estado e em que outro faz a marcação na postagem do perfil do governador do Rio que, na época era Wilson Witzel (@wilsonwitzel), afastado, em abril de 2021, do cargo sob acusações de corrupção no governo.

Onde Tem Tiroteio-RJ - @RJ_OTT
OTT-RJ informa: 15/04 - 18:40h. Pedimos a família OTT que evitem a Edgard Romero em Madureira, muitos tiros na Vila Queiroz. Alto risco de balas perdidas.
#OTTRJ

Interagente 124 - @ttgarcia - Só acredito que o Rio de Janeiro tem salvamento quando perfis como esse não sejam mais informados para alertar a população. A sua existência já é, em si mesma, a prova da falência do Estado ...

Interagente 125 - @wilsonwitzel (OTT-RJ, Twitter, 15 de abril de 2019, às 18h40m)

Nessa publicação, podemos atentar para movimentos diferentes e bem relevantes no diz respeito ao impacto da violência publicada no OTT-RJ na vida das pessoas. No primeiro comentário, o seguidor desabafa sobre a necessidade da página. No outro, como forma de dar ciência e chamar a atenção do governador para o caso, o seguidor utiliza o recurso de marcação do perfil, não como a forma utilizada em outros *posts* para notificação de um outro usuário sobre uma ocorrência. Aqui, a marcação de perfil do governador tem um outro objetivo que é responsabilizar a autoridade e cobrar sobre o que está acontecendo.

A narrativa de um seguidor da página também dava ênfase à falta de descrença no poder público, retórica que aparece em quase todos os *posts*, em uma publicação de 30 junho de 2019.

Onde Tem Tiroteio - RJ @RJ_OTT
OTT-RJ informa: 30/06 - 20:15h Tiros sendo ouvidos em Quintino, nas proximidades da Lemos de Brito. Atenção na região. #OTTRJ

Interagente 126 - NOVIDADE NÉ (OTT-RJ, Twitter, 30 de junho de 2019, às 20h15m)

Já em 26 de junho 2019, a OTT-RJ fez uma publicação sobre uma pane num trem de Belford Roxo, na Baixada Fluminense, com uma explosão, sendo a que mais teve repercussão em todo o período pesquisado. O post teve 250 curtidas, 78 *retweets*, 19 comentários, 20 *retweets* com comentários. O que chama atenção é o fato de o assunto ser sobre uma ocorrência de utilidade pública e não sobre violência. Na maioria dos comentários, os seguidores voltam a reclamar da falta de estrutura da rede ferroviária e mostram a indignação não só com a segurança pública, mas como o estado como um todo. Aqui também eles voltam a reclamar da incompetência do poder público, com ênfase não na área de segurança, mas de transporte público.

Onde Tem Tiroteio-RJ - @RJ_OTT
OTT-RJ UTILIDADE PÚBLICA: Trem de Belford Roxo, sentido central, logo após sair da estação Del Castilho, sofreu uma pane e explosão próximo a cabine do maquinista começando um incêndio, já controlado. Todos conseguiram descer, sem feridos. O ramal encontra-se paralisado. #OTTRJ

Interagente 127 - Vergonha

Interagente 128 - @ rodrigomattar48 todos conseguiram escapar, Rodrigão.

Interagente 129 - É só mais uma ocorrência, já caiu na normalidade!

Interagente 130 - Meu Deus!!!!

Interagente 131 - Meu Deus, todo dia uma coisa diferente, saímos e ã sabemos se conseguiremos chegar em casa salvo

Interagente 132 - ... Algum comunicado? Ou vamos esperar até amanhã para encontrar o ramal com problemas no horário? Porque não informar com antecedência os usuários do Ramal?

Interagente 133 - Vergonha essa supervia. Pego os trens desse ramal e infelizmente é isso que passamos diariamente.

Interagente 134 - Será que amanhã o pessoal vai conseguir trabalhar??

Interagente 135 - Que absurdo

Interagente 136 - Absurdo a falta de investimento em infraestrutura e segurança pela Supervia

Interagente 137- Mas uma amostra do descaso com o ramal Belford Roxo.

Interagente 138 - Esse Ramal é incêndio atrás de incêndio, só quem tá ali dia a dia sabe como é. O que é mais curioso é que mesmo com esses acontecimentos todo, a @SuperVia_trens não toma a atitude em colocar trens melhores no ramal, essa supervia é uma vergonha.

Interagente 139 - Meu pai amado

Interagente 140 - que loucura. nunca vi isso, mas já desconfiava que pudesse acontecer. sempre vi faíscas saindo de cima das antenas do trem.
(OTT-RJ, Twitter, 28 de junho de 2019, às 10h22m)

Depois de discutirmos o impacto da violência no cotidiano dos seguidores do Twitter da OTT-RJ, se eles podem ser considerados vítimas virtuais no ambiente digital e os pressupostos que norteiam esse conceito ainda em construção, no próximo capítulo, iremos nos dedicar à análise da violência na geografia do estado. De forma qualitativa, iremos verificar se, a partir dos dados das postagens e dos comentários no período proposto, poderá ser feita uma geografia imaginada da violência urbana no Rio.

5 GEOGRAFIAS DA VIOLÊNCIA NO RIO DE JANEIRO

Este capítulo apresenta a análise quantitativa com o objetivo de entender a natureza das ocorrências e as localidades mais atingidas, ou seja, bairros cariocas e cidades fluminenses. Foram levantados, mensurados e analisados dados sobre a quantidade de postagens realizadas nos meses abril, maio, junho, agosto, setembro de outubro de 2019 e 2020. Esses dados brutos permitiram mapear as formas como o perfil da OTT-RJ no Twitter construiu o crime no Rio de Janeiro e como isso se desdobrou em uma representação visual de áreas que costumam ter conflitos bélicos no Rio de Janeiro. Tais elementos possibilitaram uma discussão sobre as regiões em que o crime incide e sobre uma cidade excludente e seletiva, inclusive, na forma como a violência se apresenta e no conjunto de cidadãos mais afetados, segundo a plataforma.

Considerando a cidade e do estado do Rio como um território da violência em exposição na internet, daremos início a uma discussão a respeito da possibilidade de se criar uma geografia imaginada frente a uma sensação do medo entre a violência física e a que se dá no ambiente virtual proporcionada pelas plataformas da OTT-RJ. Nesse tópico, analisaremos se a cidade do Rio de Janeiro é percebida como mais violenta do que realmente é. Será debatido ainda o papel da OTT-RJ na disseminação de alertas de risco, reforçando assim um estigma da violência pelas redes sociais por meio de comentários, curtidas e compartilhamentos, além da participação da imprensa na divulgação de narrativas midiáticas do crime.

5.1 Distribuição dos alertas na OTT

As postagens no perfil da OTT-RJ no Twitter no período analisado revelam um mapa mental sobre o qual o usuário pode perceber a disseminação da ocorrência de tiroteios entre outras interferências na mobilidade, com base em dois vieses: tipo de ocorrência e localidades (bairros cariocas e cidades fluminenses). As estatísticas sobre o número de postagens, lugares citados e o tipo de risco de tiroteio publicadas no Twitter da OTT-RJ ajudaram a criar uma representação virtual desses episódios que impactam a capacidade de se mover na cidade, e como forma de compreender como a violência no território digital.

Os dados das postagens permitiram fazer um recorte espacial da cidade e criar um referencial geográfico ao identificar onde aquele fato estava acontecendo. Ao incluir essa informação em todas as publicações, num recurso semelhante à geolocalização, foi possível ter uma dimensão de um espaço configurado e mostrar o fluxo do medo percorrendo toda cidade que moldou o cotidiano dos moradores.

Nas seis quinzenas utilizadas para análise (abril, maio, junho, agosto, setembro de outubro de 2019 e 2020), foram capturados 1.072 tweets que foram alocados em uma planilha denominada “base de tweets” (tabela 4).

Tabela 4 - Partes da tabela “base de tweets” extraída do Twitter da OTT-RJ

Data	Hora	Legenda do tweet	Likes	Retweets	Link do tweet
2019					
abr/19					
188					
30/04/2019	23:18:15	OTT-RJ INFORMA : 30/04 - 20:10h Arrasto na AV. Maracan esquina R	125	30	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1123365981588529152
30/04/2019	22:01:50	OTT-RJ INFORMA : 30/04 - 18:10h Tiros em Santa Amélia, Belford Rox	26	2	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1123346750738182147
30/04/2019	20:12:58	OTT-RJ INFORMA : 30/04 - 16:50h Tiros em Queimados, localidade P	17	0	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1123319351187267584
30/04/2019	19:45:28	OTT-RJ INFORMA : 30/04 - 16:25h Tiros em Senador Camar, localidac	20	2	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1123312432678617090
30/04/2019	19:37:51	OTT-RJ INFORMA : 30/04 - 16:15h Tiros no Complexo do Alemo, loca	17	0	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1123310513037938688
30/04/2019	19:14:15	OTT-RJ INFORMA : 30/04 - 15:55h Tiros no Complexo do Alemo, loca	23	3	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1123304576818532352
30/04/2019	18:09:45	OTT-RJ UTILIDADE PBLICA : #Light "... Por favor poste que aqui em	25	5	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1123288343360548865
30/04/2019	16:54:38	OTT-RJ INFORMA : 30/04 - 13:45h Tiros novamente no Complexo do	21	2	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1123269438491496448
30/04/2019	14:59:11	OTT-RJ INFORMA : 30/04 - 11:56h Arrasto na Rodovia Presidente Dut	69	14	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1123240387018133504
30/04/2019	14:56:29	OTT-RJ UTILIDADE PBLICA : #comhrb rvore cada no Alto da Boa Vi	24	3	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1123239706626547712
30/04/2019	14:47:40	OTT-RJ UTILIDADE PBLICA : "... #ADOORESPONSVEL #lhadoG	15	4	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1123237486443028480
30/04/2019	14:42:50	OTT-RJ UTILIDADE PBLICA : #Light "... Estamos desde domingo a no	6	2	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1123236273261563904
30/04/2019	13:22:12	OTT-RJ UTILIDADE PBLICA : "... Bom dia, continuamos sem luz na Ru	11	2	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1123215980535193606
30/04/2019	10:15:19	OTT-RJ INFORMA : 30/04 - 07:11h Tiros na Vila Cruzeiro no Complex	71	8	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1123168950462898177
30/04/2019	09:29:54	OTT-RJ Informa : 30/04 - 06:27h Tiros no Complexo do Alemo, localida	26	8	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1123157521198473216
30/04/2019	09:23:22	OTT-RJ Informa : 30/04 - 06:20h Tiros no Complexo do Alemo, localida	23	10	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1123155873076060160
30/04/2019	09:14:53	OTT-RJ Informa : 30/04 - 06:13h Tiros no Complexo do Alemo, Alvorad	46	8	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1123153740964487173
Data					
Hora					
Legenda do tweet					
Likes					
Retweets					
Link do tweet					
2020					
abr/20					
1					
30/04/2020	20:23:44	17:15h - Tiros sendo ouvidos em Cordovil, entre a cidade Alta e a Beira P	20	5	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1255956022314835973
mai/20					
12					
31/05/2020	15:19:12	Resumo dos últimos informes do aplicativo da OTT. Quer receber alertas en	10	3	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1267113405753819138
31/05/2020	14:51:10	Resumo dos últimos informes do aplicativo da OTT. Quer receber alertas en	7	0	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1266381574993514498
29/05/2020	14:35:40	Resumo dos últimos informes do aplicativo da OTT. Quer receber alertas en	17	1	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1266015285405986818
28/05/2020	14:21:01	Resumo dos últimos informes do aplicativo da OTT. Quer receber alertas en	6	0	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1265649210717802497
27/05/2020	19:57:14	Resumo dos últimos informes do aplicativo da OTT. Quer receber alertas en	5	0	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1264646660552040450
24/05/2020	15:06:19	Resumo dos últimos informes do aplicativo da OTT. Quer receber alertas en	5	0	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1264211060795604992
23/05/2020	13:08:52	Resumo dos últimos informes do aplicativo da OTT. Quer receber alertas en	5	0	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1263819117934579713
22/05/2020	13:58:19	Resumo dos últimos informes do aplicativo da OTT. Quer receber alertas en	9	1	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1263106784602054657
20/05/2020	15:45:18	Resumo dos últimos informes do aplicativo da OTT. Quer receber alertas en	9	2	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1262408933903302658
18/05/2020	21:12:42	Resumo dos últimos informes do aplicativo da OTT. Quer receber alertas en	9	1	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1262128937456537600
17/05/2020	14:08:24	Resumo dos últimos informes do aplicativo da OTT. Quer receber alertas en	9	0	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1261659768856424449
16/05/2020	13:57:43	Resumo dos últimos informes do aplicativo da OTT. Quer receber alertas en	10	2	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1261294694291722241
jun/20					
1					
30/06/2020	23:19:33	OTT-RJ informa: 30/06 - 20:15h Tiros sendo ouvidos em Quintino, nas pl	43	4	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1278105927992909825

Fonte: Tabela feita pela autora com base na tabela gerada pelo robô de mineração de dados

Esse documento foi gerado com auxílio do *software* robô de mineração de dados desenvolvido pelo doutorando do Instituto Militar de Engenharia, Flávio Ferreira da Silva, como já citado no capítulo anterior. A partir disso, foram feitas pequenas edições na tabela de forma manual para uniformização e distribuição das informações pelos meses e anos da análise.

Com essas tabelas, chegamos aos números de *tweets* totais na segunda quinzena de cada mês pesquisado e, por fim, ao total analisado no ano todo (tabela 5).

Tabela 5 - Números de publicações no Twitter da OTT-RJ na segunda quinzena de cada mês pesquisado

Ano	abril	maio	junho	agosto	setembro	outubro	Total ao ano
2019	188	270	286	3 *	2	1*	750
2020	1	12	1	97	117	94	322
Total mês	189	282	287	100	119	95	1.072

Fonte: Tabela (base de tweets) feita com dados de comentários extraídos da plataforma

* Como não teve tweets de 15 a 30, a seleção foi feita com base nos dados da quinzena anterior.

Como este capítulo possui viés quantitativo, levamos em conta a amostra total de publicações feitas entre os dias 15 e 30/31 dos meses de abril, maio, junho, agosto, setembro e outubro de 2019 e 2020. Como não havia *tweets* na segunda quinzena de agosto e outubro de 2019, consideramos os que mais tiveram engajamento nos primeiros quinze dias destes meses. Com o objetivo de manter a coerência nos dados e não ter distorções na investigação, manuseamos o mesmo *corpus* utilizado na observação qualitativa.

Os dados acima apontaram que o número de publicações foi bem maior no período anterior ao *lockdown* para conter a disseminação da pandemia da covid-19 no estado iniciado em março de 2020. Por isso, do total de publicações da amostra (1.072), 750 foram em 2019, enquanto, em 2020, foram apenas 322, o que representa uma diferença de mais de 56% de um ano para o outro. Logo, houve uma queda de mais da metade nas postagens realizadas durante a pandemia em relação ao ano anterior quando não havia restrições de locomoção pela cidade. Esse dado por si só já é bastante interessante, com um duplo movimento.

Por um lado, com a política de isolamento social durante a pandemia, os padrões de consumo da internet ao redor do globo e no Brasil aumentaram em função do uso frequente de serviços de *streaming* e reuniões por videoconferências. Segundo a pesquisa TIC COVID-19 (Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação, 2020) realizada com o objetivo coletar informações sobre a utilização da internet durante a pandemia, cresceram o uso combinado de dispositivos (celular e computador) e o acesso à internet pela televisão, aumentou a realização de serviços públicos e transações financeiras, mais usuários realizaram atividades de trabalho pela internet, passaram a assistir mais vídeos, ouvir música e ler notícias *online* e as transmissões *online* de áudio e vídeo em tempo real ganharam projeção.

Mesmo diante desse processo de transformação digital em curso potencializado pela pandemia, os números mostram a OTT-RJ no Twitter teve menos publicações. Isso se deve ter se dado justamente por causa da menor circulação de pessoas. Houve inclusive redução nos índices de um tipo de criminalidade que interfere no espaço urbano, o que pode ter contribuído pela queda de postagens em abril, maio e junho de 2020. Como o perfil é abastecido em grande parte pelos próprios usuários em circulação, com a população em *lockdown*, a colaboração deles, presumidamente, deve ter sido reduzida. Ademais, os administradores da OTT-RJ poderiam ter investido em publicações referentes a assuntos de utilidade pública como o funcionamento do transporte público durante a pandemia, por exemplo, o que têm boa aceitação pelos seguidores, tópico já assinalado no capítulo anterior.

Com relação à quantidade de *tweets* divulgada por mês, os três primeiros períodos analisados em 2019 registraram o maior número de postagens (744), mas houve uma queda (6)

no segundo trimestre quando a rotina dos moradores ainda transcorria de forma normal. Já em 2020, já durante a pandemia, esse movimento aconteceu de forma contrária ao ano anterior. Em abril, maio e junho, foram apenas 14 postagens contra 308 em agosto, setembro e em outubro.

No primeiro caso, eram meses iniciais da chegada da covid-19 ao Brasil e ao estado do Rio de Janeiro, havia poucos casos da doença, as autoridades ainda não sabiam como a transmissão ocorria e os moradores ainda aguardavam em casa um possível recuo da doença. Por outro lado, no final do ano, parte da população começou a retornar à rotina pré-pandemia com a volta das aglomerações e o não uso de máscaras, mesmo com a doença ainda sem controle. Com a adaptação à nova realidade e com as atividades sendo realizadas de forma híbrida (parte presencial e parte remota), mais pessoas nas ruas, a ocorrência de tiroteios e outros crimes urbanos, conseqüentemente, a quantidade de tweets retornou aos poucos.

Dentro do campo da criminologia, um relatório (Stickle e Felson, [2020](#), *online*) indicou uma queda da ocorrência de crimes em todo o mundo durante a pandemia. No entanto, este relatório também indicou que as mudanças não são uniformes no tempo, no local ou no tipo de crime e que as atividades de rotina começaram a mudar oito a dez dias antes que as ordens de permanência em casa fossem promulgadas em alguns países. Para os pesquisadores, capturar essas informações em períodos diferentes durante a pandemia foi crucial para entender que quanto mais tempo o pedido dos governos de restrição de circulação da população continuasse, maior a probabilidade de as pessoas começarem a violá-lo e os índices de crimes começarem a mudar.

Além disso, nos dois períodos com menos publicações na OTT-RJ, segundo trimestre de 2019 e no primeiro período de 2020, principalmente, em maio do segundo ano, constatou-se uma alteração na forma padrão do texto que os administradores da rede costumavam usar no Twitter. Como explicado no subitem sobre estratégia, eles deixaram de utilizar a forma “OTT-RJ informa” e trazer detalhes do alerta para incluírem apenas uma chamada com o seguinte texto: “Resumo dos últimos informe do aplicativo” (tabela 6) - assinalado em vermelho). As informações importantes sobre os casos que tinham ocorrido só podiam ser acessadas por quem tem o *app* instalado no telefone.

Tabela 6 - Postagens de agosto a outubro de 2019 e abril a junho de 2020

2019					
ago/19 3 - como não teve nenhum de 15 a 30, foi selecionado na quinzena anterior					
01/08/2019	23:08:12		55	1	https://twitter.com/RJ_OTT/status/115706552071118849
01/08/2019	19:54:35	16:02h - Tiros ouvidos em Piedade, morro do Urubu. Ateno na regio. https://t.co/BcSw5Re2w6	42	3	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1157016796479836160
01/08/2019	15:35:22	OTT-RJ Utilidade Pblica: Roubaram ontem, na Washington Luiz s 20:30 na altura da entrada de Duque de Caxias a baixo do viaduto do Luxemburgo. Seguiram com o carro Prata Placa QPS 0369 sentido Av Brasil/ Linha Vermelha ou retornaram na Washington Luiz. Foto Ilustrativa. https://t.co/2ME4hFCbEm	35	17	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1156951565279866880
set/19 2					
29/09/2019	13:42:58	https://t.co/PSj2eDTUgd	14	1	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1178304162062360581
29/09/2019	13:42:40	O OTT CHEGOU NA SUA CIDADE! Ouviu tiros?? Disparos ?? Presenciei um arrasto? Registre no aplicativo Onde Tem Tiroteio (OTT) e ajudem outras pessoas a serem das rotas de tiroteios e arrastes. Baixe agora: Android: https://t.co/96ySBydb1v IOS: https://t.co/894qJWiYQ4	67	5	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1178304085897945088
out/19 1 - como não teve nenhum de 15 a 30, foi selecionado na quinzena anterior					
05/10/2019	13:53:51	Um novo alerta da OTT foi enviado para o bairro Praa Seca, Rio de Janeiro Para mais informaes baixe o nosso app: https://t.co/Bch5KDtUo	44	8	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1180481229096964096
2020					
abr/20 1					
30/04/2020	20:23:44	17:15h - Tiros sendo ouvidos em Cordovil, entre a cidade Alta e a Beira Pica Pau. Ateno na regio. https://t.co/BcSw5Re2w6	20	5	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1255956022314835973
mai/20 12					
31/05/2020	15:19:12	Resumo dos ltimos informes do aplicativo da OTT. Quer receber alertas em tempo real, ajudar a confirmar, comentar, compartilhar com amigos e acessar vdeos e fotos? Baixe o nosso aplicativo https://t.co/CNaXqGRWJc https://t.co/usDzWu0wi	10	3	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1267113405753819138
31/05/2020	14:51:10	Resumo dos ltimos informes do aplicativo da OTT. Quer receber alertas em tempo real, ajudar a confirmar, comentar, compartilhar com amigos e acessar vdeos e fotos? Baixe o nosso aplicativo https://t.co/CNaXqGRWJc https://t.co/nUksgHKvVP	7	0	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1266381574993514498
29/05/2020	14:35:40	Resumo dos ltimos informes do aplicativo da OTT. Quer receber alertas em tempo real, ajudar a confirmar, comentar, compartilhar com amigos e acessar vdeos e fotos? Baixe o nosso aplicativo https://t.co/CNaXqGRWJc https://t.co/H7n5FxdRQs	17	1	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1266015285405986818
28/05/2020	14:21:01	Resumo dos ltimos informes do aplicativo da OTT. Quer receber alertas em tempo real, ajudar a confirmar, comentar, compartilhar com amigos e acessar vdeos e fotos? Baixe o nosso aplicativo https://t.co/CNaXqGRWJc https://t.co/bzqDWtG0eI	6	0	https://twitter.com/RJ_OTT/status/1265649210717802497

Fonte: Tabela feita com dados da base de comentrios extraídos da plataforma

Os detalhes mais especficos de um crime devem ser estudados para entender como os padrões mudaram, principalmente, dentro do contexto de pandemia quando a especificidade é ainda mais crítica, pois permite uma compreensão de mudanas diferenciadas (Stickle e Felson, 2020). Os autores usam como exemplo o fato de que a mudana nas atividades diárias após a pandemia tende a diminuir o quantitativo populacional em áreas não residenciais da metrópole, enquanto aumenta a populao em zonas residenciais. Outra possibilidade de explicao para essa relao seria a subnotificao, pois menos pessoas teriam ido às delegacias registrar os crimes, ainda que haja uma forma de fazê-lo pela internet (Rapizo e Melloni, 2021).

5.1.1 Sobre a natureza das ocorrências

Do total de *tweets* (1.072), foram selecionados apenas os que se referiam às ocorrências de alguma modalidade de crime. Em funo disso, foram excluídas as seguintes postagens que não traziam informaes sobre o alerta e o tipo de ocorrncia (tabela 7). Algumas delas eram

apenas comunicação entre os administradores e seguidores, parte importante da Comunicação Mediadas por Computador (CMC).

Tabela 7 - Lista de tweets excluídos porque não faziam referência a eventos de criminalidade

Total	1.072	
Excluídos	10	<p>1 - Texto em branco. Sem informação.</p> <p>2 - Parabéns para Seleção Brasileira feminina de futebol. 23/06/2019 - 18:40h. OTT no Esporte: Não foi dessa vez, mas no desanimem, vocês são nossas heroínas e nossa fora. Parabéns as mulheres da Seleção Brasileira feminina de Futebol. Vocês são 10. https://t.co/mJ5DdFiraB</p> <p>3 - Desabafo.</p> <p>4 - Comunicação com seguidor. 18/08/2020 - Boa Noite! Onde vc ouviu?</p> <p>5 - Seguidor pede informação sobre alerta. 19/09/2020 - Bom dia! Em que parte da CDD so os tiros???</p> <p>6 - Seguidor pede informação sobre alerta. 18/09/2020 - Boa Noite! Em que parte?</p> <p>7 - Seguidor pede informação sobre alerta. 18/09/2020 - Boa Noite! Em que parte?</p> <p>8 - Seguidor pede informação sobre alerta. 18/09/2020 - Boa Noite! Em que parte so os tiros?</p> <p>9 - Seguidor pede informação sobre alerta. 18/09/2020 - Boa Noite! Qual parte?</p> <p>10 - Seguidor pede informação sobre alerta. 16/09/2020 - Obrigado.</p>
Analisados	1.062	

Fonte: Tabela feita com dados da base extraídos da plataforma (base de tweets – bairros e ocorrências)

Dividi os 1.062 tweets selecionados em 38 tipos de ocorrências diferentes (tabela 7), sendo que a grande maioria foi sobre tiroteios (934), seguida por carro trafegando na contramão (20) - uma infração de trânsito que pode dar indício que o motorista seja fugindo de um arrastão ou tiroteio - e assalto com arrastão (15). Falta de luz - que também não é crime - e perseguição policial - que faz parte do trabalho da polícia, mas que tem relação com o tema da violência - fazem parte ainda das cinco principais, com 13 registros cada uma. Com apenas seis citações estão manifestação, seguida pelo pedido de ajuda para localizar animal perdido e alerta para evitar passar por algum local, com cinco cada.

Já a ocorrência de roubo de carro teve quatro tweets. Com apenas três registros estão os seguintes tipos: tentativa de roubo a estabelecimento, chegada da OTT na cidade, liberação de

pista interditada, problema no abastecimento de água. As que tiveram apenas duas ocorrências foram incêndio, acidente de carro, carro pegando fogo, chamada para instalar o *app*, foto de escombros de desabamento, suspensão da circulação de trem, queda de árvore, trânsito lento, vento forte e roubo a carga.

Por fim, com apenas uma chamada, as que tiveram menos recorrência foram as seguintes: pessoa desaparecida, ônibus atingido por tiros, atenção dos motoristas para crianças na rua, aviso de documentos encontrados, blindado da PM circulando na região, cachorro que precisa de socorro, carro encontrado abandonado, ajuda para localizar documentos perdidos, fogos disparados por traficantes, operação policial, ônibus pegando fogo, pista interditada, vazamento de gás, rolezinho de motoqueiros de madrugada e roubo a estabelecimento comercial. Portanto, percebe-se que a OTT apresenta outras informações de utilidade pública, não apenas informes sobre tiroteios. Nem todos os alertas são sobre crimes, mas sobre obstruções e prejuízo à mobilidade.

Tabela 8 - Total de ocorrências publicadas na OTT-RJ no período pesquisado

Ocorrência	Nº	Ocorrência	Nº
Tiroteio	934	Queda de árvore	2
Carro trafegando na contramão	20	Trânsito lento	2
Assalto com arrastão	15	Vento forte	2
Falta de luz	13	Roubo a carga	2
Perseguição policial	13	Pessoa desaparecida	1
Manifestação	6	Ônibus atingido por tiros	1
Ajuda para localizar animal perdido	5	Atenção dos motoristas para crianças na rua	1
Alerta para evitar passar pelo local	5	Aviso de documentos encontrados	1
Roubo de carro	4	Blindado da PM circulando na região	1
Tentativa de roubo a estabelecimento comercial	3	Cachorro que precisa de socorro	1
Chegada da OTT na cidade	3	Carro encontrado abandonado	1
Problema no abastecimento de água	3	Ajuda para localizar documentos perdidos	1
Liberação de pista interditada	3	Fogos disparados por traficantes	1
Incêndio	2	Operação policial	1
Acidente de carro	2	Ônibus pegando fogo	1
Carro pegando fogo	2	Pista interditada	1
Chamada para instalar o <i>app</i>	2	Vazamento de gás	1
Foto de escombros de desabamento	2	Rolezinho de motoqueiros de madrugada	1
Suspensão da circulação de trem	2	Roubo a estabelecimento	1
Total: 1062			

Fonte: Tabela feita com dados da base extraídos da plataforma

A amostra confirma a proposta do perfil, uma vez que 88% das publicações (934) foram sobre tiroteio. Observa-se que mesmo entre as postagens de menor relevância, aquelas que sobressaem se relacionam ao problema da mobilidade: tráfego na contramão e assalto com

arrastão - foram as que mais chamaram a atenção dos moradores. Esses três tipos de ocorrência têm características de, potencialmente, afetar a mobilidade e circulação dos indivíduos pelo espaço urbano.

Também chamou atenção o fato de que dois dos principais e mais violentos crimes do estado como homicídio e apreensão de armas (ISP, 2020) não apareceram. Esses tipos de ocorrência não afetam a vida dos moradores de forma direta e não impedem a mobilidade. Apesar disso, cerca de quase oito mil vidas foram perdidas por causa dos homicídios no ano de 2000, sendo que 16% das cerca de 50 mil vítimas de homicídio no país são fluminenses, enquanto a população do Rio representa menos de 9% do total (Cano *et al.*, 2004, p.20). Isso significa que a OTT-RJ apresenta um mapa particular do crime, no qual apenas alguns tipos aparecem, aqueles que afetam mais diretamente a vida urbana. Por exemplo, crimes de “colarinho branco” evidentemente ficam de fora, pois não exigem violência direta ou não são em vias públicas.

A amostra indica que uma diversidade de postagens tem caráter de utilidade pública como falta de luz, ajuda para localizar animal perdido e documentos perdidos, cachorro que precisa de socorro, pessoa desaparecida, vento forte e suspensão da circulação de trem. Dos 38 tipos de eventos diversos relatados, quase a metade deles (15) não se referia a tiroteios, mas afetava os indivíduos de alguma forma.

Por esses fatos, constata-se que as ocorrências publicadas pela OTT-RJ estão num nível intermediário de violência e têm como destaques eventos que acontecem no dia a dia do cidadão e que afetam a rotina de forma cotidiana, focados não apenas em tiroteios, mas com informações de utilidade pública.

5.1.2 Por localidade - bairros cariocas e cidades fluminenses

Nesta seção, iremos nos ater à distribuição dos alertas pelos bairros cariocas e nas cidades fluminenses feitos nas postagens da OTT-RJ. Nesse caso, dos 1.062 tweets selecionados na base de análise, apenas 12 deles não tinham a localidade identificada. Já sabendo que as informações postadas na internet não prezam por uma formalidade e para tornar o estudo mais factível dentro do proposto, eles foram excluídos somente desta etapa de avaliação, conforme tabela abaixo (tabela 9), e sem prejuízo para a análise total.

Tabela 9 - Tweets excluídos da análise por falta de informações completas

Qtdd	Data	Tweet	Ocorrência
1	30/04/2019	OTT-RJ UTILIDADE PBLICA : "... Por favor, estou desde as 6h da manh de hoje (2feira) TENTANDO cadastrar a minha falta de energia eltrica na minha casa. A Light NO ATENDE! No consigo nem sequer fazer o... https://t.co/ZqZtzsimHs	Falta de luz
2	29/04/2019	OTT-RJ UTILIDADE PBLICA : "... Ontem na hora que eu estava chegando naquela ventania um cachorrinho entrou na frente do carro e acabou pegando nele, ele passou pelo meio do carro no chegou a passar roda a... https://t.co/8JYJFN5xJn	Ajuda para localizar animal perdido
3	27/04/2019	O OTT CHEGOU NA SUA CIDADE! Baixe agora: Android: https://t.co/96ySBydb1v IOS: https://t.co/894qJWiYQ4 - Agora o app mundial, presente em praticamente em todos os pases de lngua portuguesa, Inglesa e Espanhola. - Muito mais interativo. Confira! https://t.co/agR3QH7WKC https://t.co/zxb0RfcMUX	Chegada da OTT na cidade
4	23/04/2019	OTT-RJ UTILIDADE PBLICA : Na Alvorada e durante boa parte do dia, infelizmente, muitas pessoas tm o pssimo hbito de dar tiros. H um alto risco de balas perdidas. Vc que faz isso, lembre-se da desgra que pode causar. Inclusive na sua prpria famlia. #OTTRJ https://t.co/OnWRqMktOO	Alerta para evitar passar pelo local
5	16/04/2019	OTT-RJ Utilidade Pblica: A pedido da Light, a Cedae vai interromper, nesta quarta-feira (17/04), a partir das 8h30, Parte do sistema de abastecimento Ribeiro... https://t.co/YZPOvspITn	Problema no abastecimento de água
6	29/09/2019	https://t.co/PSj2eDTUgd	Chegada da OTT na cidade
7	29/09/2019	O OTT CHEGOU NA SUA CIDADE! Ouviu tiros?? Disparos ?? Presenciou um arrasto? Registre no aplicativo Onde Tem Tiroteio (OTT) e ajudem outras pessoas a serem das rotas de tiroteios e arrastes. Baixe agora: Android: https://t.co/96ySBydb1v IOS: https://t.co/894qJWiYQ4	Chegada da OTT na cidade
8	27/08/2020	https://t.co/wA1n3eGL3M	Chamada para instalar o <i>app</i>
9	27/08/2020	OTT-RJ Solicita: COMPARTILHEM! Se voc ouviu tiros ou presenciou um arrasto comunique diretamente no aplicativo do OTT. Baixe e ajude outras pessoas a serem das rotas de tiroteios e arrastes. Android: https://t.co/96ySBydb1v IOS: https://t.co/894qJWiYQ4	Chamada para instalar o <i>app</i>
10	27/09/2020	OTT-RJ UTILIDADE PBLICA : Ateno motoristas! Hoje dia de So Cosme e So Damio e tem muitas crianas na rua procura de doces e guloseimas. Ateno redobrada para evitar acidentes. #OTT-RJ https://t.co/Wn5SIQF801	Atenção dos motoristas para as crianças nas ruas
11	23/09/2020	OTT-RJ UTILIDADE PBLICA : S para lembrar que amanh. #OTT-RJ https://t.co/BC3i1NEkMb https://t.co/NuMfa8e7dr	Problema no abastecimento de água
12	21/09/2020	OTT-RJ UTILIDADE PBLICA : A Cedae realizar manuten no quinta-feira (24/09), interrompendo a produo nos municpios do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, So Joo de Meriti, Nova Iguaçu, Queimados, Mesquita, Nilpolis e Belford Roxo. Mais detalhes em: https://t.co/BC3i1NEkMb https://t.co/drV2d8s4oh	Problema no abastecimento de água

Fonte: Tabela feita com dados da base extraídos da plataforma

Então, voltando à amostra principal, chegamos a um número total de 1.050 tweets postados na segunda quinzena dos meses abril, maio, junho, agosto, setembro de outubro de 2019 e 2020 e que foram utilizados na análise dos alertas por região (tabela 10).

Tabela 10 - Total de alertas por região

Total de alertas por zonas cariocas e regiões estaduais		1050
1	Zona Norte	495
2	Baixada Fluminense	156
3	Zona Oeste	133
4	Metropolitana	99
5	Região Central do Rio	54
6	Zona Sul	49
7	Costa Verde	23
8	Baixada Litorânea	22
9	Norte Fluminense	9
10	Médio Paraíba	6
11	Centro - Sul Fluminense	3
12	Região Serrana	1

Fonte: Tabela feita com dados da base extraídos da plataforma

A partir desse número total de tweets, fizemos uma divisão por regiões cariocas e fluminenses que são analisados mais detalhadamente nos próximos subitens.

5.1.2.1 Violência na Zona Norte - a mais representada

Nesta cartografia digital da violência urbana, chegamos a 12 localidades, entre as zonas distribuídas pelo território carioca e as regiões do Estado do Rio (tabela 10). No perfil da OTT no Twitter, a Zona Norte liderou com 495 ocorrências, seguida pela Oeste (133), Região Central do Rio (54) e a Zona Sul (49) (tabela 11). Na Zona Norte, foram listados 59 bairros. Desses, localidades tradicionais como a Penha (80), Bonsucesso (47), Tijuca (37), Méier (35) e Vila Isabel (24) lideram a lista das cinco mais violentas. Em todos eles, tiroteio foi o crime mais relatados pelos usuários do Twitter. Já entre os menos violentos estão Acari, Barros Filho, Coelho Neto, Inhaúma, Maracanã, Marechal Rondon, Olaria, Sampaio, Senador Camará, Todos os Santos, Vaz Lobo, Vicente de Carvalho, Vigário Geral e Vista Alegre. Todos tiveram apenas um registro. Novamente, a maioria é de tiroteio ou ligada a uma potencial obstrução na via como carro trafegando na contramão, arrastão em andamento ou perseguição policial. Ainda apareceram ocorrências como queda de árvore e incêndio que, embora não envolvam ações criminosas de fundo, também impactam o trânsito.

Em segundo lugar, a Zona Oeste teve 133 tweets. Vila Kennedy (29), Bangu (20), Cidade de Deus (19), Senador Camará (14) e Realengo (9) lideram o ranking em que o tiroteio foi a ocorrência mais citada. Os últimos foram os seguintes: Anil, Campinho, Campo Grande, Gardênia Azul, Guadalupe, Praça Seca, Recreio dos Bandeirantes e Santa Cruz. Em meio às ocorrências de tiroteio, havia alerta de vento forte, perseguições policiais, assalto com arrastão, cachorro que precisa de socorro e tentativa de roubo a estabelecimento.

Em terceiro, a Região Central do Rio aparece com 54 ocorrências. O Catumbi, que abriga o Morro da Mineira e está localizado a 500 metros do [Sambódromo](#) na [Praça da Apoteose](#), é o primeiro com 16; seguido pelo Rio Comprido com 12, Santa Teresa com 10, Centro, Estácio com 5, São Cristóvão com 3 e Santo Cristo com 2, Gambôa com 1. As ocorrências foram tiroteios, alertas para evitar passar pelo local, falta de luz, assalto com arrastão, tiroteios, faltas de luz, manifestações, vento forte, carros trafegando na contramão tentativa de roubo a estabelecimento.

Em quarto lugar e último, a Zona Sul teve 49 relatos. O bairro do Vidigal aparece em primeiro com 9; Botafogo com 8; Copacabana e Rocinha com 7; Leme com 4. Os que tiveram menos foram o Alto da Boa Vista, Catete, Cosme Velho, Laranjeiras e São Conrado, todos com uma postagem.

Tabela 11 - Alertas detalhados da cidade do Rio de Janeiro

Zona Norte - 495					
Bairro	Qt	Alertas	Bairro	Qt	Alertas
Penha	80	79 tiroteios e 1 fogos disparados por traficantes	Grajaú	3	1 tiroteio, 1 falta de luz e 1 Ônibus pegando fogo
Bonsucesso	47	44 tiroteios, 1 ônibus atingido por tiros, 1 roubo a carga, 1 assalto com arrastão	Tomás Coelho	3	2 tiroteios e 1 perseguição Policial
Tijuca	37	33 tiroteios, 1 assalto com arrastão, 1 falta de luz, 1 perseguição policial, 1 carros trafegando na contramão	Vila Cruzeiro	3	3 tiroteios
Méier	35	32 tiroteios, 1 manifestação, 2 perseguições policiais	Caju	2	1 tiroteio e 1 pessoa desaparecida
Vila Isabel	24	21 tiroteios, 1 aviso de documentos encontrados, 1 alerta para evitar passar pelo local, 1 carros trafegando na contramão	Campinho	2	2 tiroteios
Engenho Novo	21	20 tiroteios e 1 vazamento de gás	Cascadura	2	tiroteios
Madureira	20	17 tiroteio, 1 operação policial, 1 roubo de carro, 1 alerta para evitar passar pelo local	Colégio	2	1 tiroteio e 1 ajuda para localizar animal perdido
Brás de Pina	18	17 tiroteios e 1 perseguição policial	Encantado	2	1 tiroteio e 1 assalto com arrastão
Andaraí	17	17 tiroteios	Engenho da Rainha	2	1 carro trafegando na contramão e 1 assalto com arrastão

Tabela 11 - Alertas detalhados da cidade do Rio de Janeiro

Ilha do Governador	17	14 tiroteios, 1 ajuda para localizar animal perdido, 1 falta de luz, 1 acidente de carro	Engenho de Dentro	2	2 tiroteios
Quintino	15	15 tiroteios	Higienópolis	2	1 tiroteio, 1 ajuda para localizar documentos perdidos
Guadalupe	12	12 tiroteios	Honório Gurgel	2	1 tiroteio e 1 assalto com arrastão
Jacarezinho	9	9 tiroteios	Maria da Graça	2	1 tiroteio e 1 perseguição Policial
Manguinhos	9	9 tiroteios	Ramos	2	2 tiroteios
Cordovil	8	8 tiroteios	Triagem	2	2 tiroteios
Mangueira	8	7 tiroteios, 1 carro trafegando na contramão	Acari	1	tiroteio
Pilares	8	8 tiroteios	Barros Filho	1	tiroteio
Piedade	7	7 tiroteios	Coelho Neto	1	1 carro trafegando na contramão
Costa Barros	6	6 tiroteios	Inhaúma	1	queda de árvore
Del Castilho	6	5 tiroteios e 1 suspensão da circulação de trem	Maracanã	1	incêndio
Jardim América	6	5 tiroteios e 1 roubo de carro	Marechal Rondon	1	perseguição Policial
Pavuna	6	6 tiroteios	Olaria	1	tiroteio
Rocha	6	6 tiroteios	Sampaio	1	1 assalto com arrastão
Miranda					
Água Santa	5	5 tiroteios	Senador Camará	1	tiroteio
Cachambi	4	3 tiroteios e 1 perseguição policial	Todos os Santos	1	tiroteio
Estácio	4	4 tiroteios	Vaz Lobo	1	tiroteio
Parada de Lucas	4	3 tiroteios e 1 assalto com arrastão	Vicente de Carvalho	1	tiroteio
Anchieta	3	3 tiroteios	Vigário Geral	1	1 carro trafegando na contramão
Benfica	3	3 tiroteios	Vista Alegre	1	tiroteio
Cavalcanti	3	2 tiroteios e 1 assalto com arrastão			
Zona Oeste - 133			Zona Sul - 49		
Bairro	Qt	Alertas	Bairro	Qt	Alertas
Vila Kennedy	29	29 tiroteios	Vidigal	9	9 tiroteios
Bangu	20	20 tiroteios	Botafogo	8	8 tiroteios
Cidade de Deus	19	18 tiroteios e 1 perseguição policial	Copacabana	7	6 tiroteios e 1 manifestação
Senador Camará	14	14 tiroteios	Rocinha	7	7 tiroteios
Realengo	9	8 tiroteios e 1 carro encontrado abandonado	Leme	4	3 tiroteios e 1 pista interditada
Padre Miguel	8	8 tiroteios	Gávea	3	2 fotos de escombros de desabamento e 1 tiroteio
Taquara	7	2 tiroteios, 2 perseguições policiais, 1 assalto com arrastão, 1 cachorro que precisa de socorro, 1 tentativa de roubo a estabelecimento	Ipanema	2	1 tiroteio e 1 rolezinho de motoqueiros de madrugada
Barra da Tijuca	5	5 carros trafegando na contramão	Lagoa	2	2 tiroteios
Jacarepaguá	5	5 tiroteios	Leblon	2	1 tiroteio e 1 liberação de pista interditada
Magalhães Bastos	4	4 tiroteios	Alto da Boa Vista	1	1 queda de árvore
Costa Barros	3	3 tiroteios	Catete	1	1 tiroteio

Tabela 11 - Alertas detalhados da cidade do Rio de Janeiro

Pechincha	2	2 tiroteios	Cosme Velho	1	1 tiroteio
Anil	1	1 tiroteio	Laranjeiras	1	1 tentativa de roubo a estabelecimento
Campinho	1	1 tiroteio	São Conrado	1	1 liberação de pista interdita
Campo Grande	1	1 tiroteio	Região Central do Rio - 54		
Gardênia Azul	1	1 tiroteio	Catumbi	16	10 tiroteios, 3 faltas de luz, 2 manifestações, 1 vento forte
Guadalupe	1	1 tiroteio	Rio Comprido	12	10 tiroteios e 2 carros trafegando na contramão
Praça Seca	1	1 tiroteio	Santa Teresa	10	6 tiroteios, 2 alertas para evitar passar pelo local, 1 falta de luz, 1 assalto com arrastão
Recreio dos Bandeirantes	1	1 tiroteio	Centro	5	2 trânsitos lentos, 1 carro trafegando na contramão, 1 tiroteio, 1 tentativa de roubo a estabelecimento
Santa Cruz	1	1 vento forte	Estácio	5	3 tiroteios, 1 assalto com arrastão, 1 roubo de carro
			São Cristóvão	3	3 tiroteios
			Santo Cristo	2	2 tiroteios
			Gambôa	1	1 tiroteio

Fonte: Tabela feita com dados da base extraídos da plataforma

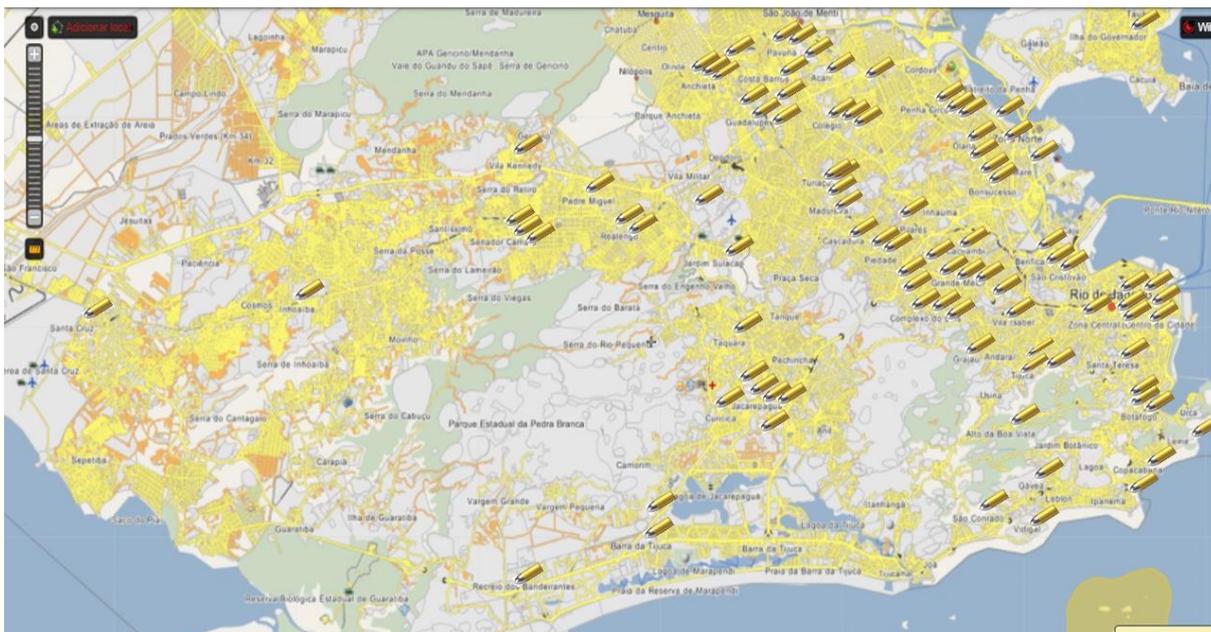
Com base nos dados, foi possível traçar o perfil das ocorrências que foram motivo de preocupação dos usuários da OTT no Twitter, considerando a natureza dos alertas. Os resultados permitiram mapear as localidades mais críticas quanto à violência apresentada no Twitter da OTT-RJ.

Os números indicaram que o padrão de crime que mais chama a atenção o usuário é o tiroteio, ocorrência essa que aparece em todos os bairros cariocas pesquisados. Além disso, a maioria deles estava concentrada na Zona Norte. Em segundo lugar, a Zona Oeste ficou com cerca de um quarto do total das ocorrências e outras localidades como o Centro e a Zona Sul ficaram com patamares bem abaixo.

A partir das informações apresentadas e analisadas, foi possível construir uma representação visual com base nos dados dos bairros citados nos alertas da OTT-RJ (figura 44). Destacamos que se refere a um retrato específico nos períodos antes e durante a pandemia. Como afirmam Caquard *et al.* (2005, *online*, tradução nossa)⁴², não podemos analisar um mapa cibercartografado como algo dado, finalizado e verdadeiro, nem como um produto dissociado das ações que o criam e do seu contexto de realização.

Figura 44 - Mapa da criminalidade na cidade do Rio de Janeiro

⁴² “Les atlas cybercartographiques ne correspondent donc pas à des atlas finis mais beaucoup plus à des entités en perpétuelle évolution” (Caquard *et al.*, 2005, *online*)



Fonte: Mapa feito pela autoria com base na figura extraída do Wikimapia, 2021

Apesar de o Rio de Janeiro ser o município com o segundo maior Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil, segundo IBGE (2016), entre as cem maiores cidades, está repleto de regiões com desigualdades. Os dados da OTT-RJ acentuam as diferenças e contrastes no território carioca, com a prevalência da associação entre implícita entre favela e violência. As áreas Norte e Oeste, que agrupam grandes complexos de comunidades⁴³, lideram as postagens. São dados que evidenciam que a violência reforça desigualdades e que ratificam o caráter excludente da cidade. Mesmo os crimes anunciados na Zona Sul são atribuídos a favelas localizadas nessa região.

Uma pesquisa realizada, entre 2000 e 2005, mostrou que os homicídios na Zona Sul - que vai do Flamengo a São Conrado, incluindo a Lagoa, Jardim Botânico, Humaitá e Laranjeiras - foram até 23 vezes menores do que em outras áreas (Musimeci, Conceição, Silva, 2006). Mas, apesar disso, o número de assassinatos nessa região foi o dobro dos registrados em Nova Iorque (Estados Unidos) e seis vezes mais homicídios do que Londres (Inglaterra). De acordo com o estudo, “a Zona Sul é um ‘oásis’ de segurança no Rio se comparada com a Zona Norte e da Baixada Fluminense que registram índices taxas de mortes são até 23 vezes maiores do que na área turística da cidade que abriga a orla”. O relatório apontou ainda que a média de homicídios anual na Zona Sul (83) no período pesquisado foi 23

⁴³ Um dos espaços mais estudados pela sociologia carioca, as favelas são uma das referências típicas da cidade do Rio de Janeiro. Desde que surgiram, possivelmente no final do século XIX ou início do século XX, as favelas ocupam o imaginário social de forma ambivalente. É comum serem reconhecidas como ambientes de grande efervescência associativa e cultural, como berço de algumas das mais importantes manifestações estéticas de caráter popular, como ambientes em que a criatividade do povo é posta em prática para lidar com as dificuldades impostas pela pobreza e o desemprego. (Cano *et al.*, 2004, p.25).

vezes inferior ao da Baixada Fluminense (1.944); 15 vezes menor que a da Zona Norte e 11 vezes menor que na Zona Oeste.

O relatório (Musumeci, Conceição, Silva, 2006, p.1) mostrou também que os problemas de segurança estão distribuídos desigualmente no interior da capital e no entorno. O estudo sugere que há uma visão distorcida de que a violência está igualmente distribuída pela região metropolitana, mas o mapa feito a parte dos alertas da OTT-RJ mostra que as áreas mais ricas têm taxas de violência bem menores do que subúrbios e Zona Oeste. Separadas apenas pelo Túnel Rebouças e pela região Central da cidade, as zonas Norte e Sul têm índices de violência bem maiores que a distância que divide a região mais rica e que foi usada como cenário para as novelas do diretor de televisão e roteirista, Manoel Carlos, e os bairros que abrigam grandes complexos de favelas cariocas. Por outro lado, pode-se levar em consideração que a cobertura jornalística é maior nas áreas turísticas pelo fato de que qualquer incidente pode ter uma repercussão não só nacional, como internacional.

De modo geral, zonas mais ricas têm taxas de violência letal bem menores do que subúrbios, periferias ou áreas com grande concentração de favelas. Mas isso não vale apenas para homicídios; vale também para delitos violentos contra o patrimônio, que se poderia imaginar mais frequentes nas zonas ricas, onde haveria maiores oportunidades de ganho para os criminosos. Ao contrário, como veremos, são quase sempre as mesmas áreas que apresentam as maiores participações no total de homicídios e nos registros de crimes violentos “com fins lucrativos” (MUSUMECI, CONCEIÇÃO, SILVA, 2006, p.2)

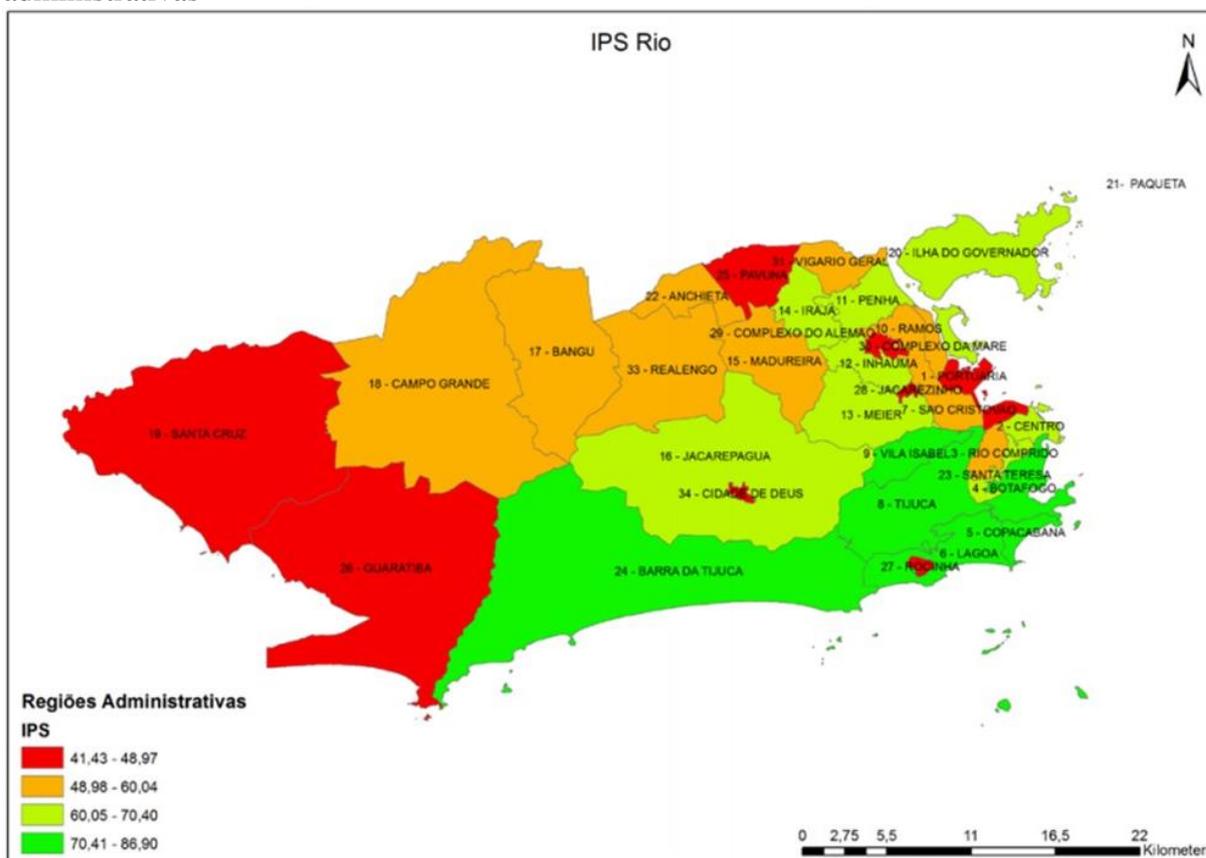
A desigualdade apontada pelos dados da OTT-RJ também coincidiu com as informações apresentadas pelo Instituto Pereira Passos (IPP), da Prefeitura do Rio, por meio do Índice de Progresso Social (IPS, 2016) Rio⁴⁴ que avalia o desempenho de cada uma das 32 Regiões Administrativas do município. Com base numa escala de zero a cem, o IPS do Rio de Janeiro é 60,7.

O relatório (Pulici, Moura e Mosaner, 2016) apontou ainda que a Região Administrativa (RA) de Botafogo, que inclui os bairros de Catete, Cosme Velho, Flamengo, Glória, Humaitá, Laranjeiras e Urca, é a primeira do ranking de progresso social, com um índice de 86,90, mais que o dobro da RA da Pavuna (Acari, Barros Filho, Coelho Neto, Costa Barros, Parque

⁴⁴ Índice de Progresso Social (IPS) Rio avalia em três dimensões o progresso social: Necessidades Básicas, Fundamentos do Bem-Estar e Oportunidades. Cada dimensão é subdividida em quatro componentes, alimentados por diversos indicadores, que ajudam a traçar uma radiografia mais detalhada da cidade. O Índice de Progresso Social (IPS) para a cidade do Rio de Janeiro é um indicador sintético. Não deve ser confundido com a realidade, mas oferece uma forma consistente e inovadora de tentar enxergar territórios (como os que formam uma cidade), retirando a renda média do território analisado das variáveis que compõem diretamente o indicador. Com isso, o IPS tenta enxergar a realidade sem o viés que a renda muitas vezes produz, como no caso de um bairro que tenha uma grande indústria ou a sede de uma empresa, por exemplo (IPS, 2016).

Colúmbia), cujo desempenho foi o pior do município: 41,32. Entre as 32 RAs da cidade, apenas 12 estão acima do IPS médio, compreendendo cerca de 38% da população. Só seis, contudo, alcançam um índice acima de 70: Lagoa, Copacabana, Tijuca, Vila Isabel e Barra da Tijuca, além de Botafogo. Já na casa do IPS 40 encontram-se oito RAs: Complexo do Alemão, Jacarezinho, Rocinha, Guaratiba, Zona Portuária, Santa Cruz e Cidade de Deus, além da Pavuna (figura 45).

Figura 45 - Mapa IPS Rio realizado pelo Instituto Pereira Passos – desempenho das regiões administrativas



Segundo Santos (2004, p. 20-21), o espaço dos países subdesenvolvidos é marcado pelas enormes diferenças de renda na sociedade, que se exprimem, no nível regional, por uma tendência à hierarquização das atividades e, na escala do lugar, pela coexistência de atividades de mesma natureza, mas de níveis diferentes. De acordo ainda com o autor, em função da disparidade de renda nessas localidades, a possibilidade de consumo dos indivíduos e o nível de renda variam por conta da localização do indivíduo. “O comportamento do espaço acha-se afetado por essas enormes disparidades de situação geográfica e individual. Essa seletividade do espaço, no nível econômico assim como no social, é, a nosso ver, a chave da elaboração de uma teoria espacial” (Santos, 2004, p. 20).

Do ponto de vista econômico, há dois circuitos responsáveis também pela organização do espaço urbano do Terceiro Mundo: o que ele chama de "circuito superior" tem como origem a modernização tecnológica e os elementos mais representativos hoje são os monopólios; já o "inferior" é composto por atividades de pequena dimensão e é direcionado às populações pobres, mas é, ao contrário, bem enraizado e mantém relações privilegiadas com sua região (Santos, 2004, p. 21).

Pode-se propor um modelo tripartite da estrutura social das cidades que revela ao mesmo tempo o poder político e o status social. No topo da estrutura social encontra-se a uma elite reduzida composta pelo alto comando militar, os burocratas da administração, os grandes industriais ou os grandes negociantes. O poder político não vem somente do controle que eles têm sobre o governo, mas também dos laços que têm com o setor *intensive*, que é uma fonte importante de riqueza e de produtividade na cidade. Abaixo encontra-se uma classe média com expansão, representada pelos funcionários, intelectuais, jornalistas e os empregados, que são do mesmo modo amplamente ligados ao setor capitalista. Vem, enfim, o grosso da população urbana (da qual uma fraca proporção pode estar ligada à indústria moderna) que trabalha na economia de bazar, onde a produtividade é baixa e o subemprego característico" (SANTOS, 2004, p. 67).

Usando como base esses conceitos que levam em conta espaços privilegiados (bairros de uso e ocupação predominante das classes abastadas e médias) e desprivilegiados (bairros de uso e ocupação predominante das classes populares e pobres), iremos fazer uma correlação espacial com estrutura socioeconômica das várias regiões cariocas. Diante de uma concentração de riqueza de um pequeno grupo de indivíduos, sendo na maior parte moradores da Zona Sul, e um elevado nível de insegurança em função de um sistema da segurança pública precário, a cidade se caracteriza por espaços segregados pela violência.

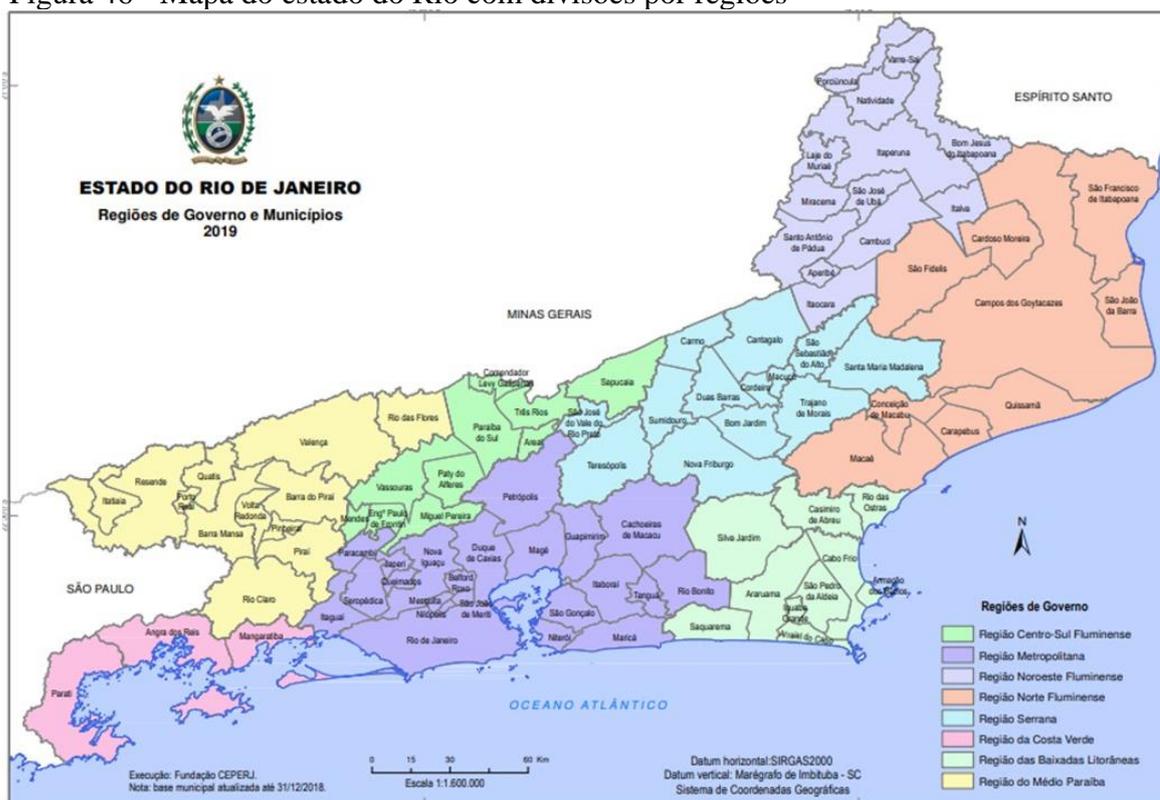
O caso do Rio de Janeiro é teoricamente relevante devido à existência de uma geografia social historicamente marcada pela proximidade espacial entre ricos e pobres em que a criminalidade atinge das regiões mais nobres da cidade como Copacabana e Urca até as mais carentes como as zonas Norte e Oeste, como mostrou a análise quantitativa das ocorrências por bairros. Como já mencionado, os dados mostraram maior incidência de ocorrências nos bairros da Zona Norte em comparação com a Sul. Na primeira localidade foram 495 ocorrências contra 49 na segunda, ou seja, dez vezes mais.

É como se a "geografia do medo", baseada em um sentimento de insegurança que, muitas vezes, pode descolar-se em parte da incidência objetiva dos crimes violentos, se superpusesse à "geografia da violência" mais ou menos "objetiva". Um medo generalizado, ainda que matizado também ele (de acordo com a classe, a cor da pele, a faixa etária, o sexo e o local de residência), toma conta de corações e mentes, (re) condicionando hábitos de deslocamento e lazer, influenciando formas de moradia e habitat e modelando alguns discursos-padrão sobre a violência urbana... E é em cidades sociopolítico-espacialmente fragmentadas que o medo generalizado prospera e se sente em casa. São elas as fobópoles por excelência. (SOUZA, 2018, p.57, 58)

5.1.2.2 Estado do Rio

Como forma de uniformizar as informações referentes à classificação das regiões do estado do Rio, foram levadas em consideração as subdivisões apresentadas pelo governo do Rio no mapa abaixo (figura 46).

Figura 46 - Mapa do estado do Rio com divisões por regiões



Fonte: Proderj, 2020

De acordo as publicações na OTT-RJ, na Região Metropolitana (tabela 11), a Baixada Fluminense foi a que teve mais ocorrências de (156), praticamente um terço de toda a Zona Norte do Rio. Em seguida, estão a região Metropolitana (99), Costa verde (23), Baixada Litorânea (22) e Norte Fluminense (9). As que tiveram menos foram Médio Paraíba (6), Centro - Sul Fluminense (3) e Região Serrana (1).

Com relação à Baixada Fluminense, foram citados dez municípios. Belford Roxo foi o que mais se destacou. No período pesquisado, foram 101 ocorrências. Duque de Caxias aparece em segundo, com 23, muito menos que o primeiro colocado do ranking. Em terceiro, está Queimados com 7, seguido por Mesquita, Nova Iguaçu e São João de Meriti, com 6; Itaguaí com 3; Japeri com 2; Nilópolis e Vilar dos Teles com 1. Assim como na cidade do Rio, a maioria das ocorrências diz respeito a tiroteios.

Em segundo lugar no ranking, a Região Metropolitana, cidades vizinhas ao Rio de Janeiro, teve 99 ocorrências em quatro cidades vizinhas. São Gonçalo teve 55, Niterói, 41; Maricá, 2 e Cachoeiras de Macacu, uma.

A Costa Verde teve 23 ocorrências, sendo 22 em Angra dos Reis e uma em Ilha Grande. As duas cidades são turísticas. Já Ilha Grande tem um acesso um pouco mais restrito por precisar de um barco para acessar a localidade.

Já as Baixadas Litorâneas tiveram 22 citações. Cabo Frio aparece com 12 ocorrências, seguido por Arraial do Cabo, 3; São Pedro da Aldeia, Saquarema e Araruama com duas. São localidades conhecidas como Região dos Lagos que chega a receber milhares de turistas de outras cidades em datas festivas e no período de férias.

Em quarto lugar, está o Norte Fluminense com 9, sendo liderado por Macaé com 8 e Quissamã com um. Em seguida, está o Médio Paraíba com 6, citando Barra Mansa, Volta Redonda e Itatiaia com dois. O Centro Sul Fluminense aparece com três registros em Três Rios. Por fim, a Região Serrana teve uma em Nova Friburgo.

Tabela 12 - Alertas detalhados da OTT - Estado do Rio

Baixada Fluminense - 156		
Bairro	Qt	Alertas
Belford Roxo	101	97 tiroteios, 1 roubo a estabelecimento, 1 falta de luz, 1 blindado da PM circulando na região e 1 ajuda para localizar animal perdido
Duque de Caxias	23	15 tiroteios, 2 carros trafegando na contramão, 1 suspensão da circulação de trem, 1 roubo de carro, 1 roubo a carga, 1 acidente de carro, 1 assalto com arrastão, 1 liberação de pista interdita
Queimados	7	7 tiroteios
Nova Iguaçu	6	3 faltas de luz, 1 manifestação, 1 incêndio, 1 tiroteio
Mesquita	6	6 tiroteios
São João de Meriti	6	3 tiroteios, 2 carros pegando fogo, 1 falta de luz
Itaguaí	3	3 tiroteios
Japeri	2	2 tiroteios
Nilópolis	1	1 carro trafegando na contramão
Vilar dos Teles	1	1 tiroteio
Metropolitana - 99		
Bairro	Qt	Alertas
São Gonçalo	55	51 tiroteios, 2 trafegando na contramão, 1 perseguição policial, 1 assalto com arrastão
Niterói	41	36 tiroteios, 2 assaltos com arrastão, 1 perseguição policial, 1 manifestação, 1 carros trafegando na contramão
Maricá	2	2 tiroteios
Cachoeiras de Macacu	1	1 tiroteio
Costa Verde - 23		
Bairro	Qt	Alertas
Angra dos Reis	22	22 tiroteios
Ilha Grande	1	1 tiroteio
Baixas Litorâneas - 22		

Bairro	Qt	Alertas
Cabo Frio	12	22 tiroteios
Arraial do Cabo	3	3 tiroteios
São Pedro da Aldeia	2	2 tiroteios
Squarema	2	2 tiroteios
Araruama	2	2 tiroteios
Norte Fluminense - 9		
Bairro	Qt	Alertas
Macaé	8	8 tiroteios
Quissamã	1	1 tiroteio
Médio Paraíba - 6		
Bairro	Qt	Alertas
Barra Mansa	2	2 tiroteios
Volta Redonda	2	2 tiroteios
Itatiaia	2	2 tiroteios
Centro - Sul Fluminense - 3		
Bairro	Qt	Alertas
Três Rios	3	3 tiroteios
Região Serrana - 1		
Bairro	Qt	Alertas
Nova Friburgo	1	1 tiroteio

Fonte: Tabela feita com dados da base extraídos do Twitter no período pesquisado

Uma das principais conclusões proporcionadas pela análise é que a distribuição espacial dos alertas não aconteceu de forma homogênea não só pela cidade, mas também pelo estado do Rio. Além disso, se apresentou mais evidente de acordo com a especificidade geográfica das localidades da cidade. Numa visão de uma “geografia da violência”, ela se mostrou complexa e espacialmente desigual nos períodos antes e durante a pandemia e não se apresentou de forma fixa por acontecer por vários locais e em momentos diferentes. Em face disso, podemos salientar que é violência introduz mais uma desigualdade social e territorial no espaço urbano com uma incidência muito maior na periferia e subúrbio.

A cidade do Rio de Janeiro - que possui uma área de 1.255 quilômetros quadrados (Rio, *online*)⁴⁵, incluindo ilhas e águas continentais - totalizou 731 tweets, cerca de 70% do total apurado (1050). Apesar de ter um território menor do que o do estado, ela se mostrou bem mais violenta do que outras localidades e, especificamente, dos municípios fluminenses. Além disso, os bairros da Zona Norte e os vizinhos mais pobres da Baixada Fluminense lideraram o ranking dos que mais registraram índice de violência. Tal número de ocorrências pode estar vinculado à maior circulação de pessoas nesses locais e o aumento das desigualdades sociais tem contribuído para promover tensões sociais e aumento da criminalidade violenta nos espaços urbanos. São localidades que apresentam carência de infraestrutura e uma série de problemas

⁴⁵ A área do município do Rio de Janeiro é de 1.255,3 Km², incluindo as ilhas e as águas continentais. Mede de leste a oeste 70km e de norte a sul 44km. O município está dividido em 32 Regiões Administrativas com 159 bairros. (Rio, *online*)

urbanos e que são habitadas por uma população considerada desprivilegiada. Como ratificam Cano *et al.* (2004, p.5), os municípios que compõem a periferia da região metropolitana, a Baixada Fluminense, gozavam da péssima reputação de estarem entre as áreas mais violentas da América Latina.

Do outro lado, localidades mais abastadas como a Zona Sul (região cercada por praias, próxima ao Centro, com boa infraestrutura e que apresenta as maiores ofertas de empregos e serviços) é ocupada pela população privilegiada com bom nível de renda e se mostraram com menor riscos de ser vitimizada por ações violentas na via pública. Contraditoriamente, vários bairros dessas regiões apresentam áreas altamente violentas como comunidades e favelas dividindo espaços com condomínios luxuosos. Nesse sentido, “a violência emana dessas contradições e hierarquizações socioespaciais geradas pela lógica do desenvolvimento do capital, atingindo todos os estratos da sociedade” (Lira, 2017, p. 126).

5.2 A geografia imaginada da violência e a cidade maravilhosa

No livro “Todas as Cidades, a Cidade”, Gomes (2008) conta que o título “Cidade Maravilhosa”, em referência ao Rio de Janeiro e que é mundialmente conhecido, foi dado, pela primeira vez, pela poetisa francesa Jeanne Catulle Mendès, que esteve por aqui em 1912 (Gomes, 2008, p.113). Segundo o autor, a designação, que teve uma força legitimadora, “foi emblematicamente para fixar a imagem da cidade inventada pelo projeto oficial da República recém-inaugurada, abrindo os tempos eufóricos da belle époque em edição brasileira”. Ainda de acordo com o autor, a conotação positiva do título tinha como objetivo ressaltar as belezas paradisíacas da cidade fluminense e corrigia a visão negativa do Rio frente a outras cidades modernas.

O título de “Cidade Maravilhosa”, um “emblema que se grudou à cidade e ao imaginário oficial e popular e que foi inspiração para a marchinha de André Filho no carnaval de 1935” (Gomes, 2008) vem perdendo força nos últimos anos diante dos problemas que afligem o Rio de Janeiro. A imagem de uma cidade bonita e de moradores simpáticos vem sendo, atualmente, esgarçada no bojo da crise de segurança.

Ao ser tratada no perfil da OTT-RJ no Twitter como um texto (uma notícia sobre criminalidade), a cidade dialoga com os medos dos moradores. Para Calvino (1990), as cidades são antes de tudo, as histórias contadas sobre eles, existindo como narrativas que circulam. Atualmente, no Rio, contar histórias sobre a violência se tornou atração própria, promovendo as sensações mais comoventes e gerando popularidade para a rede OTT-RJ.

O que queremos discutir aqui é sobre o que os números de criminalidade apontam e o que a cidade do Rio de Janeiro realmente vivência em termos de violência. Na OTT-RJ, em todas as postagens, há a identificação dos locais onde as ocorrências estão acontecendo naquele momento. Os seguidores têm acesso à informação *on-line* das regiões que devem evitar ir para não correr risco de lidar com aquela violência de forma física. Forma-se assim um mapa mental de risco. “Trata-se de saber como os indivíduos efetivamente apreendem as narrativas midiáticas de crime, construindo seus mapas mentais da cidade pela estimativa das possibilidades de vitimização” (Vaz, Rony, 2008, p.3).

Soma-se a isso o fato de que as ocorrências publicadas no Twitter com a superposição de espaços acabam gerando o que Pesavento (2004) chama de geografia da contravenção em que a cidade com espaço para a prática do crime se confronta com outra que não tem crime, numa forma de desafiar a ordem urbana. Dessa maneira, cria-se uma espécie de mapa das ocorrências que identifica os locais onde a criminalidade acontece, formando um “cinturão negro” (Pesavento, 2004, p.33). Como analisado, os dados da pesquisa qualitativa apontaram a Zona Norte e Baixada Fluminense como regiões que fazem parte desse “cinturão negro”.

Assim, refletimos se a violência que é propagada das narrativas postadas no Twitter, o que pode apresentar a cidade e bairros mais violentos do que realmente são, reforçando assim um estigma da violência pelas redes sociais por meio de comentários, curtidas e compartilhamentos. Como já citado no subcapítulo sobre violência, a violência simbólica (Žižek, 2014) se apresenta de forma menos evidente na estrutura social e se dá através da linguagem. Esta tem um importante papel na reprodução dos estereótipos e dos estigmas sociais que geram marcas e atributos apresentados de maneira negativa pelos quais alguém é criticado e marginalizado pela sociedade (Recuero e Soares, 2013, p. 251).

A violência que é perpetrada pelo discurso estigmatiza ainda mais os atributos indesejáveis do corpo e do “status” social, enquanto legitima aqueles relacionados do poder econômico (riqueza e magreza), e sites de redes sociais como o Facebook, por sua manutenção e troca de contextos, permanência e audiências invisíveis ajudam a fazer com que essa legitimação se propague, ou continue se propagando, muito mais rapidamente, de forma mais explícita e alcançando diferentes grupos sociais do que em ambientes *off-line*. (RECUERO E SOARES, 2013, p. 251)

Como citam Kant *et al.* (2000, p. 60), “a imagem de um país cordial – que não tinha o sentido de bondade para Sérgio Buarque -, abençoado por Deus, habitado por um povo pacífico, fruto da famosa fusão das três raças, começou a ser desmontada na década de 1960, quando o cinema revolucionário de Glauber Rocha trouxe à tona a violência no cenário nacional”. Para os autores, deixando a “cidade maravilhosa”, chegamos à “cidade partida”.

Podemos discutir aqui se a mídia tem um papel crucial nesse processo já que, de um lado, exalta a malandragem e samba carioca, e do outro, demoniza os bailes funks das comunidades, exhibe imagens como a atuação do Exército na Eco-92 (1992), a violência policial no episódio do caso do ônibus 174 (2000), e a morte do sequestrador de ônibus na Ponte Rio Niterói (2019). São conteúdos jornalísticos que tiveram repercussão internacional e que acabam reforçando e legitimando a exclusão social e o estigma de uma cidade violenta e dão a ideia de que qualquer cidadão está igualmente sujeito a ser vítima. A imagem do Rio de Janeiro se mantém ligada à contradição entre a beleza natural e o caos. Essa premissa acaba se assumindo como sendo verdadeira, o que levaria os moradores a supor que a cidade é mais hostil, agressiva e cruel do que realmente é. No caso no Rio de Janeiro, uma das mais violentas do país, a distância entre a representação da violência e a realidade é curta e torna as notícias publicadas no Twitter ainda mais convincentes.

Onde Tem Tiroteio-RJ - @RJ_OTT - Oct 19, 2020

OTT-RJ Informa: 19/10 - 19:30h Intenso confronto nos bairros de Rocha Miranda, Colégio e Coelho Neto, em várias partes do Jorge Turco. Evitem toda as imediações. #OTTRJ

Interagente 141 - Cidade Sem "lei."

Interagente 142 - Tenso...

(OTT-RJ, Twitter, 19 de outubro de 2020, às 19h30m)

Nas falas dos seguidores também ficou claro que o imaginário associado às grandes urbes como o Rio de Janeiro se torna cada vez mais povoado por significações vinculadas ao medo, cidade esse intitulada por Souza (2008) como fobópole, que é dominada pelo medo da criminalidade violenta. Segundo o autor, que tomou o Rio de Janeiro como “laboratório” principal e preferencial na obra em questão, numa região caracterizada “pela centralidade da urbanização seria inevitável que o medo e a cidade se entrecruzassem para formar uma combinação especialmente marcante”.

Essa combinação é o que tenho denominado “*fobópole*”, a “cidade do medo”. “Fobópole” é o resultado da combinação de dois elementos de composição, derivados das palavras gregas *phóbos*, que significa “medo”, e *pólis*, que significa “cidade”. Penso que a palavra condensa aquilo que tento qualificar como cidades nas quais o medo e a percepção do crescente risco, do ângulo da segurança pública, assumem uma posição cada vez mais proeminente nas conversas, nos noticiários da grande imprensa etc., o que se relaciona, complexamente, com vários fenômenos de tipo defensivo, preventivo ou repressor, levados a efeito pelo Estado ou pela sociedade civil - o que tem claras implicações em matéria de desenvolvimento urbano e democracia (*lato sensu*). (SOUZA, 2008, p. 11 e 12).

Ademais, como referência cultural e turística internacional do Brasil, tudo o que aqui acontece tem grande repercussão e seu efeito simbólico afeta a imagem do país. Sobre o papel

da OTT-RJ, um usuário questiona o fato de um estrangeiro não entender o fato de o Rio de Janeiro ter um aplicativo sobre violência que é usado pelos moradores.

Interagente 143 - Quem não é do Rio deve ter muita dificuldade de entender esta necessidade ... (OTT-RJ, Twitter, 29 de setembro de 2019, às 13h42m)

Os tiroteios em favelas cariocas no início dos anos 2000 eram considerados um “problema público” não só por afetar o cotidiano dos habitantes da cidade, mas também por atingir internacionalmente a imagem da “cidade maravilhosa”, em especial em um momento em que ela estava tentando se tornar sede de grandes eventos esportivos e atrair grandes investimentos internacionais (Telles, 2015, p.22).

Ainda sobre o papel da mídia na divulgação de notícias sobre violência, uma pesquisa realizada por Miranda (2005, p.7) mostrou que, enquanto 48% dos entrevistados consideram que a imprensa retrata com fidelidade os acontecimentos relacionados à criminalidade na cidade do Rio de Janeiro, 30% acham que a imprensa exagera ao noticiá-los e 21% julgam que a imprensa diminui sua dimensão e importância. A maioria dos entrevistados (77%) também concordou que as notícias sobre criminalidade na cidade do Rio de Janeiro têm mais destaque nos meios de comunicação do que as que se referem a outras cidades do país. Entre os que justificaram essa observação, 35% apontaram a atuação do crime organizado como fator desse destaque e 24% indicaram o fato da cidade já ter fama de violenta como razão da maior atenção dispensada pela mídia. Por outro lado, não podemos deixar de considerar o importante papel que a imprensa representa para a sociedade.

Outro estigma que está arraigado no imaginário das pessoas sobre a violência carioca diz respeito ao fato de que as comunidades são perigosas, sendo um espaço de concentração da criminalidade, o que segundo Cano *et al.* (2004, p.25), trata como uma perspectiva considerada antiga, negativa e preconceituosa. Para os autores, algumas “favelas do Rio de Janeiro revelam vitalidade cultural e associativa, mas não se pode negar que tais características não se têm mostrado suficientemente fortes para superar as precárias condições em que vive boa parte da população favelada da cidade”. Ela pode ser considerada um lugar importante no que diz respeito à violência, tanto no nível simbólico quanto objetivo.

Se de um lado, são de fato um lugar de alto risco e apontam uma noção de violência para parte da população que nunca entrou em uma, por outro lado, algumas como o Morro do Pavão-Pavãozinho, conjunto de favelas na fronteira entre Ipanema e Copacabana, na Zona Sul, são consideradas um ponto turístico. Por se situar próximo ao mar e possuir uma das vistas mais bonitas da cidade, a localidade oferece um *tour* para os visitantes, trilhas, festas e uma série de

projetos culturais e sociais, mesmo diante de uma realidade que se apresenta com graves problemas como pobreza, violência e tráfico de drogas. Ressaltamos que, como já mencionado, a Zona Sul teve apenas 49 relatos dos 1.050 tweets postados na segunda quinzena dos meses abril, maio, junho, agosto, setembro e outubro de 2019 e 2020. A comunidade de Pavão-Pavãozinho não é citada nos alertas de violência.

Caldeira e Holston (2000, p. 698) também discutem um aspecto importante do aumento do crime violento que as autoras chamam de "conversa sobre crime"⁴⁶. Trata-se de uma proliferação de narrativas cotidianas, comentários e até mesmo piadas que têm o crime como assunto, apresentando uma narrativa que produz e circula estereótipos e preconceitos, tanto neutralizando quanto provocando medo, e que ajudam a reordenar simbolicamente um mundo perturbado por experiências de crime. Elas afirmam ainda que a "conversa sobre crime" gera segregação (social e espacial), abusos por parte das instituições da ordem, a negação dos direitos de cidadania e, principalmente, da própria violência.

No entanto, como já discutido, a violência do Rio não é necessariamente a pior em relação aos outros estados brasileiros, mas é a mais visível, tem maior repercussão e pode ser considerada uma espécie de expressão metonímica da situação nacional (Cano *et al.*, 2004). Obviamente, nem a cidade do Rio de Janeiro e nem o estado do Rio está vivenciando uma guerra declarada. Entretanto, imagens, notícias, postagens publicadas nos jornais e nas redes sociais como a OTT-RJ fazem com que o quadro atual pareça com um contexto bélico. "A guerra não é apenas uma metáfora de efeito dramático ou um recurso explicativo; é também um modelo que pauta a percepção e a reação de cidadãos e gestores públicos" (Cano *et al.*, 2004, p. 1).

No caso da OTT-RJ, a presença de fatores de ordem subjetiva da sensação de medo é um sentimento que está presente virtualmente nas postagens, já analisadas no capítulo anterior, e atravessa o cotidiano de todos os seguidores cariocas da página do Twitter, independentemente de extrato social, corte de gênero ou idade. Pode-se dizer que boa parte da população convive com a sensação de que a violência teria se "democratizado", atingindo a todos por igual (Cano *et al.*, 2004, p. 6).

⁴⁶ *In the daily life of cities such as São Paulo, an important aspect of the increase in violent crime is what Caldeira calls "the talk of crime," a proliferation of everyday narratives, commentaries, and even jokes that have crime as their subject. This talk produces and circulates stereotypes, both counteracting and provoking fear. The talk of crime is a productive discourse in the sense that it helps to produce segregation (social and spatial), abuses by the institutions of order, the negation of citizenship rights, and, especially, violence itself. (Caldeira e Holston, 2000, p. 698)*

Além disso, na geografia acidentada da cidade, como já mencionado, bairros turísticos como Copacabana e Ipanema convivem lado a lado com comunidades violentas. É uma particularidade do Rio de Janeiro, diferente de Belo Horizonte, São Paulo e Curitiba que têm padrão espacial de segregação diferentes. “Essa proximidade das favelas dos bairros abastados varia bastante de cidade para cidade e mesmo assim, trata-se ele de uma característica locacional de muitas favelas em muitas cidades” (Souza, 2018, p.61-62).

5.2.1 Saber geográfico na Comunicação

Ao discutirmos o papel da mídia no que diz respeito à divulgação de notícias sobre criminalidade no espaço urbano, não podemos deixar de fazer uma relação entre comunicação e geografia. Moreira (2009, p. 2) aponta uma coexistência possível entre dois campos de saberes, que compreendem também duas linguagens, convergentes em vários aspectos e que, por possuírem particularidades conexas, permitem a abordagem interdisciplinar. Dessa forma, “o saber geográfico passa, assim, a ganhar importância para a comunicação, uma vez que passamos a identificar os modos de acesso às tecnologias comunicacionais, enxergamos o movimento da informação e reconhecemos eventos situados em dados espaços da comunicação”.

Nas últimas décadas, há um interesse maior dos geógrafos pela comunicação e vice-versa do que dos pesquisadores da comunicação pela geografia, havendo um avanço nas pesquisas realizadas em conjunto, principalmente, no que diz respeito ao uso das tecnologias de mídia. Para a autora, além das tecnologias pode-se particularizar outros sentidos que se apresentam para o campo das geografias da comunicação e as geografias do jornalismo são um exemplo, se considerarmos que os meios de comunicação posicionam a audiência nos lugares que constituem suas comunidades Moreira (2009, p.4).

Há uma necessidade de refletir criticamente a relação entre geografia e o digital, considerando como o digital remodela muitas geografias, atua como mediador da produção de conhecimento geográfico e reconfigura as relações de pesquisa (Ash, Kitchin e Leszczynski, 2019, p.5)⁴⁷. Ao longo de décadas, a tecnologia digital tem tido um impacto profundo na forma como geografia humana entende o urbano.

⁴⁷ *Referring to digital geographies in this way avoids issues of generality that come with recasting all of disciplinary practice as ‘digital’. While we do maintain that there is a need to think critically about the relationship between geography and the digital, thinking of ‘digital geographies’ as a turn towards the digital as object and subject of inquiry in geography, and as a simultaneous inflection of geographical scholarship by digital phenomena, is more meaningful in that it allows us to think about how the digital*

Em grande medida, este é o resultado da transformação contínua da cidade e dos seus espaços, resultante da vasta e ubíqua utilização de computadores, tecnologias de informação e comunicação (TIC) e sistemas digitais. É também o resultado de mudanças mais amplas nos processos de urbanização global marcadamente influenciados pelo rápido crescimento das TIC em todo o mundo e pelas aglomerações espaciais geradas na produção e consumo de tecnologias de computação⁴⁸ (ASH, KITCHIN, LESZCZYNSKI, 2019, p. 24, tradução nossa).

Ao mapear as formas como o crime do Rio se apresenta no Twitter e como isso se desdobra em um mapa da violência da cidade em questão, identificamos uma abordagem geográfica da criminalidade que se mostrou, como os dados da OTT-RJ apontaram, nem fixa e nem passiva, mas que muda a todo momento. Nesse sentido, é primordial apresentar o conceito de geografia que deixou de ser uma simples ciência social e vem ganhando importância e espaço nos debates contemporâneos sobre sociedade e natureza e, também, em um contexto cultural.

O termo espaço geográfico apresentado por Milton Santos (1996) é definido, a princípio, “como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações” (Haesbaert, 2014, p. 37). O autor afirma ainda que podemos considerá-lo, partindo de uma premissa relacional, envolvendo “tanto o universo dos objetos quanto dos sujeitos e suas ações, tanto a dimensão dos elementos (aparentemente) fixos quanto móveis, tanto a dimensão material quanto a dimensão imaterial”. De acordo com ele, na expressão de Lefebvre (1986), “o conceito de espaço denota e conota todos os espaços possíveis, abstratos ou reais, mentais ou sociais”.

reshapes many geographies, mediates the production of geographic knowledge, reconfigures research relationships, and itself has many geographies. (Ash, Kitchin, Leszczynski, 2019, p.5)

⁴⁸ *To a large extent, this is the outcome of ongoing transformation of the city and its spaces, resulting from the vast and ubiquitous use of computers, information and communications technology (ICT) and digital systems. It is also the result of broader changes in processes of global urbanization markedly influenced by the rapid growth of ICT worldwide and by the spatial agglomerations generated in the production and consumption of computing technologies.* (Ash, Kitchin, Leszczynski, 2019, p. 24)

CONCLUSÃO

O problema da violência não é novo e vem trazendo alterações históricas na vida dos sujeitos de inúmeras maneiras há muito tempo. Já a covid-19, considerada um ponto de inflexão, obrigou-nos recentemente a trazer esse acontecimento de escala planetária para dentro das discussões, o que significou abordá-la em termos de percepções e experiências. Causada pelo novo coronavírus, a maior pandemia do século motivou a morte de mais de 600 mil brasileiros até outubro de 2021 (Conass, 2011). Esses dois fatores juntos formaram o que chamamos de tempestade perfeita e permitiram uma abordagem mais rica sobre o fenômeno comunicacional.

Ancorados nesses dois pontos, foi feita uma abordagem como viés comunicacional transversal com base nas áreas temáticas como mobilidade, vigilância, geografia, tecnologia e medo. São assuntos que ocupam hoje uma posição importante nos debates entre cientistas sociais brasileiros, seja pela crescente compreensão da complexidade e interesse público, seja pelo acúmulo de interpretações de materiais empíricos e análises que exigem uma sistematização comparativa.

A despeito das teses que apontam para uma direção democrática de uma sociedade em rede que dinamiza processos de comunicação e possibilidades de participação, tais movimentos ocorrem diante de embates sociais travados em diferentes contextos e dimensões das atividades desempenhadas por diferentes atores sociais. Na OTT-RJ, o grupo de administradores se juntou, criou de forma pioneira um perfil nas redes sociais como forma de ajudar outros cidadãos a não se tornarem vítimas da criminalidade da cidade e do estado do Rio de Janeiro.

De um lado, a população carioca e fluminense estava em busca de informações sobre criminalidade que a ajudasse a reduzir o risco de se tornar uma vítima da violência urbano. Do outro, um grupo formado por quatro moradores do Rio teve a ideia de criar uma página do Facebook que publicasse alertas sobre crimes com base de informações enviadas pelos próprios cidadãos. Daí, surgiu a OTT-RJ que deu origem a OTT, a maior rede de informações sobre crimes.

Por ser um *corpus* estabelecido em ambiente virtual, uma dificuldade surgiu durante a investigação. Como funciona como rede social, a OTT-RJ é um objeto dinâmico que se mostrou em constante construção ao longo dos anos de pesquisa. Por ser uma profissional de comunicação, há sempre o desejo de manter as informações atualizadas o tempo todo. Esse foi um dos limites com os quais nos deparamos e que expressam as condições da pesquisa empírica realizada em ambiente digital, em que os desafios aumentam de forma proporcional ao recuo e avanço do tempo. Em nosso caso específico, foi definido que o movimento de atualização do

corpus seria acompanhado durante a investigação, mas essas alterações não iriam trazer prejuízo para a pesquisa.

Dentro do universo infinito da internet e com base nas análises qualitativa e quantitativa, foi possível chegarmos a algumas conclusões como as a seguir:

Com relação à estratégia utilizada pelos administradores da rede OTT-RJ, apesar de não serem profissionais de comunicação, eles conseguiram criar a maior rede de alertas sobre criminalidade e ampliar o domínio nas redes sociais com a presença até no Tiktok, uma rede social de vídeos de danças e muito utilizada por adolescentes. Isso significa que eles aproveitam bem o ambiente virtual para ampliar o escopo de atuação, tendo como foco a criminalidade, uma das principais mazelas do país.

Apesar disso, ficou claro que houve um equívoco no planejamento de comunicação quando resolveram funcionar por meio de aplicativo e o fato de os usuários terem que fazer *o download* do *app* não agradou a todos. Mesmo assim, o número de seguidores deles continua crescendo em todas as redes sociais, o que comprova que a violência continua sendo um tema que interessa aos cariocas e fluminenses. Embora o perfil do grupo seja focado na violência, os *posts* que mais tiveram engajamento foram os que trouxeram informações sobre utilidade pública. Os problemas que dizem respeito ao funcionamento da cidade têm grande apelo para os usuários que precisam se locomover pela cidade. Como forma de aumentar a credibilidade e o número de seguidores, fizeram parceria com o Centro de Operações da Prefeitura do Rio.

No processo de modernização da OTT-RJ, eles atualizaram a logomarca, trocaram de nome para OTT 360, mais genérico. Dessa forma, conseguiram aumentar os locais de atuação e abrangência e não ficarem só restritos ao Rio de Janeiro. Com isso, acabaram deixando de lado a essência da rede que eram os tiroteios, palavra que fazia parte do nome da rede, e deram lugar às publicações com outros enfoques. Não sabemos se foi pela queda da criminalidade durante a pandemia ou se eles perceberam que as outros assuntos, como utilidade pública, geravam mais engajamento dos seguidores.

Sobre as condições tecnológicas das redes sociais (geolocalização, interação, compartilhamento, imediatismo e instantaneidade), elas foram fundamentais para potencializar a divulgação dos alertas publicados pela OTT-RJ, espalhar ainda mais o medo, criando uma insegurança promovida pelas tecnologias de comunicação, ao invés de proteger a sociedade e foram bem utilizadas pelos administradores. Nesse processo, o engajamento com compartilhamento dos alertas e inclusão de comentários foram importantes. O imediatismo e a instantaneidade trabalharam para transformar a experiência de medo real em virtual, o que teve um efeito direto na mobilidade e circulação de moradores pelas cidades. O uso de internet 24 horas por dia no celular possibilitou que esse dispositivo fosse uma ferramenta de mobilidade

pela cidade ao fazer com que o usuário receba alertas quase em tempo real sobre criminalidade. Por outro lado, os dois principais desafios tecnológicos encontrados foram os algoritmos das redes sociais na percepção da violência e as *fakes news*, dois fatores que eles vêm buscando contornar. No primeiro caso, foi criado por eles o *app* para que não ficassem submetidos às regras de funcionamento das redes sociais; e no segundo, as mensagens de seguidores contestando a veracidade das informações são sempre respondidas por eles.

Como parte do processo comunicacional no ciberespaço, defendemos que a OTT-RJ proporciona a digitalização da experiência do medo, potencializando essa sensação e desencadeando uma série de fatores, entre eles: afetar a mobilidade e a circulação das pessoas pela cidade, criar um modelo de vítima virtual em ambiente digital, realizar a vigilância contemporânea da violência e ressignificar a questão do risco como forma de prevenção da violência.

No que diz respeito ao regime de vigilância contemporânea da violência promovido pelos moradores cariocas e fluminenses, esse processo se deu em dois contextos diferentes: ao fornecer conteúdo de criminalidade para a rede e ao utilizar o perfil para ter ciência sobre o que está acontecendo sobre a criminalidade no Rio. Como as informações são publicadas quase de forma imediata, a plataforma torna a cidade um local visível e vigiado o tempo todo, transformando-a em um território da violência monitorado e em exposição na internet. Além disso, as imagens postadas provocaram efeito em quem assiste ao conteúdo já que é capaz de promover a contenção territorial e afetar e impedir a mobilidade dos moradores.

Com base na análise dos comentários dos seguidores, as narrativas do medo geraram o que chamamos de contenção territorial informacional que teve reflexos diretos na mobilidade dos sujeitos. O medo do crime afetou o modo como indivíduos experimentam, circulam e se locomovem pelo território urbano. Por meio da tecnologia, as redes sociais da OTT-RJ ressignificaram a vivência do sujeito e altera a circulação pelo tecido urbano e a compreensão do lugar dele na cidade.

Levando em conta uma abordagem do universo da internet, ficou constatado que houve uma evolução do modelo de vítima virtual para vítima virtual em ambiente digital. As seis seguintes características distintas apontam esse avanço: impresso x ciberespaço; publicação em tempo real x veiculação no dia seguinte; multimídia x foto e texto; veracidade dos jornais x credibilidade das redes sociais; jornalista x cidadão; estratégia de marcação de usuários nas redes sociais que não tem no jornal. Ademais, o nexos entre a audiência e o sofredor estranho não foi rompido, mas perdeu destaque do ponto de vista privilegiado em função do excesso de crime e naturalização da violência.

As análises mostraram ainda que a questão do risco vem sendo ressignificada como uma forma de prevenção e ganhou papel importante na discussão sobre a vítima virtual no ambiente digital. Ao ler as notícias, o seguidor pode ter a sensação de que o sofrimento futuro provável tem o mesmo peso de um sofrimento presente e o risco acaba decidindo os contornos do futuro e delimitando o poder do homem em agir.

Os dados apontaram que a pandemia alterou dinâmica do crime e teve impacto direto no número de publicações sobre criminalidade com uma queda de mais de 50% no período anterior e pós *lockdown*. Restrições impostas para conter o avanço da doença mudaram a rotina das cidades e os registros criminais. Esse movimento se mostrou em consonância com o que aconteceu com os índices de violência no restante do mundo. Com menos pessoas nas ruas, a queda no crime urbano foi imediata. Com o aumento da permanência das pessoas em casa, a violência doméstica registrou recordes.

No período pesquisado, o tiroteio - inspiração das postagens da OTT-RJ - foi o tipo de ocorrência mais publicada entre as outras 37 citadas nas publicações. Das 12 localidades registradas nas postagens, a Zona Norte se manteve na frente, região cujos moradores têm condições socioeconômicas menos favoráveis, o que evidencia que a violência reforça desigualdades e ratifica o caráter excludente da cidade.

Como vimos, a representação geográfica do crime na internet modificou as percepções da cidade carioca e do estado fluminense, deteriorou os espaços urbanos, produziu medo e alterou comportamentos, principalmente, a mobilidade dos sujeitos. Esse mapeamento permitiu refletir sobre essa questão tão relevante dos dias atuais.

Apesar de ter a pretensão de substituir o trabalho feito pela polícia na divulgação de alertas de violência com base no conceito segurança 4.0, seria precipitado falar que a iniciativa realizada pela OTT-RJ atinge esse objetivo, por dois motivos. O primeiro é que as informações publicadas nas redes sociais são de ocorrências de todos os tipos que acontecem no território urbano e não necessariamente e apenas dados de criminalidade. Em segundo lugar, também não são considerados dados oficiais pelo estado já que essas informações não são analisadas e tratadas de maneira estratégica pelas autoridades como forma de aprimorar as políticas de segurança pública. Trata-se de um aplicativo de divulgação de alertas de utilidade pública de forma geral. Dessa maneira, considero que tem um papel secundário, mas de grande apoio para o poder público e que está começando a ter o reconhecimento pelas instituições. Prova disso é que vem sendo usado em parceria pelo COR, como já mostrado.

Apesar de ter um forte caráter colaborativo no levantamento das informações, o trabalho realizado pela OTT-RJ também não pode ser comparado ao jornalismo participativo. A intenção

deles é publicar *posts* curtos e diretos e sem muitos detalhes. Eles têm um senso de urgência característico do jornalismo, mas sem a tecnicidade que faz parte do trabalho do jornalístico.

Por outro, como analisado nos comentários das postagens publicadas na OTT, a rede consegue alcançar o segundo e principal objetivo deles que é evitar que as pessoas sejam vítimas da criminalidade. Em muitos relatos, os seguidos afirmam que deixaram de passar por um determinado local após ter tomado conhecimento do *post*, num processo em que o medo acaba protegendo os cidadãos. Apesar de tornar alguns seguidores uma vítima virtual no ambiente digital, como analisado, eles cumprem um papel importante para o cidadão que é manter as pessoas em segurança e que, muitas vezes, a polícia não consegue dar conta em função da extensão territorial, por exemplo.

Em função da transformação digital em curso, consideramos também que o formato de comunicação das ocorrências pela internet utilizado por eles pode ser um *test drive* para as autoridades policiais implementarem um modelo mais aprimorado. Hoje a maioria das redes sociais dos órgãos de segurança é usada para divulgação de ações institucionais. Como vimos, esse padrão implementado pela rede OTT-RJ de divulgação de alertas, que conta com as condições tecnológicas do ciberespaço, agrada os seguidores e reúne milhares de usuários.

Vale ressaltar que o direito à segurança está no artigo 144 da Constituição de 1988 como garantia fundamental de qualquer cidadão e é também uma premissa universal. A falta de ações de segurança pública efetivas e a longo prazo somada a implementação de soluções imediatistas como o decreto de intervenções no Rio de Janeiro pelo Exército é um indício do quanto o governo insiste em apostar em ações simplistas para uma questão bem mais complexa.

Apresentar a espacialidade do crime urbano e a natureza das ocorrências postadas nas redes sociais já é um passo importante para futuras análises, mas entender como a geografia da comunicação com foco nos alertas de criminalidade acontece significa, primeiramente, compreender os processos operacionais destes crimes para antecipar-se a eles. Além disso, e principalmente, denota entender como esse fenômeno comunicacional acontece no ambiente virtual num momento inédito de pandemia da covid-19 e pode contribuir no processo de discussão da criminalidade e da violência que é importante para a compreensão das causas.

Esperamos que os resultados desta pesquisa contribuam para a reflexão coletiva da população, do poder público e agentes envolvidos na segurança pública do Estado e sobre os processos comunicacionais e o aprimoramento tecnológicos destes que envolvem o combate à criminalidade. E que ações como essas possam ser feitas em parceria com os governos como forma esses dados podem ajudar no trabalho do governo na redução da criminalidade e aperfeiçoamento das ações de comunicação.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **O poder soberano e a vida nua – Homo Sacer**. Lisboa: Editorial Presença, 1998.

ANGRIMANI, Dando. **Espreme que sai sangue**. São Paulo: Sumrnus Editorial, 1994.

ANTUNES, Bianca. F.; MATHEUS, Letícia. C. **Cartografia da violência no Facebook e a experiência do medo**. Interin (UTP), v. 24, p. 242-261, 2019.

APOIE A PONTE, 2017, *online*. **Aplicativo de denúncias DefeZap combate violência policial no Rio**. Disponível em: <<https://ponte.org/defezap/>>. Acessado em 3 de outubro de 2021.

APP, Citzs. App store. Citzs. *online*, sem data. **CITZs is a social network, in which everyone can now contribute to a safer and more orderly country, starting with our neighborhood**. Disponível em: <<https://appadvice.com/app/citzs/1107836831>>. Acessado em 3 de outubro de 2021.

APP, Be On. App store. **Be On**. *online*, 2020. Squadra. Disponível em: <<https://www.appbeon.com/>>. Acessado em 3 de outubro de 2021.

APP, Citizen. App store. 2021, *online*. **Citizen - Where people protect each other**. Disponível em: <https://citizen.com/>>. Acessado em 31 de outubro de 2021.

APP GEE, Site. *online*, sem data. Como marcar alguém no Instagram: story, comentário, post e IGTV. **Disponível em:** <<https://www.appgeek.com.br/como-marcar-alguem-instagram/>>. **Acessado em 13 de dezembro de 2021**

APP, Red Alert. Apple store. **Red Alert**. *online*, sem data. Disponível em: <<https://apps.apple.com/br/app/red-alert-israel/id873642097>>. Acessado em 31 de outubro de 2021.

APP, SP+Segura. App store. **SP+Segura**. *online*, 2017. Disponível em: <<https://apps.apple.com/br/app/sp-segura/id1298143223>>. Acessado em 13 de outubro de 2021.

ARENDRT, Hannah. **Sobre a violência**. 3ª edição. Relume Dumará. Rio de Janeiro. 2001
ASH, James; KITCHIN, Rob; LESZCZYNSKI, Agnieszka. Digital Geographies. Sage Publications Ltd. 312 pages. 2019.

ATLAS BRASIL, site. **Perfil Angra dos Reis**, 2010. <http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil/angra-dos-reis_rj>. Acessado em 18 de maio de 2021.

AVILÉS, José Alberto García; SALAVERRÍA, Ramón; MASIP, Pere; PORTILLA, Idoia; SÁDABA, Charo. **Métodos de investigación sobre convergencia periodística**. In: NOCI, Javier Díaz; PALACIOS, Marcos. Metodologia para o estudo dos cibermeios: estado da arte & perspectivas. Salvador: EDUFBA, 2008.

BAKIR, Vian; MC STAY, Andrew. **Fake News and the economy of emotions. Problems, causes, solutions**. 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/3185756>

99_Fake_News_and_The_Economy_of_Emotions_Problems_causes_solutions>. Acessado em 17 de maio de 2021

BARBOSA, Marialva. **O filósofo do sentido e a comunicação**. Revista *Conexão – Comunicação e Cultura*, UCS, Caxias do Sul, v. 5, n. 9, p. 139-149, jan./jun. 2006.

BAUMAN, Zigmunt. _____. **Vigilância líquida**. 2004. Disponível em: <https://img.travessa.com.br/capitulo/ZAHAR/VIGILANCIA_LIQUIDA-9788537811566.pdf>. Acessado em 7 de agosto de 2021.

_____. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BERNERS-LEE, Tim; LASSILA, Ora; HENDLER, James. **The semantic web**. *Scientific America*. Maio 2001. Disponível em: <https://www-sop.inria.fr/acacia/cours/essi2006/Scientific%20American_%20Feature%20Article_%20The%20Semantic%20Web_%20May%202001.pdf>. Acessado em 9 de maio de 2020

BOLTANSKI, Luc. **Distant Suffering: Morality, Media and Politics**. 2004. Cambridge: Cambridge University Press.

BOYD, Danah. **Social Network Sites as Networked Publics: Affordances, Dynamics, and Implications**. In: Papacharissi, Zizi (ed.). *Networked Self: Identity, Community, and Culture on Social Network Sites*. Routledge, 2010, pp. 39-58. Disponível em: <<https://www.danah.org/papers/2010/SNSasNetworkedPublics.pdf>>. Acessado em 2 de agosto de 2021

BRUNO, Fernanda. **Mapas de crime: vigilância distribuída e participação na cibercultura**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós, Brasília, v.12, n.2, maio/ago. 2009. Disponível em: <<https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/409/352>>. Acessado em 11 de agosto de 2021.

_____. **Monitoramento, classificação e controle nos dispositivos de vigilância digital**. Famecos, Porto Alegre, n. 36, p. 10-16, 2008.

BRUNS, Axel. **Gatekeeping, gatwatching, realimentação em tempo real: novos desafios para o jornalismo**. *Brazilian Journalism Research*, volume II, número 2, 2014

BYTES, Malware, 2020, *online*. **Tudo sobre malware**. Disponível em: <<https://br.malwarebytes.com/malware/>>. Acessado em 23 de maio de 2021.

CALDEIRA, Teresa, HOLSTON, James. **Democracy and Violence in Brazil**. 2000. Disponível em: <<https://www.cambridge.org/core/journals/comparative-studies-in-society-and-history/article/democracy-and-violence-in-brazil/FCB9AE6B3598FFEF887FBCEF5A1033C4>>. Publicado pela Cambridge University Press: 20 de outubro de 2000. Acessado em 2 de agosto de 2021.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANO, Ignácio, SENTO SÉ, João Trajano, RIBEIRO, Eduardo, DE SOUZA, Fernanda F. **O impacto da violência no Rio de Janeiro**. Laboratório de análise da violência da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) 2004.

_____, SANTOS, Nilton. **Violência letal, renda e desigualdade no Brasil**. Rio de Janeiro: Letras, 2007.

CANO, Ignácio. **A especificidade da segurança pública no Rio de Janeiro**. In: Rio sob intervenção. Fórum Brasileiro de Segurança Pública e Instituto de Pesquisas DataFolha. 2018. Pgs. 22-23. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-rock/uploads/2018/04/FBSP_Rio_sob_Intervencao_2018_relatorio.pdf>. Acessado em 23 de maio de 2021

_____. **Os Donos Do Morro: Uma Avaliação Exploratória Do Impacto Das Unidades De Polícia Pacificadora (Upps) No Rio De Janeiro**. Fórum Brasileiro De Segurança Pública Em Cooperação Com O Laboratório De Análise Da Violência – (LAV-UERJ). 2012. Disponível em: <<http://www.lav.uerj.br/docs/rel/2012/RelatUPP.pdf>>. Acessado em 17 de maio de 2021

CAQUARD, Sébastien, PULSIFER, Peter, Fiset, Jean-Pierre, TAYLOR, Fraser. **Introduction au concept d'acte cybercartographique: genèse d'un atlas cybercartographique**. *Cybergeo: European Journal of Geography. Dossiers, document 395*. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/cybergeo/22420>>. Acessado em 2 de agosto de 2021

CARDOSO, Bruno de Vasconcelos. **Vigilantes eletrônicos no Rio de Janeiro: agenciamentos sociotécnicos e pesquisa em tecnologia Configurações**, *online*, 2011. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/configuracoes/820>>. Acessado em 7 de agosto de 2021.

Cardoso, JANINE. Entre vítimas e cidadãos: risco, sofrimento e política nas narrativas do Jornal Nacional sobre as epidemias de dengue (1986-2008). Disponível em: <http://www.pos.eco.ufrj.br/site/teses_dissertacoes_interna.php?tease=2>. Acessada em 29 de março.

CERQUEIRA, Daniel. **Mortes Violentas Não Esclarecidas e Impunidade no Rio de Janeiro**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. 2012. Disponível em: <https://ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_1697.pdf>. Acessado em 2 de outubro de 2021.

CIDADE DO RIO DE JANEIRO, Prefeitura. **História do Rio**. 2020, *online*. Disponível em <<http://www.rio.rj.gov.br/web/guest/exibeconteudo?article-id=87129>> Acessado em 10 de julho de 2021.

_____. **Central de atendimento, 1746**. 2021, *online*. Disponível em: <<https://www.1746.rio/>>. Acessado em 13 de setembro de 2021.

CITY, New York. 2018. **Seven Major Felony Offenses**. Disponível em: <https://www1.nyc.gov/assets/nypd/downloads/pdf/analysis_and_planning/historical-crime-data/seven-major-felony-offenses-2000-2018.pdf>. Acessado em 4 de dezembro de 2021

COLABORA, Projeto. 2017, *online*. **Onde tem tiroteio?** Sistema colaborativo usa redes sociais para alertar usuários sobre conflitos na cidade. Por Claudia Silva Jacobs. Publicada em 30 de março de 2017. Disponível em: <<http://projetocolabora.com.br/cidades/onde-tem-tiroteio/>>. Acessado em 25 de outubro de 2021.

COMPUTERWORLD, 2007, *online*. **Qual é o futuro da web, segundo Tim Berners-Lee.** Em entrevista exclusiva, Tim Berners-Lee, o criador da web, fala como a Web Semântica vai deixar a rede mais inteligente. Peter Moon. 09/07/2007 às 15h. Disponível em: <<https://computerworld.com.br/2007/07/09/idnoticia-2007-07-09-9970442373/>>. Acessado em 9 de maio de 2020

_____, 2014, *online*. **O aplicativo também é usado como meio de comunicação social;** o co-criador diz que o maior desafio é o volume de usuários. Por Matt Hamblen. Disponível em: <<https://www.computerworld.com/article/2490280/red-alert-app-warns-of-imminent-missile-attacks-in-israel.html>>. Acessado em 3 de maio de 2020.

COMPANY, The Nielsen, 2011. O boom dos smartphones. 12-01-2011. Disponível em: <<https://www.nielsen.com/br/pt/insights/article/2011/o-boom-dos-smartphones/>>. Acessado em 31 de outubro de 2021.

DASA, Site. 2021, *online*. **Lockdown durante a pandemia do Coronavírus: o que é e quais países adotaram.** Equipe Dasa. Disponível em: <<https://dasa.com.br/blog-coronavirus/lockdown-coronavirus-significado>>. Acessado em 5 de maio de 2021.

DA SILVA, Flávio F. 2020. **Metodologia para extração automatizada de estatísticas relacionadas a eventos de segurança e microtextos das redes sociais.** Dissertação de mestrado. Instituto Militar de Engenharia. Disponível em: <<http://ebusca.eb.mil.br/vufind/Record/ir-perga-oai-441003>>.

DEBORD, Guy. 2003. A sociedade do espetáculo. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/debord/1967/11/sociedade.pdf>>. Acessado em 13 de dezembro de 2021.

DE SOUZA E SILVA, Adriana; FRITH, Jordan. **Locative Mobile Social Networks: Mapping Communication and Location in Urban Spaces.** *Mobilities* Vol. 5, No. 4, 485–506, November 2010. 485-506. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/233109829_Locative_Mobile_Social_Networks_Mapping_Communication_and_Location_in_Urban_Spaces>. Acessado em 15 de outubro de 2021.

DENNETT, Daniel. **Two strange inversions of reasoning.** In: *From bacteria to Bach and back: the evolution of minds*. New York: Norton, 2017.

DEPUTADOS, Câmara. **Legislação Informatizada:** decreto nº 9.288, de 16 de fevereiro de 2018. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2018/decreto-9288-16-fevereiro-2018-786175-publicacaooriginal-154875-pe.html>>. Acessado em 2 de outubro de 2021.

DE SOUZA, Luciene Pinheiro; DEPS, Vera Lucia. **A linguagem utilizada nas redes sociais e sua interferência na escrita tradicional:** um estudo com adolescentes. II Congresso

Internacional TIC e Educação. 2015 Brasileiros. Disponível em: <<http://ticeduca.ie.ul.pt/atas/pdf/80.pdf>> . Acessado em 2 de outubro de 2021.

DIGITAIS, Resultados. Hashtag: o que significa e como usá-la na sua estratégia de Marketing digital. **23 de julho de 2020. Disponível em:** <<https://resultadosdigitais.com.br/blog/o-que-e-hashtag/#:~:text=Hashtag%20%C3%A9%20um%20termo%20associado,pública%20relacionadas%20ao%20mesmo%20tema>>. Acessado em 13 de dezembro de 2021.

DILLINGER, M. *Modeling message diffusion in epidemical dtn*. Ad Hoc Networks, v. 16, n. 2, p. 197–209, 1991.

ECONÔMICA APLICADA, Instituto de Pesquisa. **Atlas da Violência 2021.** 2011. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/1375-atlasda-violencia2021completo.pdf>> . Acessado em 2 de outubro de 2021.

DIGITAL, Olhar. 2018. **Clique 180: como usar aplicativo que combate a violência contra mulher.** Redação. 05/03/2018 20h53, atualizada em 08/03/2018 16h03. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2018/03/05/noticias/como-usar-aplicativo-que-combate-violencia-contramulher/>. Acessado em 20 de novembro de 2021.

ESTADO DE SÃO PAULO, Governo. Secretaria de Segurança Pública. **Cartilha de adesão ao sistema detecta - v.3, 2017, on-line.** Disponível em: <http://www.sapp.org.br/sapp/wp-content/uploads/Sistema_Detecta_cartilha_completa_v3.pdf>. Acessado em 13 de setembro de 2021.

ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Diário Oficial. **Decreto nº 41.650 de 21 de janeiro de 2009 dispõe sobre a criação da Unidade de Polícia Pacificado - UPP e dá outras providências.** Disponível em: <http://www.ioerj.com.br/portal/modules/conteudoonline/view_pdf.php?ie=NDMyOA==&ip=NA==&s=NDA0M2RhZGM4NmE5ZmQ3NmFmNTQ0MDY5OWM5MzZhOWM>. Acessado em 3 de maio de 2020.

ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Governo. **Governo do Estado vai dobrar efetivo da Operação Segurança Presente.** 2019. Disponível em: <http://www.rj.gov.br/NoticiaDetalhe.aspx?id_noticia=643>. Acessado em 2 de outubro de 2021.

_____. **Segurança Pública em Números 2020.** 2021, 20 páginas.

_____. **Violência contra a mulher: 1 ano de isolamento social.** Núcleo de Estudos ISP Mulher (2021). Disponível em: <http://arquivo.proderj.rj.gov.br/isp_imagens/uploads/infograficoViolenciamulher1anoisolamentosocial.pdf>. Acessado em 18 de julho de 2021.

_____. 2020, *online*. **Estado do Rio decreta situação de emergência pelo covid-19.** Disponível em: <<https://coronavirus.saude.rj.gov.br/estado-do-rio-decreta-situacao-de-emergencia-pelo-covid-19/>>. Acessado em 5 de maio de 2021.

_____. 2021, *online*. Núcleo de Estudos ISP Mulher (2021). **Violência contra a mulher: 1 ano de isolamento social**. Disponível em <http://arquivo.proderj.rj.gov.br/isp_imagens/uploads/infograficoViolenciamulher1anoisolamentosocial.pdf>. Acessado em 18 de julho de 2021.

ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO, Centro Regional. **Painel TIC COVID-19**. Edição 1 Atividades na Internet, cultura e comércio eletrônico. 13 de agosto de 2020. Disponível em: <https://cetic.br/media/analises/painel_tic_covid19_1edicao_coletiva_imprensa.pdf>. Acessado em 5 de junho de 2021.

FACEBOOK, 2016, *online*. **102 milhões de brasileiros compartilham seus momentos no Facebook todos os meses**. Facebook para Empresas. Publicado em 19 de abril de 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/business/news/102-milhes-de-brasileiros-compartilham-seus-momentos-no-facebook-todos-os-meses>>. Acessado em 23 de maio de 2021.

_____, 2019, *online*. **Why Am I Seeing This? We Have an Answer for You**. Disponível em: <<https://about.fb.com/news/2019/03/why-am-i-seeing-this/>>. Acessado em 9 de maio de 2020.

_____. **Fan page OTT-RJ**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/OTTRJ/>>

_____, 2020. **Observatoire National des Violences Policières**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pages/category/Community-Service/Observatoire-National-des-Violences-Polici%C3%A8res-276700012772191/>>. Acessado em 3 de outubro de 2021.

_____, 2021. **OTT-RJ**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/OTTRJ/>>. Acessado em 11 de setembro de 2021.

_____, Central de Ajuda, *online*. **O que é marcação no Facebook e como ela funciona?** Disponível em: <<https://www.facebook.com/help/124970597582337>>. Acessado em 13 de outubro de 2021.

_____, *fan page Business, online*. **102 milhões de brasileiros compartilham seus momentos do Facebook todos os meses**. 2016. Disponível em <<https://www.facebook.com/business/news/102-milhes-de-brasileiros-compartilham-seus-momentos-no-facebook-todos-os-meses>>

_____, Central de ajuda. 2014. **Qual é a diferença entre um administrador e um moderador em um grupo do Facebook?** Disponível em: <<https://www.facebook.com/help/901690736606156>>. Acessado em 25 de outubro de 2021.

_____, *online*. **OTT-RJ**, 2017. Disponível em <<https://www.facebook.com/OTTRJ/>> Acessado em 15 de julho de 2018.

_____, *online*. **Rochester NY Crime, Incidents, News & Info**, sem data. **Sobre**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/rochesternycrimenewsinfo/>>. Acessado em 23 de maio de 2021.

_____, Site. 2019. **A Privacy-Focused Vision for Social Networking**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/notes/2420600258234172/>>. Acessado em 4 de dezembro de 2021.

FIVE-O, sem data, *online*. **Five-O promotes partnership policing**. Disponível em: <http://fiveo.us/?page_id=268>. Acessado em 3 de maio de 2020.

FEDERAL, Governo. 2014, *online*. **Governo apresenta balanço da Copa de 2014**. Disponível em: <<https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2014/07/governo-apresenta-balanco-da-copa-de-2014>>. Acessado em 4 de dezembro de 2021.

_____. 2020, *online*. Ministério da Mulher, da Mulher e dos Direitos Humanos. **Denúncias registradas pelo Ligue 180 aumentam nos quatro primeiros meses de 2020**. Publicado em 14/05/2020, 11h58. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/maio/denuncias-registradas-pelo-ligue-180-aumentam-nos-quatro-primeiros-meses-de-2020>. Acessado em 23 de maio de 2021.

FOLHA DE SÃO PAULO, Jornal. Alessandro Janoni. **Facebook registra tendência de queda no Brasil, diz Datafolha**. Em 17 meses, número de brasileiros que dizem ter conta na rede recua 5 pontos, para 56%. Por Heloísa Negrão, 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/04/facebook-registra-tendencia-de-queda-no-brasil-diz-datafolha.shtml>>. Acessado em 25 de outubro de 2021.

FÓRUM, Revista. **Aplicativos de tiroteio no Rio de Janeiro funcionam em tempo real e como banco de dados**. Por Lucas Rocha. 8 jun 2019. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/brasil/aplicativos-de-tiroteio-no-rio-de-janeiro-funcionam-em-tempo-real-e-como-banco-de-dados/>>. Acessado em 2 de outubro de 2021.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 27ª edição. tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1999. 348 p. Do original em francês: *Surveiller et punir*. Disponível em: https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/centrocultural/foucault_vigiar_punir.pdf>. Acessado em 7 de agosto de 2021.

_____. **Segurança, Território, População**. Curso dado no College de France (1977-1978). Edição estabelecida por Michel Senelart sob a direção de Francois Ewald e Alessandro Fontana. Martins Fontes. São Paulo, 2008.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca; LAGES, Maurício. **A virada das mobilidades: fluxos, fixos e fricções**. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 123, p. 121-142, 2020.

_____; PIATTI, Maurício. **Mobilidades, espaços e identidades na economia eletrônica global: entrevista com Anthony Elliott**, Tempo Social, 301-316. <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/142082/142062>.

G1, Site. Monitor da Violência. 2019, *online*. **Dados de mortes violentas no país em 2019**. Disponível em: <<http://especiais.g1.globo.com/monitor-da-violencia/2018/mortes-violentas->

no-brasil/?_ga=2.211381719.334519853.1633204553-c170a756-e794-a580-0654-33f3fef08bb#/dados-mensais-2019?mes_2019=consolidado&estado=Brasil&crime=Todos%20os%20crimes%20violentos>. Acessado em 20 de novembro de 2021.

GIBSON, David.V., Kozmetsky, GEORGE, SMILOR, Raymond W. (1992). *The Technopolis Phenomenon: Smart Cities, Fast Systems, Global Networks*. Rowman & Littlefield, New York. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=_NxMwZfAafYC&oi=fnd&pg=PR9&dq=%22The+Technopolis+Phenomenon:+Smart+Cities,+Fast+Systems,+Global+Networks.%22+pdf&ots=4V_TUi-HxD&sig=qgs0Ku7WOQAE6Kji QX-JcFGbO_I#v=onepage&q&f=false>. Acessado em 8 de agosto de 2021.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991. Disponível em <<http://www.afoiceemartelo.com.br/posfsa/Autores/Giddens,%20Anthony/ANTHONY%20GIDDENS%20-%20As%20Consequencias%20da%20Modernidade.pdf>>. Acessado em 17 de maio de 2021.

_____. *Risk and responsibility*. *The Modern Law Review*, v. 62, n. 1, pp. 1-10, 1999. Publicado em <https://courses.washington.edu/sales09/Handouts/Giddens_Risk_Responsibility.pdf>. Acessado em 17 de maio de 2021.

GIFFINGER, Rudolf; FERTNER, Christian; KRAMAR, Hans; KALASEK, Robert; PiCHLER-MILANOVIC, Natasa; MEIJERS, Evert. (2007). *Smart Cities: Ranking of European Medium-Sized Cities*. Vienna, Austria: Centre of Regional Science (SRF), Vienna University of Technology. Retrieved september 25, 2016. Disponível em: <https://curis.ku.dk/ws/files/37640170/smart_cities_final_report.pdf>. Acessado em 8 de agosto de 2021.

GLASSNER, Barry. **Cultura do medo**. São Paulo - SP: Laura Knapp, 1999.

GOOGLE, Apps, 2020, *online*. **UVP - Filmer la police peut sauver une vie!** Disponível em: <<https://play.google.com/store/apps/details?id=com.onpvp.uvp>>. Acessado em 3 de outubro de 2021

GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade**: Literatura e experiência urbana. Ed. ampl - Rio de Janeiro. Rocco, 2008.

GOOGLE, 2020, *online*. **Global Mobility Report** – Covid-19. Veja as mudanças no deslocamento da sua comunidade em função da COVID-19. Disponível em: <<https://www.google.com.br/covid19/mobility/>>. Acessado em 20 de julho de 2021

_____. **Estatísticas. Novos casos e mortes**. Fonte: Jhu CSSE Covid-19. Disponível em: <<https://www.google.com/search?q=morte+por+covid+no+rio+de+janeiro+hoje&oq=morte+por+covid+no+rio&aqs=chrome.1.69i57j014j0i22i30l3.11558j0j4&sourced=chrome&ie=UTF-8>>. Acessado em 16 de fevereiro de 2021.

GOVERNO DO RIO DE JANEIRO, site. **UPP-RJ, 2016**. Disponível em: <http://www.upprj.com/index.php/as_upp>. Acessado em 17 de maio de 2021.

GOVERNO FEDERAL, site. **Governo faz balanço da Copa do Mundo, 2014**. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/governo/2014/07/governo-faz-balanco-da-copa-do-mundo-e-aborda-sucesso-do-evento>>. Acessado em 17 de maio de 2021.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multi-territorialidade. 2004. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

_____. **Viver no limite**. Território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

HODGKINSON, Tarah; ANDRESEN, Martin. A. **Show me a man or a woman alone and I'll show you a saint: changes in the frequency of criminal incidents during the COVID-19 pandemic**. *Journal of Criminal Justice*, v. 69, jul. 2020. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7305509/pdf/main.pdf>>. Acessado em 19 de julho de 2021.

IBGE, site. **Produto Interno Bruto dos Municípios**. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/contas-nacionais/9088-produto-interno-bruto-dos-municipios.html?=&t=resultados>>. 2016. Acessado em 10 de julho de 2021.

_____. **População da cidade do Rio de Janeiro, 2016**. Disponível em: <<https://cidade.ibge.gov.br/brasil/rj/rio-de-janeiro/panorama>>. Acessado em 17 de maio de 2021.

_____. **PNAD Contínua TIC 2017**: Internet chega a três em cada quatro domicílios do país. Disponível em <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23445-pnad-continua-tic-2017-internet-chega-a-tres-em-cada-quatro-domicilios-do-pais>>. Acessado em 23 de maio de 2021.

ISP, 2021. **Série histórica da taxa de morte por intervenção de agente do estado (por 100 mil/hab) no Estado do Rio de Janeiro de 1991 a 2020**. Disponível em: <<http://www.ispdados.rj.gov.br/Arquivos/SeriesHistoricasLetalidadeViolenta.pdf>>. Acessado em 4 de junho de 2020

INVEST.RIO, Site. 2020, online. **Rio ganhará 10 mil novas câmeras de monitoramento**. Disponível em: <<https://www.invest.rio/>>. Acessado em 13 de setembro de 2021.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009.

_____, FORD, Sam Ford; GREEN, Joshua. **Spreadable Media: Creating Value and Meaning in a Networked Culture**. New York: New York University Press, 2013. 351 pg.

KAHN, Túlio. 2020, online. Site Terra. In: **Pandemia altera dinâmica do crime, mas grupos organizados não perdem força**. Marco Antônio Carvalho. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/cidades/pandemia-altera-dinamica-do-crime-mas-grupos-organizados-nao-perdem-forca,64dc662744faaa7117c98f3099ce987ckc55eshf.html>>. Acessado em 16 de maio de 2021.

KANT DE LIMA, Roberto. **Antropologia, Direito e Segurança Pública**: uma combinação heterodoxa. Cuadernos de Antropología Social N° 37, pp 43–57, 2013. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/5321/1/n37a04.pdf>>.

_____, MISSE, Michel, MIRANDA, Ana Paula Mendes de Miranda. **Violência, Criminalidade, Segurança Pública e Justiça Criminal no Brasil**: Uma Bibliografia. Rio de Janeiro, n.º 50, 2000, pp. 45-123.

KOSELLECK, Reinhart, 1923-2006. **Estratos do tempo**: estudos sobre história / Reinhart Koselleck; tradução Markus Hediger. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2014. 352 p.

KOSKELA, Hille. “*Camera – The contemporary urban Panopticon, Surveillance & Society*”. 2003, 292-313. Disponível em: <<https://ojs.library.queensu.ca/index.php/surveillance-and-society/article/view/3342/3304>>. Acessado em 7 de agosto de 2021.

LATOURE, Bruno. **Technology is society made durable**. In J. Law (editor) *A Sociology of Monsters Essays on Power, Technology and Domination, Sociological Review Monograph* N°38 pp. 103-132, 1991. Disponível em <<http://www.bruno-latour.fr/node/263>>.

LEFEBVRE, Henri. **La production de l'espace**. Paris: Anthropos. 1986.

LEHTONEN, Paulina. **Citizens' web as a public space**. *Developing community practices in the framework of eParticipation*. In: *Understanding eParticipation. Contemporary PhD eParticipation Studies in Europe*. Editores: Anders Avdic, Karin Hedström, Jeremy Rose, Åke Grönlund. Editora: Örebro University Library. 2007, p.17-38. Disponível em: <<http://www.diva-portal.org/smash/get/diva2:135074/FULLTEXT01.pdf>>. Acessado em 11 de setembro de 2021.

LEMOS, André. **As estruturas antropológicas do cyberspaço**. In: *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. 7. ed. — Porto Alegre: Sulina, 2015. 295 p. (Coleção Cibercultura). Disponível em: <<https://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/lemos/estrcy1.html>>. Acessado em 11 de setembro de 2021.

_____. **Arte e Mídia Locativa no Brasil**. Grupo de Trabalho “Comunicação e Cibercultura”, do XVIII Encontro da Compós, na PUC-MG, Belo Horizonte, MG, em junho de 2009.

_____, ARAÚJO, Nayra Veras. **Cidadão Sensor e Cidade Inteligente**: Análise dos Aplicativos Móveis da Bahia. *Revista Famecos*, Porto Alegre, v. 25, n. 3, p. 1-19, setembro, outubro, novembro e dezembro de 2018: ID28708. DOI: <<http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2018.3.28708>>.

_____. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 7. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015. 295 p. (Coleção Cibercultura).

_____. **Cultura da mobilidade**. *Revista Famecos*. Porto Alegre, n. 40, dezembro de 2009.

LINDERS, Dennis. *From e-government to we-government: Defining a typology for citizen coproduction in the age of social media*. University of Maryland, 109 Bent Twig Ln, Gaithersburg, MD 20878, United States – 2012. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0740624X12000883>>.

LIRA, Pablo Silva. **Geografia do crime e arquitetura do medo**: uma análise dialética da criminalidade violenta e das instâncias urbanas. 2^a ed. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles, 2017.

LUHMANN, Niklas. *Sociologia del riesgo*. Tradução de Silvia Pappe, Brunhilde Erker e Luis Felipe Segura. México: Ed. Universidad Iberoamericana, 1981. Disponível em: <<https://analisisinstitucionaluba.files.wordpress.com/2013/08/sociologia-del-riesgo-niklas-luhmann.pdf>>. Acessado em 17 de maio de 2021.

LYON, David. *Surveillance Capitalism, Surveillance Culture (and a Sociology of Hope)* 2019, p. 64 a 78. In: *Forthcoming in Bigo, D., Isin, E., and E. Ruppert (eds) (2019) Data Politics: Worlds, Subjects, Rights*. Routledge. Disponível em <<https://research.gold.ac.uk/id/eprint/24517/1/9781315167305.pdf>>. Acessado em 18 de julho de 2021.

MIT, 2018. *Massachusetts Institute of Technology, online. Study: On Twitter, false news travels faster than true stories. Research project finds humans, not bots, are primarily responsible for spread of misleading information*. Disponível em <<http://news.mit.edu/2018/study-twitter-false-news-travels-faster-true-stories-0308>>. Acessado em 23 de maio de 2021.

MATHEUS, Leticia. **O medo como mídia**: estratégias de narração no jornalismo de O Globo Leticia C. Revista Contracampo. 2008, nº 19. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17478>>. Acessado em 17 de maio de 2021.

MENDONÇA, Kleber. **O Rio contra o crime**: relatos de uma guerra televisionada. Revista Famecos, v. 19, p. 124-145, 2018.

MISSE, Michel. **Crime e violência no Brasil contemporâneo**. Lumen Juris, Rio de Janeiro, 2008.

MOOH TECH, 2021, *online*. **Quem somos**. Disponível em: <<http://www.moohtech.com/>>. Acessado em 3 de outubro de 2021.

MOREIRA, Sônia Virgínia. **Sobre a invisibilidade da Geografia na Comunicação**. In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009, Curitiba: Universidade Positivo. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-3221-1.pdf>>. Acessado em 2 de agosto de 2021.

MOTTA, L. G. **Jornalismo e configuração narrativa da história do presente**. E-Compós, [S. l.], v. 1, 2004. DOI: 10.30962/ec.8. Disponível em: <<https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/8>>. Acessado em: 11 set. 2021.

MUHLBERGER, Peter; STROMER-GALLEY, Jenny; WEBB, Nick. *An Experiment in E-Rulemaking with Natural Language Processing and Democratic Deliberation*. In: *Citizen 2.0: Public and Governmental Interaction through Web 2.0 Technologies*.

MUSUMECI, Leonarda; CONCEIÇÃO, Greice; SILVA, Gabriel F. **Geografia da violência na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, 2000/2005**. Boletim Segurança e Cidadania, n. 11, outubro de 2006. Disponível em <<https://cesecseguranca.com.br/wp-content/uploads/2016/03/boletim11.pdf>> Acessado em 10 de julho de 2021.

NOTÍCIAS, Salvador. 2017. **Tenente Coronel da PM orienta como brincar com Segurança durante o Carnaval**. 2017. Disponível em: <<https://www.salvadornoticias.com/2017/02/tenente-coronel-da-pm-orienta-como.html>>. Acessado em 11 de julho de 2021

NUNES, Pablo. **Crime e polícia no #Rio de Janeiro: Relatos em páginas do Facebook**. In: Boletim Segurança e Cidadania, n. 24, outubro de 2017. Disponível em: https://www.ucamcesec.com.br/wp-content/uploads/2017/11/BoletimCESeC_Web.pdf? 2017. Disponível em: <https://www.ucamcesec.com.br/wp-content/uploads/2017/11/BoletimCESeC_Web.pdf>. Acessado em 3 de outubro de 2021.

O GLOBO, Jornal. 2018. **Celular vira alerta para tiroteios e balas perdidas no Rio. Serviços de aplicativos surgidos no rastro da violência chegam a outros estados**. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/rio/celular-vira-alerta-para-tiroteios-balas-perdidas-no-rio-22501656>>. Acessado em 23 de maio de 2021.

_____. **Desde a fusão, em 1975, Estado do Rio de Janeiro já teve 11 governadores**. Desde fusão em 1975, estado do Rio já teve 11 governadores. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/desde-fusao-em-1975-estado-do-rio-de-janeiro-ja-teve-11-governadores-23000364>>. Acessado em 4 de dezembro de 2021.

_____, Jornal. 2019. **Suspeito fica ferido após confronto com PMs no Morro da Providência**. Caso ocorreu na noite desta sexta-feira. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/rio/suspeito-fica-ferido-apos-confronto-com-pms-no-morro-da-providencia-23528423>>. Acessado em 23 de maio de 2021.

_____, Jornal. 2020. **Ministro do STF proíbe operações em favelas do Rio durante a pandemia**. Por Gabriel Barreira, G1 Rio. 05/06/2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/06/05/fachin-proibe-operacoes-em-favelas-do-rio-durante-a-pandemia.ghtml>>. Acessado em 13 de outubro de 2021.

O'NEIL, Cathy. *Weapons of Math Destruction: How Big Data Increases Inequality and Threatens Democracy*. New York: Crown, 2016, 272p. ISBN 9780553418811

O'REILLY, Tim. *What is Web 2.0 - Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software*. O'Reilly Publishing, 2005. Disponível em: <<http://www.oreilly.com/pub/a/web2/archive/what-is-web-20.html>>.

ONU, Mulheres Brasil, 2014, *online*. **Aplicativo de celular Clique 180 amplia opções para atendimento às mulheres vítimas de violência**. Disponível em:

<<http://www.onumulheres.org.br/noticias/aplicativo-de-celular-clique-180-amplia-opcoes-para-atendimento-as-mulheres-vitimas-de-violencia/>>. Acessado em 3 de outubro de 2021.

ORIELLA, Pr Network. *The Oriella Digital Journalism Study 2011 Launches*. Disponível em: <http://www.oriellaprnetwork.com/blog/?p=113>. Acessado em 3 de outubro de 2011.

OTT-RJ, TIKTOK, 2021. @ott360brasil. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@ott360brasil?_d=secCgYIASAHKAESPgo8Cis9S0tHtXPd69LrFE4%2B5WaaWIV2VwX9y1ofICxGFZn%2FAWEZBUiheoDYRTBSKoLJZZuusjv7JoBARwHTGgA%3D&language=pt&sec_uid=MS4wLjABAAAavghkWe37XHovsQg7lnHaTevmg4T1qDXeBQdeEG3H_4yj0OvPRF4ZfXs5cqQlgBLV&sec_user_id=MS4wLjABAAAavghkWe37XHovsQg7lnHaTevmg4T1qDXeBQdeEG3H_4yj0OvPRF4ZfXs5cqQlgBLV&share_app_id=1233&share_author_id=6984469337390466054&share_link_id=f1d1fb20-c72d-4cd2-9125-ac76cf2df0dc×tamp=1629860602&u_code=djg90c9je8ebe8&user_id=6984469337390466054&utm_campaign=client_share&utm_medium=android&utm_source=whatsapp&source=h5_m&r=1>. Acessado em 4 de dezembro de 2021.

OTT-RJ, Facebook, 2019. **Onde Tem Tiroteio-RJ**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/OTTRJ>>. Acessado em 4 de dezembro de 2021.

_____. @ES.OTT. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ES.OTT>>. Acessado em 4 de dezembro de 2021.

_____, Twitter, 2019. @RJ_OTT. Disponível em: <https://twitter.com/RJ_OTT>. Acessado em 4 de dezembro de 2021.

_____, Instagram, 2019. @onde_tem_tiroteio. Disponível em: <[@onde_tem_tiroteio](https://www.instagram.com/onde_tem_tiroteio)>. Acessado em 4 de dezembro de 2021.

_____, Site, 2019. **Onde tem tiroteio**. Disponível em: <<https://www.ondetemtiroteio.com.br/>>. Acessado em 4 de dezembro de 2021.

_____, Youtube, 2019. **Onde tem tiroteio**. Disponível em: <https://www.youtube.com/results?search_query=OTT-RJ+rj>. Acessado em 4 de dezembro de 2021.

PALACIOS, Marcos. **Jornalismo Online, Informação e Memória**: Apontamentos para debate. 1999. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002_palacios_informacaomemoria.pdf>. Acessado em 2020

PATISEG, Portal de Notícias. **Selma Migliori vai à Câmara Municipal de Limeira em defesa do mercado da Segurança Eletrônica e da livre iniciativa**. 21 de Agosto de 2019. Disponível em: <<https://patisegnoticias.com.br/2019/08/26/selma-migliori-vai-a-camara-municipal-de-limeira-em-defesa-do-mercado-da-seguranca-eletronica-e-da-livre-iniciativa/>>. Acessado em 18 de outubro de 2021.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Crime, violência e sociabilidades urbanas**: as fronteiras da ordem e da desordem no sul brasileiro no final do séc. XIX. 2004.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador: a comunicação e a educação a distância segundo uma perspectiva sistêmico-relacional**. Tese de doutorado. 2003.

_____. **O aspecto relacional das interações na Web 2.0**. E- Compós (Brasília), v. 9, p. 1-21, 2007.

_____. **O que há de social nas mídias sociais**. Revista contemporânea - comunicação e cultura - v.10 - n.03 - set-dez 2012 - p. 618-641.

PULICI, Andrea, MOURA, Danilo Carvalho, MOSANER, Marcelo Sette, 2016. **Índice de Progresso Social no Rio de Janeiro - IPS Rio de Janeiro**. 2016. Relatório Metodológico. Disponível em <<https://s3.amazonaws.com/ipsrio/publicacoes/resumo-executivo.pdf>> Acessado em 10 de julho de 2021.

RAPIZO, Emmanuel, MELLONI, Nadine. **Impacto da covid-19 nos crimes no estado do Rio de Janeiro**. 2021, On-line. Disponível em: <http://arquivo.proderj.rj.gov.br/isp_imagens/uploads/impacto-covidNosCrimes2021.html#ref-Stickle2020>. Acessado em 1 de agosto de 2021.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet**. 2. ed. Porto Alegre: Sulinas, 2009. (Coleção Cibercultura).

_____. **A rede é a mensagem: Efeitos da Difusão de Informações nos Sites de Rede Social**. In: Eduardo Vizer. (Org.). *Lo que McLuhan no previu*. 1ed. Buenos Aires: Editorial La Crujía, 2012, v. 1, p. 205-223. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/arquivos/redemensagem.pdf>. Acesso em: 16/10/2019

_____; SOARES, Priscilla. **Violência simbólica e redes sociais no facebook: o caso da fanpage “Diva Depressão”**. Galáxia (São Paulo, *on-line*), n. 26, p. 239-254, dez. 2013.

_____. **Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook**. Verso e Reverso, v. 28, n. 68, p. 114-124, maio-ago 2014.

_____. **Introdução à análise de redes sociais online**. Salvador; EDUFBA, 2017. Coleção Cibercultura.

TEC MUNDO, Site. 2015. *online*. **Facebook limita acesso a vídeos e fotos com cenas de violência extrema**. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/facebook/72651-facebook-limita-acesso-videos-fotos-cenas-violencia-extrema.htm>>. Acessado em 2 de outubro de 2021.

TECTUDO, Site. 2015, *online*. **O que é chatbot? Entenda como funciona o robô que conversa com você. Tecnologia automatiza conversas e já é usada por diversas empresas e organizações**. 2018. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/03/o-que-e-chatbot-entenda-como-funciona-o-robo-que-conversa-com-voce.ghtml>>. Acessado em 13 de dezembro de 2021.

TECNOBLOG, Blog. 2021. **Como marcar alguém no Instagram [Fotos, stories e comentários]**. Veja como marcar alguém no Instagram e convide seus amigos para ver suas

publicações. Disponível em: <<https://tecnoblog.net/275737/como-marcas-alguem-no-instagram/>> Acessado em 5 de dezembro de 2021.

TELLES, Vera da Silva. **Pontos e linhas II**. Trajetórias urbanas: fios de uma descrição da cidade. Junho 2005. https://ceapg.fgv.br/sites/ceapg.fgv.br/files/telles_v_-_nas_tramas_da_cidade.pdf>. Acessado em 15 de outubro de 2021.

_____. **Trajetórias urbanas**: fios de uma descrição da cidade. In: Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios. organizado por Vera da Silva Telles, Robert Cabanes. Capítulo 2. 69-138. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

_____. **Cidade: produção de espaços, formas de controle e conflitos**. Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v. 46, n. ja/ju 2015, p. 15-41, 2015. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/index.php/revcienso/article/view/2423/1899>>. Acessado em 15 de outubro de 2021.

_____. 2020, *online*. **O que é API e para que serve?** Cinco perguntas e respostas. Disponível em: <<https://www.techtodo.com.br/listas/2020/06/o-que-e-api-e-para-que-serve-cinco-perguntas-e-respostas.ghtml>>. Acessado em 5 de dezembro de 2021.

TELEGRAM, App. 2019. Aplicativos do Telegram. **Disponível em:** <<https://telegram.org/apps?setln=pt-br>>. **Acessado em 4 de dezembro de 2021.**

THEY, Ng Haig. **Coronavírus**. Uma breve linha do tempo. 2020, on-line. Atualizado em 13/04/2020. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/coronaviruslitoral/uma-breve-linha-do-tempo/>>. Acessado em 25 de setembro de 2021.

TOTARO, Paolo; NINNO, Domenico. *The Concept of Algorithm as an Interpretative Key of Modern Rationality*. *Theory, Culture & Society* 2014. Vol 31. P. 29-49. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/260894657_The_Concept_of_Algorithm_as_an_Interpretative_Key_of_Modern_Rationality/link/02e7e5329c02731e9e000000/download

TUZZI, Arjuna; PADOVANI, Claudia; NESTI, Giorgia. *Communication and (e)democracy: assessing European e-democracy discourses*. In: *Cammaerts B & Carpentier N (eds), Reclaiming the media. Communication rights and democratic media roles*. Bristol, UK, Chicago, USA, Intellect, pp. 31–65. Ano 2007. Disponível em: <https://www.academia.edu/6510392/Communication_and_e_democracy_assessing_European_e-democracy_discourses>

TWITTER, 2020. **OTT-RJ**. Disponível em: <https://twitter.com/RJ_OTT>. Acessado em 11 de setembro de 2021.

_____. **Wilson Witzel**. Disponível em: <<https://twitter.com/wilsonwitzel>>. Acessado em 11 de setembro de 2021.

UNIÃO, Controladoria Geral. **Relatório de auditoria anual de contas**. Unidade Auditada: Autoridade Pública Olímpica Exercício: 2017 Município: Brasília – DF. Relatório nº: 201700858. UCI Executora: SFC/DS II/CGESC - Coordenação-Geral de Auditoria das Áreas de Esporte e Cultura. Disponível em:

UOL, Site. **Witzel erra ao comparar segurança do Rio a Paris, Nova York e Madri**. 2019. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/11/14/witzel-seguranca-do-rio-esta-no-mesmo-patamar-de-paris-nova-york-e-madri.htm>>. Acessado em 2 de outubro de 2021.

_____. **Mais uma criança é vítima de bala perdida no Rio de Janeiro**. Corporação afirmou que apura as circunstâncias do ocorrido na Cidade de Deus são apuradas. Criança foi baleada durante operação que terminou com um preso. 2020. Disponível em <<https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2020-01-14/mais-uma-crianca-e-vitima-de-bala-perdida-no-rio-de-janeiro.html>>. Acessado em 23 de maio de 2021.

UPDATE, Instituto. sem data, *online*. **Fogo Cruzado**. Laboratório de dados sobre violência armada no Brasil. Disponível em: <https://www.institutoupdate.org.br/project/fogo-cruzado-pt/?gclid=EAIaIQobChMI5on8q5v66AIVCgWRCh12qwmJEAAYASAAEgJqpfD_BwE>. Acessado em 23 de maio de 2021.

VAZ, Paulo. **Pobreza e Risco: a imagem da favela no noticiário de crime**. Revista Fronteiras: Estudos Midiáticos, Rio Grande do Sul, v. 7, n.2, p. 95-103, maio/agosto 2005. Disponível em: <https://www.academia.edu/1369640/Pobreza_e_risco_a_imagem_da_favela_no_notici%C3%A1rio_de_crime>. Acessado em 31 de maio de 2021>. Acessado em 23 de maio de 2021.

_____, RONY, Gaëlle. **Experiência urbana e narrativas de crime**. E-compós, Brasília, vol.11, n.1, jan-abril 2008 Disponível em: < <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/274>>. Acessado em 23 de maio de 2021.

_____. **Políticas do sofrimento e as narrativas de catástrofes naturais**. FAMECOS, v. 18, p. 218-234, 2011. Disponível em: < <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/8808>>. Acessado em 23 de maio de 2021.

_____, CARDOSO, Janine; FELIX, Carla. **Risco, sofrimento e vítima virtual: a política do medo nas narrativas jornalísticas contemporâneas**. Revista Contracampo, n°.25, dez de 2012. Niterói: Contracampo, 2012. p.24-42. Disponível em: < <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17269>>. Acessado em 23 de maio de 2021.

_____, SÁ-CARVALHO, Carolina, POMBO, Mariana. **Risco e sofrimento evitável: a imagem da polícia no noticiário de crime**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Dezembro de 2005 - 2/22. Disponível em <<https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/46>>. Acessado em 23 de maio de 2021.

_____. **A vítima virtual e sua alteridade**. a imagem do criminoso no noticiário de crime. Famecos, Porto Alegre, n. 30, p. 71-80, 2006. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revista_famecos/article/view/3377>. Acessado em 23 de maio de 2021.

VILLAS, Marcos. **Segurança 4.0**. 2017. Disponível em: <<https://www.salvadornoticias.com/2018/02/especialista-em-seguranca-fala-das.html>>. Acessado em 11 de julho de 2021.

VIOLÊNCIA, O Monitor da. **Mortes violentas mês a mês no país**. Mortes violentas em 2019. Disponível em: <<http://especiais.g1.globo.com/monitor-da-violencia/2018/mortes->

violentas-no-brasil/?_ga=2.211381719.334519853.1633204553-c170a756-e794-a580-0654-33f3fe08bb#/dados-mensais-2019?mes_2019=consolidado&estado=Brasil&crime=Todos%20os%20crimes%20violentos/>. Acessado em 13 de outubro de 2021.

WHATSAPP, App, 2019. Simple. Seguro. Troque mensagens com confiança. Disponível em: <https://www.whatsapp.com/?lang=pt_br>. Acessado em 4 de dezembro de 2021.

WAZE, Ajuda. Como o Waze funciona? O mecanismo de navegação do Waze. Disponível em: <<https://support.google.com/waze/answer/6078702?hl=pt-BR>>. Acessado em 4 de dezembro de 2021.

WEB24 NEWS, 2020, *online*. *A new application to film the police in the event of "police violence"*. 16 de março de 2020. Disponível em: <<https://www.web24.news/u/2020/03/a-new-application-to-film-the-police-in-the-event-of-police-violence.html>>. Acessado em 13 de outubro de 2021.

WIKIPEDIA, 2022. **Predefinição:** dados de pandemia COVID-19. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Template:COVID-19_pandemic_data>. Acessado em 9 de abril de 2022.

WIKIMAPIA, 2021. **Mapa da cidade do Rio de Janeiro.** Disponível em: <http://wikimapia.org/#lang=pt&lat=-22.962503&lon=-43.360376&z=13&m=w&search=rio%20de%20janeiro>. Acessado em 21 de novembro de 2021.

ZELLO WALKIE TALKIE, App, 2019. Zello Walkie Talkie. Zello Inc Comunicação. Disponível em: <https://play.google.com/store/apps/details?id=com.loudtalks&hl=pt_BR&gl=US>. Acessado em 4 de dezembro de 2021.

ŽIŽEK, Slavoj. **Violência, seis reflexões laterais.** Edição: Boitempo. 2014. 200 pg. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4851282/mod_resource/content/1/Violencia%20-%20Slavoj%20Zizek.pdf. Acessada em 3 de maio de 2020.

ANEXO A - Entrevista Benito Quintanilha em 10 de dezembro de 2019

Como surgiu a ideia de criar a *fan page* da OTT-RJ?

Vi na televisão um caso de bala perdida no Complexo do Alemão, nos meados de 2015. Queria que as pessoas não tivessem a mesma experiência. Iniciei a página com alertas e foi ganhando uma proporção e vi a necessidade de continuar postando. Toda violência choca. Afinal, estamos em um estado que não está em guerra oficialmente, mas que tem números de violência de uma região em guerra. Não era para ser assim, mas infelizmente é.

Como foi o trabalho inicial da OTT?

Iniciamos com a postagem somente de alertas de tiroteio. Só que o negócio foi ganhando uma proporção e vimos a necessidade de continuar postando. Como, por exemplo, um tiroteio era fruto de um assalto que resultou em morte. Os dados iam se desdobrando. Era uma demanda da população que queria e pedia mais informações e que buscava isso na página de forma diária.

Como são feitas as postagens no Facebook?

As pessoas mandam informações pelos grupos que nós temos no WhatsApp, pelo Twitter. Assim que recebemos essa informação, fazemos a confirmação dentro de grupos do WhatsApp para checar se o tiroteio acontecendo mesmo. Participamos de cerca de 350 grupos. As informações que chegam são enviadas automaticamente para o Telegram, um canal que só os quatro administradores têm acesso. Um dos quatro que estiver de plantão naquele momento faz a confirmação em outros grupos dos quais eles fazem parte. Assim que confirmam, eles publicam no app. A página é de alerta e não de informação. O objetivo é que a pessoa saia ilesa da situação. Não queremos passar notícias.

Você é a única pessoa que faz a postagem no Facebook da OTT-RJ?

Quando estou trabalhando embarcado, tenho acesso limitado à internet. Então, divido a tarefa com outros sócios.

Quem são eles?

Depois de mim, o segundo a entrar no grupo, em abril de 2016, foi um amigo meu, que pedi ajuda primeiro, um professor de física. Outro mora em Houston, nos Estados Unidos e é responsável pela parte de TI da OTT. Por conhecer de informática, foi ele quem criou o app da OTT. O quarto entrou em 2017. Ele é responsável pelo turno da noite. A gente concilia o trabalho com os plantões das publicações, mas conseguimos manter a frequência.

Como é a relação de vocês com os moradores?

As pessoas dão retorno, agradecem porque evitaram passar por aquele lugar, da zona de conflito.

E a relação de confiança que vocês têm com eles e vice-versa?

Na dúvida não lançamos. Não houve nenhum episódio em que a foi colocada a informação e depois teve que ser excluída. Um boato pode causar pânico e esse não é o objetivo. Os grupos de WhatsApp nos ajudam a confirmar as informações. E tudo acontece de forma muito rápida. Somos uma página de alerta de informação, de tiroteio. Não somos mídia de informação e nem jornalística. E não publicamos detalhes do ocorrido. Se foi tiroteio entre polícia e bandido. Isso não importa. É tudo simples e objetivo. Não importa se é mãe de policial ou mãe de bandido. Queremos salvar uma vida e que todas as pessoas não sejam vítima de bala perdida. São mais de cem diariamente. Tem que ser tudo muito rápido para que funcione de verdade. Como não identificamos o nome do bandido e se foi tiroteio de qual facção criminosa, por exemplo, não recebemos ameaça de morte. Trabalhamos de forma neutra. O papel da comunidade é importante. Vemos o seguidor como uma família. Quanto menos polêmica, melhor. Não fala de religião, política nas publicações. Sem eles, o OTT não existiria e nem funcionaria. Eles ajudam bastante e nos ajudam a entender.

Com relação ao governo, vocês são procurados por eles?

Não há contato com as autoridades de Segurança Pública e nunca fomos procurados por eles. Quem nos procura e nos segue no Twitter são os profissionais do COR da Prefeitura. Algumas vezes já usaram as informações do app para abrir ou fechar acessos a regiões que estavam em perigo. Viramos fonte para a Prefeitura, numa via de mão contrária. Temos também contato com outras páginas como Alerta Jacarepaguá e Vigia Guadalupe. a iniciativa é totalmente voluntária e sem motivação política, pois preocupa-se somente com a segurança das pessoas.

Com que frequência são feitas as postagens?

Maiores postagem foram 45 tiroteios em um dia ano passado. Este ano (2019) foram 43 tiroteios em um só dia.

Como os moradores reagem às postagens?

Se tem vídeo, aumenta a repercussão, tem muito compartilhamento. O pessoal da Zona Sul não acredita nas postagens. Como vídeo, ficou mais fácil. Precisa colocar vídeo para eles não contestarem.

E a relação com a imprensa? Como funciona?

Um grupo formado no WhatsApp chamado “OTT-RJ Imprensa” tem mais de 150 contatos de jornalistas do Rio e de fora.

Quando o app foi criado?

No ano passado, em 2018, e hoje é a nossa principal fonte de informação.

Por que o app foi criado?

A gente chegava a ficar 12 horas conectados na internet checando e postando alertas. E antes, a gente usava um aplicativo que atualizava todas as redes sociais da OTT. Mas o Facebook e o Instagram não permitiam mais utilizar esse aplicativo e, aí, desistimos. Hoje, priorizamos o aplicativo que ajuda a otimizar o nosso trabalho. Preferimos fazer no aplicativo porque atinge o maior número de pessoas e de forma mais específica e assertiva para atingir pessoas específicas. O aperfeiçoamento do app vem acontecendo no dia a dia. Juntos implementamos melhorias, padronizamos as publicações e, em função da divulgação boca a boca e dos compartilhamentos dos posts, alcançamos, rapidamente, mil seguidores.

Como o app funciona?

Quem usa o aplicativo, pode ver informações apenas de Cabo Frio por exemplo. Isso acontece porque o aplicativo usa geolocalização para selecionar a região do usuário do app. A pessoa ainda pode escolher o raio de abrangência da região que quer ter informações sobre os alertas, pode escolher o raio de localização. Assim que tiver algum alerta, a pessoa é notificada pelo aplicativo.

Mas vocês deixaram de postar nas redes sociais?

Nas redes sociais, são postadas apenas informações de utilidade pública como pessoas desaparecidas, cachorros perdidos e veículos roubados. A gente não pretende voltar para o Facebook. A ideia é levar o app para o mundo todo. Tem um outro motivo também....

E qual é?

O problema é o algoritmo. Ele dificulta as pessoas a verem a notícia que nem sempre aparecem para todos no feed da página. É uma maneira do Facebook de forçar a pagar pelo uso também. A função principal que é proteger o morador no momento que o tiroteio está acontecendo não funcionava. Por isso, decidimos fazer no aplicativo porque atinge um número maior de pessoas e de forma específica e assertiva. O Facebook ainda utiliza o recurso do algoritmo como uma maneira de forçar as *fan pages* a pagarem para ter mais destaque.

Mas ficando só no app, você não tem medo de perder os seguidores que já têm?

Pelo contrário, o número de seguidores aumentou quando migramos para o app. Hoje são mais de cem mil. E muitos deles migraram para o app em maio de 2019 e de outros países.

Por que em outros países? Funciona?

O forte do aplicativo ainda é o Brasil e os países da América Latina. México, Venezuela, Colômbia têm características de criminalidade semelhantes daqui do Brasil. Se olhar para os Estados Unidos, tem uma queda acentuada de violência. É mais sobre informação de mais utilidade pública.

Como vocês monetizam o app?

No momento, a gente congelou a ideia de ter anúncio. Precisamos de alguém para organizar, preparar, estudar as propostas. Ainda não temos essa pessoa. Hoje funciona sem contrapartida financeira. Como fazer propaganda da OTT-RJ é cara, ela é feita e vai expandindo no boca a boca.

Como funciona o algoritmo do *app*?

Na versão *app* tem botão de confirmação. O algoritmo funciona como confirmação de informações. Diferente do Rio, em outras cidades, o próprio usuário publica a informação diretamente no aplicativo, sem intermédio dos administradores. Nessa hora o algoritmo entra em cena. As informações só são mantidas se alguém confirmar. Se ninguém confirmar, ela é deletada em algumas horas automaticamente da rede. Quanto mais confirmações a informação tiver, mais tempo a informação fica postada. As pessoas podem escolher o raio de distância dentro de cinco quilômetros para receber notificações na hora. Ao receber, eles confirmam se sabem se teve ou não aquela ocorrência. Funciona numa lógica semelhante ao Waze. Se não confirmar, a informação some. Essa confirmação é feita no próprio aplicativo ao acionar o botão “joinha”. Ao dar mais autonomia para o usuário, a ideia também é diminuir o trabalho dos administradores. Além disso, o aplicativo está baseado no conceito de segurança pública “4.0”.

Como funciona esse conceito?

O cidadão avisa o cidadão sobre alguma ocorrência de criminalidade. "No conceito 3.0, o cidadão liga para a polícia, comunica o tiroteio. A polícia aciona o Copom, que aciona a polícia na rede. Mas eles não conseguem avisar todas as pessoas. No conceito 4.0, o cidadão avisa simultaneamente a polícia e o cidadão, o que ajuda pessoas a evitarem a rota de confronto". A pessoa hoje não precisa mais ligar para 190. Ela pode avisar e visualizar em tempo real pelo aplicativo sobre o que está acontecendo.

ANEXO B - Entrevista Benito Quintanilha, em 2 de dezembro de 2021

Eu gostaria de saber como a OTT está funcionando agora? Eu vi que vocês mudaram o logo e vocês colocaram um vídeo de entrada. E por que vocês mudaram?

Na verdade, a gente está só modernizando a identidade visual da marca. A gente tá criando uma nova funcionalidade também, que é um Círculo 360, onde as pessoas podem agregar dentro desse círculo imaginário até dois membros da família e aí caso algum membro da família passe em algum local muito perigoso e ela sofra um risco ela vai apertar um botão no aplicativo e a pessoa que está dentro do círculo vai receber um alerta de que alguém está em perigo.

Agora, essa funcionalidade está no aplicativo e no Facebook?

Não, só no aplicativo.

E como funciona, você inclui algumas pessoas dentro do Círculo e se tiver qualquer coisa aperta o botão, é isso?

Positivo.

E isso tem um nome, essa funcionalidade?

OTT 360.

Como está o aplicativo? Tem aumentado o número de pessoas?

Está na mesma faixa. A gente tem notado aí que tem aumentado, sim, porque a violência tá aumentando. A violência está interligada à crise econômica, então o país vive um momento difícil. Você tem uma falta de políticas afirmativas do Governo Federal e dos governos no geral e acaba você tendo um reflexo disso na violência. O pessoal quer comer e as pessoas acabam tendo que cometer pequenos furtos e isso aumenta a violência. Você também tem a questão do tráfico que também está sofrendo com a crise afinal de contas está vendendo menos droga. Você tá vendendo menos droga tem que descer e entrar em outros ramos como assalto de carga você acaba tendo esse reflexo

Você percebeu essa mudança de quando para cá?

Olha a gente notou aumento no nosso número de download de fevereiro para cá.

Quantas pessoas tem no aplicativo?

Mais ou menos hoje, considerando a IOS e Android a gente tem na faixa de 3 milhões de pessoas.

Vocês estão colocando anúncios lá? Como vocês estão buscando receita?

A receita, a gente não tem. A receita tá saindo do meu bolso e dos outros três sócios.

Vocês não estão tendo receitas com os anúncios?

O anúncio faz o aplicativo se pagar um pouco. Esse mês, foram 100 dólares, e o nosso custo é de cinco mil reais. Acaba que eu tiro do bolso R\$ 5000 por mês em média isso aí.

O Facebook continua? Como você está fazendo por lá?

O Facebook continua, mas a gente só não joga os alertas lá. Só joga um atalho para pessoa ir pro aplicativo e ver.

Por que vocês não querem mais Facebook, Instagram, YouTube?

Porque o algoritmo do Facebook acaba limitando a gente no crescimento. Então, às vezes um determinado tipo de postagem pode chocar um pouco a sociedade ou algum nicho de sociedade acaba gerando *deslikes*. E isso, o algoritmo do Face entende que é para limitar a visualização disso e acaba nos atrapalhando. Mesmo que não faça por mal, o Facebook, que é uma máquina, não entende isso e limita o crescimento da gente.

O algoritmo acaba mudando, né, quem tá vendo, quem tem acesso...

Isso, não só no Face, né? Instagram, Twitter.

Agora, eu vi que vocês estão no Tik Tok também.

É, no Tik Tok, a gente tá porque é uma plataforma nova que surgiu na China e acabou que hoje tá nas mãos de americanos. Mas, a gente tá usando a plataforma porque ela é um fenômeno, e a gente tenta acompanhar a evolução das redes sociais, da tecnologia. Eu não posso dizer se, daqui a cinco anos, a gente vai estar lá. Tá vindo metaverso, enfim, tá tudo conspirando sempre para melhor e seguir mais para o virtual do que para o físico.

Mas estão em outra plataforma além de Tik Tok, Instagram, Facebook, Youtube e Twitter?

Só (essas).

Tem alguma assim que dá mais retorno para vocês, que tem aumentado, ou vocês tão mais focados no aplicativo mesmo?

A senhora diz em renda ou em pessoas?

Pessoas, seguidores...

Não, tá tudo igual, acho que a gente pode nivelar todas igualmente, usar isonomia, tá tudo igual.

E vocês mudaram para 360? Não tá focado mais no Rio, que começou a ter Rio de Janeiro, né?

Começamos no Rio. O Rio, na verdade, funcionou como um laboratório que a gente viu que deu certo e nós começamos a expandir para outros estados. Nós temos o exemplo do Espírito Santo que tem uma violência também que tá crescendo, a gente tá acompanhando. Mas a gente ainda não aponta os tiroteios diariamente. A gente tá apontando devagar, pra sentir como é que

é lá. E a Bahia, principalmente, no Nordeste. Nordeste, da Bahia pra cima, a gente tem notado aumento da violência a partir dos grupos de WhatsApp que a gente faz parte.

Tá, mas aí vocês já têm página para esses ou vai ficar tudo OTT?

Vai ficar tudo no OTT, no caso, no aplicativo

Por que tinha OTT Espírito Santo... Continua no mesmo esquema?

Isso, a gente só tá reformulando, vendo. A gente não tem funcionários, então fica na minha mão e dos outros sócios. Só que a gente também trabalha, né. Eu tenho minha vida, tenho que trabalhar também, como todos os sócios. Eu não posso ficar olhando os grupos de WhatsApp a todo momento, “deixa eu ver aqui...” Se eu parar para ver o que tá acontecendo aqui, “ah, tem tiroteio”. A gente tá deixando solto para que as pessoas no futuro próximo possam alimentar a plataforma, então vai ser com elas e a gente tira essa função, para a gente não perder tempo com isso.

Por que no aplicativo quem confirma é a própria pessoa, né?

Isso, mas a gente tem um algoritmo chamado “não fato”. Se alguém colocar que não procede, o algoritmo vai diminuir o “tempo de vida” daquele anúncio, daquele informe, alerta.

Aí ele some...

Isso

Então vocês querem focar mais no aplicativo para poder ter mais a contribuição dos moradores?

É, e ao mesmo tempo, eu uso a tecnologia a meu favor porque aí eu não preciso perder muito tempo. Antigamente, eu ficava 14 horas com o celular na mão, e a minha bateria vai embora, minha vida vai embora.

Quantos grupos de WhatsApp vocês estão?

Olha, eu contei até no mês passado, eram mais ou menos uns, considerando o tablet e tudo, uns 350 grupos.

Esse grupo é que manda informação?

Isso! Aí você entende porque eu quero deixar tudo no aplicativo? Porque é mais fácil.

E vocês ainda estão usando o ZELO?

O ZELO a gente usa porque é uma ferramenta eficaz na confirmação do evento, por ele ser uma ferramenta em que as pessoas que usam o aplicativo estão se locomovendo pela cidade.

E vocês acham que vocês vão continuar? O objetivo é continuar? É fortalecer?

Isso, fortalecer. A gente até investiu nessa nova tecnologia que a gente tá criando e a gente quer continuar assim. E expandir.

E isso vai chegar para o Brasil todo?

Já chega. O aplicativo, a gente já lançou para 100% da base de atualização. A gente até contratou um radialista para fazer as nossas chamadas de OTT. Ele já fez as nossas chamadas, a gente já tá lançando. A gente contratou hoje a agência de publicidade dele e a gente começou a jogar nos vídeos, isso chama também. A voz dele é marcante e impacta na nossa marca.

Ele era radialista, né?

É ainda.

E qual o objetivo da OTT agora?

O objetivo não mudou, tá na mesma: mitigar os efeitos da violência, que a gente... Agora, não é a visão da OTT, é a minha visão, tá, Benito Quintanilha: a violência vai aumentar, isso eu não tenho dúvida, vai aumentar exponencialmente. A gente tem uma crise que não dá sinais de que vai cessar. Você tem muita gente desempregada e esse número aumenta, vai aumentar ainda mais em janeiro, porque a gente tá vendo agora essa mão de obra sendo usada no Natal, para as festas de final de ano, com emprego temporário, e é tudo sazonal. Em janeiro, começa tudo de novo e a violência vai aumentar. Vai aumentar muito.

Agora, vocês não estão publicando só tiroteio, também tem utilidade pública? É por isso que tirou o nome “tiroteio”?

Não, não. É porque nós fechamos uma parceria com a Prefeitura do Rio, com o Centro de Operações Rio. Então, nós fizemos um contrato com eles e neste contrato não tem vínculo financeiro nenhum, mas eles usam nossa plataforma para jogar os alertas da prefeitura a gente colocou como utilidade pública.

Mas por que vocês tiraram “tiroteio”, para ficar focado em utilidade pública de uma forma geral?

Também. Nossa ferramenta hoje é uma ferramenta de informação.

É por quê? “Tiroteio” era tão emblemático?

É, mas ela: “continua, é OTT 360Onde Tem Tiroteio”, tá na sigla. O 360 é só por causa do produto que a gente criou.

O “produto” que você fala é a funcionalidade do Círculo né, no app?

Isso.

Tá em outros países também?

Olha, a gente recebe muitas mensagens para entrar no México, nós chegamos até a conversar com algumas pessoas de lá, e nos Estados Unidos, que tá tendo uma violência muito crescente também, principalmente no que tange aos arrastões. Porque aqui nós tínhamos...

É mesmo?

É, lá tá tendo bastante arrastões em shoppings. E olha, são muitos, não são poucos. Eu acompanho muito a imprensa americana e eles tão a todo momento noticiando. Ontem mesmo foram dois casos. A violência também tá crescendo lá, e algumas pessoas de lá, que nos conhecem daqui, tão pedindo para gente começar a fazer esse trabalho lá.

Mas por enquanto é só no Brasil...

Embora o Denis, o meu sócio, more lá, a gente ainda tá pensando no que pode ser feito. Até porque nós teremos que fazer uma tradução total do aplicativo e eu vou ter que mudar o nome dele também lá, por causa do inglês. E isso aí vai me gerar um custo bem alto. Eu já pesquisei e eles me cobraram um valor bem surreal. Estou pesquisando na Ucrânia, onde os programadores são mais baratos. Se você comparar com o Brasil, me cobraram o preço de um carro zero. Nos Estados Unidos, mesmo em dólar, dá cerca de 20% a menos que um carro zero. Na Ucrânia, eu derrubo isso para 60%, entendeu?

Por que a mão de obra é mais barata?

Nem é porque a mão de obra é mais barata, é porque a moeda deles é menos valorizada que a nossa. Frente à nossa, o real fica valorizado e eu tenho um poder de barganha maior

Soube que, uns anos atrás, tinha algumas pessoas de outros países no aplicativo. Ainda tem?

Tem, positivo. Mas, eles estão lá para acompanhar o que acontece aqui no Brasil. Na verdade, é isso. A gente tem poucos alertas lá de fora, muito poucos.

Ele tinha me dito que era mais questão de furacão, essas coisas...

Mas que são sazonais, eles têm períodos. Tem o período de furacão nos Estados Unidos, que vai até fevereiro ou março, tem o período de queimada, que vai ser ano que vem, na Califórnia. Então, a gente tem esses períodos aí.

Você acha que mudou alguma coisa da OTT?

Não, a essência é a mesma. A gente está buscando modernizar, acompanhar o mundo digital, vamos dizer assim

Tem alguma plataforma que procura vocês, que se inspira em vocês?

Olha, tem algumas que entram em contato. Mas eles entram em contato mais para saber como é que a gente fez, como é que funciona, como é que a gente usa o financiamento. É mais para fazer a concorrência, mas não é no sentido de “a gente quer ajudar vocês”. Eles querem, na verdade, derrubar a gente, imitar - literalmente isso.

Vocês fizeram parceria com a prefeitura para poder ajudar a postar as informações da prefeitura lá no aplicativo e nas redes sociais também, né?

Positivo.

E vocês têm, assim, algum planejamento para o futuro, o que vocês querem fazer, alguma coisa já definida?

Olha, definido já está né. Embora seja uma senda, a gente tem aí esse caminho meio tortuoso que a gente tá seguindo - porque você tem muitos obstáculos, imposto, isso e aquilo, o caminho a gente já tem traçado. O que a gente quer no futuro é tentar capitalizar mais o aplicativo para criar novas funcionalidades, até porque a gente crê que a evolução digital tá muito rápida. Em virtude da pandemia, as pessoas estão mais dentro de casa e acaba que as pessoas produzem ideias e as ideias saem do papel mais fácil - até mesmo os programadores que estão trabalhando em casa de home office estão botando ideias no papel e passando para as empresas. Isso acaba trazendo evolução tecnológica para todos. Então, a gente quer surfar nessa onda também.

Mas aí o que eu queria entender é que vocês são voluntários e vocês têm o trabalho de vocês...

Positivo.

Mas vocês querem continuar fazendo esse trabalho que é um trabalho de utilidade pública, certo?

Sim, se eu disser que eu não quero ganhar dinheiro com isso, eu estou mentindo. Eu gosto do capitalismo, não sou socialista. Mas eu acho que tudo tem seu tempo, se não der, a gente vai continuar com o projeto. Mas, assim, eu quero sim largar meu trabalho e viver do OTT. É o que eu quero.

Vocês buscam capitalizar isso como?

A gente busca parcerias, né. Ou seja, a gente busca o que as *startups* procuram, que são os investimentos externos, a gente tenta capitalizar neste sentido. Só que ali é um nicho, né? Eu penso assim: quando você cria um aplicativo, você tem um círculo, né? Então, você já entrou no círculo. Mas dentro desse círculo tem um núcleo e é nesse núcleo onde rola o investimento, você tem que entrar ali. Então, a gente só tá no círculo, a gente ainda não conseguiu entrar nesse mundo dos investimentos, em que a gente apresenta o trabalho e o cara oferece um, dois, três, cinco milhões, toma aí, faz o que você quer.

Para poder crescer, né?

Funciona com Nubank, com C6 Bank, com várias outras empresas que surgiram, mas com OTT por enquanto não funcionou. Eu entendo o seguinte: o empresário, nem todos tá, mas o investidor, o que investe, aí é uma opinião minha, não da OTT, tá? Ele tá pouco se lixando porque aquilo que salva vidas não tem retorno. Qual é o retorno financeiro para ele? Ele quer um produto. Então, essa é a nossa dificuldade, entendeu?

Por que bancos rendem juros, né?

É, isso aí. Um produto gera uma renda. Para o investidor, que gosta de botar dois, três, cinco milhões no aplicativo, ele quer um produto. Vocês não têm um produto, beleza. Sinto muito.

Vocês só têm serviços?

É isso aí.

Aí vocês estão buscando investidores, mas tem esse problema ainda?

É, a gente tem esse problema.

Vocês quatro pensam em aumentar o grupo de voluntários?

Não, continuam os quatro. O problema é que quando a gente coloca um voluntário para nos ajudar, vai ser de graça, né, porque ele não vai receber nada por isso. Mas ele também vai ter que investir. Não adianta a gente botar mais um para ajudar, se ele não colaborar financeiramente. Porque (senão) só eu e mais três vamos colaborar financeiramente, e o que entrou, não vai? Então acaba que fica só entre nós quatro, que a gente se conhece, sabe das nossas dificuldades, e vai levando.

ANEXO C - Entrevista de Denis Collin, em 27 de outubro de 2019

Como você conheceu o Benito Quintanilha?

Sou amigo de infância do Benito. Eu morava na Barra da Tijuca quando fui convidado para ajudar na publicação das notícias na *fan page* OTT- RJ. Atualmente moro no Texas, nos Estados Unidos.

Qual seu papel na OTT-RJ?

Como trabalho na área de TI, sou responsável pela área de tecnologia. Também estou ajudando a programar o aplicativo da OTT.

Você é remunerado por isso?

É um serviço voluntário. Não é a minha principal fonte de renda.

Como é o funcionamento da OTT?

A OTT surgiu inicialmente no Facebook e migrou recentemente para o app. Mas ela continua nas redes sociais

Por que vocês resolveram criar o aplicativo?

As redes sociais têm formas diferentes de compartilhamento. O Facebook é gerido por algoritmo que reforça a informação viral. E isso é um problema.

Qual é o problema do Facebook?

Muitos usuários reclamaram que caiu o acesso às postagens e a página não atendia mais ao que eles queriam. Quando a pessoa não entra na página, o algoritmo entende que a pessoa não quer ver mais aquela *fan page* e com isso a pessoa perde o *time* das publicações.

Vocês não têm receio de perder seguidores do Facebook por causa da

Eles continuam migrando do Facebook para o aplicativo onde a OTT vai ter presença mais frequente. A gente tem o mesmo número de pessoas no app, mas continua crescendo no Facebook também. A OTT tem um milhão de pessoas nas redes sociais sendo 600 mil pessoas no app.

Qual a diferença do Facebook para o aplicativo?

No Brasil, a confirmação dos alertas é feita de forma manual por nós quatro. Nós utilizamos os grupos do WhatsApp para checar a informação dos usuários e moradores da comunidade ou pelo círculo de confiança. Também contamos com a ajuda dos motoristas de Uber e de táxi pelo aplicativo Zelo que é de voz. No aplicativo, para aparecer os alertas do Rio, é preciso fazer a confirmação nele.

Como funciona o *app* que você está criando?

A primeira versão demorou um mês para ficar pronta. A terceira é mais elaborada demorou cinco meses. Ele funciona na mesma lógica do Waze que utiliza o algoritmo de geolocalização. A pessoa só lança o alerta do local onde ela está localizada. Tem que estar dentro da rede. O alcance é de um raio de cinco quilômetros. Se não estiver, o aplicativo faz o bloqueio pela cerca de geolocalização pela ferramenta Geofence.

Como é feita a confirmação?

Outro usuário que está na mesma localidade faz a confirmação. O botão de confirmação fica valendo por 15 horas. Depois o alerta é apagado da página principal, mas permanece no registro do calendário que fica na aba lateral e que é ordenada por horário. Se não houver confirmação nenhuma do alerta por ninguém, ele sai da página inicial. a confirmação do alerta dá a credibilidade do que está acontecendo. Não tem como confirmar quem está fora do México, por exemplo, porque não está lá. Então, quem posta e confirma é o morador da própria região.

Qual o papel do usuário?

O aplicativo é uma ferramenta de cidadão para o cidadão, de uma pessoa para outra pessoa. O cidadão tem que ser ajudar. É ele que inclui o alerta e ele que faz a confirmação. Nesse caso, a OTT é só uma intermediária.

O aplicativo funciona só no Brasil?

Ele já está liberado para o mercado internacional. Tá funcionando, além do Brasil, nos Estados Unidos, Portugal, Espanha. Tem no México também. Estamos fazendo a expansão também em toda América Latina

Como funciona a questão do idioma das informações?

As informações do *app* foram traduzidas para o inglês e o espanhol. Dependo do país, o a geolocalização muda o idioma utilizado. Nos países que não têm tradução, as informações são exibidas em inglês mesmo porque é um idioma universal. A gente pretende fazer a tradução para francês e alemão em breve.

Os alertas postados nos Estados Unidos, por exemplo, são de criminalidade?

Não, a maioria delas são de incêndio e sumiço de criança, principalmente, na Califórnia. Muito difícil ter alerta de criminalidade nessa região.

O *app* da OTT tem usuários de outros países?

Sim, são vários e tem aumentado a cada dia. São mais de 20 países.

Você poderia me informar o quantitativo de usuários por país, por favor?

Sim. No Brasil, são mais de 198 mil, nos Estados Unidos são cerca de 1.500; China, 100; Alemanha, 99; Canadá, 50; França, 49; Argentina, 40; Espanha, 21; África do Sul e Bolívia, 10; Índia e Austrália, 9; Colômbia, 8; Suécia, 5; Romênia, 3; Peru, 2; e Angola, Moçambique, Namíbia e Polônia têm um apenas.